

José P. de Ulhôa Cintra

957

GRAMMATICA SECUNDARIA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

POR

M. SAID ALI

PROFESSOR DO COLLEGIO PEDRO II
E DA ESCOLA DO ESTADO MAIOR

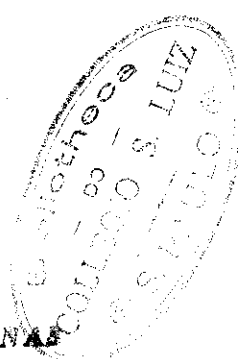


UNIVERSIDADE DE CAMPINAS

Biblioteca Central

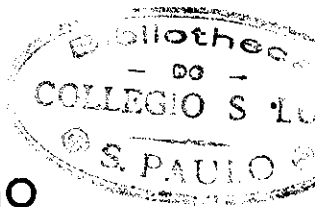
EDITORA - PROPRIETARIA

COMPANHIA MELHORAMENTOS DE S. PAULO



| | |
|----------------------------|---------------------------------------|
| UNIDADE | FEL |
| N.º CHAMADA | 469.5 |
| V. | AL 419 |
| TOMBO/BC | EX 18735 |
| TOMBO IEL | 64076 |
| PROC. | |
| C <input type="checkbox"/> | D <input checked="" type="checkbox"/> |
| PREÇO | |
| DATA | |
| N.º CPD | |

CE-00021786-5



PROLOGO

Tem o presente compendio por objecto expôr as doutrinas e regras grammaticaes relativas á nossa lingua, attendendo ás necessidades e conveniencias do ensino secundario.

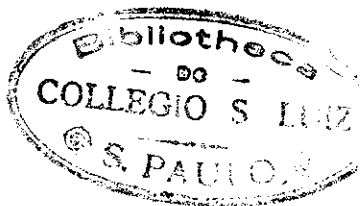
E' dever de todo o autor de grammatica aplanar tanto quanto possivel a estrada ao estudante e ajudal-o a vencer as difficuldades technicas proprias do idioma, e não crear-lhe novos embaraços collocando no caminho pedras de tropeço.

Evito por isso geralmente a terminologia abstrusa e inutil, e refiro, menos do que se costuma, os factos da lingua que falamos a phenomenos correlatos do idioma latino. Pode esta correlação ser tratada mais desenvolvidamente em grammatica historica, mas está alem do horizonte dos estudantes que principiam o curso secundario, pois entram para elle sem o previo conhecimento do latim.

Na «Formação das Palavras» inclui, é verdade, uma lista de prefixos e radicaes gregos, e grego não se aprende em collegio; foi abolido do curso obrigatorio. Mas esta lista é apenas para ser consultada. Estou certo que nenhum professor obrigará o alumno a decoral-a.

Depois de muito hesitar, resolvi cingir-me, na exposição dos elementos formativos de origem grega, ao que se encontra em *I. Carré, Mots dérivés du Latin et du Grec*, feitas as modificações indispensaveis. Quiz a principio deter-me em explicar as alterações e especialisações de sentido; mostrar, por exemplo, que, apesar do significado dos elementos componentes, *cirurgia* não é «trabalho manual» no sentido lato, mas sim a operação em corpo humano executada por profissional, e em geral com instrumentos apropriados, para curar ferimentos e outros males physicos; mostrar como os termos *martyr, martyrio* se referiram a principio ao facto de darem os christãos «testemunho» real da verdadeira Fé. Mas tudo isto requer preparo, e é assunto complicado para os estudantes do curso secundario.

A exemplo de alguns grammaticos notaveis, v. g. Schmalz na *Lateinische Grammatik*, associei o termo Estilistica á designação da parte da grammatica conhecida pelo nome de Syntaxe. Em lugar de puras theorias, encontrará o estudante algumas indicações praticas para a formação do bom estilo. Não creio se possa alcançar em poucas paginas o que não se consegue em tratados especiaes sobre o difficil assunto; espero todavia que destas poucas indicações sempre venha a resultar algum fruto.



GRAMMATICA E SUA DIVISÃO

Grammatica é o conjunto das regras, observadas em um ou mais idiomas, relativas aos sons ou phonemas, ás formas dos vocabulos e á combinação destes em proposições.

A grammatica de uma lingua pode ser *historica* ou *descriptiva*.

Grammatica historica é aquella que estuda a evolução dos diversos factos da lingua desde a sua origem até a epoca presente.

Grammatica descriptiva é a que expõe os factos da lingua actual.

A grammatica descriptiva é **pratica** quando tem principalmente em vista ensinar a falar e a escrever correctamente; é **scientific**a quando procura esclarecer varios factos á luz da sciencia da linguagem e da grammatica historica.

As regras grammaticaes são estabelecidas segundo o uso geral, a pratica das pessoas cultas e a dos bons escriptores.

Regras communs ás linguas mais conhecidas ou a um grupo de linguas congeneres, costumam-se chamar, exaggeradamente, regras ou principios de grammatica geral.

Grammatica comparativa é a que estuda duas ou mais linguas do mesmo typo, mostrando as semelhanças e dissemelhanças existentes entre as mesmas.

A grammatica divide-se em: **phonetica** ou **phonologia**, que é o estudo dos sons; **lexeologia**, estudo dos vo-

cabulos, e **syntaxe**, estudo das orações e das palavras consideradas como partes da oração.

A **phonetica** examina os sons e suas mudanças attendendo á maneira de os pronunciar. Representam-se os sons na escripta por meio das **letras** segundo um systema imperfeito, porém convencional, a que damos o nome de **orthographia**.

OBSERVAÇÃO. — Segundo alguns grammaticos, não se deve identificar o sentido dos termos *phonetica* e *phonologia*, cabendo á *phonetica* considerar os sons em si, e á *phonologia* o estudo dos sons e suas alterações dentro do idioma. Tal distincção não se torna bastante clara na applicação pratica.

A **lexeologia** não examina os vocabulos um por um, como o faz o dictionario. Divide-os em um pequeno numero de grupos ou categorias e registra os factos communs e constantes e os factos variaveis e excepçionaes.

Base desta classificação em categorias é o sentido geral das palavras, inquirindo-se se denotam seres, qualidades, numeros, acções, relações, etc., e d'ahi a divisão em nomes substantivos e adjectivos, pronomes, numeræes, verbos, adverbios, preposições, conjunções e interjeições. Estas categorias subdividem-se na maior parte em diversas especies.

Dentro destas classificações occupa-se a lexeologia da significação quer da parte mais ou menos estavel do vocabulo, denominada **radical** ou **thema**, quer dos elementos variaveis, **terminações**, **suffixos** e **prefixos**, tambem chamados **elementos formativos**.

OBSERVAÇÃO. — Em virtude da attenção dada aos elementos formativos, preferem alguns applicar a esta parte da grammatica o nome de **morphologia** (do grego *morphos*, forma, e *logos*, tratado, sciencia), porém a denominação serve melhor á grammatica latina ou grega, em que ha mais riqueza de flexões.

Parte complementar da lexeologia é a que trata da formação das palavras umas das outras por meio da **derivacção** e da **composicção**. O nome de **etymologia** que algumas vezes se dá a esta parte da grammatica, só pode ser entendido em sentido restricto. Por etymologia tambem

se entende a investigação das significações primitivas e a origem de qualquer vocabulo existente em uma lingua.

A **syntaxe** considera a oração ou proposição como um todo, e as palavras que a constituem como termos essenciaes ou secundarios da proposição. O que em lexeologia e analyse lexica é substantivo, como termo de oração é *sujeito* ou *objecto*; o que lá se classifica como verbo, por denotar acção ou estado, na oração faz papel de predicado e chama-se *predicado*; o que num caso se denomina adjectivo, no outro, attendendo á função oracional, é ou *attributo* ou *predicado*.

Não obstante esta palpavel differença entre a lexeologia e a syntaxe, ha contudo varios factos grammaticaes cuja classificação é litigiosa, reinando duvidas entre as maiores summidades da linguistica sobre se devem vir comprehendidos no estudo dos vocabulos ou lexeologia, ou se devem fazer parte da syntaxe.

PHONETICA

Phonemas em geral

Aos sons da linguagem dá-se o nome de **phonemas**. Qualquer idioma os tem em numero consideravel, e não bastam para represental-os na escripta as vinte e seis *letras* do alphabeto.

Para remediar a deficiencia, recorre-se a certas combinações, taes como, munir algumas letras de signaes supplementares (accentos nas vogaes), juntar duas letras para denotar um só phonema (**lh, nh, ch**), etc.

Apesar de todos estes artificios, a representação usual dos phonemas continua imperfeita, ora por não os differenciar devidamente, ora por mostrar-se superflua.

Os diversos phonemas são produzidos no tubo ou cavidade buccal pela corrente de ar que vem dos pulmões e atravessa o larynge, onde põe ou deixa de pôr em vibração as cordas vocaes.

No primeiro caso, os phonemas serão **sonoros**, no segundo **insonoros** ou **surdos**.

Exigem aquelles menos energia de corrente expiratoria, e estes mais esforço; por isso tambem se chamam respectivamente **fracos** e **fortes**.

A corrente de ar pode penetrar toda na cavidade da boca, e então os phonemas são **oraes**, ou dividir-se atravessando parte da voz o resonador nasal, e, neste caso, produzem-se os phonemas **nasaes**.

Os sons da linguagem são ou **vogaes** ou **consoantes**. Aquellas se pronunciam com a via buccal completamente

livre; estas resultam de um obstaculo parcial ou total que em um ponto qualquer da mesma via se forma contra a corrente expiratoria.

Vogaes oraes

Na pronuncia das vogaes a cavidade da boca faz o papel de camara de resonancia, e, conforme a configuração que se lhe dá, geram-se os diversos timbres.

O *a* medio é a vogal que menos esforço demanda. A criança que ainda não fala emite-a sem querer. A boca conserva-se medianamente aberta, e a lingua, ligeiramente arqueada na parte media, mantem-se na sua posição de repouso.

Augmentando pouco a pouco a amplitude da camara de resonancia arqueada e alterando a forma com o arredondamento progressivo dos labios, obtem-se a serie de vogaes *á, ó, ô, u*.

Diminuindo, pelo contrario, pouco a pouco a amplitude com o avanço da lingua e modificando a forma anterior pela distensão lateral dos labios, produz-se a serie *é, ê, i*.

As variedades *á, é, ó* chamam-se vogaes **abertas**; *ê, ô* são vogaes **fechadas**.

Qualquer das series que mencionámos abrange ainda alguns phonemas de apreciação mais difficil. Existe tambem entre as duas uma serie intermediaria, porém sem interesse para o portuguez.

Soam mais nitidas as vogaes quando pronunciadas com energia, quer dizer, a vibração das cordas vocaes é mais forte nas syllabas tonicas do que nas atonas. E por ser mais escassa ou mesmo deficiente a sonoridade das vogaes atonas, são tambem estas mais sujeitas a alteração e podem confundir-se com outras semelhantes. Soam por exemplo de modo igual *o* e *u* em *fraco* e *tribu*, e *e* e *i* em *face* e *quasi*.

Esta diminuta sonoridade e subsequente alteração do

valor primitivo é sobretudo notavel na maneira de pronunciar dos lusitanos. Dizem *culega*, *depurtar*, *p'lotão*, ao passo que nós os brasileiros pronunciamos *colega*, *deportar*, *pelotão*.

Na fala em voz baixa ou no cochichar proferem-se as mesmas vogaes que na fala em voz alta. A differença está em virem privadas da sonoridade laryngea. Ouvem-se como ruidos de sopro, fortes ou fracos, e que variam, do mesmo modo que as vogaes sonoras, conforme a configuração dada á cavidade da boca.

Vogaes nasaes

Cada uma das vogaes pode ser produzida tanto por simples resonancia da boca, como por dupla resonancia, atravessando parte da columna de ar as fossas nasaes. Quer dizer, a cada vogal oral corresponde outra nasal.

A nasalisação requer emtanto menos esforço para as vogaes fechadas que para as abertas, e em nosso idioma brasileiro ocorre sómente a serie das nasaes fechadas *ã*, *ê*, *î*, *ô*, *û*.

Consoantes

São consoantes, segundo acima vimos, os sons que resultam do choque da corrente expiratoria contra um obstaculo da cavidade buccal.

Chamam-se consoantes **sonoras** se vêm acompanhadas de vibração das cordas vocaes, e **surdas** em caso contrario.

Para classificar-as e definir-as uma por uma é necessario determinar o modo de articulação, quer dizer, se o obstaculo é total ou incompleto, e bem assim o ponto de articulação, isto é, o lugar (labios, dentes, paladar, etc.) onde se formou o obstaculo que deu origem ao phonema.

As consoantes que resultam do fechamento completo de um ponto qualquer da cavidade buccal chamam-se **oclusivas** ou **explosivas**, attendendo a que o ar que

exercia pressão contra o tapamento total, desde que encontra a passagem livre, se faz ouvir como uma explosão. Estão neste caso **p, t, k, b, d, g** *).

Como em geral se pronunciam rapidamente, também são chamadas **momentaneas** ou **instantaneas**.

Ao contrario das precedentes, têm as consoantes **v, f, s, z, x, j, l, r** duração apreciavel, sendo produzidas pelo atrito da corrente expiratoria atravez de um obstaculo incompleto, isto é, um ponto estreitado da cavidade buccal. É naturalmente necessario que o obstaculo opponha certa resistencia á pressão da corrente expiratoria, sem o que não se produziria ruido algum.

Estas consoantes chamam-se **continuas** ou **prolongaveis**, **constrictivas**, **fricativas** ou **spirantes**; qualificativos esses que mostram bem a differença que ha entre ellas e as explosivas.

As consoantes **s, z**, uma surda, outra sonora, são também conhecidas pelo nome de **sibilantes**; **x** e **j** são denominados **chiantes**.

Dá-se de ordinario o nome de **vibrantes** a **l** e **r** por serem caracterizadas pelo movimento vibratorio da lingua durante a sua emissão; **r** pode ser **tenue** ou **rolado**, sendo aquelle rapido e este produzido pelo prolongamento das vibrações. Representaremos com um **r** minusculo a consoante tenue, e com **R** maiusculo a consoante rolada.

Para as mesmas consoantes **l** e **r** está em uso também a denominação de **liquidas**, porque, postas a outra consoante na mesma syllaba, correm e se pronunciam com facilidade. Muitos grammaticos estendem a denominação a **m** e **n**.

Os phonemas nasaes **m** e **n** participam da natureza de consoantes oclusivas quanto á sua formação na cavidade buccal, e da natureza de consoantes continuas quanto á parte da corrente expiratoria que atravessa as fossas nasaes. É costume incluil-as na serie das continuas.

*) O symbolo *g* indica aqui, não o phonema equivalente a *j*, e sim o que se ouve antes de *a, o, u*.

Semi-vogaes

Assim se chamam as consoantes **w** e **y***) que têm grande semelhança com certas vogaes, **w** com **u** ou **ô**, e **y** com **i**. A differença está em que na articulação da consoante ha uma tensão ou resistencia mais forte, ao passo que na pronuncia da vogal o sopro se escoá livremente através da camara de resonancia.

A semi-vogal **w** é pouco apreciavel em portuguez e em todo caso menos característica que em inglez. Compare-se o nosso *oeste* com o inglez *west*.

A semi-vogal **y** é bem sensivel, embora não venha representada graphicamente, em *navi-yu* (navio), *fri-yu* (frio), *di-ya* (dia), *joi-ya* (joia), etc.

Pontos de articulação

Conhecidas as consoantes segundo o modo de articulação, ou maneira pela qual se forma o obstaculo que dá origem ao phonema, resta determinar o lugar ou ponto de articulação.

O obstaculo pode formar-se:

- 1.º entre o labio superior e o labio inferior, produzindo as **bilabiaes b, p, m**;
- 2.º entre o labio inferior e os dentes superiores, dando as **labio-dentaes** ou **denti-labiaes v, f**;
- 3.º entre a ponta da lingua e os dentes ou as gengivas superiores, d'ahi as **dentaes t, d, s, z, n**;
- 4.º entre a parte anterior da lingua e a parte anterior do céu da boca ou paladar duro, produzindo as **prepalataes x, j** e λ (graphia *lh*);

*) Na orthographia usual não se empregam caracteres particulares para representar as semi-vogaes. Servem, ás vezes, ao fim as letras *u, o, i*. Os symbolos que adoptamos para indicar os phonemas nada têm que ver com o valor que a orthographia costuma attribuir ás letras *w* e *y*.

5.º entre o dorso da lingua e a parte media e posterior do paladar duro, produzindo as **medio-palataes** **y** e **n**, (*graphia nh*) e as **post-palataes** **k** e **g**, estas duas quando precedem a *a*, *e* e *i*.

6.º entre o dorso da lingua e o véu do paladar, dõnde se geram as **velares** **k** e **g** antes de *o* e *u*:

7.º pelas vibrações da lingua, donde resultam as **vibrantes**. Uma é o **r** *alveolar*, que se obtem, com o vibrar da ponta da lingua erguida na direcção das gengivas ou alveolos dos dentes superiores; a outra é a *vibrante lateral* **l** e que se produz com o tremular dos lados da lingua, apoiada a ponta contra os alveolos dos dentes superiores.

OBSERVAÇÃO. — Em muitos idiomas occorrem outros phonemas além dos que aqui mencionamos. Não têm interesse para o estudo especial do portuguez. Cumpre tambem notar que o ponto de articulação das consoantes que se produzem no interior da cavidade buccal pode variar de um idioma para outro, sendo ora um pouco mais para diante, ora mais para traz. Os movimentos do orgão da lingua são muito variaveis e d'ahi vem a diversidade de consoantes palataes e linguae que se encontram no estudo da phonetica comparativa.

Outra causa de diversificação é a maior ou menor energia do sopro expiratorio. No falar brasileiro emprega-se pouco esforço. Succede o mesmo nas linguas do sul da Europa.

Na representação das consoantes no seguinte quadro, deve-se entender que o symbolo **g** indica o phonema que se ouve nos vocabulos *garra*, *guerra*, *guiso*, *gola*, etc.; **j** é a consoante que se pronuncia em *já*, *gelo*, *gibo*, *jogo*; **x** é o phonema chiante que soa em *chá*, *queixo*, *macho*.

Com um pequeno zero, sobreposto ou sotoposto a certos symbolos, indicamos os respectivos phonemas desprovidos de sonoridade laryngea, sendo de notar que não esquecemos as vibrantes surdas, de que muitos grammaticos não fazem menção. Estas occorrem, em *perto*, *corpo*, *março*, *sempre*, *falta*, *filtro*, *carta*, etc.

Quadro das consoantes

| LUGAR DE ARTICULAÇÃO | | LABIO CONTRA | | LINGUA CONTRA | | | Labio e lingua contra | | |
|----------------------|--------------------|---------------|----------------|----------------|------------------|-----------------|-----------------------|-----------------------|---------------------------|
| | | labio | dentes | dentes | paladar anterior | paladar medio | paladar posterior | labio e paladar medio | labio e paladar posterior |
| Occlusivas | sonoras | b | | d | | g | g | | |
| | surdas | p | | t | | k | k | | |
| Constrictivas | nasaes | sonoras | m | n | | n graphia nh | | | |
| | | surdas | m ^o | n ^o | | | | | |
| | fricativas | sonoras | | v | z | j | y | | w |
| | | surdas | | f | s | x | ç y | | w ^o |
| | vibrantes | sonoras | | | r R | | | | |
| | | surdas | | | r ^o | | | | |
| | vibrantes lateraes | sonoras | | | l | λ graphia lh | | | |
| | | surdas | | | l ^o | | | | |
| MODO DE ARTICULAÇÃO | | Bilabiales | | | | | | | |
| | | Dentilabiales | | | | | | | |
| | | Labiales | | Linguales | | | Labio-linguales | | |

Quantidade

Quantidade é a duração da vogal. Se a pronuncia é rápida, a vogal é **breve**; se é demorada, a vogal é **longa**.

Quando se quer indicar a differente quantidade, sobre-põe-se ás letras vocalicas ou uma curva ou um traço: \grave{a} é a breve; \bar{a} é a longo.

Em muitas linguas a quantidade é um elemento phonetico de summa importancia, havendo vocabulos differentes que a pronuncia só distingue pela vogal breve ou longa. Em inglez $\acute{x}ip$ e $\bar{x}ip$ (que se escrevem *ship* e *sheep*) significam respectivamente «naviô» e «carneiro».

Este phenomeno não se dá em portuguez. Nota-se apenas que é mais rápida a pronuncia da vogal seguida de consoante surda do que a da vogal acompanhada de consoante sonora, *quatro* e *quadro*, *mette* e *mede*; sendo tambem mais breve a vogal antes de r rolado do que quando se lhe segue r tenue, *carro* e *caro*, *ferro* e *fero*.

A vogal atona pronuncia-se com menos energia de voz do que a vogal tónica; mas não se segue d'ahi que ella deva ter duração menos longa. Ha differença de intensidade e qualidade, mas não de quantidade, nas vogaes das palavras *fala*, *fatal*, *papa*, *manivela*, *fugir*, *cavallo*, *marmelo*, etc.

Não se deve, por outra parte, confundir com vogal longa o timbre das vogaes abertas. Em *seta* e *preto*, *bola* e *bolo*, *pella* e *pello*, *morre* e *morro*, *chora* e *choro*, etc., as tónicas \acute{o} e $\acute{\hat{o}}$, \acute{e} e $\acute{\hat{e}}$ têm respectivamente a mesma quantidade.

Syllaba

Syllaba é um som ou um grupo de sons emittidos com uma só expiração.

O elemento essencial da syllaba é a vogal, podendo haver syllabas constituidas sómente por vogal.

Diz-se que a syllaba é **aberta** se termina em vogal. Estão neste caso as syllabas das palavras *pu-ri-da-de*, *a-tra-za-do*, *ple-ni-tu-de*, *cri-mi-no-so*, *a-va-ro*, etc.

A syllaba é, pelo contrario, **fechada**, se termina em consoante: *por-tal*, *cul-par*, *dor-mir*, etc.

As palavras são geralmente formadas de syllabas de uma e outra especie: *des-pre-zo*, *a-mor*, *ex-por-ta-vel*, *pro-mul-gar*, etc.

A combinação de vogaes formando perfeito ditongo ou tritongo, pertence a uma syllaba só: *ai-po*, *a-gua*, *i-guaes*, *qual*, *quaes*, *eu-ro-peu*, *pau-ta*, *ma-dei-ra*, etc.

Em outros casos a concurrencia de duas ou tres vogaes pode dar lugar a diversidade de pronuncia: *pie-da-de* ou *pi-e-da-de*, *aus-pi-cio-so* ou *aus-pi-ci-o-so*.

Dividem-se os vocabulos, quanto ás syllabas, em:

- a) **monosyllabos** se têm uma syllaba: *mar*, *dor*, *fé*, *de*, *em*.
- b) **dissyllabos** se têm duas syllabas: *café*, *mesa*, *livro*, *parte*, *sempre*.
- c) **trissyllabos** se constam de tres syllabas: *caneta*, *firmeza*, *tepido*.
- d) **polysyllabos** em geral se as syllabas são em maior numero: *possibilidade*, *formosura*, *medicina*, *infantaria*.

Ditongos

Ditongo é a combinação de duas vogaes, pronunciadas uma com força e clareza, a outra fracamente, e pertencendo ambas a uma só syllaba.

A vogal de sonoridade plena chama-se *predominante*; a de sonoridade incompleta tem função de consoante e chama-se *conjunta* (ou *subjuntiva*).

O ditongo pode ser **decrecente**, quer dizer, começar pela predominante, ou **crescente**, isto é, começar pela vogal conjunta.

Ditongos decrescentes

A. *Puros ou oraes:*

- ai** (na escripta ora *ai*, ora *ae*); ex.: *pai, taes.*
éi (com *e* aberto); ex.: *réis, papeis, anneis.*
ei (com *e* fechado); ex.: *feira, rei, grei.*
ói (com *o* aberto); ex.: *heroe, doe, soes.*
oi (com *o* fechado); ex.: *foi, boi, goivo, noivo.*
ui; ex.: *fui, ruivo, uivo, conclue, instrue.*
au; ex.: *mau, pauta.*
éu (com *e* aberto); ex.: *céu chapéu, véu.*
eu (com *e* fechado); ex.: *eu, breu, comeu.*
iu; ex.: *viu, jugiu.*
qu; ex.: *vou, ouço, ouro.*

B. *Nasaes:*

- ái**; ex.: *mãi, pães.*
ói (na escripta *õe*); ex.: *põe.*
ui (na escripta *ui*); ex.: *mui, muito.*
ão (na escripta *ão* e *am*); ex.: *mão, pão, amaram.*

Ditongos crescentes

Têm valor de ditongos os grupos: **uá** das palavras *qual, guarda, quasi, loquaz, aguar*, etc.; **ui** de *sanguino*; **uê** (uen) de *frequencia, sequencia*.

Em outras muitas combinações vocalicas a primeira vogal se profere mais fracamente que a segunda; mas ha duvida sobre se constituem ditongos crescentes por ser indecisa e variavel a sonoridade que se dá ao primeiro phónema. Certo é que taes ditongos se observam mais facilmente na hodierna pronuncia lusitana do que na brasileira, em que a vogal, embora fraca, costuma entretanto conservar sonoridade bastante sensivel.

Em Portugal conhecem-se, segundo o phonetista Gonçalves Vianna, os seguintes ditongos (oraes) crescentes:

- ia**; ex.: *diabo.*
ie (com *e* aberto); ex.: *dieta.*
io (com *o* aberto); ex.: *mio'os.*

iu; ex.: *miúdo*.

ue (com e aberto); ex.: *suetto*.

ua (variando a pronuncia de a); ex.: *soar, dual*.

ue (com e fechado); ex.: *poema*.

ui; ex.: *moinho*.

Ao pronunciarem-se as palavras *qual, quatro, quadro, guarda, quanto, quando, frequencia, sequencia, equidade* e outras analogas, nunca se demora a voz, por pouco que seja, no phonema u; e é por esta razão que tanto em prosa como em verso *ua, ui* e *uen*, nas ditas palavras, fazem sempre parte de syllaba indese dobravel, quer dizer, são ditongos perfectos.

Já não succede o mesmo com os vocabulos em que entram outras combinações vocalicas do typo crescente, as quaes no verso se lêem apoiando um pouco a voz na primeira vogal afim de separal-a da tónica seguinte e obter duas syllabas em vez de uma. Como isto se faz com toda a naturalidade, é evidente que o desdobramento tambem ocorre no falar commum.

Tritongos

Quando uma vogal forte se acha entre duas fracas e as tres juntas fazem parte de uma syllaba tónica, tem-se o **tritongo**. Taes são em pronuncia lusitana: **uai** (ex.: *quaes, iguaes*); **iei** (ex.: *fieis*); **uei** (ex.: *poeira*); **ião** (ex.: *pião*); **iõi** (ex.: *piões*), etc.

É de notar que a pronuncia pode apoiar, salvo em **uai**, na primeira das vogaes — e isto é usual no falar brasileiro — ficando o tritongo decomposto em vogal pertencente a uma syllaba e ditongo pertencente a outra.

Accentuação

Accentuação é o modo de fazer sobresahir um som entre muitos.

Ha duas especies de accentos: **accento de intensidade** e **accento musical**.

O **accento de intensidade**, tambem chamado **accento dynamico**, **accento tonico** ou simplesmente **accento** ou **icto**, consiste em distinguir uma syllaba das outras, empregando, na pronuncia desta syllaba, corrente expiratoria mais forte.

O **accento musical**, ou **accento de altura**, distingue a syllaba, elevando a voz, quer dizer, empregando nota mais aguda.

Os dous phenomenos são devidos, um a maior amplitude das ondas sonoras, outro a maior numero de vibrações. Praticamente, pode o piano dar idéa das duas especies de accentos. Batendo numa só tecla, ora com força ora fracamente, variamos a intensidade dos sons; batendo em uma tecla e depois em outra qualquer á direita, variamos a altura do som; a nota se tornará mais alta ou mais aguda.

Em rigor, deviam-se reservar sómente para o **accento musical** as denominações «**accento tonico**» e «**tonalidade**»; mas está enraizado nos usos grammaticaes applicar taes nomes tambem ao **accento de intensidade**.

É com expiração mais forte, e portanto com **accento de intensidade**, que pronunciamos as syllabas dominantes no falar corrente. Do **accento musical** nos servimos na **interrogação**, na **exclamação**, na **linguagem emocional**.

É difficil figurar bem o **accento phonetico**, tanto mais que dos signaes creados para este fim se apodérou a **orthographia** para denotar tambem vogaes abertas ou fechadas.

Poder-se-ia indicar a accentuação de intensidade, pondo o signal' adiante da respectiva syllaba, ex.: *pre'ço*, *for'ça*.

Na palavra de duas ou mais syllabas, aquella que se distingue pela accentuação mais forte chama-se **syllaba forte** ou **dominante**. As syllabas restantes chamam-se **fracas**. Em *hor'ta*, *cer'co*, *fragor'*, *portal'*, *reparar'*, são fortes *hor'-*, *cer'-*, *-gor'*, *-tal'*, *-rar'* e fracas *-ta*, *-co*, *fra-*, *por-*, e *repa-*.

Nos trisyllabos e polysyllabos em geral, as syllabas fracas não se pronunciam de modo uniforme, empregando para cada qual o mesmo esforço atenuado da voz. Observa-se em geral certa gradação ou alternancia de syllaba menos fraca com outra mais fraca, ex.: *constitucional*, *particular*, *impossibilitar*, *resplandecer*, *atrazar*, *irmannar*, etc.

Particularmente fraca é a corrente expiratoria na pronuncia da syllaba final ou das duas syllabas finaes que se seguem á syllaba tónica. Dá-se-lhes por isso o nome especial de **syllabas atonas**. Sente-se bem a differença em vocabulos como *constitucionalidade*, *instructivo*, *republica*, *cidade*, *incola*, *apoplectico*, *nautico*, etc.

Certos monosyllabos soam como syllabas atonas e chamam-se por isso **palavras atonas**: *o*, *a*, *de*, *me*, *te*, *lhe*, etc. Pronunciam-se ligados a outras palavras e dizem-se **procliticos** se as precedem, e **encliticos** se vêm depois, ex.: *o tempo*, *a casa*, *de casa*, *disse-me*, *faz-lhe*, etc.

É tambem palavra atona a particula *para*, a qual, em virtude da deficiencia de accentuação na primeira syllaba, se reduz a *p'ra* no falar do povo.

Os monosyllabos com accento proprio e todas as palavras com accento tónico na syllaba final chamam-se **oxytonas** ou **agudas**.

As palavras que se accentuam na penultima chamam-se **paroxytonas** ou **graves**. As que têm o accento na antepenultima são as **proparoxytonas** ou **extruxulas**.

Alterações phoneticas

Assim se chamam as mudanças que occasionalmente soffrem os phonemas em certas palavras ou combinações de palavras.

Devem-se essas mudanças á necessidade sentida, quer presentemente quer em outros tempos, de facilitar a pronuncia.

Das que se originaram no passado, muitas se continuam a manter pela tradição, pela lei da inercia. Outras novas do mesmo genero se introduzem na linguagem pela lei da analogia.

As alterações phoneticas podem consistir em accrescentamento ou suppressão de phonemas, em troca de lugar, em permuta de sons, em nasalisação ou desnasalisação, em sonorisação de phonemas surdos, em ditongação, palatisação, labiálisação, etc.

Verificaram-se estes varios phenomenos sobretudo ao transformar-se o latim vulgar em linguas romanicas. Da maior parte delles só podemos hoje ter idéa comparando o portuguez com o latim, ou as diversas linguas romanicas com o latim.

Assignalaremos aqui as principaes alterações que se observam no falar hoje corrente:

a) ACCRESCENTAMENTO:

Prothese, accrescenta no principio das palavras: *alevantar* por *levantar*; *arrecear* em vez de *recear*; *avexar* por *vexar*. Certas palavras com *a* prothetico que se observam no falar lusitano são proprias da gente inculta, como *arreceber*, etc. Em outros vocabulos provêm o *a* do artigo arabe que se juntou a nome igualmente de origem arabe *arrecife* (de *ar-recif* em vez de *al-recif*), etc.

Epenthese, insere phonema no interior da palavra. Tal é o caso das vogaes *e* ou *i* que muitas pessoas proferem para separar combinações consonantae de pronuncia difficil como: *dv*, *dm*, *bs*, etc.: *adevogado* por *advogado*, *adimittir* por *admittir*, *abesolutamente* por *absolutamente*. Em todo o caso, este phonema parasita nunca se escreve. A desunião de duas consoantes por meio de uma vogal dá-se tambem o nome de *suarabacti*.

Paragoge, ajunta phonema no fim do vocabulo. Palavras estrangeiras terminadas em certas consoantes são incompativeis com os nossos habitos de pronuncia. Introduzidas em nosso idioma, soam geralmente com o accrescimento de *e*. Dizemos *bonde* por *bond*, etc.

b) SUPPRESSÃO :

Apherese, elimina no principio da palavra: *inda* por *ainda*, *té* por *até*.

Syncope, supprime no interior do vocabulo: *cuidoso* por *cuidadoso*, *mór* por *maior*.

Apocope, supprime no fim das palavras: *mui* por *muito*, *grã* e *grão* por *grande*.

Uma variedade da apocope é a *synalepha*, a qual consiste em eliminar a ultima vogal e ligar ao termo seguinte o vocabulo assim reduzido, de modo que pareça um vocabulo só. Na escripta faz-se a combinação ora com apostropho, ora sem elle: *m'o* por *me o*, *t'o* por *te o*, *lh'o* por *lhe o*, *do* por *de o*, *outr'ora* por *outra hora*, etc.

c) METATHESE :

Assim se chama o facto de dous ou mais phonemas trocarem de lugar: *capitaina* por *capitanea*, *esfaimado* por *esfameado*, forma antiga de *esfomeado*.

d) SUBSTITUIÇÃO :

É a troca de um phonema por outro: *frauta* a par de *flauta*, *frecha* a par de *flecha*.

e) CRASE :

Consiste na fusão de duas vogaes medias em vogal aberta; ex.: *ir á cidade* por *ir a a cidade*.

f) ALTERNANCIA VOCALICA (metaphonia):

Observa-se este facto no emprego de vogal tónica ora fechada, ora aberta, determinada pelas vogaes *o*, *a*, e da syllaba seguinte: *porto*, *portá*, *bolo*, *boto*, *bola*, *bota*, *bole*, *dote*, *morte*, *sorte*, *forte*, *trevo*, *neve*, *trevas*, etc.

g) ASSIMILAÇÃO:

Consiste em igualar ou na tendencia para igualar dous sons, geralmente vizinhos, quer modelando o primeiro pelo segundo, e neste caso a assimilação será *regressiva*, quer conformando o segundo com o primeiro, dando-se então a assimilação *progressiva*.

O caso mais commum é o da assimilação regressiva: *il-letrado* por *in-letrado*, *il-licito* por *in-licito*.

Diz-se que a assimilação é *parcial* quando não chega a identificar os dous sons. Exemplo disso é a sonorisação dos phonemas *s* e *x* determinada regressivamente por outra consoante sonora. Assim, as palavras *resguardo*, *passar*, *losna* são pronunciadas *rejguardar* ou *rezguardar*, *pajmar* ou *pazmar*, *lojna* ou *lozna*, ao passo que *estudo*, *espaço*, *vestido*, *este* soam como *extudu* ou *estudu*, *expaçu* ou *espaçu*, *vextidu* ou *vestidu*, *exte* ou *este*.

Esta mesma assimilação parcial se observa igualmente em *s* final quando a palavra seguinte começa por uma consoante sonora. As expressões *os dedas*, *as guardas*, *livros novos*, *cabellos brancos*, *grandes mares* soam *uj-dedus*, *aj-guardas*, *livruj-novus*, *cabeluj-brancus*, *grandij-maris* ou respectivamente *uz-dedus*, *az-guardas*, etc. Sonorisa-se tambem a sibilante final quando a palavra immediata começa por vogal, e neste caso damos-lhe, em pronuncia brasileira, sempre o valor de *z*: *as artes*, *os ovos*, *grandes obras*, *duas ilhas* soam como *az-artis*, *uz-ovus*, *grãndiz-obras*, *duaz-ilhas*.

OBSERVAÇÃO. — A pronuncia nitida de sibilante dental antes de outra consoante é tida na capital do paiz como linguagem affectada. Pronunciamos aqui geralmente *exti*, *vextidu*, e não *ecti*, *vectidu*.

h) QUEDA CONSECUTIVA A' ASSIMILAÇÃO TOTAL:

Quando uma consoante se torna perfeitamente igual a outra contigua, obtem-se uma consoante geminada, isto

é, uma consoante unica articulada com mais demora. Esta pronuncia primitiva não subsiste mais em portuguez.

O resultado final é a *queda* de uma consoante. A geminada antiga soa como consoante simples. Pronunciamos *i-legal*, *i-letrado*, e não *il-legal*, *il-letrado*.

i) DISSIMILAÇÃO :

É o phenomeno contrario da assimilação. A linguagem procura desfazer a identidade de sons. Observa-se o caso na pronuncia lusitana: *menistro* por *ministro*, *vezinho* por *vizinho*.

ORTHOGRAPHIA

AS VOGAES

Vogaes simples (puras)

Empregam-se as letras **a, e, i, o, u**, geralmente de accordo com a pronuncia.

Como terminação atona usa-se por via de regra **-e, -o, -es, os** (e não **-i, -u, -is, -us**), exceptuando *quasi, lapis, oasis, Venus* e poucos vocabulos mais. Assim escrevemos: *ave, crase, bello, pires, simples, plenos, base, bases*, etc.

As palavras *igual, idade* (e derivados *igualdade, igualar, idoso*) e *igreja* pronunciam-se com **i** inicial e devem-se escrever com esta letra segundo costume antigo respeitado por João de Barros, Camões, Vieira, Bernardes, Herculano e outros.

Emprega-se **y** em lugar de **i** em vocabulos de origem grega (*gymnasio, typo, physica*, etc.), bem como nos de origem tupy (*Avahy, Jacarehy, Pirahy*, etc.)

Vogaes nasaes

As vogaes **e, i, o, u**, sendo nasaes, representam-se, não com um til sobreposto, como antigamente se fazia, mas sim acompanhadas de **m** ou **n**. Escreve-se **em, im, om, um** no fim dos vocabulos e tambem antes das bilabiaes (**b, p, m**); usa-se **en, in, on, un**, antes de consoante que não seja bilabial: *tem, refem, ovem, mugem, imagem, bom, tens, refens, ovens, mugens, imagens, bondade, jardim, algum, commum, som, honra, pinça, jardins, alguns, commummente, sons*, etc.

Como excepções a esta regra grapham-se com a terminação **-en**, em vez de **-em**, os vocabulos seguintes: *certamen, regimen, germen, lichen, dolmen, tentamen, dictamen*.

OBSERVAÇÃO. — Posto que se escreva **bens**, a par de **bem**, conserva-se todavia inalterada a forma **bem** nos compostos *bemdito, bemquerer, bemquisto*, etc.

A pratica antiga do emprego de til sobrevive na representação da nasal **ã** no fim das palavras ou seguida do signal de plural **s**; mas ao mesmo tempo que se usa **-ã**, **-ãs** para a maioria dos vocabulos, alguns ha que se escrevem sempre com **-an**, **-ans**:

1.º *irmã, irmãs, maçã, maçãs, lã, christã, christãs, amanhã, aldeã*, etc.

2.º *divan, Pan, Chanaan, Satan, talisman, Astrakan, iman*, etc.

OBSERVAÇÃO. — Alexandre Herculano e outros escriptores, e bem assim alguns dictionarios, como o de Aulete, preferem uniformisar a escripta empregando a terminação **-an**, **-ans** indistintamente para qualquer vocabulo: *irman, maçan, talisman, irmans, maçans, talismans*, etc.

Os ditongos *ai, ãi, ei*

Representa-se por via de regra com a letra **i** (e não **e**) a segunda vogal destes ditongos. Exemplos: *ai, saraiva, baile, mais, amai, pai, mãe, cãibra, andai, rogais, rei, grei, madeira*, etc.

No plural de palavras em **-al** e **-ão** escreve-se todavia com **e** **-aes**, **-ães** para ficar patente o suffixo **-es** formador do plural: *iguaes, taes, quaes, cães, páes, escrivães, canaes, rivaes*, etc.

Esta consideração quanto ao plural não prevalece entretanto para os nomes em **-el**. Aqui evita-se a desagradavel duplicação de **e** escrevendo **-eis** em lugar de **-ees**: *aneis, papeis, bureis, cordeis, bateis, toneis, crueis*, etc.

Os ditongos *au, eu, éu, iu*

Sempre que estas combinações de vogaes soarem como verdadeiros ditongos decrescentes, figuraremos a segunda

vogal com a letra **u** (e não **o**). Exemplos: *aura, jaula, arauto, flauta, mau, grau, pau, paulada, eu, meu, europeu, lyceu, museu, escreveu, vendeu, chapéu, céu, mastaréu, véu, viu, fugiu, surgiu, elle riu* (compare-se com a pronuncia destes ultimos exemplos a de *eu rio* e dos nomes *o rio, navio, pavio*), etc.

Os ditongos **oi, oe, ãe**

Com **oi** no fim das palavras ou no meio seguido de **o** ou de consoante, representa-se um ditongo em que **o** soa como vogal fechada. Exemplos: *boi, foi, joio, moio, pois, goivo, noivo, coitado, sois*, etc.

Se a **oi** se seguir a vogal **a**, a tonica tem geralmente o valor de vogal aberta: *boia, giboiã, joia, tipoia, Saboia, tramoia*, etc.

São excepções *saloia* (que se pronuncia com **o** fechado), *comboio* (com vogal tonica aberta) e os seguintes nomes escriptos com **oy** (por **oi**) com **o** aberto: *Niteroy, Eloy*.

Com **oe** representa-se **o** aberto quer da palavra *heroe*, quer do ditongo resultante da junção de vogal thematic com **e** de um suffixo. Exemplos: *lençoes, anzoës, rouxinoës, soës, paioës, destroës, destroe, roës, roe, moës, moe, doe*, etc.

O ditongo **õe** escreve-se de um só modo e a nasal soa sempre como vogal fechada: *cordões, acções, pões, põe, Camões*, etc.

Os ditongos **ou e oi**

Distinguimos na escripta estes dous ditongos regulando-nos pela pronuncia usual no Brasil, a qual para os vocabulos antigos pouquissimo differe da tradição literaria portugueza.

Segundo este criterio escrevemos **ou** (e não **oi**) sempre antes de **r** e as mais das vezes antes de outra consoante: *ouro, louro, thesouro, touro, vassoura, bezouro, agouro, tesoura, couro, couraça, couraçado, logradouro, be-*

bedouro, ceroula, papoula, lousa, pouso, pousar, repouso, repousar, Sousa, louça, bouça, arcabouço, toucinho, alcouce, couce, fouce, trouxe, trouxa, frouxo, pouco, rouco, touca, açougue, azougue, douto, doutor, outro, souto, outono, couve, aprouve, ouvir, louvar, houve, etc.

Escrevemos com **oi**: *noite, noitibó, oiti, coivara, oito* (e derivados *dezoito, oitavo, oitenta*), *pois, depois, coitado, goivo, noivo*, etc.

Indifferentemente com **ou** ou **oi**: *dous ou dois, cousa ou coisa*.

OBSERVAÇÃO. — Os vocabulos *ouro, louro, thesouro, touro, pou-sar, couce* e outros como estes, em que o ditongo procede do latim *au* ou *al*, occorrem na maior parte frequentissimos na literatura portugueza e escriptos invariavelmente com *u* desde os mais antigos tempos até o seculo XIX, em que surgiu a moda, adoptada sómente por alguns escriptores, de os representar com *oi*. Apareceu assim na linguagem escripta figurada a pronuncia não de Portugal, mas de certa região do paiz.

As terminações *-éa* e *-eia (-eio)*

Qualquer destas formas tem o accento tonico na vogal *e*, usando-se:

1) *-éa* se a vogal dominante for aberta: *idéa, epopéa, Judéa, hebréa, européa, platéa*, etc.

2) *-eia (-eio)* se a vogal tonica for fechada: *areia, baleia, cadeia, ceia, sereia, meia, veia, correia, cheio, meio, passeio, seio, veio, correio, rodeio, centeio*, etc.

Nos derivados e nas formas verbaes em que o accento tonico se deslocar da vogal *e* para o suffixo, supprime-se o signal graphico (accento agudo) de *-éa*, assim como a letra *i* de *-eia (-eio)*: *ideal, ideou, idealisar, areal, areento, cadeado, penteado, passeamos, passou, passear, enseada, cear, ceamos*, etc.

Esta regra soffre, comtudo, restricção quanto aos derivados em *-eiro, -eira*, e raros casos mais, em que a graphia é regulada tão sómente pela pronuncia. Assim distinguimos *meeiro* (que divide ao meio) de *meieiro* (fabricante de meias), e escrevemos *meada* (fio dobrado) ao

lado de *meialo* (parte media), *veiado* (formado de veios) cuja pronuncia differe de *veado* (animal).

Por outro lado, em *candieiro* por *candeeiro* (de *candeia*), *bolieiro* (de *boléa*), *balieira* (de *baleia*) e outros, ouve-se um i bem claro exactamente como nos vocabulos *pardieiro*, *amieiro*, *macieira*, *cumieira*.

Ø ditongo ão e sua graphia

Representa-se naturalmente com **-ão**, sobrepondo um til á vogal nasal. É graphia propria de vocabulos como os seguintes: *pão*, *mão*, *coração*, *orção*, *accordão*, *sotão*, *são*, *estão*, *vão*, *dão*, etc.

A terminação **-ão** é substituida por **-am** unicamente quando se tenha de indicar um **suffixo verbal atono**: *amam*, *amavam*, *amaram*, *amariam*, *receberam*, *receberiam*, *fugiram*, *serviram*, etc.

OBSERVAÇÃO. — A necessidade de differencar do futuro (oxytono) o preterito perfeito (paroxytono) da 3.^a pessoa do plural deu lugar a recorrer-se ao expediente de fixar definitivamente com a graphia **-am** a forma verbal não accentuada, e para haver certa uniformidade na escripta, tornou-se extensivo a todas as demais terminações atonas do plural da 3.^a pessoa o emprego de **-am** por **-ão**. Aos substantivos *orgão*, *orção*, etc., é naturalmente desnecessario applicar semelhante expediente orthographico.

A letra h

A letra **h** não representa phonema proprio de nosso idioma; mas emprega-se ou combinada com outra letra consonantal ou simplesmente junto a uma vogal.

As combinações **lh**, **nh**, como nas palavras *melhor*, *banhar*, servem para denotar phonemas simples para os quaes ha falta de symbolos no alphabeto.

A combinação **ch** denota a chiante surda, como nas palavras *chama*, *brecha*, e tambem a oclusiva c (valor de *k*) em vocabulos de origem grega: *Christo*, *christão*, *chimica*, *machina*, etc.

ph equivale a **f**, e **th** a **t** e só têm applicação em termos de origem grega: *philosophia*, *bibliophilo*, *theorem*, etc.

Junto a vogal, usa-se a letra **h** geralmente para respeitar a etymologia latina ou grega de certos vocabulos: *homem, herdeiro, honra, hora, hygiene, hydraulica, cohibir, cohorte*, etc.

O verbo *haver*, entretanto, quando posposto e unido a infinitivo para formar o futuro e o chamado condicional, perde o **h**: *amarei, mandará, venderia* (por *amarhei, mandarha, venderia*), etc. e coherentemente *amar-te-ei, mandar-lhe-á, vender-te-ia*, etc.

Empregado isoladamente, o verbo *haver* conserva o **h** em todas as suas formas (ao contrario do francez *avoir*, do italiano *abbiamo*, etc.).

A letra **h** usa-se, ás vezes, como expediente orthographico entre duas vogaes para mostrar que não constituem ditongo. Assim evitamos a homographia entre *ai, baia, saia, caia, distraia* e *ahi, bahia, sahia, cahia, distrahia*.

Os verbos que deram lugar aos tres ultimos exemplos escrevem-se, por uniformidade, com **h** em todas as formas com accento na terminação: *cahir, sahir, attrahir, cahindo, sahido, cahistes, cahiram*, etc., omittindo-se o **h** quando a accentuação estiver no radical: *eu caio, saio*, etc.

Igual expediente orthographico usamos para mostrar que não ha ditongo no vocabulo *bahu*, em numerosos termos brasileiros, como: *Macahé, Jahó, Grajahu*, e principalmente nos que acabam em *ahy, ehy, uhy*: *Pirahy, Parahyba, Parnahyba, Andarahy, Itajahy, Imbuhy, Suruhy, Assahy, Jacarehy*, etc.

Não se separam, entretanto, as vogaes por meio de **h** nas palavras que acabam em **-aude, -audo**: *saude, alaude, ataude, graudo, espadaudo*, etc.

A letra **h** emprega-se finalmente nas interjeições *hein! han! hum! oh! ih! ah!*

Os accentos

O accento agudo (em vogal aberta) e o circumflexo (em vogal fechada) indicam tonicidade e empregam-se nos casos seguintes:

1.º o agudo ou o circumflexo, conforme o caso, nas letras *a*, *e*, *o* quando tónicas finais ou tónicas seguidas de *s* final: *dá*, *dás*, *manacá*, *fubá*, *José*, *galé*, *mercê*, *cré*, *crês*, *nó*, *nós*, *avó*, *trenós*, *dominó*, *portaló*, etc.

2.º o accento agudo em *á*, *ás*, *áquelle* (contractão da particula *a* com o artigo feminino ou o demonstrativo); na desinencia *-ámos* (do plural da 1.ª pessoa no perfeito do indicativo); em *pára* (do verbo *parar*), em *désse* (do verbo *dar*); e nas terminações *-éa* (*idéa*, *judéa*, etc.) e *-éu* (*céu*, *véu*, etc.).

3.º o accento circumflexo nas palavras que finalizam em *-óo* (*vóo*, *escóo*, *enjóo*, etc.); no infinitivo do verbo *pór*, no plural da 3.ª pessoa correspondente ao singular *-ê*: *cré*, *crêem*, *lé*, *lêem*, *dê*, *dêem*, *vê*, *vêem*, etc.

Servem tambem os accentos para differençar, ás vezes, um vocabulo de outro, quando ambos pertençam á mesma categoria grammatical e tenham pronuncia differente, ou tambem para distinguir formas grammaticaes homonymas.

Estão no primeiro caso os substantivos: *côrte*, ao lado de *corte* (nome masculino, do verbo *cortar*); *séde* (assento, centro) ao lado de *sede* (appetite para beber); *cór* (na locução *de cór*; *saber* ou *dizer de cór*) ao lado de *cor* (coloração); *fôrma*, ao lado de *forma* (feitio), etc.

Na segunda hypothese estão as formas do verbo *ter*, *elle tem* e *elles têm*; e do verbo *vir*, *elle vem*, *elles vêm*. A mesma distincção graphica estende-se aos compostos de *ter* e *vir*, cumprindo notar que os verbos *conter* e *provir* requerem, além disso, um accento agudo na 3.ª pessoa do singular (*contém*, *provém*) afim de que não se confundam com formas do conjuntivo de *contar* e *provar* (*que elles contem*, *provem*).

ACCENTUAÇÃO SUPERFLUA. — Nenhuma necessidade ha de accentuar, além de *côrte* e *fôrma*, quaesquer vocabulos que terminem em *-orte*, *-orma*, *-orme*, *-ote*, que se hão de pronunciar sempre com o aberto: *norte*, *porte*, *sorte*, *corte*, *cohorte*, *norma*, *reforma*, *informa*, *plataforma*, *forma*, *informe*, *conforme*, *dorme*, *enorme*, *chicote*, *dote*, *bote*, *mote*, *magote*, *caixote*, *pote*, *trote*, *sacerdote*, etc.

Desnecessario é accentuar a terminação **-or**; os innumerables vocabulos assim terminados pronunciam-se todos com o fechado, exceptuando apenas: *maior* (*mor*), *menor*, *melhor*, *peior*, *major*, *redor*, *arredor*, *derredor*, *mogor*, e o vocabulo *cór* (na expressão *de cór*), sendo este o unico que, para differencar de *cor* (coloração), representamos com accento agudo.

Distinguimos tambem *pôr* (verbo) de *por* (particula).

Segundo esta regra escrevemos sem accento algum: *dor*, *flor*, *amor*, *açor*, *andor*, *calor*, *furor*, *cantor*, *favor*, *horror*, *humor*, *pavor*, *sabor*, *louvor*, *tremor*, *esplendor*, *temor*, *traidor*, *penhor*, *pintor*, *rigor*, *rancor*, *terror*, *pastor*, *rumor*, *vapor*, *tumor*, *comprador*, *vendedor*, *confessor*, *fiador*, *eleitor*, *caçador*, *jogador*, *pescador*, *salvador*, *voador*, etc.

O facto de dous ou mais vocabulos differentes serem pronunciados e escriptos de uma só maneira, raras vezes pode dar lugar á confusão. Pelo contexto vê-se logo se se trata de verbo ou de substantivo no emprego das palavras *canto*, *fala*, *berro*, *morro*, *invento*, *grito*, *caso*, *easa*, e innumerables outras.

Tambem não resulta o minimo embaraço da homonymia de *são* (verbo) e *são* (adjectivo), de *como* (verbo) e *como* (adverbio ou conjunção).

Os vocabulos exdruxulos tambem dispensam a accentuação graphica systematica: uns — e estes constituem a grande maioria — por serem termos vulgares de pronuncia bastante sabida, como: *epoca*, *lampada*, *imperio*, *canario*, *mysterio*, *exclamatorio*, etc., outros, porque, para dissipar as raras duvidas que de vez em quando possam suggerir, basta consultar qualquer dictionario prosodico.

AS CONSOANTES

As consoantes em geral

Nenhuma difficuldade offerece a representação dos phonemas oclusivos e das consoantes **m**, **n**, **l**, **f**, **v**, salvo os casos em que, attendendo á etymologia, se dobram as letras inutilmente (*pp*, *tt*, *dd*, *mm*, *cc*, etc.) ou se jun-

tam ás letras designativas dos phonemas outras letras differentes e de valor nullo (como **p** e **c** junto a dental em *escripto*, *afflicto*), ou finalmente se emprega **ch** em lugar de **c** ou **qu** (como em *chimica*, *machina*), e **ph** em vez de **f** (*philosophia*, *sophisma*).

Não conhecendo o estudante sufficientemente o latim e o grego, é claro que aprenderá a escrever taes vocabulos com a pratica, vendo-os assim escriptos a cada passo ou seguindo o conselho de professor ou dictionario.

As letras **c** e **g**, como é sabido, têm, na escripta commum, valor de phonemas oclusivos quando se acham antes de consoante ou antes de **a**, **o**, **u**: (*caco*, *cravo*, *gago*, *grito*, etc.).

Seguidas immediatamente de **e**, **i** (**y**), representam a letra **c** a sibilante surda e a letra **g** a chiante sonora (*cedo*, *cima*, *gelo*, *gil*, *gymnasio*, etc.).

Restabelece-se o phonema oclusivo, escrevendo **qu** e **gu** antes de **e**, **i** (*querer*, *quiz*, *guerra*, *manguito*, etc.).

As letras **s** e **z** no principio, no meio (junto a consoante) e no fim das palavras

No começo das palavras a letra **s** representa sempre o som sibilante surdo [s], e a letra **z** sempre o som sibilante sonoro [z]:

- 1.º *sala*, *sello*, *som*, *sino*, *sopro*, *semana*, *surra*, etc.
- 2.º *zanga*, *zelo*, *zoada*, *zumbido*, *zona*, *zombar*, etc.

No meio dos vocabulos persiste a mesma differença entre as duas letras, tendo cada qual o seu valor definido, desde que **s** ou **z** venha entre consoante (graphica) e vogal:

- 1.º *valsa*, *verso*, *manso*, *urso*, *curso*, etc.
- 2.º *quinze*, *senzala*, *urze*, *varzea*, etc.

Exceptuam-se da precedente regra **obsequio** e compostos de **trans** (*transitar*, *transacção*, etc.), em que **s** se pronuncia como **z**.

Escreve-se unicamente **s**, e nunca **z**, antes de outra consoante; mas a pronuncia de **s** neste caso será ora surda, ora sonora, conforme for surda ou sonora a consoante immediata: *festa, casta, cesto, lascar, bispo, risco, bisturi, mascara, pasmo, asno, resma, rasgar, bisnaga, Lisboa, losna, etc.*

No fim dos vocabulos escreve-se **s**, e não **z**, sempre que se tratar de suffixo do plural, ou de desinencia pessoal de 2.^a pessoa, como nestes exemplos: *canetas, mesas, pés, trenós, chaves, pedras, dás, crês, vês, conduzis, mandastes, queres, podes.*

Excluidas estas duas hypotheses, a orthographia da sibilante final é determinada pela pronuncia da vogal que a precede:

1.^o Se a vogal precedente é tónica, escreve-se **z**: *paz, paiz, nariz, audaz, timidez, marquez, luz, francez, cortex, foz, imperatriz.*

Exceptuam-se: os pronomes *nós, vós*, os vocabulos *tres, aliás, bis, cris, gris, cós, jus, pus* (substantivo), *mas, cis*, e alguns nomes proprios como *Jesus, Moysés.*

2.^o Se a vogal que precede á sibilante é atona ou faz parte de um ditongo decrescente escrevemos **s**: *lapis, pires, Marques, Venus, oasis, iris, cutis, pois, dous, mais, Deus, Goes, Paris* (nome da mythologia grega), *Ceres, etc.*

A sibilante surda (s) inicial

A sibilante surda no principio dos vocabulos representa-se geralmente por **s**, algumas vezes por **c** (e raramente por **sc**).

Antes de **a**, **o**, **u** esta consoante inicial é sempre representada pela letra **s**:

| | | | |
|-----------|----------|----------|----------|
| safra | sapato | saracura | Sorocaba |
| sagu | samburá | sarampo | sotaina |
| samambaia | sapo | safa | sujo |
| sanefa | sapucaia | sopa | Suruhy. |

Tambem empregamos a mesma letra inicial na maioria dos casos antes de **e**, **i** (**y**): *se, seda, seguir, seguro,*

sempre, sereia, servir, sentir, separar, sentinela, serafim, serralho, serrote (de serra), *serrar, sertão, Setubal, seita, sevandija, silencio, silva, sitio, simples, sinistro, São, Siberia, Syria, Sicilia* (nome de ilha), etc.

Acompanham esta tendencia geral os nomes brasileiros: *Sergipe, senzala, seriema, Sicupira, Sinimbu, Sincorá, siri, Sepetiba, sernambi*, etc.

Exceptuam-se: *Ceará* (unico exemplo de nome geographico brasileiro), *cica, cipó*.

Escrevemos c inicial antes de e, i (y):

a) em varias palavras oriundas do latim (ou grego), especialmente para imitar, neste ponto, a escripta ou a transcripção latina, como nos seguintes exemplos: *cebola, ceder, cedo, cego, cegonha, cerca, ceia, celebre, cem, centro, cera, cereja, certo, cerveja, cerviz, Cesar, Cecilia* (nome de pessoa), *cessar, céu, cidade, cima, cinco, cinta, circulo, civil, Cypriano, cyclo, cinema*, etc.

b) nos poucos vocabulos seguintes sem que prevaleça a mesma razão etymologica: *cecem, cedilha, ceifar, ceira, ceitil, cenoura, centeio, ceroula, cevada, cicio, cifra, cigano, cigarro, cimba, cimitarra, cirandar, cerrar* (no sentido de fechar, unir, tornar compacto), *cerração* (neblina densa), *cerrado* (matto espesso), e os supracitados vocabulos brasileiros *Ceará, cica, cipó*.

Se antes de e, i (y), é usado em portuguez, e só por preocupação etymologica, nas seguintes palavras e affins respectivos: *scelerado, scena, sceptico, sceptro, sciatico, sciencia, scintillar* (porém *centelha*), *sciographia, scisma, scisão, scissura, Scylla*.

Os principios que acabamos de estabelecer prevalecem geralmente para a sibilante surda inicial quando dos mencionados vocabulos se formam outros por meio de prefixação. Assim escrevemos *conseguir, proseguir, consentir*, etc. (por causa de *seguir, sentir*, etc.); *incivil, decifrar, encerrar*, etc. (por causa de *civil, cifra, cerrar*, etc.).

OBSERVAÇÃO. -- Em desaccordo com a regra de pronuncia bem conhecida, o simples s entre vogaes soa como ss em *prosequir, resenter, resupino, resalto, resalva, resoar, asepsia, asymetria, asyndeton*, etc.

A sibilante surda (s) medial

As mesmas duas letras do alphabeto que podem indicar a sibilante surda no começo das palavras, tambem servem para represental-a quando medial. Apenas em raros exemplos, e só por influencia da escripta latina, empregamos x: *defluxo*, *proximo*, etc.

As condições do emprego dos symbolos s e c no começo dos vocabulos não prevalecem, comtudo, quando se trata de som medial.

A letra s (ou ss entre vogaes) é aqui mero symbolo de graphia imitativa, quer de lingua classica, quer de lingua moderna, ao passo que se escreve c (ou ç antes de a, o, u) na maioria dos casos e principalmente nos vocabulos isentos da influencia orthographica de outro idioma.

Exemplos do emprego de c ou ç:

a) INTERVOCALICO:

| | | | |
|---------|---------|----------|-----------|
| aço | caçar | tropeço | dentuça |
| açougue | alface | adriça | palhaço |
| açoute | baço | içar | coçar |
| açor | buço | enguicho | louça |
| açude | peça | moço | retouçar |
| açular | eça | tremoço | cachaça |
| caçula | adereço | choça | chalaça |
| jaça | começo | roça | castiçal |
| taça | pecego | chuço | ricaço |
| caça | almoço | soluço | chouriço. |

b) POSTCONSONANTAL:

| | | | |
|----------|---------|------------|------------|
| alçar | lenço | orçamento | ronceiro |
| alçapão | lençol | garço | camurça |
| calçar | monção | garça | vasconço |
| alcançar | pinça | disfarçar | jagunço |
| balança | inçar | disfarce | junça |
| fiança | cadarço | alicerce | constancia |
| trança | farça | terçol | doença. |
| criança | força | berço | |
| sentença | corça | onça | |
| ancinho | orçar | geringonça | |

Exemplos de vocabulos brasileiros :

| | | | |
|------------|----------|------------|---------|
| Iracema | maniçoba | guaraciaba | araçá |
| Tibiriçá | cacique | buricica | Caraçá. |
| Piracicaba | caçamba | araçari | |

A antiga e natural graphia de alguns termos nossos, como *açu*, *guaçu*, acha-se todavia abandonada; prevalece hoje a transcripção estrangeira da sibilante intervocalica em *assu*, *quassu* (*Iguassu*, *Paraguassu*), *assahy*, *Sussuhy*, etc.

Uso de s e ss

Por influencia da orthographia de lingua estrangeira moderna :

a) nos termos: *bussola*, *fracasso*, *assucar*, *assassino*, *kermesse*, *valsa*, *hussaro*, *bossa*, etc.

b) nas denominações de certos artefactos ou productos vindos do estrangeiro: *cassa* (nome de tecido), *casineta*, *mosselina*, *potassa*, *Russo*, *quassia*, *passamanaria*, etc.

c) na maioria dos nomes proprios estrangeiros em que occorre a sibilante medial: *Russia*, *Prussia*, *Odessa*, *Mississippi*, *Suissa*, *Bassorá*, *Kissingen*, *Lhassa*, etc.

Mais numerosos são os exemplos de graphia imitativa do latim ou do grego: *posse*, *posseço*, *nosso*, *vosso*, *osso*, *grosso*, *crasso*, *colosso*, *tosse*, *hyssope*, *concusso*, *manso* (e affins), *trans*, *denso*, *censo*, *senso*, *tenso* (e affins), *immenso*, *dimensão*, *commensal*, *mensal*, etc.

Para alguns casos podem servir as seguintes regras praticas :

a) Escrevem-se com s os grupos radicaes **pens-** (*pensão*, *pensar*, *suspensão*), **-fens-** (*offensa*, *defensiva*), **prens-** e **prehens-** (*prensa*, *imprensa*, *compreensão*), **tons-** **spons-** (*tonsura*, *responsavel*, *esponsaes*) e a terminação **-ense** (*forense*, *fluminense*, *cearense*).

b) Escreve-se geralmente **ss** entre e e nova vogal: *esse*, *interesse*, *promessa*, *remessa*, *gesso*, *pessimo*, *pressa*,

expresso, congresso, aggressão confesso, professo, cessar, excesso, successo, travesso, avesso, atravessar.

Exceptuam-se desta regra os verbos em *ecer, escer*, (*conhecer, descer*, etc.) e mais as seguintes palavras: *cabeça, eça, adereço, preço, prece, peço, peça, meço, começo, codeço, tropeço, pecego.*

c) Escreve-se com *ss* o radical *miss-*: *missa, missão, commissão, premissa, submisso, remisso*, etc.

Por influencia do vocabulo *missa* tambem se escreve *missanga*, que é de origem muito differente.

A sibilante sonora (z) entre vogaes

Regra geral. — Em portuguez indicamos de ordinario este som pela letra *s*: *casa, vaso, lousa, repouso, formoso, guiso, brisa, divisa, precisar, camisa, riso, aviso, paraíso, pausa, uso, fuso, parafuso, rosa, grosa, tosar, peso, pesar, pisar, presa, prisão, prisioneiro, deposito*, etc.

Não se estende, evidentemente, esta regra aos derivados de vocabulos escriptos com *z* final. Assim, desde que graphamos *cruz, luz, paz, paiz*, escreveremos tambem: *cruzeiro, cruzar, luzir, luzidio, apaziguar, paizagem*, etc.

Casos especiaes em que se escreve *z* (e não *s*)

1.º depois de *a-* inicial: *azeite, azia, azougue, azul, azinhavre, azenha, azeviche, azar, aza, azafama*, etc.

Exceptuam-se apenas: *asiló, Asia*, os derivados do latim *asinus* (*asinidade, asinino*, etc.) *aselho, asaro*, e a palavra antiquada *asinha*.

2.º depois da syllaba *ga*: *gazeta, gaze, gazua, gazeo, algazarra, gazela*, etc.

Excepção: *agasalho*.

3.º na terminação *eza*, se se tratar:

a) das palavras *Veneza* (e derivados *Venezuela*, *veneziana*), *fortaleza*, *natureza* e *turqueza*;

b) dos femininos de certos titulos: *baroneza*, *princeza*, *duqueza*, *marqueza*;

c) da forma feminina dos adjectivos (e substantivos) em *-ez*: *franceza*, *portugueza*, *burgueza*, *camponeza*, etc.;

d) de nomes abstractos derivados de adjectivos: *riqueza*, (de rico), *firmeza* (de firme), *pureza*, *fineza*, *limpeza*, *nobreza*, *franqueza*, *tristeza*, *belleza*, *clareza*, etc.

Por não estarem comprehendidos em nenhuma destas hypotheses, escreveremos de accordo com a regra geral: *mesa*, *defesa*, *devesa*, *toesa*, *proesa*, *despesa*, *presa*, *empresa*, *represa*, *framboesa*, *Theresa* e adjectivos *accessa*, *illesa*, *lesa*.

4.º em qualquer verbo da 2.ª ou 3.ª conjugação em que appareça o som [z] entre a vogal do radical e a terminação, exceptuando *coser* (costurar), portanto nos verbos, *fazer*, *prazer*, *jazer*, *dizer*, *cozer* (cozinhar), *conduzir*, *produzir*, etc., assim como nas formas *quiz*, *quizer*, *puzemos*, *puzestes* e outras formas dos verbos *querer* e *pôr*. Do mesmo modo que o competente verbo se escreve com *z* o substantivo *prazer*, e, analogamente, *lazer*.

5.º nos numeræes e affins de numeros: *doze*, *duzia*, *treze*, *duzentos*, *trezentos*, *dezena*, *dezoito*, *dizima*, *dezembro*, etc.

6.º em certos vocabulos scientificos, historicos, geographicos e outros, quer procedentes directamente do grego, quer atravez deste idioma vulgarisados, v. g. em *ozena*, *Lazaro*, *Nazareth*, *Amazonas*, *Byzancio*, etc.

Fora dos casos acima definidos existem esparsas em nosso idioma palavras que o uso representa systematicamente com *z* intervocalico e não com a letra *s* da regra geral. Taes vocabulos são em pequeno numero, a saber: *prazo*, *bazar*, *alcazar*, *alfazema*, *amizade* (e *inimizade*), *prezar* (e *desprezar*), *juízo*, *prejuízo*, *razão*, *armazem*, *vizinho*, *bizarro*, *bezerro*, *mazorra*, *mézinha* (= remedio), *vizir*, *buzina*, *buzio*.

Depois da vogal inicial e- escreve-se **x** (e não **s** nem **z**): *exame, exemplo, exuberante, exonerar, etc.*

Excepções: *esophago, esula e esurino.*

A regra geral do emprego de **s** entre vogaes deve-se á circumstancia de ser a nossa orthographia calcada sobre a escripta do latim classico, em cujo alphabeto não existe a letra **z** senão para transcrever um som duplo (**ds**) de certos nomes gregos.

Nenhum motivo ha para deixarem de seguir a regra geral palavras não comprehendidas nos casos acima especificados, e de origem mais ou menos obscura ou cuja pretensa etymologia, embora especiosa, é assaz contestavel; taes como: *brasa, Brasil, liso, alisar, balisa, friso, lisonja, etc.*

Ainda de accordo com a regra geral escrevemos *civilisação* e *civilisar*. Esta pratica, adoptada por Herculano e outros escriptores, se deve estender a todas as palavras em *-isar, -isação*, cuja escripta assim fica uniformisada com *precisar, dividir, avisar, etc.*

OBSERVAÇÃO. — Na orthographia simplificadorá proposta por Gonçalves Vianna escreve-se com **z** *simpatizar, sintetizar, etc.* respeitando a etymologia grega quanto ao suffixo, mas desprezando-a quanto a **y, th, etc.**

A chiente surda (seguida de vogal)

Em principio, figuramos a chiente surda, quando acompanhada de vogal, por meio de **ch**. Excepcionalmente, em condições especiaes e bem assim em alguns casos para imitar a graphia de outro idioma, escrevemos **x** e não **ch**.

Exemplos do emprego de **ch**: *chapéu, chuva, achar, fechar, chamar, cacho, cachopo, cachimbo, cachorro, chilar, machucar, chegar, cheirar, chicote, chelpa, China, chinelá, choça, chocalho, colcha, rocha, escalracho, tocha, mecha, nicho, rancho, guincho, caruncho, funcho, etc.*

É de regra iniciar as palavras por **ch** e não **x**. (As excepções, como adiante veremos, são poucas). Se a se-

gunda syllaba principiar pelo mesmo phonema, represental-o-emos igualmente por **ch**: *chuchar, chuchu, chuchurrear, chachá, chechéu*.

Condições especiaes em que se escreve
x em vez de **ch**

1) depois de ditongo: *caixa, baixo, tauxia, ameixa, peixe, seixo, freixo, deixar, queixo, frouxo, trouxa*, etc.

2) depois da syllaba **en-** (exceptuando *encher* e derivados): *enxada, enxó, enxovia, enxaqueca, enxame, enxundia, enxergão, enxergar, enxerto, enxofre, enxugar, enxoval, enxotar, enxurrada*, etc. É claro que se á syllaba **en-** vier prefixada a palavra que se escreve com **ch**, a graphia não se altera: *enchacotar* (de *chacota*), *enchafurdar, enchourigar, enchoçar*, (=metter na choça), *encharcar, enchumaçar*, etc.

3) depois da syllaba **me-** (menos em *mecha*): *mexer, mexerico, mexilhão*.

Se a letra **m** vier acompanhada de outra vogal, não se usa **x** senão nestes vocabulos portuguezes: *mixordia, almozarife, moxinifada*.

4) nos termos brasileiros *Xingu, Xiririca, xerga*, e na maior parte daquelles em que a chiante surda for intervocalica: *abacaxi, caxinguelé, maxixe, grumixama, guaxima, Caxambú, Quixadá, Quixeramobim, Maxambomba*, etc.

Palavras isoladas em que se escreve **x** com o valor de chiante: *abexim, coaxar*, assim como:

a) por mera imitação da antiga orthographia hespanhola: *Xavier, Xerez, Quixote* (e alguns outros nomes proprios), *xadrez, xarope, xerife, xeque* (termo do jogo de xadrez), *xacara* (melopéa popular), *bruxa, bruxolear, Cartuxo* (nome de uma ordem), *bexiga, elixir, anexim, coxim, roxo, oxalá, dixé, lixa, lagartixa, debuxo, repuxo, puxar*.

b) por imitação do grego: *Alexandre, Xenophonte* (além de outros nomes proprios) e certos vocabulos eru-

ditos formados com radicaes gregos: *xylographia*, *xantina*, etc.

c) por imitação exclusiva da escripta latina, posto que com pronuncia diversa, os poucos vocabulos seguintes (e derivados): *graxo*, *laxo*, *taraxaco*, *taxa* (tributo), *praxe*, *vexar*, *lixo*, *pixe*, *rixa*, *lixivia*, *coxa* (parte do corpo), *coxo*, *buxo* (planta), *luxo*, *luxar*.

Grupos consonantae simplificaveis

Em geral as letras do alphabeto chamadas consoantes, quando escriptas ao lado de outras ou conservam seus valores proprios como **dr**, **tr**, **rç** (*drama*, *traça*, *março*) ou indicam sons especiaes com **nh**, **lh** (*penha*, *malha*).

Frequentemente porém succede que uma das duas consoantes figura sem valor phonetico actual, e apenas por haver sido pronunciada em periodo mui remoto (p. ex. em latim).

Observa-se isto nas geminações (de que adiante falaremos), em que uma das letras é superflua para a nossa pronuncia, e em vocabulos como: *acto*, *facto*, *acção*, *escripta*, *columna*, *augmentar*, *signal*, *sciencia*, *theatro*, *monarcha*, *rheumatismo*, etc.

A letra que, em qualquer destes exemplos, podia ser supprimida sem affectar a pronuncia, apresenta-se como uma consoante nulla ou extinta.

A annullação da consoante é sempre **regressiva** quando se dê nas combinações **ct**, **cç**, **pt**, **mn**, **gn**, **sc**. Annullação **progressiva** observa-se na letra **h** dos grupos **th**, **ch** (seguido de **a**, **o**, **u**, ou de consoante), **rh** de proveniencia grega.

Generalizado o uso das letras nullas por um preconceito dos eruditos destes ultimos seculos, a tendencia hodierna manifesta-se racionalmente em favor de sua eliminação, já praticada ou praticavel nos seguintes casos:

Em vez de **ct** escrevemos **t** em *pratica*, *tratar*, *tratamento*, *tratado*, *contrato* (do verbo *contratar* e diferente de *contracto* de *contrahir*, de onde o nome *contracção*), *autor*,

autoridade, autorisar, luto, luta, fruto, fruta, dito (e compostos *bemdito, maldito, contradito, interdito, etc.*).

Bem evidente é a supressão geralmente adoptada de **c** nullo em *tinta, tinto, quinto, recinto, unto, defunto* (por *tincta, tincto, etc.*). Devemos ampliar esta pratica escrevendo **nt** (e não **net**) nos vocabulos: *distinto, extinto, ins-tinto, recinto*.

Em vez de **cç** escrevemos simplesmente **ç** em *lição, satisfação*. Não sendo jamais pronunciado em nossa lingua um **k** (que seria o valor de **c**) entre **n** e **c**, convém simplificar na escripta **ncç** em **nç**: *função, distinção, sanção, funcionar, junção, etc.*

O grupo **pt** acha-se reduzido a **t** em *sete, roto, conto, conta, isento*.

Podemos igualmente graphar *pronto, assunto* (em vez de *prompto, assumpto*).

Por **mn, gn, sc** primitivos escrevemos simplesmente **n** e **c** em *dono, outono, sinete, sino, centelha*.

Eliminamos o **h** nullo de **rh** em *rythmo* e de **ch** em *escola, carta, caro, sepulcro, melancolia, epoca, caracter, hypocondria, mecanica*.

Eliminamol-o igualmente em **th**, escrevendo **pht** por **pth**: *ophthalmia, aphta, naphta, naphtalina, diphteria*, e se **ph** for tambem nullo, simplificamos **pth** em **t**: *tisica* (e não *phtisica* ou *phthisica*), *ditongo, tritongo, etc.*; **ph** audivel é phoneticamente identico a **f** e simplificamos o grupo por esta letra em vocabulos por tal forma vulgarizados, que já perderam o caracter erudito: *fantasia, fantasma* (e affins), *orfão, frenetico, frenesi, elefante, filtro, etc.*

Com maioria de razão devemos escrever **f**, e não **ph**, em nomes relativamente modernos, que nem sequer se originaram do grego: *sofá, Westfalia, canfora, tufão, etc.*

Consoantes dobradas

Letras existem no alphabeto que não se usam duplicadas em palavras portuguezas: **h, j, k, q, v, (e w), x, z**.

Tres consoantes, **b, d, g**, em raros exemplos se geminam na orthographia usual: *sabbado* (*sabbatina*), *rabbi* (*rabbino*), *addição*, *adduzir* e respectivos derivados, *agglomerar*, *agglutinar*, *aggravo*, *aggreidir*, *agregar*, *suggerir* e affins destes vocabulos.

Todas as demais letras se geminam com relativa frequência.

Com excepção de **rr** e **ss** (que entre vogaes têm valores diferentes de **r** e **s** simples), a consoante dobrada, introduzida na orthographia por imitação do latim e do grego, pronuncia-se em portuguez exactamente como a respectiva consoante simples.

D'ahi a tendencia para simplificação, sancionada pelo uso, em *aprender*, *apropriar*, *apreciar*, etc.

Nos casos em que o uso tem hesitado entre a geminação e a consoante simples ou onde convier á uniformisação graphica entre palavras affins, deve-se dar sempre preferencia á forma simples: *falar*, *boca* (*bocal*, *embocadura*, *desembocar*), *gota* (*esgotar*, *esgoto*, *gotejar*), *letra* (*letrado*, *letrado*), *literatura* (*litterato*), etc.

Vocabulos cuja origem não esteja bem averiguada, ou provenientes de outra fonte que não o latim classico ou o grego, requerem igualmente a consoante simples: *mala*, *sala*, *camelo*, *canela*, *janela*, *panela*, *balela*, *tagarela*, *gazela*, *chinelo*, *mato* (*matagal*, *mateiro*), *capelo*, *capela*, *martelo*, *quarela*, *sentinela*, etc.

Nomes terminados em **-ela**, nos quaes o vulgo, por influencia da palavra *ella*, tem dobrado abusivamente o **l**, devem-se escrever com uma só consoante. Aos exemplos comprehendidos na regra precedente accrescentem-se todos os derivados de nomes e participios: *parentela*, *clientela*, *furtadela*, *comidela*, *corruptela*, *ensinadela*, *molhadela*, *sacudidela*, etc.

Devemos tambem escrever com um só **l** os vocabulos: *fivela*, *vitela*, *costela*, *cadela*.

OBSERVAÇÃO. — Embora seja em geral preferivel a forma simples, não ha inconveniente, mas antes vantagem, em manter a distincção graphica entre *pello* (*cabello*), *pella* (*bola*) e *pelo*, *pela* (contractão de *per* com o artigo).

PARTIÇÃO DAS PALAVRAS NO FIM DAS LINHAS

Quando o espaço no fim de uma linha não permite escrever uma palavra inteira, indica-se por meio de hyphen que a parte restante passa á linha immediata.

Observem-se as regras seguintes :

1.^a Vocabulos monosyllabicos não se dividem. Assim, não cabendo em uma linha escrevem-se na outra: *mãos, grou, quem, pois, etc.*

2.^a Vocabulos de duas ou mais syllabas dividem-se geralmente por syllabas phoneticas: *ve-zes, Bra-sil, sistema, por-tal, tris-teza.*

Evite-se todavia fazer a divisão por syllabas que constem de uma só vogal. Em vez de *a-gua, a-hi, e-merito, i-gual*, é preferivel passar os vocabulos por inteiro á linha immediata.

3.^a Devem ficar inseparaveis duas ou mais vogaes consecutivas, quer formem, quer não formem ditongo ou tritongo :

| | | | |
|-----------|------------|------------|-------------|
| pau-sa | ar-duo | re-ceio | para-guayo |
| eu-ropeu | duo-decimo | rai-nha | Uru-guayana |
| ei-rado | roe-dor | vio-la | des-maio |
| co-roa | rui-do | padio-la | des-maiar |
| fami-lia | via-gens | rea-lidade | des-maiado |
| filia-ção | annui-dade | ga-viões | va-rio |
| ar-guir | poei-ra | cruel-dade | fidal-guia. |
| argui-mos | an-cia | Para-guay | |

4.^a São inseparaveis grupos de consoantes differentes que equivalem a um só phonema, a saber :

a) **lh** e **nh**, usados para representar dous phonemas especiaes: *li-nho, ma-lho, me-lhor, ba-nhado, fi-lho.*

b) **ch**, quer com o valor de **k** quer com o de chiante, e **ph**, **th**: *ma-cho, ma-china, philoso-phia, pan-theon.*

5.^a Não se divide o grupo **gn** nem as combinações de **p, t, c, b, d, g, f, v**, com **l** ou **r**, achando-se estas linguas em segundo lugar:

| | | | |
|-------------|-----------|-----------|-----------|
| insi-gne | po-bre | re-gra | re-fle |
| di-gno | te-cla | ti-gre | re-pleto |
| si-gnificar | ru-þlo | inte-grar | re-plica |
| salu-bre | de-clarar | la-grima | li-vre |
| re-primir | co-bra | re-frega | pala-vra. |
| ca-tre | compa-dre | co-fre | |

6.^a Se as combinações **pr, tr, cr**, etc. estiverem precedidas de outra consoante faz-se a separação entre esta consoante e os referidos grupos:

| | | |
|-----------|------------|------------|
| as-tro | es-premo | am-plo |
| desas-tre | es-preitar | tem-plo |
| mes-tre | fel-tro | en-trudo |
| es-cravo | col-dre | gual-drapa |
| regis-tro | bil-tre | al-drava. |
| cas-tro | lon-tra | |

Para a applicação desta regra é indifferente vir o grupo **tr** precedido de **s** ou **ns**: *mos-trar, demons-trar, mons-tro*.

7.^a Duas consoantes iguaes separam-se: *caval-lo, mor-ros, ber-rar, sug-gerir, sab-bado, pres-são, proces-sos, proces-sar*.

8.^a Duas consoantes desiguaes que designem phonemas differentes e não estejam comprehendidas nas combinações da regra 5.^a, separam-se quando seguidas de vogaes: *mor-te, den-so, lan-ça, mar-lota, bil-ro, mel-ro, triste, sys-tema, res-tar, gos-to, cus-tas, for-ça, res-peito, crespos, mon-te, lis-ta, ver-so, guar-das*.

9.^a Se a primeira das duas consoantes desiguaes é letra muda, é preferivel juntal-a á segunda na linha seguinte: *obje-cto, dire-ccão*.

10.^a Nas palavras formadas com prefixos, fazemos a separação entre o prefixo e o termo primitivo, quando temos consciencia nitida dessa formação: *des-agradavel*, *des-atar*, *in-util*, *des-humano*, *des-apparecer*, *des-uso*, *in-activo*, *in-alterado*, *in-alienavel*, *sub-linhar*, *sub-levar*, *sub-rogar*, *sub-locar*.

As palavras de formação antiga, em que perdemos a consciencia do prefixo, separam-se por syllabas segundo as regras 1.^a a 9.^a: *pres-tar*, *res-ponder*, *res-posta*.

O HYPHEN OU TRAÇO D'UNIÃO

O traço de união não serve unicamente para mostrar, no fim da linha, que um vocabulo se acha dividido em duas partes; tem, alem disso, ampla applicação para juntar dous ou mais vocabulos differentes, a saber:

1.^o nas palavras compostas, sem que comtudo haja regras precisas para seu emprego. Muitos compostos ligam-se directamente, formando uma palavra unica; outros se escrevem com os termos componentes separados uns dos outros sem signal de junção. Dos que se usam com traço de união, sirvam de exemplo: *baixa-mar*, *beija-flor*, *cabra-cega*, *saca-rolhas*, *anglo-saxonio*, *pé-de-cabra*, etc.

2.^o na combinação dos verbos com os pronomes encliticos: *vejo-o*, *deixa-nos*, *affligir-se*, etc. Para ligar o infinitivo ao pronome da 3.^a pessoa na forma accusativa adoptam-se, em lugar da tradicional e pratica junção directa, *amallo* ou *amalo*, *vencello* ou *vencelo*, *punillo* ou *punilo*, dous processos de collocar o traço de união, dissatisfatorios um como outro. Ou se une a letra l ao pronome; o que obriga a fazer uso de accentos como *amá-lo*, *vencê-lo*, ou se junta l ao verbo, como *amal-o*, *vencel-o*.

OBSERVAÇÃO. — Os que preferem escrever *amá-lo* argumentam que o infinitivo não termina em l, ao passo que *lo* é a forma antiga de o; os que escrevem *amal-o* fazem-no não só por ser graphia mais simples, mas tambem por entenderem que, tendo havido assimilação, *amal-lo* por *amar-lo*, assiste-lhes o direito de eliminarem o segundo l. O verdadeiro seria ligar os dous vocabulos directamente, sem traço algum, como sempre se fez até fins do seculo XVIII.

O APOSTROPHO

É o signal que indica a supressão de vogal ou consoante: *n'agua, p'ra, co'este, d'amigo, esp'rança.*

Ha comtudo casos em que o uso prescinde do apostropho, juntando dous vocabulos em um só: *do, disso, disto, daquelle, delle, della.*

EMPREGO DAS MAIUSCULAS

Ha duas series de letras do alphabeto: minusculas e maiusculas.

Utilisamo-nos geralmente das minusculas, reservando as maiusculas como letra inicial para os casos seguintes:

1.º no começo do discurso e depois de ponto final: Sabendo do paradeiro do inimigo, partimos.

Chegámos ao rio. A ponte havia sido destruida. Atravessámo-lo a nado.

2.º no começo de cada verso:

Minha terra tem palmeiras

Onde canta o sabiá.

As aves que aqui gorgeariam

Não gorgeariam como lá.

OBSERVAÇÃO. — Alguns poetas preferem pôr no começo dos versos letras minusculas do mesmo modo que na linguagem em prosa; mas esta pratica não se tem generalizado.

3.º nos nomes proprios:

| | |
|------------------|-----------------|
| Brasil | Parahyba do Sul |
| Gonçalves Dias | Tres Barras |
| Rio de Janeiro | Barra-Funda |
| Barra Mansa | Danubio |
| America do Norte | Amazonas. |
| America do Sul | |

OBSERVAÇÃO. — Escreve-se sempre com letra minuscula a particula de (ou outras) e com minuscula tambem se representa o primeiro nome da locução quando este nos dá a impressão de nome commum, susceptivel de varias especificações: *a rua do Ouvidor, a rua Guanabara, o mar Vermelho, o mar de Marmara, etc.*

4.º nos titulos de livros, revistas e jornaes e nas designações de sociedades, instituições, etc.

| | |
|--------------------------------|------------------------|
| o Paraiso Perdido | Academia de Letras |
| Gazeta de Noticias | Academia de Medicina |
| Revista dos Dous Mundos | Secretaria do Exterior |
| Sociedade Amante da Instrucção | Arsenal de Guerra. |
| Collegio Pedro Segundo | |

5.º nos nomes communs tomados em sentido individual, isto é, considerados como nomes proprios:

- o Crescente (a Turquia)
- a Capital (o Rio de Janeiro, S. Paulo, etc.)
- a Igreja (a religião christã)
- o Oriente (os paizes do Oriente).

6.º nos nomes do calendario que denotam epochas e dias festivos:

| | |
|------------|-------------|
| o Anno Bom | o Natal |
| o Carnaval | a Quaresma. |
| a Paschoa | |

7.º no nome *Deus* (da religião christã) e nos epithetos equivalentes a *Deus*:

- o Todo-Poderoso, o Omnipotente, o Creador.

8.º nos epithetos que se ajuntam a nomes de monarchas, principes, etc.:

| | |
|-----------------------|----------------------|
| Frederico o Grande | Frederico Barbarroxa |
| Guilherme o Taciturno | Carlos Magno. |
| Carlos o Temerario | |

9.º nos epithetos e alcunhas usados em lugar de nomes proprios:

- o Tiradentes, o Campeador, o Lidador.

10.º nos tratamentos de reverencia:

Vossa Magestade, Vossa Alteza, Vossa Senhoria, etc.

Devem-se escrever com minusculas os nomes dos mezes, do mesmo modo que os nomes dos dias da semana. Muitas pessoas preferem, entretanto, escrever com maiusculas *Janeiro*, *Fevereiro*, *Março*, etc.

ABREVIATURAS

Certas palavras e locuções, em vez de serem escriptas por extenso, são muitas vezes indicadas sómente com as iniciaes seguidas de ponto ou com as iniciaes e mais um numero reduzidissimo de letras seguidas de ponto.

Dá-se ás palavras e expressões assim representadas o nome de *abreviaturas*.

São as seguintes as abreviaturas mais usadas, entre as quaes algumas tiradas da lingua latina:

| | |
|------------------------------------|---|
| <i>A. C.</i> | <i>anno Christi</i> (no anno de Christo, isto é, depois do nascimento de Christo). |
| <i>A. D.</i> | <i>anno Domini</i> (no anno do Senhor, significa o mesmo que <i>anno Christi</i>). |
| <i>att.</i> ° | attento. |
| <i>B. el</i> | Bacharel. |
| <i>cm.</i> | centimetro. |
| <i>cr.</i> ° | criado. |
| <i>D.</i> | { Dom (antes de nome de homem). Dona (antes de nome de mulher). |
| <i>Dr.</i> | Doutor. |
| <i>E.</i> | éste, leste (ponto cardeal). |
| <i>E. C.</i> | Era Christã. |
| <i>E. R. M.</i> | espera receber mercê. |
| <i>etc.</i> | et cœtera. |
| <i>Ex.</i> ^{mo} | Excellentissimo. |
| <i>fol.</i> | folhas (de livros). |
| <i>Fr.</i> | Frei. |
| <i>fr.</i> | franco (s). |
| <i>gr.</i> | gramma (s). |
| <i>hl.</i> | hectolitro (s). |
| <i>ib.</i> | ibidem (no mesmo lugar). |
| <i>id.</i> | idem (o mesmo). |
| <i>i. e.</i> | id est (isto é). |
| <i>Illm. Sñr.</i> | { Illustrissimo Senhor. |
| <i>Illmo. Sr.</i> | |
| <i>kg.</i> | kilogramma (s). |

| | |
|-----------------|--|
| <i>km.</i> | kilometro (s). |
| <i>l.</i> | litro (s). |
| <i>m.</i> | metro (s). |
| <i>M. D.</i> | muito digno. |
| <i>N.</i> | norte. |
| <i>n.º</i> | } numero. |
| <i>N.º</i> | |
| <i>num.</i> | |
| <i>N. B.</i> | Nota bene. |
| <i>o A.</i> | o autor. |
| <i>obr.º</i> | } obrigado. |
| <i>obrg.º</i> | |
| <i>o Sr.</i> | o Senhor. |
| <i>pag.</i> | pagina. |
| <i>P.º</i> | Padre. |
| <i>P. Def.</i> | pede deferimento. |
| <i>P. E. F.</i> | por especial favor. |
| <i>p. f.</i> | proximo futuro (mez, anno, etc). |
| <i>p. p.</i> | proximo passado (mez, anno, etc.). |
| <i>P. S.</i> | post-scriptum. |
| <i>q. e. d.</i> | quod erat demonstrandum. |
| <i>Rev.</i> | Reverendo. |
| <i>S.</i> | sul. |
| <i>S.</i> | São, Santo (antes de nome proprio). |
| <i>S/c.</i> | Sua casa ou sua conta. |
| <i>S. E. O.</i> | salvo erro ou omissão. |
| <i>S. S.</i> | Sua Santidade ou Sua senhoria. |
| <i>v.</i> | você. |
| <i>V.</i> | vide (Veja). |
| <i>V. A.</i> | Vossa Alteza. |
| <i>V. Ex.</i> | Vossa Excellencia. |
| <i>V. M.</i> | Vossa Magestade ou Vossa Mercê. |
| <i>V. P.</i> | Vossa Paternidade. |
| <i>V. Rev.ª</i> | } Vossa Reverencia. |
| <i>V. Rev.</i> | |
| <i>V. S.</i> | Vossa Senhoria. |
| <i>ven.º</i> | Venerador. |
| <i>vol.</i> | volume. |
| <i>W.</i> | oeste (do inglez <i>west</i> , abreviatura convencional nos tratados de geographia). |

LEXEOLOGIA

SUBSTANTIVO

Substantivo é todo o nome com que designamos os seres.

Os substantivos podem ser concretos ou abstractos.

Os substantivos **concretos** designam os seres propriamente ditos, isto é, pessoa, animal, planta, lugar, ou qualquer objecto. Exemplos:

Antonio, Laura, homem, mulher, criança, cão, aguia, rosa, jasmim, cidade, rua, faca, monte, prato, lapis, casa, papel, vestido, jardim, mesa, tinteiro.

Os substantivos **abstractos** designam attributos, qualidades e actos proprios dos seres, porém como se fossem outras entidades, como se estivessem separados dos seres.

Exemplos:

formosura, tristeza, alegria, quentura, largura, comprimento, contentamento, amargura, amarellidão, firmeza, fraqueza, força, pallidez, mocidade, velhice, declaração, permissão, ociosidade, brancura, orgulho.

Os substantivos dividem-se, alem disso, em proprios e communs.

Substantivo **proprio** é o nome com que se distingue um ser de entre outros da mesma especie. Exemplos:

Antonio, Brasil, Amazonas, Camões, Athenas.

Substantivo **commum** é o nome applicavel a todos os seres da mesma especie ou que apresentam os mesmos caracteres. Exemplos:

homem, paiz, rio, poeta, cidade.

Os nomes *communis* denotam na maior parte um ou mais seres considerados individualmente pelo que têm de *communis*. Ha, a par destes nomes individualativos, os nomes de materia ou massa e os *collectivos*.

Nomes de materia ou massa são aquelles que denotam substancias sem limites definidos, as quaes não constituem unidades :

agua, ferro, ouro, ar, vinho.

Chamam-se **collectivos** os nomes que só se applicam a varias unidades em conjunto. Exemplos :

multidão, porção, exercito, boiada, raizame, laranjal, rebanho, manada.

Aos nomes *parte, metade, maioria, minoria*, que designam fracção de um todo, costumamos chamar **collectivos partitivos**. Distinguem-se dos outros, que se denominam **collectivos geraes**.

Quando de um substantivo se formam, por meio de terminação, novos substantivos, denomina-se aquelle nome **primitivo** ou **derivante**, e estes se chamam nomes **derivados**. *Meninada, meninice* são derivados de *menino*; *boiada* deriva-se de *bói*; *pedreiro, pedrada, pedrinha* são derivados de *pedra*.

Substantivos augmentativos e diminutivos

Chamam-se **augmentativos** os nomes derivados que exageram a significação dos respectivos nomes primitivos. São, pelo contrario, **diminutivos** os nomes derivados que attenuam a significação dos substantivos derivantes.

Forma-se o augmentativo usualmente com o suffixo **-ão**, o qual tambem pode occorrer, conforme o vocabulo, desenvolvido em **-arão, -arrão, -zarrão, -eirão, -alhão, -gão**. Ex.:

gaveta: gavetão
casa: casarão
homem: homenzarrão

vaga: vagalhão
nariz: narigão
chapéu: chapeirão.

Certos vocabulos formam o augmentativo com terminações especiaes, taes como **-aço, -aça, -az** (precedido de outros phonemas), **-il**, etc. Exemplos:

barco : barcaça
ladrão : ladravaz

fatia : fatacaz
corpo : corpanzil.

Forma-se o diminutivo principalmente com o accrescimento de **-inho, -inha, -zinho, -zinha**. Os nomes que acabam nas vogaes simples atonas **-o, -a**, tomam ora a terminação **-inho, -inha**, ora **-zinho, -zinha**. Aos terminados em **l** ou **r** accrescenta-se **-zinho, -zinha** de preferencia a **-inho, -inha**. Os que acabam em outro phonema accrescentam **-zinho, -zinha**. Exemplos:

livro : livrinho ou livrozinho
cadeira : cadeirinha
papel : papelzinho ou papelinho
flor : florzinha

jardim : jardimzinho
café : cafézinho
irmão : irmãozinho
chapéu : chapeuzinho.

Em lugar de **-inho, -zinho**, pode-se empregar, ás vezes, **-ito, -zito**, como: *reizito, cafézito*.

Além destas terminações, ha ainda, para formar o diminutivo, **-ote, -ola, -ucho, -eta**, etc., applicaveis sómente a certos e determinados vocabulos: *fidalgote, rapazola, bandeirola, papelucho, naveta*, etc.

Pode-se geralmente dar a qualquer substantivo a forma diminutiva accrescentando **-inho, -zinho**, mas são relativamente poucos os nomes a que é possível ajuntar **-ão** ou alguma das suas variantes. Podemos dizer *vestidinho, cabecinha, penninha, cadeirinha*, porém *vestido comprido, cabeça grande, penna grande*, etc.

Alguns derivados em **-ão** adquiriram sentido especial. *Florão* não é qualquer flor grande, mas certo ornato de architectura em forma de flor. *Portão* não é necessariamente porta grande; applica-se o nome á entrada de um gradil, ainda que tenha dimensões pequenas. *Boqueirão*, augmentativo de *boca*, usa-se como termo geographico. E assim varios outros.

Genero

Genero dos substantivos é a distinção que em portuguez fazemos entre masculino e feminino.

Masculino é todo o nome a que se pode antepôr o artigo *o*, ou ajuntar qualificativos terminados em *-o*, e é substituível pela palavra *elle*:

O *dia* claro.

O intenso *calor*.

O *panno* é liso. Elle me agrada.

José é estudioso. Elle não gosta de brincar.

Feminino é o nome a que se antepõe o artigo *a*, ou a que se ajuntam qualificativos terminados em *-a*, e pode ser substituído pelo vocabulo *ella*:

A *noite* escura.

A medonha *tempestade*.

A *parede* é grossa. Ella não cahirá.

A *ponte* era fraca. Ella não supportava tanto peso.

Formação do feminino

Os nomes de **peçoas** e de **animaes** em que se costuma **distinguir** sexo tomam naturalmente o genero de accordo com o sexo a que se referem. Para certos casos o termo denotador do ente macho differe muito daquelle que designa o ente femea:

| | | | |
|------------|----------|-----------|-------------|
| homem | mulher | cavallo | egua |
| pai | mãe | cão | cadela |
| padrinho | madrinha | boi | vacca |
| compadre | comadre | bode | cabra |
| genro | nora | carneiro | ovelha |
| cavalheiro | dama | burro, mu | besta, mula |
| marido | mulher | veado | corça. |

Pai e *mãe* são formas simplificadas de *padre* e *madre*, palavras usadas com o mesmo sentido em portuguez antigo. Deste uso ainda restam as expressões *Padre Nosso* por *Pai Nosso* na oração dominical, *Santa Madre Igreja* e *Madre abbadessa*. *Padre*, hoje empregado como synonymo de «sacerdote», teve na sua origem o sentido de *pai espiritual*.

Nos seguintes vocabulos o feminino, posto que na apparencia muito differente do masculino, procede todavia do mesmo radical:

| | | | |
|-------|----------|-------|-----------|
| rei | rainha | heroe | heroína |
| gallo | gallinha | rapaz | rapariga. |

Sendo muito poucos os casos em que, para differenciar os seres machos e femeas, se recorre a vocabulos totalmente diversos, faz-se em geral a distincção alterando a terminação do vocabulo de accordo com as seguintes regras:

1.^a Substantivos terminados em **-o** são masculinos. Forma-se o feminino, mudando a dita terminação em **-a**:

| | | | |
|---------|---------|--------|--------|
| filho | filha | menino | menina |
| alumno | alumna | gato | gata |
| marreco | marreca | lobo | loba. |

2.^a Nome terminado em **ô** muda no feminino esta vogal em **ó**:

| | |
|--------|---------|
| avô | avó |
| bisavô | bisavó. |

OBSERVAÇÃO. — Com a terminação **-ô** existe em portuguez somente o vocabulo *avô* e os que se obtêm por meio de elementos preformativos: *bisavô*, *tataravô*.

3.^a Nomes terminados em **-ão** formam o feminino de tres maneiras:

a) mudando a terminação em **-ã**:

| | | | |
|-----------|----------|-----------|----------|
| irmão | irmã | cirurgião | cirurgiã |
| aldeão | aldeã | allemão | allemã |
| anão | anã | bretão | bretã |
| ancião | anciã | sacristão | sacristã |
| castellão | castellã | christão | christã |

| | | | |
|-----------|----------|----------|---------|
| charlatão | charlatã | cintrão | cintrã |
| • cidadão | cidadã | coimbrão | coimbrã |
| cortezão | cortezã | comarcão | comarcã |
| peão | peã | catalão | catalã |
| pagão | pagã | faisão | faisã. |

b) trocando -ão em -oa:

| | | | |
|---------|-------------------|----------|--------------------|
| abegão | abegoa | leitão | leitoa |
| ermitão | ermitoa | beirão | beiroa |
| patrão | patroa | hortelão | horteloa |
| villão | villoa (ou villã) | rascão | rascoa |
| leão | leoa | bretão | bretoa (ou bretã). |
| pavão | pavoa | | |

c) mudando -ão em -ona. Este processo é empregado sobretudo nos augmentativos. Daremos alguns exemplos.

| | | | |
|-------------|--------------|-----------|------------|
| bonacheirão | bonacheirona | figurão | figurona |
| mandrião | mandriona | valentão | valentona |
| resmungão | resmungona | santarrão | santarrona |
| pedinchão | pedinchona | chorão | chorona. |

EXCEPÇÕES — Dos nomes em -ão não obedecem a nenhum dos tres processos os seguintes: *sultão*, fem. *sultana*; *ladrão*, fem. *ladra*; *maganão*, fem. *magana*.

OBSERVAÇÃO. — Alguns dos nomes em -ão acima referidos usam-se ora como substantivos, ora como adjetivos.

4.^a Nomes em eu mudam geralmente a terminação em -éa. Alguns, entretanto, formam o feminino irregularmente:

| | |
|----------------|-------------------|
| europ <u>e</u> | europ <u>é</u> a |
| plebeu | plebéa |
| r <u>e</u> | r <u>é</u> |
| jud <u>e</u> | jud <u>ia</u> |
| ilh <u>e</u> | ilh <u>oa</u> |
| tabar <u>e</u> | tabar <u>oa</u> . |

OBSERVAÇÃO. — Os nomes em -eu, referentes a pessoas, são, exceptuando *re*, propriamente qualificativos ou adjetivos usados substantivamente.

5.^a Certos nomes de títulos de nobreza e dignidades formam o feminino com as terminações **-issa**, **-isa**, **-essa**, **-eza** :

| | | | |
|-----------|-------------|----------|---------------------------------------|
| sacerdote | sacerdotisa | abbade | abbadessa |
| diacono | diaconisa | conde | condessa |
| barão | baroneza | prior | prioreza (ou priora) |
| duque | duqueza | principe | princeza (em lugar de princepeza). |

6.^a Os nomes em **-e**, não comprehendidos entre os que acabamos de mencionar, têm em geral a mesma forma para um e outro genero. Exemplos :

| | |
|---------|-------------|
| cliente | protestante |
| hereje | amante. |

Com a terminação **-a** usam-se apenas: *freira*, feminino do antigo termo *freire* (ou *frade*), e os femininos:

| | |
|---------|----------|
| parenta | monja |
| mestra | hospeda. |
| infanta | |

7.^a Tomam a terminação **-ina** os nomes seguintes:

| | |
|-----------|-------------|
| heroe | heroína |
| czar | czarina |
| landgrave | landgravina |
| margrave | margravina. |

8.^a Substantivos em **-or** formam na maior parte o feminino com accrescimento de **-a**:

| | | | |
|-----------|------------|-----------|------------|
| cantor | cantora | leitor | leitona |
| professor | professora | inspector | inspectora |
| doutor | doutora | director | directora. |

Ha tambem femininos terminados em **-eira** em vez de **-ora**. Exemplos :

| | |
|------------|-------------|
| serzideira | arrumadeira |
| carpideira | tecedeira. |

Mudam a terminação **-or** em **-triz** os seguintes :

| | | | |
|-----------|------------|------------|--------------|
| actor | actriz | embaixador | embaixatriz. |
| imperador | imperatriz | | |

9.^a Existem nomes em **-a** que se usam para denotar **varões**, sendo portanto do genero masculino. Exemplos:

| | | |
|-----------|-------------|----------|
| monarcha | heresiarcha | homicida |
| diplomata | patriarcha | camarada |
| agiota | jesuita | poeta |
| pirata | nauta | profeta. |

Varios destes nomes podem-se applicar a mulheres, e neste caso tornam-se femininos sem alterarem a terminação, excepto *poeta* e *profeta*, que fazem *poetisa*, *profetisa*.

Communs de dous se denominam os nomes que, sem soffrerem mudança de terminação, se dizem com o artigo *o* ou *a*, conforme se applicam a homem ou a mulher. Exemplos: *o camarada*, *a camarada*; *o estudante*, *a estudante*.

Epícenos ou **promiscuos** são os que têm uma só terminação e um só genero grammatical, com que se denota um e outro sexo: *a testemunha*, *a criança*.

OBSERVAÇÃO — Tanto se pode dizer *o personagem* como *a personagem*, com referencia quer a varão, quer a mulher.

Genero pela significação

São do genero masculino:

1.^o os nomes que designam pessoas ou animaes do sexo masculino (exceptuando os *epícenos*). Exemplos:

| | | |
|--------|-----------|--------|
| homem | sacerdote | boi |
| rei | conde | bode |
| mestre | abbade | gallo. |

2.º os nomes dos pontos cardeaes:

| | | |
|-------|--|---------|
| norte | | oriente |
| sul | | oeste. |

3.º as denominações das letras do alphabeto, das notas musicaes e dos algarismos. Exemplos:

| | | | | | | |
|--------|--|-----------|--|------|--|---------|
| o bê | | o alpha | | o dó | | o tres |
| o cê | | o beta | | o ré | | o cinco |
| o erre | | o ypsilon | | o fá | | o zero |
| o jota | | o kappa | | o si | | o nove. |

4.º os nomes dos mezes:

| | | |
|----------------------|--|------------------------|
| <i>março</i> passado | | <i>abril</i> vindouro. |
|----------------------|--|------------------------|

5.º os nomes de rios, montes, mares e ventos:

| | | | | |
|--------------|--|-------------|--|-------------|
| o Amazonas | | o Aconcagua | | o Atlantico |
| o Mississipi | | o Itatiaya | | o Adriatico |
| o Volga | | o Etna | | o simum |
| o Elba | | o Himalaya | | o mistral. |

OBSERVAÇÃO. — Os nomes proprios de rios, montes, etc. são apparentemente masculinos; na realidade o artigo *o* se refere ás palavras *rio*, *monte*, *mar*, *vento*, que temos no espirito.

São do genero feminino:

1.º os nomes que designam pessoas ou animaes do sexo feminino (exceptuando os epicenos). Exemplos:

| | | |
|---------|--|-------|
| mulher | | cabra |
| mãe | | vacca |
| comadre | | egua. |

2.º os nomes geographicos a que se subentendam as palavras « ilha », « cidade », etc. Exemplos:

| | | |
|---------------|--|------------------|
| Nova-Friburgo | | a grande Ceylão. |
|---------------|--|------------------|

OBSERVAÇÃO. — Muitos nomes de cidades são entretanto considerados como sendo do genero masculino.

Genero pela terminação

a) Nomes de cousas

São masculinos os nomes de cousas terminados em -o atono, e geralmente femininos os que terminam em -a atono:

| | | | |
|----------|------------|---------|----------|
| o livro | o quadro | a casa | a lingua |
| o copo | o tinteiro | a rosa | a mesa |
| o pecego | o navio | a pera | a caneta |
| o cabelo | o ovo | a uva | a rua |
| o dedo | o morro | a manga | a janela |
| o peito | o rio | a boca | a porta. |

Excepções. Embora terminem em -a, são masculinos:

1.º:

| | | |
|--------|---------|-----------|
| dia | planeta | paradigma |
| dogma | mappa | prisma |
| drama | tapa | sophisma |
| clima | enigma | aneurysma |
| cometa | estigma | fantasma. |

2.º os seguintes terminados em -ema e -emma:

| | | |
|----------|------------|----------|
| thema | dilemma | anathema |
| trema | systema | diadema |
| problema | poema. | theorem. |
| emblema | schema | |
| lemma | estratagem | |

3.º os termos medicos em -oma, como *fibroma*, *carcinoma*, *coma* (estado comatoso), e alem destes, os seguintes:

| | |
|--------|----------|
| aroma | idioma |
| axioma | diploma. |

NOTA. — Nomes em -ema e -oma não comprehendidos nos casos 2.º e 3.º são naturalmente femininos: *gema*, *algema*, *apostema*, *poma*, *somma*, *coma* (cabelleira), etc.

4.º os compostos de **-gramma**, os terminados em **-agma**, a palavra **plasma** e compostos (menos *cataplasma*). Exemplos:

| | |
|------------|-------------|
| telegramma | diaphragma |
| monogramma | protoplasma |
| epigramma | neoplasma, |

5.º -as denominações de letras do alfabeto: *alpha*, *jota*, *beta*, etc.

Os nomes oxytonos em **-á**, **-é**, **-i**, **-ó**, **-u** e os terminados em ditongo puro são geralmente masculinos. Exemplos:

| | |
|---------|---------|
| chá | caju |
| fubá | pau |
| pé | grau |
| frenesi | céu |
| abacaxi | chapéu. |

Excepções:

| | | | |
|------|--------|-------|-------|
| pá | gabilé | ralé | mó |
| fé | libré | enxó | nau |
| sé | maré | filhó | lei |
| galé | polé | ilhó | grei. |

NOTA. — A palavra *tribu*, unico substantivo terminado em u atono, é do genero feminino. Os escriptores quinhentistas e seiscentistas diziam indifferentemente: *o tribu* ou *a tribu*.

Os oxytonos com as terminações **-em**, **-im**, **-om**, são masculinos:

| | | | |
|---------|------|--------|---------|
| armazem | trem | dom | alecrim |
| vintem | som | jardim | anexim. |

Excepção: *cecem*

Os que têm as terminações atonas **-dem** e **-gem** são femininos:

| | | | |
|--------|---------|----------|----------|
| ordem | vargem | viagem | ferrugem |
| margem | bagagem | vertigem | origem. |

Os substantivos acabados em **-men** atono e os termos scientificos com a terminação atona **-en** são masculinos:

| | |
|----------|---------|
| certamen | germen |
| regimen | pollen |
| abdomen | lichen. |

Os nomes em **-um** são masculinos :

debrum
album
fartum.

Dos nomes em **-an** ou **-ã**, são masculinos os seguintes :

| | |
|-----------|-----------|
| afan | iman |
| caftan | talisman. |
| tapinhoan | |

E femininos :

| | | | |
|-----|------|--------|---------|
| cã | romã | avellã | hortelã |
| chã | grã | manhã | barbacã |
| lã | maçã | sertã | milhã. |

Os que terminam em **-ão** têm o genero masculino se forem nomes concretos, e o feminino se forem nomes abstractos.

Concretos :

chão, grão, algodão, feijão, coração, verão, etc.

Abstractos :

condição, produção, razão, multidão, ampliação, etc.

Exceptua-se desta regra **mão** que, sendo nome concreto, é entretanto do genero feminino.

Os nomes de cousas que terminam em **-r** ou **-l** são em geral masculinos. Exemplos :

| | | |
|-----------|-------|-------|
| mar | calor | batel |
| ar | vapor | buril |
| assucar | temor | ardil |
| altar | sal | anzol |
| character | papel | farol |

Exceptuam-se :

1.º os nomes: *cal*, *moral*, *flor*, *dor*, *cor*, *colher*.

2.º certos nomes em **-al**, de origem adjectiva, a que se subentendem substantivos de genero feminino: *inicial* (letra), *capital* (cidade), *vertical* (linha), *credencial* (carta), *cathedral* (igreja), a *vogal* (letra) e varias outras.

Os oxytonos em **-az**, **-iz**, **-oz** e **-uz** pertencem ao genero masculino :

| | | |
|-----------|----------|---------|
| ananaz | nariz | arroz |
| gilvaz | paiz | arcabuz |
| chafariz | giz | capuz. |
| almofariz | albornoz | |

Exceptuam-se :

| | | |
|----------|----------|--------|
| paz | cicatriz | voz |
| tenaz | matriz | tardoz |
| agua-raz | raiz | cruz |
| boiz | foz | luz. |
| cerviz | noz | |

Dos oxytonos em **-ez** pertencem ao genero feminino os nomes concretos *fez* (geralmente usado no plural *fezes*), *rez*, *tez*, *torquez*, e todos os nomes abstractos derivados de adjectivos, como: *altivez*, *pallidez*, *timidez*, etc.

Masculinos são os seguintes :

| | | |
|---------|-------|-------|
| arnez | pavez | jaez |
| calcez | grés | envez |
| convez | pez | viez. |
| gurupez | revez | |

Nomes paroxytonos que acabam em **s** ou **x** são masculinos :

| | |
|-------|-------|
| pires | lapis |
| calix | onyx. |

Os nomes terminados **-e** são parte masculinos, parte femininos, predominando o numero destes ultimos. Não se podem formular regras para todos os casos. Têm valor pratico as seguintes :

MASCULINOS :

1.º os terminados em **-ate**, **-ete**, **-ote** (exceptuando *glotte* e *epiglote*), e **-ite** (com excepção dos termos scientificos) :

| | | |
|---------|----------|----------|
| mate | canivete | dote |
| combate | sorvete | lote |
| abacate | appetite | camarote |
| tapete | convite | chicote. |

2.º os nomes concretos em **-ude** :

| | |
|--------|--------|
| alaude | grude |
| ataude | açude. |

3.º os nomes que terminam em **-arte** (menos as palavras *arte* e *parte*) e **-orte** (menos *sorte*, *morte*, *cohorte* e *côrte*). Exemplos:

| | |
|------------|------------|
| bacamarte | passaporte |
| estandarte | transporte |
| baluarte | porte. |

4.º a maior parte dos nomes em **-ante**, **-ente**, **-onte** :

| | | |
|-----------|------------|------------|
| barbante | penete | presente |
| instante | dente | poente |
| mirante | continente | monte |
| semblante | ente | horizonte. |
| guante | accidente | |

Exceptuam-se desta regra: *frente*, *semente*, *serpente*, *mente*, *aguardente*, *lente* (vidro de augmento), *gente*, *fonte*, *fronte*, *ponte* e certos nomes em **-ante** e **-ente**, outrora qualificativos, referidos a substantivos de genero feminino: (agua) *enchente*, *vasante*, *torrente*, *corrente*; (linha) *tangente*, *secante*; (letra) *consoante*, etc.

FEMININOS, alem das excepções acima referidas:

1.º Os nomes *grade*, *cidade* e todos os nomes abstractos em **-ade**, **-ude**, **-ice**:

| | |
|-------------|-----------|
| enfermidade | saude |
| saudade | plenitude |
| paternidade | meninice |
| virtude | velhice. |

2.º os nomes em **-ie** :

serie
especie
superficie.

3.º os que terminam em **-ede**, **-ide**, **-ave**, **-ebe**, **-eve** :

| | |
|--------|--------|
| parede | chave |
| rede | sebe |
| vide | neve |
| ave | trave. |

Exceptuam-se *cabide* e *conclave*.

4.º os que terminam em *-ase*, *-asse*, *-ace*, *-ese*, *-ece*, *-esse*, *-ose*:

| | |
|--------|------------|
| base | messe |
| classe | diocese |
| face | dose |
| these | apotheose. |

Exceptuam-se: *enlace*, *desenlace*, *passé*, *interesse*.

b) Nomes de animaes

Os nomes dos animaes em que a distincção do sexo, ou por difficil ou por desnecessaria, não costuma ser feita na vida real, têm genero grammatical do mesmo modo que os nomes de cousas, attendendo á terminação. Assim, em virtude das regras precedentes, são masculinos: *badejo*, *tubarão*, *rouxinol*, *albatroz*, *gavião*, *tamanduá*, *tatu*, *jaguar*, *condor*, *rhinoceronte*, *sapo*, etc.; e femininos: *baleia*, *aguia*, *formiga*, *rã*, *onça*, *cobra*, *borboleta*, *tartaruga*, etc.

OBSERVAÇÃO. — *Mugem* (nome de um peixe) é masculino: *lebre*, *perdiz* e *codorniz* são femininos.

Querendo-se fazer referencia especial ao sexo, ajunta-se ao substantivo a palavra *macho* ou *femea*: a *onça macho* ou o *macho da onça*; o *gavião macho*, o *gavião femea*, etc.

Nomes de duplo genero

Certos nomes do genero feminino referentes a cousas, quando empregadas por metaphora para designar homens, passam a ser masculinos. Ex.:

| | |
|-----------|----------------------------------|
| a lingua | o lingua (o interprete) |
| a corneta | o corneta (o que toca corneta) |
| a cabeça | o cabeça (o individuo dirigente) |
| a guarda | o guarda. |

Alguns nomes designam cousas muito differentes conforme o genero que se lhes dá. Ex.:

| | |
|-----------|-----------------------|
| o capital | (valor monetario) |
| a capital | (a cidade principal). |

Outros, variando em genero, podem designar o mesmo objecto, mais frequentemente, porém, acarretam mudança de sentido. Ex. :

| | | | |
|---------|---------|---------|---------|
| ameaço | ameaça | jarro | jarra |
| barco | barca | lenho | lenha |
| caneco | caneca | madeiro | madeira |
| cerco | cerca | pago | paga |
| cesto | cesta | poço | poça |
| chuço | chuça | ramo | rama |
| cinto | cinta | ribeiro | ribeira |
| espinho | espinha | sacco | sacca |
| fosso | fossa | saio | saia |
| fruto | fruta | troco | troca |
| gorro | gorra | vallo | valla |
| grito | grita | veio | veia |
| horto | horta | | |

Havendo differença de sentido, não se confundem estes nomes na applicação pratica. Distinguimos por exemplo : *cerco*, acto de cercar, de *cerca*, obra de madeira, etc., com que se rodeia um terreno ; *fruto*, diz-se falando do producto de qualquer planta, e *fruta*, chama-se ao fruto que pode servir para a sobremesa ; *lenha* para queimar, e *lenho* (no sentido figurado) ; *madeira* para construcção, e *madeiro*, tronco tirado da arvore ; *ramo* e *rama* (ramos e folhagem no sentido colectivo).

Nomes proprios

O genero dos nomes proprios de pessoas, dos sobrenomes, appellidos ou alcunhas decide-se pelo sexo das pessoas portadoras de taes nomes.

Alguns nomes de baptismo têm forma masculina e feminina: *Francisco*, *Francisca*; *Luiz*, *Luiza*, etc.

Os nomes dados a animaes, edificios, navios e outros objectos, tomam o artigo *o* ou *a* de accordo com o substantivo que se tem em mente :

- o (cavallo) Bucephalo
- o (cruzador) Republica
- o (palacio) Itamaraty.

As denominações de rios e montes dizem-se sempre com o artigo masculino referido aos termos *rio*, *monte* e *montes*:

- o Amazonás
- o Madeira
- o Itatiaya
- os Andes.

Nas denominações *o Atlantico*, *o Pacifico*, subentende-se o «oceano» e em *o Mediterraneo*, *o Baltico*, *o Adriatico* a palavra «mar».

Aos nomes de ilhas usados uns com artigo, outros sem elle, correspondem qualificativos e pronomes do genero feminino referido ao vocabulo «ilha». Diz-se comtudo *os Açores*, *os Abrolhos*.

Aos nomes de cidades que se usam sem artigo ajuntam-se qualificativos ora no masculino, ora no feminino, regulando-se o genero muitas vezes pela terminação do vocabulo, outras pelo termo «cidade», que se tem em mente.

Nomes de provincias, estados e paizes terminados em *-a* atono são geralmente femininos. Os de outras terminações são considerados do genero masculino.

Numero

Numero é a particularidade que têm os substantivos de indicar se se fala de uma pessoa, animal, ou cousa, ou de mais de um ser.

Ha dous numeros: o **singular**, que se refere a um ente ou grupo de entes, como: *o menino, o cão, o rebanho*; e o **plural**, que denota mais de um ente ou grupo de entes: *os meninos, os cães, os rebanhos*.

Susceptiveis da forma do plural são os nomes referentes a individuos e cousas, ou a grupos de individuos e cousas, que se contam por unidades.

Nomes de massa, pelo contrario, conservam-se geralmente no singular por não comportarem a noção de pluralidade. Ex.:

ouro, leite, sangue, estanho, platina, trigo, manteiga.

O plural applicado a alguns destes nomes de massa designa as differentes especies, as divisões artificiaes e a massa fragmentada. Ex.:

vinhos, aguas, mares (que banham um continente), pedras, carvões.

As vezes, dá-se differenciação de sentido. *Ferro* é nome de um metal; *ferros* são os instrumentos, algemas, etc., feitos deste metal. O plural *mares* tem sido usado por escriptores como synonymo de «vagas», «ondas». *Pratas* diz-se de moedas ou outros objectos feitos de prata.

Nos nomes abstractos o plural significa ora actos repetidos, ora multiplicidade de actos semelhantes. Ex.:

affrontas, injustiças, crueldades, manifestações, gentilezas.

Formação do plural

Forma-se o plural dos substantivos accrescentando -s á terminação vocalica, e -es á terminação consonantal:

| | | | | |
|-------|---------|--|------|----------|
| livro | livro-s | | flor | flor-es |
| penna | penna-s | | cruz | cruz-es. |

OBSERVAÇÃO ORTHOGRAPHICA. — Palavras terminadas em vogal nasal simples em que se representa a nasalisação pela letra *m*, mudam esta letra em *n* ao passarem para o plural: *homem, homens; jardim, jardins.*

As restricções á regra geral são as seguintes:

1.^a Palavras não oxytonas terminadas em -s conservam-se inalteradas no plural:

| | | | | |
|-----------|------------|--|-----------|-------------|
| o ourives | os ourives | | o alferes | os alferes. |
|-----------|------------|--|-----------|-------------|

OBSERVAÇÃO. — As formas *ouriveses, alfereses* pertencem ao portuguez antigo.

2.^a Dos nomes terminados em -l seguem estritamente a regra geral *mal, males; consul, consules*. Nas demais palavras elimina-se a consoante *l* antes de accrescentar a terminação do plural:

| | | | | | | | |
|---------|----------|--|--------|---------|--|----------|------------|
| metal | metaes | | anzol | anzoes | | paul | paues |
| canal | canaes | | lençol | lençoes | | taful | tafues |
| batatal | batataes | | paiol | paioes | | rouxinol | rouxinoes. |

Se a palavra termina em *el*, o plural é em -eis, em lugar de ees:

| | | | | |
|--------|---------|--|----------|-----------|
| annel | anneis | | papel | papeis |
| vergel | vergeis | | bacharel | bachareis |
| cordel | cordeis | | painel | paineis. |

Se termina em -il, faz o plural em -is (resultante de -iis ou -ies):

| | | | | |
|--------|--------|--|----------|-----------|
| barril | barris | | ardil | ardis |
| redil | redis | | quadril | quadris |
| perfil | perfis | | peitoril | peitoris. |

OBSERVAÇÃO. — O plural de *real*, nome de moeda, é *réis*; antigamente se dizia *reaes*. De *mel* encontra-se em escriptores modernos ora a forma *meis*, ora a forma *meles*. *Fossil* faz *fosseis*.

3.^a Os nomes terminados em **-ão** mudam esta terminação em **-ões**. Ex.:

| | | | |
|---------|----------|-----------|-------------|
| coração | corações | canção | canções |
| acção | acções | razão | razões |
| melão | melões | conclusão | conclusões. |

Exceptua-se um pequeno numero de palavras, que têm o plural uns em **-ães**, outros em **-ãos**.

Os que fazem o plural em **-ães** são:

| | | |
|----------|-----------|----------|
| pão | escrivão | allemão |
| cão | sacristão | guardião |
| capitão | bestião | sultão |
| capellão | catalão | deão. |

Os que fazem o plural em **-ãos** são:

1.^o os nomes paroxytonos. Ex.:

orfão, accordão, orgão, sotão.

2.^o os seguintes oxytonos:

| | | |
|----------|--------|-----------|
| irmão | grão | cidadão |
| pagão | chão | alão |
| christão | vão | cortezão. |
| mão | desvão | |

OBSERVAÇÃO. — Alguns dos nomes que formam o plural em **-ães** e **-ões** são qualificativos (adjectivos) usados como substantivos.

Nos seguintes, posto que passem por ter plural duvidoso, tende a fixar-se o uso da forma normal em **-ões**:

| | | |
|--------|---------|-------------------|
| aldeão | aldeãos | e aldeões |
| ancião | anciãos | anciães e anciões |
| villão | villãos | e villões |
| truão | truães | e truões. |

Plural com alteração da vogal tónica

As seguintes palavras accrescentam regularmente s no plural, mas soffrem mudança na pronuncia da vogal tónica, passando o fechado da penultima syllaba a soar como o aberto:

| | | | | |
|---------|----------|----------|---------|---------|
| fogo | ovo | torno | poço | globo |
| jogo | povo | porto | fosso | corvo |
| rogo | renovo | choco | tremoço | porco |
| miolo | forro | toco | troço | esforço |
| tijolo | soccorro | troco | posto | corpo |
| abrolho | forno | caroço | imposto | choro |
| olho | cornio | destroço | despojo | coro |
| escolho | contorno | osso | tojo | foro |

que no plural se pronunciam *fógos, jógos, miólos*, etc.

OBSERVAÇÃO. — Em Portugal, diz-se no plural *almóços* e *peccóços*.

Os substantivos com o fechado na penultima syllaba, não comprehendidos na lista acima, formam geralmente o plural sem alterarem a pronuncia dessa vogal:

| | | | |
|----------|-----------|----------|-----------|
| piloto | pilotos | rosto | rostos |
| cachorro | cachorros | bojo | bojos |
| morro | morros | polvo | polvos |
| coco | cocos | pedagogo | pedagogos |
| piolho | piolhos | ferrolho | ferrolhos |
| bolo | bolos | encosto | encostos |
| rolo | rolos | sopro | sopros |
| gosto | gostos | colmo | colmos. |

Nomes usados no plural

Varios substantivos são usados unicamente no plural. Taes são:

| | |
|---------|-----------------------|
| alviças | arredores |
| andas | arrhas |
| annaes | avós (= antepassados) |

bellas-artes
 calendas
 completas (ultima parte
 das horas canonicas)
 ephemerides
 endoenças
 esponsaes
 exequias
 fastos (= annaes)
 ferias
 idos (nome do calendario
 romano)
 fezes
 humanidades (= estudo
 de bellas letras)

letras (= bellas letras)
 manes
 maiores (= antepassa-
 dos)
 matinas
 nonas (nome do calen-
 dario romano)
 nupcias
 penates
 posteros (= a posterida-
 de)
 primicias
 viveres (= generos ali-
 menticios).

Os nomes *oculos*, *calças*, *ceroulas* denotam objectos formados de duas partes symetricas. Dizemos *oculos*, porém no singular, embora sirvam para ambos os olhos, *luneta*, *binoculo*.

A *calças*, *ceroulas*, no plural, preferimos hoje a forma singular quando denotamos um só objecto.

Plural dos nomes compostos

Tomam a desinencia do plural no fim, como se fossem vocabulos simples:

1.º os compostos formados de dous substantivos ou de um substantivo e um qualificativo, que se escrevem ligadamente:

| | | | |
|-------------|--------------|-----------|-------------|
| aguardente | aguardentes | montepio | montepios |
| burgomestre | burgomestres | pernalta | pernaltas |
| claraboia | claraboias | planalto | planaltos |
| madreperola | madreperolas | pontapé | pontapés |
| madresilva | madresilvas | vangloria | vanglorias. |

2.º os compostos cujo ultimo elemento é um verbo:

| | |
|-------------|---------------|
| bemtevi | bemtevis |
| bem me quer | bem me queres |
| mal me quer | mal me queres |
| vaivem | vaivens. |

3.º os seguintes nomes de preces :

| | |
|--------------|----------------|
| ave-maria | ave-marias |
| padre-nosso | padre-nossos |
| salve-rainha | salve-rainhas. |

4.º as combinações do qualificativo **grão**, **grã** com substantivos :

| | |
|-------------|---------------|
| grão-ducado | grão-ducados |
| grã-cruz | grã-cruzes |
| grão-mestre | grão-mestres. |

5.º os compostos de palavras repetidas :

| | |
|------------|--------------|
| lufalufa | lufalufas |
| lengalenga | lengalengas. |

Excepção. — *zum-zum* faz *zums-zums*.

6.º os compostos cujo primeiro elemento é palavra invariável :

| | |
|--------------|---------------|
| busca-pé | busca-pés |
| guarda-chuva | guarda-chuvas |
| guarda-sol | guarda-soes |
| beija-flor | beija-flores |
| guarda-roupa | guarda-roupas |
| quebra-mar | quebra-mares |
| ganha-pão | ganha-pães |
| gira-sol | gira-soes |
| vanguarda | vanguardas. |

Nos compostos de dous substantivos ligados por hyphen, denotando o segundo termo uma noção complementar de fim, semelhança, etc., e nos compostos ligados pela preposição *de*, só o primeiro termo toma a forma do plural :

| | |
|------------------|-------------------|
| escola-modelo | escolas-modelo |
| pão-de-ló | pães-de-ló |
| pé-de-cabra | pés-de-cabra |
| café-concerto | cafés-concerto |
| estrada de ferro | estradas de ferro |
| pombo-leque | pombos-leque |
| manga-espada | mangas-espada. |

Nos seguintes nomes compostos usa-se a forma do plural em um e outro termo componente :

| | |
|--------------------|----------------------|
| carta-bilhete | cartas-bilhetes |
| cirurgião-dentista | cirurgiões-dentistas |
| couve-flor | couves-flores |
| couve-rabano | couves-rabanos |
| gentil-homem | gentis-homens |
| obra-prima | obras-primas |
| mestre-escola | mestres-escolas |
| rico-homem | ricos-homens |
| salvo-conducto | salvos-conductos |
| chave-mestra | chaves-mestras |
| parede-mestra | paredes-mestras. |

Os nomes dos dias da semana *segunda-feira, terça-feira, etc.*, fazem no plural *segundas-feiras, terças-feiras, etc.*

ARTIGO

Damos o nome de **artigo** quer á palavra *o* (com as variações *a, os, as*), quer ao vocabulo *um* (com o feminino *uma*), que de ordinario antepomos aos substantivos communs.

O é **artigo definido**, e tem este nome porque se applica ao ser determinado que temos representado no espirito. Tambem se usa com referencia á especie inteira.

Exemplos:

A porta da tua casa é muito estreita.

O lapis com que escrevo não é meu.

Comemos *os figos* que nos trouxeste [diferente de: comemos *figos* todos os dias].

O cão é animal domestico.

A manga é fruta saborosa.

Um é **artigo indefinido** e assim se chama por ser usado para mencionar um ser qualquer de entre muitos.

Exemplos:

Preciso de *uma penna* para escrever a carta.

Uma torre é sempre mais alta do que *uma* casa commum.

Quem bebe serve-se de *um* copo ou de *uma* caneca..

A palavra *um* empregada para significar especialmente *uma* só unidade, passa a pertencer á categoria dos numeraes, como nestes exemplos:

Preciso de *uma penna*, e não de duas.

Certos predios têm *um* torreão, outros têm dous ou mais.

O artigo definido contrae-se com *de* e *em* dando: *do, da, dos, das, no, na, nos, nas*.

Em lugar de *em um, em uma* podemos dizer *num, numa*.

ADJECTIVO

Adjectivo é a palavra que se junta ao substantivo para denotar qualidade, propriedade, condição ou estado do respectivo ser. Exemplos:

Jardim *grande* e *bonito*.
 Cavallo *fogoso* e *veloz*.
 Dia *quente*.
 Pedra *dura*.
 Madeira *resistente*.
 Homem *bondoso* e *infeliz*.

Outras palavras ha que se juntam a substantivos, sem entretanto denotarem qualidade, propriedade, etc. Servem para delimitar ou individualisar os seres. Taes são os pronomes adjectivos ou pronomes-adjuntos e os quantitativos, que estudaremos separadamente mais tarde.

OBSERVAÇÃO. — Systema grammatical antigo inclue na categoria dos adjectivos todos esses vocabulos delimitadores e individualisadores, denominando-os adjectivos **determinativos**, ao passo que para os adjectivos propriamente ditos reserva o nome de adjectivos **qualificativos**. Não adoptam tal systema Leite de Vasconcellos, Epiphânio Dias (Grammatica Historica), Cortezão e J. J. Nunes. Bourciez, romanista notavel, igualmente se abstem de incluir na categoria dos adjectivos os pronomes-adjectivos e os numeraes.

Os adjectivos variam, como os substantivos, em genero e numero:

Jardins *grandes* e *bonitos*.
 Homem *bondoso* e mulher *bondosa*.
 Pedras *duras* e louças *quebradiças*.

Alguns adjectivos são susceptiveis da forma **augmentativa**. Usam-se com sentido ironico ou depreciativo. Exemplos:

| | | | | |
|---------|----------|--|-------|-----------|
| sabio | sabichão | | santo | santarrão |
| valente | valentão | | pobre | pobretão. |

Os adjectivos tambem se podem dizer, principalmente em linguagem familiar, sob a forma **diminutiva**. Associa-se deste modo á noção de qualidade o sentimento de carinho. Exemplos:

| | | | |
|--------|-----------|---------|-------------|
| bom | homzinho | pobre | pobrezinho |
| bonito | bonitinho | grande | grandezinho |
| tolo | tolinho | esperto | espertinho. |

Os adjectivos têm a particularidade de poderem exprimir graus de comparação, a saber: **positivo**, **comparativo** e **superlativo**. Exemplos:

Pedro é *estudioso*.

André é *mais estudioso*.

Jorge é o *mais estudioso* dos alumnos deste collegio.

Muitas vezes se emprega o adjectivo sem mencionar o competente substantivo e sem referil-o a nome expresso em frase anterior. Dá-se-lhe então o nome de **adjectivo substantivado**.

Na maioria dos casos os adjectivos substantivados alludem a entes humanos. Exemplos:

Os justos serão recompensados.

Dar esmola *aos pobres*.

Viviam na choupana *um velho e uma velha*.

Algumas vezes o adjectivo substantivado no masculino singular corresponde ao neutro em latim e denota a qualidade considerada em abstracto:

Na arte admira-se o *bello* e o *sublime*.

Em outros casos o costume de dizer só o qualificativo, desprezando o nome do ser, transformou antigos adjectivos (e participios) em verdadeiros substantivos. Exemplos:

| | |
|-------------|--------------|
| o lente | a credencial |
| a estante | a pastoral |
| o estudante | o ajudante. |

Chamam-se adjectivos **patrios** os que se derivam de nomes proprios de paizes, provincias, regiões, cidades. Se

designam uma raça, um povo, denominam-se adjectivos **ethnicos** ou **gentilicos**. Exemplos:

| | | |
|--------------------|-----------------|---------|
| europ <u>e</u> u | france <u>z</u> | hebreu |
| americ <u>a</u> no | sueco | judeu |
| brasileir <u>o</u> | russo | assyrio |
| cearense | persa | egyptio |
| mineir <u>o</u> | chinez | romano |
| portuguez | arabe | grego, |

Genero dos adjectivos

São do genero masculino os adjectivos terminados em **-o**; obtem-se o feminino mudando **-o** em **-a**. Exemplos:

longo, longa; pequeno, pequena; alto, alta.

Com accrescimo de **-a** formam o feminino: *nu, nua; bom, boa* (em vez de *bõa*, forma antiga).

Mau faz má.

Os terminados em vogal nasal, exceptuando *bom e chim* (que faz *china*), não variam para o feminino:

| | |
|-----------------------|-----------------------|
| Panno <i>ruim</i> | Fruta <i>ruim</i> |
| Delicto <i>commum</i> | Casa <i>commum</i> |
| Mato <i>virgem</i> | Terra <i>virgem</i> . |

Os terminados no ditongo nasal **-ão**, sendo derivados augmentativos, formam geralmente o feminino mudando **-ão** em **-ona**:

| | |
|-------------|---------------|
| toleirão | toleirona |
| bonacheirão | bonacheirona. |

Folgazão faz *folgazã*.

Os demais adjectivos em **-ão** mudam no feminino esta terminação em **-ã**. Exemplos:

| | |
|----------|---------|
| loução | louçã |
| são | sã |
| temporão | temporã |
| allemão | allemã. |

Ha excepcionalmente a forma *-oa* para *bretoa* (ao lado de *bretã*), *tabellioa*.

Servem para ambos os generos os adjectivos que acabam em *-e*, *-l*, *-az*, *-iz*, *-oz*, *-es* e *-ar*:

| | |
|------------------------|--------------------------|
| Café <i>forte</i> | Bebida <i>forte</i> |
| Homem <i>feliz</i> | Mulher <i>feliz</i> |
| Trabalho <i>util</i> | Obra <i>util</i> |
| Methodo <i>simples</i> | Forma <i>simples</i> |
| Plano <i>geral</i> | Medida <i>geral</i> |
| Navio <i>veloz</i> | Barca <i>veloz</i> |
| Alumno <i>exemplar</i> | Alumna <i>exemplar</i> . |

Hespanhol faz por excepção *hespanhola*. Ha um adjectivo em *-uz*: *andaluz* que faz *andaluza*.

Os que acabam em *-ez* accrescentam *-a*:

| | |
|-----------|------------|
| portuguez | portugueza |
| inglez | ingleza |
| burguez | burgueza. |

Exceptuam-se os seguintes, que permanecem invariáveis: *cortez*, *montez*, *pedrez*, *soez*, *tremez*.

Os adjectivos em *-or* tomam por via de regra o accrescimento de *-a*. Exemplos:

| | |
|-------------|---------------|
| animador | animadora |
| merecedor | merecedora |
| promettedor | promettedora. |

Existem por excepção os femininos de procedencia erudita: *directriz*, *bissectriz*, *motriz* (a par de *motora*).

Invariáveis em genero são os compostos de substantivos em *-or*, como *multicor*, *semsabor*, e os comparativos e superlativos *melhor*, *peior*, *maior* (mór), *menor*, *superior*, *inferior*, *interior*, *exterior*, *ulterior*.

Por excepção usa-se substantivamente o feminino *superiora* (de convento).

Adjectivos terminados em *-eu* mudam esta terminação em *-éa*:

| | |
|---------|---------|
| européu | européa |
| hebreu | hebréa |
| plebeu | plebéa. |

Os seguintes mudam **-eu** em **-ia**:

| | |
|--------|---------|
| judeu | judia |
| sandeu | sandia. |

Mudam **-eu** em **-oa**:

| | |
|---------|----------|
| ilheu | ilhoa |
| tabareu | tabaroa. |

Plural dos adjectivos

Os adjectivos acabados em vogal formam, como os substantivos, o plural com o accrescimento de **-s**; os terminados em consoante tomam em regra geral **-es**:

| | |
|--------|-----------|
| rico | ricos |
| forte | fortes |
| vulgar | vulgares |
| sagaz | sagazes |
| cortez | cortezes. |

OBSERVAÇÃO I. — Sendo a terminação **-em**, **-im**, **-om** ou **-um**, muda-se, na escripta, **m** em **n** antes de accrescentar **-s**: *virgem, virgens; ruim, ruins; bom, bons; commum, communs.*

OBSERVAÇÃO II. — O vocabulo *simples* conserva-se hoje invariavel. Outrora dizia-se *simplices*.

Os terminados em **-al**, **-ol**, **-ul** eliminam a consoante **l** antes de tomarem **-es**:

| | |
|-----------|------------|
| fatal | fataes |
| hespanhol | hespanhoes |
| azul | azues. |

Nos adjectivos acabados em **-el**, a eliminação da consoante dá lugar a que taes adjectivos terminem no plural em **-eis**:

| | |
|---------|-----------|
| cruel | crueis |
| affavel | affaveis. |

Os terminados em **-il** têm o plural em **-is** se forem oxytonos, e em **-eis** se forem paroxytonos:

| | | | |
|--------|--------|-------|--------|
| subtil | subtis | habil | habeis |
| vil | vis | facil | faceis |
| gentil | gentis | util | uteis. |

Os que acabam em **-ão** mudam a terminação em **-ões**:

| | | | |
|------------|-------------|----------|-----------|
| folgazão | folgazões | valentão | valentões |
| grosseirão | grosseirões | poltrão | poltrões. |

Exceptuam-se:

1.º os que têm o plural em **-ãos**, a saber:

christão, chão, comarcão, loução, pagão, temporão, são, vão.

2.º os seguintes, que formam o plural em **-ães**:

alleião, catalão, charlatão.

Graus de comparação

A qualidade existente em um ser é muitas vezes comparada com a mesma qualidade existente em outro ser, sendo então igual ou superior ou inferior:

Paulo é *tão forte como* Guilherme. [Igualdade].

Elle é *mais forte* do que o irmão. [Superioridade].

Henrique é *menos forte* do que Paulo. [Inferioridade].

Em qualquer destes casos diz-se que o adjectivo está no **grau comparativo**. Enunciando-se simplesmente a qualidade sem fazer confronto, como nesta frase *Paulo é forte*, o adjectivo está no **grau positivo**.

Alem dos graus positivo e comparativo, ha ainda o **grau superlativo**, que faz sobresahir, com vantagem ou desvantagem, a qualidade de um ou mais seres de entre uma totalidade de seres que tenham a mesma qualidade, e neste caso pode-se pôr em relevo não sómente a superioridade, mas tambem a inferioridade:

A rosa é a *mais bella* de todas as flores.

Paulo é o rapaz *mais forte* do collegio.

Laura é a *menos carinhosa* de todas estas crianças.

De todos os vestidos é este o *menos elegante*.

O superlativo aqui empregado é o **superlativo relativo**. Ha, alem deste, o **superlativo intensivo**, de que mais adiante nos occuparemos.

O comparativo de superioridade forma-se antepondo a palavra **mais** ao adjectivo, o de inferioridade antepondo a palavra **menos**. O superlativo enuncia-se tambem com as mesmas palavras, porém sempre com o artigo: *a mais bella das flores*. O comparativo toma o artigo sómente em certas construcções, como as seguintes: *Dos dous rapazes Paulo é o mais forte. Guilherme é o menos forte*.

Alguns adjectivos têm formação irregular:

| | | |
|---------|--------|----------|
| bom | melhor | o melhor |
| mau | peior | o peior |
| grande | maior | o maior |
| pequeno | menor | o menor. |

De *pequeno* tambem se diz *mais pequeno*, o *mais pequeno*.

A par dos superlativos *o maior*, *o menor*, existem as formas *o maximo*, *o minimo* tiradas do latim, que se podem applicar ás idéas abstractas, e se usam tambem em certas expressões scientificas, como *a temperatura maxima* ou *minima*.

Têm igualmente applicação limitada a certos casos especiaes os superlativos alatinados *o supremo* e *o summo* por *o mais alto*, *o infimo* por *o mais baixo*.

Em lugar dos comparativos *mais alto* e *mais baixo* podem usar-se os termos *superior* e *inferior*, applicaveis igualmente á melhor ou peior qualidade das cousas.

Aos comparativos *superior*, *inferior* segue-se a particula **a**.

Aos comparativos *melhor*, *peior*, *maior*, *menor* e aos que se formam com a anteposição de **mais** ou **menos** ao grau positivo, segue-se a expressão **do que** ou **que**.

No comparativo de igualdade o adjectivo é precedido de **tão** e seguido de **como**.

Por meio do comparativo formado com a anteposição de *mais*, *menos* ou *tão* podemos indicar também o confronto entre duas qualidades existentes no mesmo ser:

Pedro é *mais sagaz* do que *persistente*.

Ha frutas *menos saborosas* do que *formosas* de aspecto.

Um documento *tão necessario* como *util*.

Superlativo intensivo

É a forma que toma o adjectivo para significar que a qualidade ou attributo de um ser ultrapassa a noção comum que se tem dessa qualidade ou attributo.

Ha dous processos para indicar o superlativo intensivo: antepôr ao adjectivo a palavra **muito** (ou synonymo deste vocabulo, como *extremamente*, *consideravelmente*, etc.), ou então ajuntar uma terminação, que em geral é **-issimo**:

laborioso, muito laborioso ou laboriosissimo
quente, muito quente ou quentissimo

pesado, extremamente pesado ou pesadissimo
fertil, muito fertil ou fertilissimo.

Nos adjectivos terminados em **-o** e **-e**, como se vê pelos exemplos citados, eliminam-se estas vogaes antes de accrescentar **-issimo**.

Ás vezes ha necessidade de alteração orthographica antes do accrescimento de **-issimo**:

| | |
|-------|-------------|
| fraco | fraquissimo |
| rico | riquissimo |
| secco | sequissimo |
| rouco | rouquissimo |
| gago | gaguissimo. |

Adjectivos terminados em **-avel**, **-ovel**, **-uvel**, **-ivel** mudam estes suffixos previamente em **-abil**, **-ibil**, **-ubil**:

| | |
|----------|----------------|
| amavel | amabilissimo |
| sensivel | sensibilissimo |
| movel | mobilissimo |
| voluvel | volubilissimo. |

Os terminados em vogal simples nasal ou em ditongo nasal desdobram a terminação em vogal pura seguida da consoante **n** :

| | |
|--------|---|
| commum | communissimo |
| pagão | paganissimo |
| bom | bonissimo (menos usado do que <i>muito bom</i> e <i>optimo</i>). |

A palavra *christão* faz todavia *christianissimo*.

Adjectivos terminados em **-az**, **-iz**, **-oz**, mudam **z** em **c** :

| | |
|---------|---------------|
| efficaz | efficacissimo |
| feliz | felicissimo |
| atroz | atrocissimo. |

Dos adjectivos que terminam em **-ico** e **-igo**, mudam alguns a terminação em **-icissimo**, a saber :

| | |
|---------|---------------|
| pudico | pudicissimo |
| publico | publicissimo |
| amigo | amicissimo |
| inimigo | inimicissimo. |

Esta mesma mudança soffre tambem a terminação **-es** de *simples* (ou *simplice*), que faz *simplicissimo*.

Antigo faz *antiquissimo* ou *antiguissimo*.

As palavras *sabio*, *benevolo*, *malevolo* não se accrescenta **-issimo**. Diz-se *muito sabio*, *muito benevolo*, *muito malevolo*, ou então *sapientissimo*, *benevolentissimo*, *malevolentissimo*, que são propriamente superlativos de *sapiente*, *benevolente*, *malevolente*.

Nobre e *sagrado* fazem *nobilissimo* e *sacratissimo*.

Dos adjectivos em **-atico**, **-etico**, **-itico** e varios outros não se exprime a forma intensiva senão com a anteposição de **muito** ou vocabulo synonymo :

. muito pratico, muito profetico, muito pacifico, etc.

Alguns adjectivos têm superlativo em **-imo** e **-errimo**, alterando, ou não, o radical, ou substituindo-o por um radical diferente:

| | |
|----------|----------------------------|
| aspero | asperrimo (ou asperissimo) |
| misero | miserrimo |
| integro | integerrimo |
| acre | acerrimo |
| celebre | celeberrimo |
| salubre | saluberrimo |
| pobre | pauperrimo (ou pobrissimo) |
| facil | facilimo |
| difficil | difficilimo |
| humilde | humilimo (ou humildissimo) |
| bom | optimo |
| mau | pessimo. |

NUMERAES (QUANTITATIVOS)

Os **numeraes**, como a palavra está dizendo, exprimem numeros.

Podem designar ou um numero certo e determinado ou uma quantidade variavel e indeterminada.

No primeiro caso chamam-se *numeraes* propriamente ditos ou **quantitativos definidos**, no segundo **quantitativos indefinidos**.

Os **numeraes** propriamente ditos costumam-se dividir em duas classes: **cardinaes** e **ordinaes**.

Os **numeraes cardinaes** respondem á pergunta *quantos? quantas?* São familiares a toda a pessoa que sabe contar: *um, dous, tres, quatro*, etc.

Em vez de *dous*, fem. *duas*, podemos dizer *ambos, ambas*; mas este vocabulo só tem applicação quando se trata de duas cousas já sabidas, como *ambas as mãos, ambos os olhós*, ou de duas pessoas ou cousas referidas anteriormente.

Os **numeraes ordinaes** são os termos correspondentes ás diversas unidades cardinaes com as quaes se denota a ordem e posição dos entes em uma serie:

primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto, setimo, oitavo, nono, decimo, decimo primeiro ou undecimo, decimo segundo ou duodecimo, decimo terceiro, decimo quarto (e assim por diante até *decimo nono*).

A 20, 30, 40, etc., correspondem os ordinaes: *vigesimo, trigesimo, quadragesimo, quinquagesimo, sexagesimo, septuagesimo, octogesimo, nonagesimo*.

A 100, 1000, 1000000 correspondem: *centesimo, millesimo, millionesimo*.

Os ordinaes de 200, 300, 400, etc. formam-se em theoria segundo o latim, *ducentesimo, tricentesimo, qua-*

dringentesimo, etc., mas têm rarissima applicação pratica, sendo por isso geralmente desconhecidos.

SUBDIVISÃO DOS NUMERAES CARDINAES. — Na contagem das cousas consideram-se não sómente as unidades inteiras, mas tambem as fracções de unidade; outras vezes faz-se o computo por multiplos de unidades ou tambem por series ou grupos de numero determinado. Temos portanto, alem dos cardinaes propriamente ditos, os **fraccionarios**, os **multiplicativos** e os **collectivos** ou **seriativos**.

São **numeraes fraccionarios** os vocabulos *meio*, *terço*, *quarto*, *quinto*, *sexto*, *setimo*, *oitavo*, *nono*, *decimo*, *vigesimo*, *centesimo*, *millesimo*, *millionesimo*, usados como equivalentes de *metade*, *terça parte*, *quarta parte*, *quinta parte*, etc. e bem assim as expressões *onze avos*, *doze avos*, *treze avos*, *vinte e dous avos*, etc.

Designam o numero de partes os cardinaes inteiros *um* (que se costuma omitir antes de *meio*, embora se represente por algarismo), *dous*, *tres*, *quatro*, etc.:

A mesa tem de comprimento quatro palmos e *dous terços*.

Gastamos na viagem duas horas e *tres quartos*.

Andámos tres leguas e *meia* a cavallo.

O calculo exacto deu quatro pollegadas e *cinco dezasete avos*.

Como **numeraes multiplicativos** usam-se: *simples* (negativo de multiplicidade), *duplo* ou *dobro* ou *dobrado*, *triplo* ou *triplice*, *quadruplo*, *quintuplo*, *sextuplo*, *decuplo*, *centuplo*, podendo servir ao mesmo fim as formas participaes dos verbos em *-plicar*: *duplicado*, *triplicado*, *quadruplicado*, *centuplicado*, etc. Para os demais casos recorre-se á expressão *vezes*, que se ajunta a um nome de numero: *oito vezes*, *vinte vezes*, *doze vezes*, etc.:

A fabrica produz o *decuplo* do capital empregado.

Certas lojas cobram o *dobro* do preço de outras.

Os **numeraes collectivos** ou **seriativos** têm grande analogia com os substantivos collectivos, mas differençam-se destes em denotarem numero rigorosamente delimitado.

Taes são: *dezena, decada, centena, centenar, cento, milhar, milheiro, duzia, quarteirão* (significando « grupo de 25 »), *par e casal*:

Vendi *um cento* de tangerinas e *um quarteirão* de laranjas.

A caixinha contém *dous milheiros* de agulhas.

Adquirimos *um casal* de perus e *duas duzias* de ovos.

Encontrei *duas dezenas* de exemplos.

OBSERVAÇÃO. — O termo *casal* applica-se ao grupo dual de individuos macho e femea; *par* se diz de dous objectos que costumam andar juntos ou de duas partes similares de um objecto (*par de luvas, par de oculos*).

Os numeros cardinaes inteiros são invariaveis, exceptuando *um, dous, ambos*, os compostos de *-centos* (*duzentos, trezentos, quatrocentos*, etc.) e *milhão, bilião, trilião*. Estes ultimos têm o plural *milhões, biliões*, etc.; os demais variam em genero: *uma, duas, ambas, duzentas*, etc.

Os cardinaes inteiros usam-se como adjectivos junto a nomes substantivos; exceptuam-se todavia *milhão, bilião, trilião* que, achando-se desacompanhados de outro numero, têm valor de substantivo, a que se acrescenta complemento com a particula *de*:

Viviam naquelle paiz *duzentas mil almas*.

A capital tem mais de *um milhão de habitantes*.

Os ordinaes usam-se como adjectivos; os fraccionarios, multiplicativos e collectivos funcionam como nomes substantivos, exceptuando as palavras *meio, simples, triplice*, e as formas participiaes *dobrado, triplicado*, etc.:

O candidato republicano obteve no *terceiro districto* sómente *um terço dos votos*.

Os meninos traduziram *meia pagina* de francez sem auxilio de dictionario.

Os nomes dos pretendentes vêm inscriptos em *lista triplice*.

Tivemos de lutar com *milhares de difficuldades*.

Em lugar de *milhão* empregamos o termo *conto* na expressão *conto de réis*.

Havia em portuguez antigo, alem dos numeros ordinaes regulares, certas formações com a terminação *-eno*. Res-

tam-nos hoje, com sentido alterado e transformados em substantivos, os seguintes: *novena*, *onzena*, *trezena*, *quinzena*, *vintena*, *quarentena*. Nas obras de Camões, Barros e outros escriptores occorrem ainda alguns exemplos dos antigos numeros ordinaes:

Foi Joanne segundo e rei *trezeno* (Camões).

Tem como por *onzeno* mandamento jantar ás nove horas (F. M. de Mello).

Quantitativos indefinidos

Os **quantitativos indefinidos** designam quantidade ou porção sem fixal-a numericamente. Taes são as palavras *muito* (comparativo *mais*), *pouco* (comparativo *menos*) *todo*, *algum*, *tanto*, *quanto*, as pluraes *uns*, *varios*, *diversos*. Exemplos:

Ha *muito* dinheiro nesta gaveta.

Tens *muitos* livros; tens *mais* livros do que eu.

Elle possui *tantas* bengalas.

Maria compra *menos* joias do que Laura.

Poucos dias lhe restam de vida.

Comi *umas* frutas que me fizeram mal.

Durante o temporal *varias* embarcações sossobraram.

Os quantitativos indefinidos tomam o genero e numero do competente substantivo, salvo os comparativos *mais* e *menos*, que são palavras invariaveis.

A par do comparativo *mais* existe a locução superlativa *o mais de*, *os mais de*, que o uso actual prefere substituir por *a maior parte de*. Exemplos:

Por isso *o mais do tempo* estava sem guarda (Castanheda).

Os mais dos homens sempre se queixam de sua sorte.

As mais das joias eram falsas.

OBSERVAÇÃO. — Os quantitativos indefinidos confundem-se ás vezes com os pronomes indefinidos de que adiante trataremos.

PRONOMES

Pronome é a palavra que denota o ente ou a elle se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso.

Pessoas do discurso se chamam o individuo que fala, o individuo com quem se fala e a pessoa ou cousa de que se fala.

Os pronomes ou fazem as vezes de um nome substantivo, ou se juntam a um nome como os adjectivos. No primeiro caso chamam-se **pronomes absolutos** ou **pronomes-substantivos**; no segundo são **pronomes adjuntos** ou **pronomes-adjectivos**. Exemplos:

O rio é largo; *elle* é tambem muito fundo.

Isto é melhor do que *aquillo*.

Esta casa é confortavel.

Não acabaste o *teu* trabalho.

Meu filho é medico.

Trago o anel *que* encommendaste.

Os pronomes dividem-se em **pessoaes** (incluindo **reflexivos** e **reciprococ**), **possessivos**, **demonstrativos**, **relativos**, **interrogativos** e **indefinidos**.

Pronomes pessoaes

Os **pronomes pessoaes** denotam as tres pessoas do discurso: o individuo que fala (1.^a pessoa); o individuo com quem se fala (2.^a pessoa), e a pessoa ou cousa de que se fala (3.^a pessoa):

Eu passeio. *Tu* trabalhas. *Elle* ou *ella* dorme.

Nós lemos. *Vós* escreveis. *Elles* ou *ellas* descançam.

O plural *nós* significa, não *eu + eu*, e sim *eu + tu*, *eu + elle* (ou *ella*), *eu + vós* ou *eu + elles* (ou *ellas*).

Pelos exemplos citados vemos que os pronomes *eu, tu, elle*, etc., se usam como sujeito da oração. Chamam-se formas **rectas**. A função de complemento é expressa pelas **obliquas**, que se dividem em *atonas* e *tonicas*, empregando-se estas ultimas junto a preposição:

Visitaste-*me*. Tudo depende de *mim*.

Espero-*te*. Não partirei sem *ti*.

As diversas formas pronominaes para cada uma das tres pessoas são as seguintes:

| | Formas de sujeito | Formas obliquas | | |
|----------|------------------------|---------------------|-----------------|--------------|
| | | não preposicionadas | preposicionadas | |
| Singular | 1. ^a pessoa | eu | me | mim |
| | 2. ^a » | tu | te | ti |
| | 3. ^a » | elle, ella | lhe, o, a | elle, ella |
| Plural | 1. ^a » | nós | nos | nós |
| | 2. ^a » | vós | vos | vós |
| | 3. ^a » | elles, ellas | lhes, os, as | elles, ellas |

Se a forma obliqua for seguida da preposição *com*, diz-se *commigo, contigo, connosco, comvosco*, em lugar de *com mim, com ti*, etc., juntando-se a particula superabundantemente ás formas de antigo portuguez *migo, tigo, nosco, vosco*, que já significavam a mesma cousa e vieram do latim *mecum, tecum, nobiscum, vobiscum*.

Pronome reflexivo é o pronome obliquo que se refere ao proprio sujeito do verbo:

Eu feri-me com a faca.

Nós abtemo-nos de acompanhar os outros.

Elle vingou-se do inimigo.

Elles feriram-se a si mesmos.

As formas obliquas da 1.^a e 2.^a pessoa servem tanto de pronome pessoal propriamente dito como de pronome reflexivo. A 3.^a pessoa, quer do singular quer do plural, tem como reflexivo um pronome especial com as formas *se, si, consigo* (antigo *sigo*), que se distinguem do mesmo modo que *me, mim, commigo* e *te, ti, contigo*.

Pronomes reciprocos são as formas *nos, vos, se,* complementos de verbo que tenha por sujeito respectivamente *nós, vós, elles* e que denote acção reciproca.

Para distinguir estes pronomes dos reflexivos costuma-se accrescentar as expressões *um ao outro, uns aos outros*:

Elles feriram-se um ao outro.

Elles odeiam-se de odio mortal.

Nós respeitamo-nos uns aos outros.

O pronome pessoal *tu* tem applicação muito limitada. No trato familiar, é admissivel havendo muita intimidade ou liberdade. No Brasil vai sendo desbancado pelo termo *você*. O plural, dadas as mesmas condições, é *vocês*, e não *vós*.

O pronome *vós* cahiu em desuso. Conserva-se nas preces, no estilo oratorio, na poesia, na linguagem de ficção, falando de seres inanimados, e no estilo official. Pode-se applicar a uma ou mais pessoas.

Em lugar de *tu* e *vós* dizemos polidamente *o Senhor, a Senhora, os Senhores, as Senhoras*, com o verbo em 3.^a pessoa e as formas obliquas atonas *lhe, o, a, lhes, os, as* de 3.^a pessoa, assim como o reflexivo *se, si, consigo*. Serve de forma obliqua preposicionada, não havendo reflexibilidade, a propria expressão *o Senhor, a Senhora, etc.*:

Meu caro doutor, escrevo-*lhe* hoje para aproveitar o correio.

Minha senhora, tenho o prazer de *a* cumprimentar.

Esta carta é *para o Senhor*.

Falavamos ha pouco *da Senhora*.

O *Senhor* afastou toda a responsabilidade *de si*.

D. Laura, minha filha deseja passear *com a Senhora*.

Esta mesma regra é extensiva *mutatis mutandis* aos casos em que nos servimos dos tratamentos de *você, vocês, vossa mercê, Vossa Senhoria, Vossa Alteza, etc.*:

Você me desculpará o não *lhe* ter respondido.

Trouxe umas frutas *para você*.

Falaram *de Vossa Excellencia*.

Pronomes possessivos

Os **pronomes possessivos** designam a noção de posse em referencia ás tres pessoas do discurso; podem, alem disso, exprimir outras relações de dependencia, partes componentes de um todo, attributos de um ser, parentesco, etc.

São os seguintes:

| | | | | |
|---|-------|-------|--------|--------|
| Para a 1. ^a pessoa do sing.: | meu | minha | meus | minhas |
| » » 2. ^a » » » | teu | tua | teus | tuas |
| » » 3. ^a » » » | seu | sua | seus | suas |
| » » 1. ^a » » plur.: | nosso | nossa | nossos | nossas |
| » » 2. ^a » » » | vosso | vossa | vossos | vossas |
| » » 3. ^a » » » | seu | sua | seus | suas. |

O possessivo *seu, sua*, etc. refere-se tanto á 3.^a do singular, como á 3.^a plural e applica-se, alem disso, á pessoa com quem se fala, correspondendo ao tratamento de *você, o Senhor, Vossa Senhoria*, etc. Distingue-se o possuidor pelo sentido da frase:

O menino perdeu *seu pai* [= pai d'elle].

Você perdeu *seu pai* [= pai de você].

As crianças perderam *seu tutor* [tutor dellas].

A mãe com *seus filhinhos* [= filhinhos della].

Aceito o convite que o Senhor me fez; ás 7 horas estarei em *sua casa* [= em casa do Senhor].

Pronomes demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** mostram as pessoas e cousas referindo a sua situação ás pessoas do discurso a que se acham proximas ou com que se relacionam.

São demonstrativos invariaveis usados sempre como pronomes absolutos: *isto, isso, aquillo*. Variam em genero e numero e usam-se ora como pronomes adjuntos, ora como pronomes absolutos os seguintes: *este, esse, aquelle, o*. Exemplos:

Isto te dizia eu.

A pedra que procuravas é *esta*.

Estes meninos são mais estudiosos que *aquelles*.

Isso não se faz.

Deixa-te *desses* receios.

O que seria *aquillo*?

Esta fruta é mais saborosa do que *a* que tu comeste.

Seguido de substantivo, o demonstrativo *o* confunde-se geralmente com o artigo definido. Seguido de preposição, da palavra *que*, ou construído com o verbo *ser*, *o* é pronome:

A minha casa é menos confortavel que *a* do vizinho.

Entendo bem *o* *que* me dizes.

Se elle é pobre, tambem eu *o* sou.

A taça de ouro é mais cara que *a* de prata.

As unhas do gato são mais agudas que *as* do cão.

O que dizes não é novidade, já *o* sabiamos ha muito tempo.

Pronomes relativos

O **pronome relativo** refere-se a um nome anterior, que se chama *antecedente*, e faz parte de nova oração subordinada a esse antecedente.

Os pronomes relativos são: *que*, *quem*, *o qual*, e a forma possessiva *cujo*.

Em lugar de *em que*, *de que*, tratando-se de cousas no espaço, empregam-se frequentemente como pronomes relativos *onde*, *donde*, que são propriamente adverbios de lugar:

Casa *onde* todos mandam é casa sem governo.

Eis a terra *donde* se colhem tão bons frutos.

A papelaria *onde* sempre compro.

Que e *quem* são pronomes absolutos. A segunda forma usa-se quando o relativo vem regido de preposição e se refere a pessoa ou cousa personificada:

Ó discurso *que* elle pronunciou esteve admiravel.

O poeta *que* escreveu estes versos já morreu.

O moço *com quem* falaste é estudante de direito.

Tu és o amigo *a quem* dedicarei minha obra.

Não ha aqui pessoa *de quem* nos possamos fiar.

Eis a penna *de que* me sirvo.

Tal é o fim *a que* eu desejava chegar.

O *qual* toma, de accordo com o genero e numero do antecedente, as formas *o qual*, *a qual*, *os quaes*, *as quaes*. Pode-se-lhe juntar um nome que é a repetição do antecedente; mas de ordinario deixa-se de repetir este termo, a não ser que o peça a *emphase* ou a clareza da frase:

Trazia sobretudo, sem *o qual* nunca sahia de casa.

São empresas para *as quaes* apparecem muitos candidatos.

Em dia *no qual* a desesperação passara a meta do soffrimento (Herculano).

Cujo usa-se sempre como pronome adjunto. Varia em genero e numero de accordo com o nome da cousa possuida:

Arvore *cujo* tronco seccou e *cujas* folhas cahiram.

Gigante *cuja* figura causa espanto.

Mora em rua *cujas* casas têm aspecto antigo.

Mulher *cujo* marido morreu na guerra.

Pronome relativo indefinido — Damos este nome ao pronome **quem** nas frases em que se usa sem antecedente algum, com a accepção de «homem que», «pessoa que»:

Quem porfia mata a caça.

Dá-se o premio a *quem* melhor trabalho apresentar.

Não te mostres ingrato a *quem* sempre te protegeu.

Gosto de conversar com *quem* me entende.

Afasta-te de *quem* não segue bom caminho.

Quem espera sempre alcança.

Pronomes interrogativos

Os **pronomes interrogativos** usam-se nas perguntas e referem-se a pessoa ou cousa desconhecida.

Ha **interrogativos absolutos** e **adjuntos**. Os absolutos são *quem*, que se applica a ente ou entes humanos, e *que* ou *o que*, equivalente de «que cousa»:

Quem é aquelle homem?

Para *quem* é este presente?

Com *quem* falaste?

Quem será a dama vestida de preto?

Quem eram as duas orfãs?

Que é isto?

Se não é drama, o *que* é? (Castilho).

O *que* é o direito da propriedade? o *que* é o livro? (Herculano).

Como interrogativos adjuntos usam-se: *que* para significar «que especie de», e *qual* (plural *quaes*) para indicar selecção), podendo-se todavia neste segundo caso tambem empregar *que*:

Que livro é este? E' um romance.

Que emprego tens? Sou amanuense.

Que homem é aquelle? E' um escriptor.

Que motivos te trouxeram aqui?

Qual alumno foi premiado?

Em *qual coração* resta hoje virtude e esforço? (Herculano).

Em *quaes dias* [ou em *que dias*] da semana te poderei encontrar em casa?

O interrogativo *qual* nem sempre se diz com o competente substantivo logo apoz. Muitas vezes prefere-se caracterisar a selecção antepondo ao substantivo no plural a expressão *qual dos*, *qual das*:

Qual dos predios foi destruido pelo incendio?

Qual das fazendas escolheste?

Com *qual das moças* dançou elle?

Nas perguntas feitas com o simples verbo *ser*, costuma-se collocar o verbo logo depois de *qual*:

Qual é o quarto de dormir? [Em vez de: *Qual quarto é* o quarto de dormir?].

Quaes são as tuas razões? [Em vez de: *Quaes razões são* as tuas?].

Pronomes indefinidos

Dá-se o nome de **pronomes indefinidos** a uma serie de pronomes applicaveis á 3.^a pessoa do discurso quando esta tem sentido vago e indeterminado.

São pronomes indefinidos absolutos: *alguem*, *ninguem*, *outrem*, *algo*, *tudo*, *nada*:

Alguem esteve hoje neste quarto.
Tudo se gastou inutilmente.
Nada se enxerga nesta obscuridão.
 Não appareceu *ninguem*.
 Não façás a *outrem* o que não desejas
 que te façam.

São igualmente pronomes indefinidos as palavras absolutas *quem*, *qual*, *este*, repetidas em frases differentes com sentido distributivo:

Quem se afoga nas ondas encurvadas, *quem* bebe o mar e o deita juntamente (Camões).
Qual do cavallo voa, que não dece; *qual* c'o cavallo em terra dando, geme; *qual* vermelhas as armas faz de brancas; *qual* c'os pennachos do elmo açouta as ancas (Camões).
Este interpreta mais que subtilmente os textos; *este* faz e desfaz leis; *este* causa os perjurios entre as gentes (Camões).

A semelhantes pronomes indefinidos dá-se tambem o nome de **indefinidos distributivos**. Podem ser substituidos por *um... outro*:

Um se afoga nas ondas, *outro* bebe o mar e o deita juntamente.
Um vermelhas as armas faz de brancas; *outro* com os pennachos do elmo açouta as ancas.

Usam-se as mais das vezes como pronomes adjuntos os indefinidos *algum*, *um*, *certo*, *vario*, *todo*, *outro*, *nenhum*, *qualquer*. *Cada*, palavra invariavel, é sempre pronome adjunto:

Visitei *alguns* collegios.
 Resolvemos *outra* questão.
 Aqui está *todo* o trabalho.
Nenhum esforço fizemos.
Cada homem no seu posto.
 Deve chegar a *qualquer* hora.
 Trouxe-nos *umas* peras muito duras.
Certo dia tinha desaparecido.

OBSERVAÇÃO. — Certos pronomes adjuntos indefinidos podem denotar quantidade, confundindo-se por isso facilmente com os quantitativos (ou numeræes indefinidos).

VERBO

Verbo é a palavra que denota acção ou estado e possui terminações variáveis com que se distingue a pessoa do discurso e o respectivo numero (singular ou plural), o tempo (actual, vindouro, ou passado) e o modo da acção ou estado (real, possível, etc.)

As diversas formas verbaes dividem-se em dous grupos: *finitas* ou *infinitas*.

Chamam-se *formas finitas* todas aquellas que vêm sempre referidas a alguma das tres pessoas do discurso:

(eu) escrevo, (tu) escrevias, (nós) leremos, (elle) ficou, etc.

São **formas infinitas** as que funcionam como substantivo (**infinitivo**), adjectivo (**participio**) e adverbio (**gerundio**). Exemplos:

escrever, falar; falando, falado; escrevendo, lendo, etc.

As formas infinitas não definem a pessoa do discurso em quem a acção ou estado se passa.

Excepcionalmente offerece o infinitivo portuguez, a par da forma propria ou impessoal, uma forma pessoal ou flexionada: *o escreveres tu; o falarmos nós*.

Os tempos do verbo são:

a) o **presente**, para a acção que se passa no momento em que falamos: *leio, estudas*.

b) o **preterito**, subdividido em **imperfeito**, **perfeito**, e **mais-que-perfeito**, para os successos passados anteriormente ao momento em que falamos: *estudava, estudei, estudara*.

c) o **futuro**, para a acção ainda não cumprida; distinguindo-se o **futuro do presente**, que é em relação ao

tempo presente, do futuro do preterito, que é a acção a cumprir em relação a um facto passado. Exemplos:

Digo que *estudarei*.

Disse que *estudaria*.

Ao futuro do preterito dá-se impropriamente o nome de *condicional*.

Os modos em que se dizem as diversas formas finitas são:

- a) o **indicativo**, para a acção real: *deu-me dinheiro*;
- b) o **conjuntivo**, para o facto duvidoso, provavel, potencial, etc.: *dêsse-me dinheiro*;
- c) o **imperativo**, para exprimir ordem, convite, pedido, etc.: *dai-me dinheiro*.

Conjugações

Conjugar um verbo é dizer, segundo um systema determinado, todas as suas formas finitas e infinitas.

Ha tres conjugações: a 1.^a tem o infinitivo em *-ar*, a 2.^a em *-er*, a 3.^a em *-ir*.

OBSERVAÇÃO. — Não ha razão para constituir com o verbo *pôr* e seus compostos uma quarta conjugação. *Pôr*, antigamente *poer*, é apenas um verbo irregular da 2.^a. Seria erroneo considerar *-ôr* como terminação, e como radical tão sómente a consoante *p*.

Chamam-se **regulares** os verbos que se conjugam segundo os paradigmas *cant-ar*, *vend-er* e *pun-ir*, que damos adiante.

São **irregulares** todos os verbos que se afastam destes tres typos de conjugação.

Defectivos se chamam os verbos a que faltam algumas formas.

Denominam-se **auxiliares** os verbos que se combinam com as formas infinitas de outros verbos para constituir conjugação composta.

Os auxiliares mais communs *ser*, *estar*, *ter*, *haver*, são ao mesmo tempo verbos irregulares.

PARADIGMAS DOS VERBOS REGULARES

Conjugação simples

1.^a CAN-TAR2.^a VEND-ER3.^a PUN-IR

INDICATIVO

Presente

| | | |
|-----------|-----------|----------|
| cant-o | vend-o | pun-o |
| cant-as | vend-es | pun-es |
| cant-a | vend-e | pun-e |
| cant-amos | vend-emos | pun-imos |
| cant-ais | vend-eis | pun-is |
| cant-am | vend-em | pun-em |

Imperfeito

| | | |
|-------------|------------|-----------|
| cant-ava | vend-ia | pun-ia |
| cant-avas | vend-ias | pun-ias |
| cant-ava | vend-ia | pun-ia |
| cant-avamos | vend-íamos | pun-íamos |
| cant-aveis | vend-íeis | pun-íeis |
| cant-avam | vend-iam | pun-iam |

Perfeito

| | | |
|------------|------------|-----------|
| cant-ei | vend-i | pun-i |
| cant-aste | vend-este | pun-iste |
| cant-ou | vend-eu | pun-iu |
| cant-ámos | vend-emos | pun-imos |
| cant-astes | vend-estes | pun-istes |
| cant-aram | vend-eram | pun-iram |

Mais que perfeito

| | | |
|-------------|-------------|------------|
| cant-ara | vend-era | pun-ira |
| cant-aras | vend-eras | pun-iras |
| cant-ara | vend-era | pun-ira |
| cant-aramos | vend-eramos | pun-iramos |
| cant-areis | vend-ereis | pun-ireis |
| cant-aram | vend-eram | pun-iram |

Futuro do presente

| | | |
|-------------|-------------|------------|
| cant-arei | vend-erei | pun-irei |
| cant-arás | vend-erás | pun-irás |
| cant-ará | vend-erá | pun-irá |
| cant-aremos | vend-eremos | pun-iremos |
| cant-areis | vend-ereis | pun-ireis |
| cant-arão | vend-erão | pun-irão |

Futuro do preterito (condicional)

| | | |
|--------------|--------------|-------------|
| cant-aria | vend-eria | pun-iria |
| cant-arias | vend-erias | pun-irias |
| cant-aria | vend-eria | pun-iria |
| cant-ariamos | vend-eríamos | pun-iríamos |
| cant-arieis | vend-erieis | pun-irieis |
| cant-ariam | vend-eriam | pun-iriam |

CONJUNTIVO

Presente

| | | |
|-----------|-----------|----------|
| cant-e | vend-a | pun-a |
| cant-es | vend-as | pun-as |
| cant-e | vend-a | pun-a |
| cant-emos | vend-amos | pun-amos |
| cant-eis | vend-ais | pun-ais |
| cant-em | vend-am | pun-am |

Imperfeito

| | | |
|--------------|--------------|-------------|
| cant-asse | vend-esse | pun-isse |
| cant-asses | vend-esses | pun-isses |
| cant-asse | vend-esse | pun-isse |
| cant-assemos | vend-essemos | pun-issemos |
| cant-asseis | vend-esseis | pun-isseis |
| cant-assem | vend-essem | pun-issem |

Futuro

| | | |
|------------|------------|-----------|
| cant-ar | vend-er | pun-ir |
| cant-ares | vend-eres | pun-ires |
| cant-ar | vend-er | pun-ir |
| cant-armos | vend-ermos | pun-irmos |
| cant-ardes | vend-erdes | pun-irdes |
| cant-arem | vend-erem | pun-irem |

IMPERATIVO

| | | |
|---------|---------|-------|
| cant-a | vend-e | pun-e |
| cant-ai | vend-ei | pun-i |

INFINITIVO

Impessoal

| | | |
|---------|---------|--------|
| cant-ar | vend-er | pun-ir |
|---------|---------|--------|

Pessoal

| | | |
|------------|------------|-----------|
| cant-ar | vend-er | pun-ir |
| cant-ares | vend-eres | pun-ires |
| cant-ar | vend-er | pun-ir |
| cant-armos | vend-ermos | pun-irmos |
| cant-ardes | vend-erdes | pun-irdes |
| cant-arem | vend-erem | pun-irem |

GERUNDIO

| | | |
|-----------|-----------|----------|
| cant-ando | vend-endo | pun-indo |
|-----------|-----------|----------|

PARTICÍPIO DO PRETERITO

| | | |
|----------|----------|---------|
| cant-ado | vend-ido | pun-ido |
|----------|----------|---------|

Conjugação dos verbos auxiliares

| TER | HAVER | SER | ESTAR |
|-----|-------|-----|-------|
|-----|-------|-----|-------|

INDICATIVO

Presente

| | | | |
|--------|---------|-------|---------|
| tenho | hei | sou | estou |
| tens | has | és | estás |
| tem | ha | é | está |
| temos | havemos | somos | estamos |
| tendes | haveis | sois | estais |
| têm | hão | são | estão |

Imperfeito

| | | | |
|----------|----------|--------|-----------|
| tinha | havia | era | estava |
| tinhas | havia | eras | estavas |
| tinha | havia | era | estava |
| tinhamos | havíamos | eramos | estávamos |
| tinheis | haviéis | ereis | estaveis |
| tinham | havam | eram | estavam |

Perfeito

| | | | |
|----------|-----------|--------|------------|
| tive | houve | fui | estive |
| tiveste | houveste | foste | estiveste |
| teve | houve | foi | esteve |
| tivemos | houvemos | fomos | estivemos |
| tivestes | houvestes | fostes | estivestes |
| tiveram | houveram | foram | estiveram |

Mais que perfeito

| | | | |
|-----------|------------|---------|-------------|
| tivera | houvera | fora | estivera |
| tiveras | houveras | foras | estiveras |
| tivera | houvera | fora | estivera |
| tiveramos | houveramos | foramos | estiveramos |
| tiveréis | houveréis | foreis | estiveréis |
| tiveram | houveram | foram | estiveram |

Futuro do presente

| | | | |
|---------|-----------|---------|-----------|
| terei | haverei | serei | estarei |
| terás | haverás | serás | estarás |
| terá | haverá | será | estará |
| teremos | haveremos | seremos | estaremos |
| tereis | haveréis | sereis | estareis |
| terão | haverão | serão | estarão |

Futuro do preterito (condicional)

| | | | |
|----------|------------|----------|------------|
| teria | haveria | seria | estaria |
| terias | haverias | serias | estarias |
| teria | haveria | seria | estaria |
| teríamos | haveríamos | seríamos | estariamos |
| terieis | haverieis | serieis | estarieis |
| teriam | haveriam | seriam | estariam |

CONJUNTIVO

Presente

| | | | |
|----------|---------|---------|-----------|
| tenha | haja | seja | esteja |
| tenhas | hajas | sejas | estejas |
| tenha | haja | seja | esteja |
| tenhamos | hajamos | sejamos | estejamos |
| tenhais | hajais | sejais | estejais |
| tenham | hajam | sejam | estejam |

Imperfeito

| | | | |
|------------|-------------|----------|--------------|
| tivesse | houvesse | fosse | estivesse |
| tivesses | houvesse | fosses | estivesse |
| tivesse | houvesse | fosse | estivesse |
| tivéssemos | houvéssemos | fossemos | estivéssemos |
| tivésseis | houvésseis | fosseis | estivésseis |
| tivéssem | houvéssem | fossem | estivéssem |

Futuro

| | | | |
|----------|-----------|--------|------------|
| tiver | houver | for | estiver |
| tiveres | houveres | fores | estiveres |
| tiver | houver | for | estiver |
| tivermos | houvermos | formos | estivermos |
| tiverdes | houverdes | fordes | estiverdes |
| tiverem | houverem | forem | estiverem |

IMPERATIVO

| | | | |
|-------|-------|------|-------|
| tem | ha | sê | está |
| tende | havei | sede | estai |

INFINITIVO

Impessoal

| | | | |
|-----|-------|-----|-------|
| ter | haver | ser | estar |
|-----|-------|-----|-------|

Pessoal

| | | | |
|--------|----------|--------|----------|
| ter | haver | ser | estar |
| teres | haveres | seres | estares |
| ter | haver | ser | estar |
| termos | havermos | sermos | estarmos |
| terdes | haverdes | serdes | estardes |
| terem | haverem | serem | estarem |

GERUNDIO

| | | | |
|-------|---------|-------|---------|
| tendo | havendo | sendo | estando |
|-------|---------|-------|---------|

PARTICÍPIO DO PRETERITO

| | | | |
|------|--------|------|--------|
| tido | havido | sido | estado |
|------|--------|------|--------|

Aplicação dos verbos auxiliares

Os verbos **ter**, **haver**, **ser** e **estar** denotaram a principio acção ou estado, como outros verbos. Ainda hoje se podem usar com o sentido proprio. São porém classificados em grammatica como verbos auxiliares por se combinarem frequentemente com as formas infinitas de outros verbos, servindo-lhes de elementos subsidiarios.

Estas combinações de auxiliares com verbos principaes constituem conjugações compostas, as quaes têm, com poucas excepções, todas as formas finitas e infinitas da conjugação simples. Falta-lhes o particípio do preterito e o imperativo.

Ter e haver combinam-se com o infinitivo mediante a preposição **de**: *ter de cantar, haver de cantar*. São formas usadas para exprimir necessidade, dever, obrigação. Ha differença de sentido na 1.^a pessoa: *tenho de partir* indica que a acção a praticar não depende da vontade do sujeito; succede o contrario com *hei de partir*.

Ter e haver combinam-se directamente com o participio do preterito: *ter cantado, haver cantado*. A primeira forma é a mais usada; a segunda, empregada com moderação, dá á linguagem feição mais solemne; empregada systematicamente, torna-a rebuscada e pedantesca.

Esta conjugação composta denota a realisação perfeita: no presente *tenho cantado*, no preterito *tinha cantado*, no futuro *tereí cantado*. A forma *tive cantado* do portuguez antigo cahiu em desuso.

Embora *tinha cantado* seja o imperfeito quanto á forma, a sua significação de acto perfeitamente realisaado é identica á do mais-que-perfeito simples, *tinha cantado* torna-se equivalente de *cantara*.

A forma do presente *tenho cantado* denota acto de realisação perfeita, porém durativo ou iterativo, abrangendo o momento em que se fala e podendo perdurar ou recommençar depois. Raras vezes se usa para exprimir com emphase um acto que durou somente até este momento.

Ser combina-se com o participio do preterito para formar voz passiva. Comparem-se estes dous exemplos:

O pai *castigou* o menino.

O menino *foi castigado* pelo pai.

Tambem pode juntar-se **ser** com o participio de certos verbos que não se apassivam, e neste caso a construcção tem o mesmo valor que *ter* + participio. Exemplos:

Eram passadas duas horas.

E' chegado o grande dia.

Com o auxiliar **estar** emprega-se o verbo principal no gerundio para designar acto durativo que abrange rigorosamente e excede, ou deve exceder, o momento em

que se fala (presente) ou do qual se fala. Exemplos: *estou lendo, estava lendo, estará lendo.*

Estar combinado com infinitivo mediante a preposição **a** é linguagem usada para significar a acção imminente. Exemplo: *a fruta está a cair.* Em certas frases denota o mesmo que a forma composta de *estar* + gerundio. Exemplo: *elles estão a gritar* ou *estão gritando.*

Combinando-se **estar** com infinitivo mediante a preposição **por**, obtem-se a linguagem que significa a acção que deve ou devia effectuar-se: *os campos estão por lavrar.*

Estar com participio do preterito denota o estado: *a obra está acabada.*

Conjugação de *ter* e *haver* com participio do preterito

Sendo costume antigo incorporar nos paradigmas de conjugação, a titulo de formas compostas, as combinações de **ter** e **haver** com participio do preterito, damos em seguida as respectivas formas por extenso.

São conhecidas as formas finitas pelas inexpressivas denominações *preterito perfeito composto, mais que perfeito composto, futuro composto e condicional composto.*

Applicam-se emtanto a cousas heterogeneas. O *mais-que-perfeito composto* tem o mesmo sentido que o *mais-que-perfeito simples.* O futuro formado com **ter** e participio do preterito differe do futuro simples em denotar uma acção que se deve realisar previamente a outra acção futura. Deveria chamar-se futuro prévio.

INDICATIVO

| | |
|----------------|-----------------------------|
| tenho (ou hei) | cantado, vendido, punido *) |
| tens (ou has) | » » » |
| tem (ou ha) | » » » |

*) As formas com o auxiliar *haver* posto entre parenthesis existem em theoria, mas são desusadas na pratica.

| | | | |
|--------------------------|--------------------------|---|---|
| temos (ou havemos) | » | » | » |
| tendes (ou haveis) | » | » | » |
| têm (ou hão) | » | » | » |
| tinha ou havia | cantado, vendido, punido | | |
| tinhas ou havias | » | » | » |
| tinha ou havia | » | » | » |
| tinhamos ou haviamos | » | » | » |
| tinheis ou havieis | » | » | » |
| tinham ou haviam | » | » | » |
| terei (ou haverei) | cantado, vendido, punido | | |
| terás (ou haverás) | » | » | » |
| terá (ou haverá) | » | » | » |
| teremos (ou haveremos) | » | » | » |
| tereis (ou havereis) | » | » | » |
| terão (ou haverão) | » | » | » |
| teria (ou haveria) | cantado, vendido, punido | | |
| terias (ou haverias) | » | » | » |
| teria (ou haveria) | » | » | » |
| teriamos (ou haveriamos) | » | » | » |
| terieis (ou haverieis) | » | » | » |
| teriam (ou haveriam) | » | » | » |

CONJUNTIVO

| | | | |
|----------------------------|--------------------------|---|---|
| tenha ou haja | cantado, vendido, punido | | |
| tenhas ou hajas | » | » | » |
| ienha ou haja | » | » | » |
| tenhamos ou hajamos | » | » | » |
| tenhais ou hajais | » | » | » |
| tenham ou hajam | » | » | » |
| tivesse ou houvesse | cantado, vendido, punido | | |
| tivesses ou houvesseis | » | » | » |
| tivesse ou houvesse | » | » | » |
| tivéssemos ou houvésssemos | » | » | » |
| tivesseis ou houvesseis | » | » | » |
| tivessem ou houvessem | » | » | » |

| | |
|-----------------------|--------------------------|
| tiver ou houver | cantado, vendido, punido |
| tiveres ou houveres | » » » |
| tiver ou houver | » » » |
| tivermos ou houvermos | » » » |
| tiverdes ou houverdes | » » » |
| tiverem ou houverem | » » » |

INFINITIVO PESSOAL

| | |
|--------------------|--------------------------|
| ter ou haver | cantado, vendido, punido |
| teres ou haveres | » » » |
| ter ou haver | » » » |
| termos ou havermos | » » » |
| terdes ou haverdes | » » » |
| terem ou haverem | » » » |

GERUNDIO

tendo ou havendo cantado, vendido, punido

Derivados do preterito perfeito

Do radical do preterito perfeito do indicativo tiram-se os tempos seguintes :

- 1.º, o mais-que-perfeito do indicativo, acrescentando **-ra** ;
- 2.º, o imperfeito do conjuntivo, ajuntando **-sse** ;
- 3.º, o futuro do conjuntivo, acrescentando **-r**.

O radical puro, que dá origem a essas formações, pode achar-se obscurecido na 1.^a e 3.^a do singular, mas revela-se bem nas demais formas pessoais. Exemplos :

| | |
|------------------------------|------------------------------|
| estive : | estivera, estivesse, estiver |
| tive : | tivera, tivesse, tiver |
| trouxe : | trouxera, trouxesse, trouxer |
| coube : | coubera, coubesse, couber |
| disse : | dissera, dissesse, disser |
| vi : | vira, visse, vir |
| prouve : | prouvera, prouvesse, prouver |
| puze-ste (puzemos, etc.) : | puzera, puzesse, puzer |
| quize-ste (quizemos, etc.) : | quizera, quizesse, quizer |

| | |
|-------------------------|---------------------|
| vie-ste (viemos, etc.): | viera, viesse, vier |
| de-ste (demos, etc.): | dera, desse, der |
| fo-ste (fomos, etc.): | fora, fosse, for. |

Formação do futuro do indicativo

Forma-se do infinitivo o futuro do presente, accrescentando **-ei, -ás, -á, -emos, -eis, -ão**; e o futuro do preterito, accrescentando **-ia, -ias, -ia, -iamos, -ieis, -iam**:

| | |
|---------|---|
| chamar: | chamarei, chamarás, chamaria, chamarias, etc. |
| vencer: | vencerei, vencerás, venceria, vencerias, etc. |
| punir: | punirei, punirás, puniria, punirias, etc. |

Porém os verbos *dizer, fazer, trazer* fazem *direi, diria, farei, faria, trarei, traria*. As formas *dizerei, trazerei*, etc., occorrem em textos de portuguez antigo, mas são desusadas hoje.

A historia da formação do futuro em portuguez é commum a outras linguas romanicas. Constituiu-se esta forma temporal com a junção do presente e preterito de **habere** (haver) ao infinitivo. Em nosso idioma **ei, ás**, etc., procedem de **hei, has, ha, hemos** (por *havemos*), **heis** (por *haveis*), **hão**; **hia** (contração de *havia*), **hias**, etc.

Formação do presente do conjuntivo

Substituindo a terminação **-o** da 1.^a pessoa do singular do presente do indicativo por **-e** nos verbos da 1.^a conjugação, e por **a** nos da 2.^a e 3.^a conjugação, obtem-se o thema para todas as pessoas do presente do conjuntivo. Exemplos:

| | |
|--------|--|
| sirvo: | sirva, sirvas, sirva, sirvamos, sirvais, sirvam. |
| faço: | faça, faça, faça, façamos, etc. |
| canto: | cante, cantes, cante, etc. |
| durmo: | durma, durmas, durma, etc. |
| peço: | peça, peças, peça, etc. |
| tenho: | tenha, tenhas, tenha, etc. |
| ouço: | ouça, ouças, ouça, etc. |
| trago: | traga, tragas, traga, etc. |
| digo: | diga, digas, diga, etc. |
| sigo: | siga, sigas, siga, etc. |
| ponho: | ponha, ponhas, ponha, etc. |

caibo: caiba, caibas, caiba, etc.

posso: possa, possas, possa, etc.

Exceptuam-se da regra precedente os verbos *haver*, *ser*, *estar*, *querer*, *saber*, *ir* e *dar*.

Haver faz *haja*, **ser** faz *seja*, **estar** faz *esteja* (antigamente era *estê*, *estês*, *estê*, etc.). Ao indicativo **vou** corresponde o conjuntivo *vá*, *vás*, *vá*, etc.; a **dou** corresponde *dê*, *dês*, *dê*, etc. O verbo **saber** faz no conjuntivo: *saiba*, *saibas*, *saiba*, etc. **Querer** tem no conjuntivo *queira*, *queiras*, etc.

Imperativo

As formas próprias do imperativo, 2.^a pessoa do singular e 2.^a pessoa do plural, não differem das respectivas formas pessoas do presente do indicativo senão pela eliminação de s final:

| | | | | |
|--------|--------|--|--------|-------|
| chama, | chamai | | faze, | fazei |
| vende, | vendei | | põe, | ponde |
| traze, | trazei | | serve, | servi |
| dize, | dizei | | pune, | puni. |

Exceptua-se o verbo *ser*, que faz no imperativo *sê*, *sede*.

OBSERVAÇÃO. — Na linguagem antiga, a 2.^a do singular do imperativo de alguns verbos podia ter radical um tanto differente da respectiva forma do presente do indicativo, como se pode ver na *Grammatica Historica*.

Gerundio

O gerundio termina em **-ando** **-endo**, **-indo**, conforme a conjugação a que pertence o verbo. O verbo **pôr** faz *pondo* (antigamente *poendo* de *poer*). O gerundio exerce função de participio do presente.

Participio do presente

O participio do presente latino deu em portuguez formas em **-ante**, **-ente**, **-inte**, porém foram geralmente usadas como substantivos e adjectivos propriamente ditos. Subsiste ainda vestigio da função antiga em *temente*: *homem temente a Deus*.

Alternancia vocalica

Muitos verbos soffrem mudança na vogal do radical quando neste recae o accento tonico. Em *rogar* trocamos **ô** fechado em **ó** aberto para dizer *rogo, rogas, roga*. Semelhantemente convertemos **ê** fechado em **é** aberto para dizer *levo, levas, bebes, bebe*. De *subir* usamos as formas *subo, sobes, sobe*; de *servir*, *sirvo, serves, serve*.

Chamamos **alternancia vocalica** a esta mudança da vogal radical quando accentuada. Este facto é conhecido tambem pela denominação **metaphonia**.

Os verbos em que alternam **u** com **o**, e **i** com **e** vêm especificados na lista dos verbos irregulares.

Aqui tratamos sómente da mudança de **ô** fechado em **ó** aberto, e de **ê** fechado em **é** aberto.

Conserva-se a vogal fechada, quer dizer, não ha alternancia vocalica:

1.º quando a vogal tonica se acha no fim do radical:

crê, crês; lê, lê; dê, dê; vê, vê.

2.º quando faz parte dos ditongos **ou**, **ei**:

agouro, agouras; douro, douras; cheiro, cheiras; poupo, poupas, poupa; afrouxo, afrouxa.

3.º no ditongo **oi** seguido de consoante:

pernoita; escoima; azoina.

4.º quando a vogal vem seguida de consoante nasal:

como, comes, come; gemo, gemes; ordeno, ordenas; empenho, empenhas; leciono, lecionas; aponto, apontas.

5.º nos verbos terminados em **-ear**, **-elhar** e **-ejar** (exceptuando *invejar*), e **-oar**:

receio, receias; aparelho, aparelhas; desejo, desejas; voas, voe; coroas, coroa, coroe.

6.º nos verbos **chegar**, **ensebar**:

chego, chegas, chegue; ensebo, ensebas.

Exceptuados estes casos, verifica-se regularmente que a vogal tónica e ou o converte-se de fechada em aberta na 2.^a e 3.^a pessoa do singular e 3.^a do plural do presente do indicativo, bem como na 2.^a do singular do imperativo, tanto nos verbos em **-ar**, como nos que terminam em **-er** e **ir**. Exemplos:

| | |
|------------|--------------------------------------|
| governar : | governas, governa, governam, governa |
| negar : | negas, nega, negam, nega |
| chorar : | choras, chora, choram |
| olhar : | olhas, olha, olham |
| beber : | bebes, bebe, bebem |
| escrever : | escreves, escreve, escrevem |
| merecer : | mereces, merece, merecem |
| roer : | roes, roe, roem |
| ferver : | ferves, ferve, fervem |
| vestir : | vestes, veste, vestem |
| ferir : | feres, fere, ferem |
| dormir : | dormes, dorme, dormem |
| pedir : | pedes, pede, pedem. |

Nos verbos da 1.^a conjugação a mudança em vogal aberta affecta também a 1.^a pessoa do singular do presente do indicativo e o presente do conjuntivo. Exemplos:

choro, chore, chores, chore, chorem
 olho, olhe, olhes, olhem
 adorno, adorne, adornes, adornem
 rogó, rogue, rogues, roguem
 levo, leve, leves, levem
 rego, regue, regues, reguem
 corto, corte, cortes, cortem
 esfrego, esfregue, esfregues, esfreguem
 espero, espere, esperes, esperem.

Estão no mesmo caso os verbos **medir**, **pedir**, **despedir**, **impedir** da 3.^a conjugação :

meço, meça, meças, meçam
 peço, peça, peças, peçam
 despeço, despeça, despeças, despeçam
 impeço, impeça, impeças, impeçam.

Na 2.^a conjugação apenas o verbo **querer** faz na 1.^a do singular do presente do indicativo *quero*, com vogal aberta. O conjuntivo é irregular.

Em outros verbos da conjugação em **-er**, as tónicas e e o, posto que soem como vogaes abertas na 2.^a e 3.^a pessoa do presente do indicativo, mantêm o valor de vogaes fechadas na 1.^a pessoa e no presente do conjuntivo. Exemplos:

bebo, (bebes, bebe, bebem), beba, bebas, bebam
 mereço (mereces, merece, merecem), mereça, mereças, mereçam
 rão (roes, roe, roem), roa, roas, roam
 escrevo (escreves, escreve, escrevem), escreva, escrevas, escrevam.

Verbos em *-ear* e *-iar*

Todos os verbos terminados em **-ear** fazem as tres pessoas do singular e a 3.^a do plural do presente do indicativo respectivamente em *-eio*, *-eias*, *-eia*, *-eiam*, e do presente do conjuntivo em *-eie*, *-eies*, *-eie*, *-eiem*. Exemplos:

nomear: nomeio, nomeias, nomeia, nomeiam; nomeie, nomeies, nomeie, nomeiem.
 prantear: pranteio, pranteias, pranteia, pranteiam; pranteie, pranteies, pranteie, pranteiem.
 apear: apeio, apeias, apeia, apeiam; apeie, apeies, apeie, apeiem.
 passear: passeio, passeias, passeia, passeiam; passeie, passeies, passeie, passeiem.

Possue estas formas todo o verbo a par do qual exista substantivo ou adjectivo da mesma raiz, terminado em *é* tónico, em *-eio*, *eia*, ou *-éa*. Exemplos:

| | |
|------------------|---------------------|
| apear (pé) | bloquear (bloqueio) |
| cear (ceia) | prear (preia) |
| assear (asseio) | idear (idéa) |
| arrear (arreio) | bolear (boléa) |
| afear (feio) | passear (passeio) |
| soffrear (freio) | receiar (receio) |
| pear (peia) | arear (areia). |

As mesmas formas são próprias dos innumerables verbos em **-ear** derivados de substantivos e adjectivos que terminam em consoante, ou em vogal atona *a*, *e* ou *o*, precedida de consoante (exceptuando *amplo*, *breve*, *lume*, que deram *ampliar*, *abreviar*, *alumiar*). Exemplos:

| | | | |
|-----------|----------|----------|-----------|
| marear | de mar | tourear | de touro |
| senhorear | » senhor | tornear | » torno |
| florear | » flor | saborear | » sabor |
| arquear | » arco | falsear | » falso |
| branquear | » branco | nomear | » nome |
| sortear | » sorte | guerrear | » guerra |
| nortear | » norte | bronzear | » bronze |
| escoucear | » couce | cabecear | » cabeça. |

São também verbos em **-ear** os seguintes:

| | |
|--------------------------------|-----------|
| vadear (passar a vau) | bruxolear |
| semear | bambolear |
| atear | derrear |
| cecear (pronunciar <i>ce</i>) | favonear. |
| pavonear | |

Os verbos em **-iar** fazem as tres pessoas do singular e a 3.^a do plural do presente do indicativo por via de regra em *-io*, *-ias*, *-ia*, *-iam*, e do presente do conjuntivo em *-ie*, *-ies*, *-ie*, *-iem*, cahindo o accento tonico sempre na vogal *i*.

Por excepção alguns verbos em **-iar** têm as referidas terminações em *-eio*, *-eias*, etc., como se fossem verbos em **-ear**. Exemplos de conjugação regular:

- vigiar: vigio, vigias, vigia, vigiam; vigie, vigies, vigie, vigiem.
- copiar: copio, copias, copia, copiam; copie, copies, copie, copiem.
- iniciar: inicio, inicias, inicia, iniciam; inicie, inicies, inicie, iniciem.

Com os verbos em **-iar** coexistem geralmente substantivos ou adjectivos em *-io*, *-ia*, dos quaes em grande parte se originaram. Exemplos:

| | |
|------------------------|--------------------------|
| variar (vario) | associar (socio) |
| officiar (officio) | denunciar (denuncia) |
| deliciar (delicia) | annunciar (annuncio) |
| gloriar (gloria) | plagiar (plagio) |
| injuriar (injuria) | alliviar (allivio) |
| auxiliar (auxilio) | insidiar (insidia) |
| divorciar (divorcio) | contagiar (contagio) |
| sitiar (sitio) | contrariar (contrario) |
| assobiar (assobio) | policar (policia) |
| principiar (principio) | calumniar (calumnia) |
| viciar (vicio) | privilegiar (privilegio) |
| fiar (fio) | aviar (via). |

Conjugam-se regularmente como *vigiar*, *variar*, etc., embora não se relacionem com substantivos ou adjectivos em *-io*, *-ia*, os verbos:

| | |
|----------|-------------------------|
| alumiar | fiar (ter fé) |
| ampliar | confiar |
| abreviar | saciar |
| annuiar | extasiar |
| agraciar | apreciar (e depreciar). |

Os verbos em *-iar* que excepcionalmente seguem o typo da conjugação em *-ear* para as tres pessoas do singular e a 3.^a do plural do presente, quer do indicativo, quer do conjuntivo, são:

| | |
|------------|---|
| odiar: | odeio, odeias, odeia, odeiam; odeie, odeies, odeie, odeiem. |
| anciar: | anceio, anceias, anceia, anceiam; anceie, anceies, anceie, anceiem. |
| mediar: | medeio, medeias, medeia, etc. |
| incendiar: | incendeio, incendeias, incendeia, etc. |
| remediar: | remedeio, remedeias, remedeia, etc. |

No Brasil conjugam-se segundo a regra geral os seguintes verbos:

| | |
|---------------|---------------------------------|
| evidenciar: | evidencio, evidencias, etc. |
| providenciar: | providencio, providencias, etc. |
| silenciar: | silencio, silencias, etc. |
| negociar: | negocio, negocias, etc. |

| | |
|---------------|-------------------------------|
| estipendiar : | estipendio, estipendias, etc. |
| distanciar : | distancio, distancias, etc. |
| agenciar : | agencio, agencias, etc. |

Em Portugal diz-se, pelo contrario: *agenceio, negocio, commerceio*.

No Brasil faz-se distincção entre **crear** (dar existencia, tirar do nada) e **criar** (educar, cultivar, promover o desenvolvimento, crescimento ou cultura de cousa existente). O primeiro verbo segue o typo dos verbos em **-ear**; o segundo o dos verbos em **-iar**.

Fazemos distincção analoga entre *creator* e *criador*, *creação* e *criação*.

Verbos em *-uzir*

Os verbos *produzir, luzir, traduzir, conduzir, seduzir*, etc. não differem dos verbos regulares da 3.^a conjugação senão na 3.^a pessoa do singular do presente do indicativo, em que perdem a terminação **-e**. Exemplo :

produzo, produzes, produz (em vez de produze), produzimos, produzis, produzem.

OBSERVAÇÃO. — Em Camões e outros escriptores do seu tempo ainda se encontram exemplos com a terminação **-e**: *Os dões que dá Pomona ali natura produce differentes nos sabores.* (Lusiadas) — *Vão per meia agua per que transluz a cor.* (Barros, Dec.).

Minguar, enxaguar, desaguar, maguar

O verbo **minguar** nas formas em que a accentuação se faz no radical, tem o accento tonico na primeira syllaba :

mínguo, mínguas, míngua, mínguamos, mínguais, mínguem.
míngue, míngues, míngue, mínguêmos, mínguêis, mínguem.

Assim pronuncia o povo (que ás vezes tambem diz *mingo, mingas, minga*) e assim sempre se usou na linguagem litteraria. Verificamos esta maneira de accentuar não sómente na rima de *mingua* com *lingua*, de que encontramos bastantes exemplos na antiga e moderna poesia,

mas ainda no interior dos versos pela medição das syllabas, como nestes casos:

O caminho não mingua, antes mais croce (Sá de Mir.).
 Este curso do sol tão bem medido,
 Que hum ponto só não mingua nem se augmenta (Camões).
 Mingua o mar, jaz areia o que era oceano (Castilho).

Semelhantemente conjugamos **enxaguar**:

enxáguo, enxáguas, enxágua, enxaguâmos,
 enxaguáis, enxáguem, enxágué, enxágués, etc.

A mesma accentuação tem o verbo **desaguar**, segundo pronuncia usual. Assim dizemos:

Os rios do Brasil deságuam no Oceano Atlantico.
 O Danubio deságua no Mar Negro.

OBSERVAÇÃO. — Documentação que confirme esta pronuncia em linguagem litteraria é escassa, por ser o verbo *desaguar* pouco usado na linguagem antiga, occorrendo em seu lugar, com frequencia, expressões synonymas (*deitar as aguas, descarregar as aguas*, etc.).

maguar — Conjuga-se este verbo:

magôo, magôas, magôa, maguâmos, maguais, magôam;
 magôe, magôes, magôe, magoêmos, magoêis, magôem.

Verbos defectivos

Chamam-se **defectivos** os verbos a que faltam certas formas pessoaes, temporaes ou modaes.

São defectivos por desusados nas formas em que o accento tonico deveria cahir no radical os verbos seguintes:

| | | | |
|------------|--------|--------|--------|
| precauer | fallir | fornir | poir |
| aguerrir | florir | adir | renhir |
| delinquir | cernir | buir | remir. |
| empedernir | embair | condir | |

Destes verbos não se dizem as tres pessoas do singular e a 3.^a do plural do presente do indicativo, nem o presente do conjuntivo (por ser derivado da 1.^a do singular do indica-

tivo), nem a 2.^a do singular do imperativo. Dizemos porém: *precavemos, precavia, embaimos, renhimos, renhiram, falliu, falliram*, etc.

Dos verbos **abolir** e **demolir** não se usa a 1.^a do singular do presente do indicativo, nem o presente do conjuntivo.

Preenchem-se os claros dos citados verbos defectivos por meio de circumloquios ou outros verbos de sentido equivalente, como *previno, acautelo-me* (para *precar*), *redimo* (para *remir*), *abro fallencia* (para *fallir*), *florece* (para *florir*), *illudo, illudes* (para *embair*), *supprimo* (para *abolir*), *arraso, deito por terra, destruo* (para *demolir*), etc.

OBSERVAÇÃO. — Do verbo *remir* encontram-se em escriptores classicos *rimo, rimes*, etc. Estas formas são desusadas na linguagem de hoje.

É tambem defectivo o verbo *rehaver* no presente do indicativo, em que tem apenas as formas *rehavemos, rehaveis*, e no imperativo em que só possui a 2.^a do plural *rehavei*.

Verbos impessoaes

Verbo **impessoal** ou **unipessoal** é todo aquelle que em forma finita não tem senão a 3.^a pessoa.

Os verbos impessoaes constituem uma classe á parte dos verbos defectivos.

Certos verbos impessoaes exprimem phenomenos da natureza. Exemplos:

- chover: chove, chovia, choveu, choverá, etc.
- nevar: neva, nevava, nevou, etc.
- trovejar: troveja, trovejava, trovejou, etc.
- ventar: venta, ventava, ventou, etc.
- relampejar: relampeja, relampejava, relampejou, etc.
- amanhecer: amanhece, amanheceu, etc.
- anoitecer: anoitece, anoiteceu, etc.

Outros são verbos usados com sentido especial para denotar conveniencia, necessidade, etc.:

Cumpre tratar da tua saude.

Importa ficar calado.

Convem não sairmos de casa.

Outros denotam affecções e phenomenos que se passam com as creaturas humanas, apresentando-se estas antes como pacientes do que como agentes:

Doe-me ver tanta miseria.

Praz-me procederes desse modo.

Parece-me que elle está contente.

O verbo **haver** usado com o sentido de «existir» é impessoal:

Ha homens sadios e homens doentes.

Ha muito movimento nas ruas.

Conjugação dos verbos irregulares

(EXCLUINDO FORMAS REGULARES MAIS FACEIS)

1.^a CONJUGAÇÃO

Dar

Indicativo Presente: dou, dás, dá, damos, dais, dão.

Perfeito: dei, deste, deu, demos, destes, deram.

Mais-que-perfeito: dera, deras, dera, deramos, dereis, deram.

Conjuntivo Presente: dê, dês, dê, demos, deis, dêem.

Imperfeito: desse, desses, desse, dessemos, desseis, dessem.

Futuro: der, deres, der, dermos, derdes, derem.

Estar (ver a lista dos verbos auxiliares).

2.^a CONJUGAÇÃO

Caber

Indicativo Presente: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.

Perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

Mais-que-perfeito: coubera, couberas, coubera, etc.

Conjuntivo Presente: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.

Imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, etc.

Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Crer

Indicativo Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, crêem.

Perfeito: cri, creste, creu, cremos, etc.

Mais-que-perfeito: crera, creras, etc.

Conjuntivo Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.

Imperfeito: cresse, cresses, etc.

Futuro: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem.

Imperativo: crê, crede.

Dizer

Indicativo Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.

Perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.

Mais-que-perfeito: dissera, disseras, etc.

Futuro do Presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.

Futuro do Preterito: diria, dirias, diria, diríamos, dirieis, diriam.

Conjuntivo Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.

Imperfeito: dissesse, dissesse, dissesse, dissessemos, etc.

Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.

Imperativo: dize, dizei.

Participio do Preterito: dito.

Segundo este modelo se conjugam *bemdizer*, *maldizer*, *contradizer*, *desdizer* e *predizer*.

Fazer

Indicativo Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.

Perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.

Mais-que-perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizemos, fizereis, fizeram.

Futuro do Presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.

Futuro do Preterito: faria, farias, faria, faríamos, farieis, fariam.

Conjuntivo Presente: faça, faça, faça, façamos, façais, façam.

Imperfeito: fizesse, fizesse, fizesse, etc.

Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.

Imperativo: faze, fazei.

Participio do Preterito: feito.

Conforme este verbo *fazer* se conjugam *satisfazer*, *desfazer*, *contrafazer*, *refazer*, e *afazer*.

Haver (v. a lista dos verbos auxiliares).

Jazer

Indicativo Perfeito: jazi, jazeste, jazeu, etc. As formas antigas *jouve*, *jouveste*, *jouve*, etc., cahiram em desuso. No presente do indicativo conjugava-se este verbo outrora *jaço*, *jazes*, *jaz*, *jazemos*, *jazeis*, *jazem*, e no presente do conjuntivo *jaça*, *jaças*, *jaça*, etc. Hoje dizem-se as formas regulares, mas não se empregam *jaço*, *jaça*, etc. O verbo neste ponto é defectivo.

Ler

Indicativo Presente: leio, lêes, lê, lemos, ledes, lêem.

Perfeito: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.

Mais-que-perfeito: lera, leras, lera, etc.

Conjuntivo Presente: leia, leias, leia, leiamos, etc.

Imperfeito: lesse, lessees, etc.

Futuro: ler, leres, ler, lermos, lerdés, lerem.

Imperativo: lê, lede.

Perder

Indicativo Presente: perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

Conjuntivo Presente: perca, percas, perca, percamos, percais, percam.

Poder

Indicativo Presente: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.

Perfeito: pude, pudeste, poudes, pudemos, pudestes, puderam.

Mais-que-perfeito: pudera, puderas, etc.

Conjuntivo Presente: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.

Imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, etc.

Futuro: puder, poderes, puder, etc.

OBSERVAÇÃO. — *Poder* não se usa no imperativo. Antonio Vieira empregou uma ou outra vez a forma *podei* juntamente com a forma *querei* do verbo *querer*.

Pôr

(FORMA CONTRACTA DO ANTIGO VERBO *poer*)

Indicativo Presente: ponho, pões, põe, pomos, poudes, põem.

Imperfeito: punha, punhas, punha, punhamos, punheis, punham.

Perfeito: puz, puzeste, poz, puzemos, puzestes, puzeram.

Mais-que-perfeito: puzera, puzeras, puzera, puzeramos, puzereis, puzeram.

Futuro do Presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.

Futuro do Preterito: poria, porias, poria, poríamos, porieis, poriam.

Conjuntivo Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.

Imperfeito: puzesse, puzesses, puzesse, puzessemos, puzesseis, puzessem.

Futuro: puzer, puzeres, puzer, puzermos, puzerdes, puzerem.

Imperativo: põe, ponde.

Gerundio: pondo.

Participio do Preterito: posto.

Conjugam-se do mesmo modo *compôr*, *dispôr*, *suppôr*, *propôr*, *antepôr*, *pospôr*, *contrapôr*, etc.

Prazer

(DESUSADO NA 1.^a E 2.^a PESSOA)

Indicativo Presente: praz.

Perfeito: prouve.

Mais-que-perfeito: prouvera.

Conjuntivo Perfeito: prouvesse.

Futuro: prouver.

OBSERVAÇÃO. — Seguem a mesma conjugação *aprazer* e *desprazer*, ao passo que *comprazer* se conjuga como verbo regular em todas as pessoas: *comprazi*, *comprazeste*, *comprazeu*, etc. Alguns escriptores preferem todavia dar-lhe formas analogas ás de *prazer*: *comprouve*, etc. Comparem-se estes exemplos: *Valem mil festins, nos quaes sabeis que nunca me comprazi* (Herc. M. de Cister); *é a ella, só a ella que se comprouve de a dedicar* (Castilho, Outono).

Querer

Indicativo Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

Perfeito: quiz, quizeste, quiz, quizemos, quizestes, quizeram.

Mais-que-perfeito: quizera, quizeras, quizera, quizeramos, quizeréis, quizeram.

Conjuntivo Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.

Imperfeito: quizesse, quizesseis, quizesse, quizessemos, quizesseis, quizessem.

Futuro: quizer, quizeres, quizer, quizermos, quizerdes, quizerem.

Participio do Preterito: querido (ha uma forma *quistó*, mas é usada sómente em *malquistó*, *bemquistó*).

OBSERVAÇÃO. — Não se usa no imperativo; mas encontram-se raros exemplos de *querei* nos Sermões de Antonio Vieira. A 3.^a pessoa do singular do presente do indicativo é *quer*, e não *quere*, como erroneamente se ensina hoje em Portugal, attendendo a certo falar dialectal e contradizendo a tradição de longos seculos de linguagem litteraria, a qual milhares de vezes empregou, e milhares de vezes sem discrepância, a forma correcta *quer*. Accresce que jamais os escriptores empregavam *quere-o* e sim *quel-o* (graphado *quello* e *quelo*), como o demonstrámos na Grammatica Historica.

Requerer

Indicativo Presente: requeiro, requeres, requer, requeremos, requireis, requerem.

Perfeito: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.

Mais-que-perfeito: requerera, requereras, requerera, etc.

Conjuntivo Presente: requeira, requieras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Imperfeito: requeresse, requeresse, requeresse, etc.

Futuro: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Imperativo: requere, requirei.

Participio do Preterito: requerido.

OBSERVAÇÃO. — Este verbo na 3.^a pessoa do singular do pres. do ind. fazia antigamente *requere*, não por causa do verbo *querer*, o que seria absurdo, mas antes pelo contrario, por assumir o verbo formas regulares. *Requere* creou-se por analogia de *refere*, *transfere*, etc. A forma *requer*, que finalmente predominou, essa é a que se modelou pelo verbo *querer*, que faz *quer*.

Saber

Indicativo Presente: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.

Perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.

Mais-que-perfeito: soubera, souberas, soubera, souberamos, souberais, souberam.

Conjuntivo Presente: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.

Imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubessemos, soubesseis, soubessem.

Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

Imperativo: sabe, sabei.

Ser — Veja pag. 104

Ter — Veja pag. 104.

Trazer

Indicativo Presente: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.

Perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.

Mais-que-perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxeram, trouxe-
reis, trouxeram.

Futuro do Presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.

Futuro do Preterito: traria, trarias, traria, trariamos, trarieis, trariam.

Presente: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.

Imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, etc.

Imperativo: traze, trazei.

Valer

Indicativo Presente: valho, vales, vale, valem, valeis, valem.

Conjuntivo Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Imperativo: vale, valei.

OBSERVAÇÃO. — Em linguagem literaria antiga empregava-se na 3.^a pessoa a forma *val*, em vez de *vale*. É ainda hoje a forma preferida na linguagem popular de Portugal.

Ver

Indicativo Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, vêem.

Imperfeito: via, vias, via, viamos, vieis, viam.

Perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.

Mais-que-perfeito: vira, viras, vira, viramos, vireis, viram.

Conjuntivo Presente: veja, veja, veja, vejamos, veja, vejais, vejam.

Imperfeito: visse, visses, visse, vissemos, visseis, vissem.

Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Imperativo: vê, vede.

Gerundio: vendo.

Participio do Preterito: visto.

Assim se conjugam *prever*, *antever*, *rever* e *entrever*.

Prover

Indicativo Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêm.

Imperfeito: provia, provias, etc.

Preterito: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

Mais-que-perfeito: provera, proveras, provera, etc.

Conjuntivo Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.

Imperfeito: provesse, provesses, provesse, provessesmos, provesseis, provessem.

Futuro: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Imperativo: provê, provede.

Gerundio: provendo.

Participio do Preterito: provido.

3.^a CONJUGAÇÃO

Acudir

Indicativo Presente: acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.

Perfeito: acudi, acudiste, etc.

Conjuntivo Presente: acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.

Imperfeito: acudisse, acudisses, acudisse, etc.

Imperativo: acode, acudi.

Como *acudir* se conjugam *bulir*, *consumir*, *cuspir*, *destruir*, *engulir*, *subir*, *sacudir*, *sumir*, *fugir* (levando em conta a mudança de *g* para *j* antes de *o* e *a*).

Instruir e **obstruir** são verbos regulares: *instruo*, *instrues*, *instrue*, *instruem*, *obstruo*, *obstrues*, *obstrue*, *obstruem*. **Construir** conjuga-se *construo*, *constroes*, ou *construes*, *constroe*, ou *construe*, *construimos*, *construis*, *constroem* ou *construem*.

OBSERVAÇÃO. — Em portuguez antigo dizia-se *consumes*, *consume*, *consumem*, *destrues*, *destrue*, *destruem*, *sumes*, *sume*, *sumem*, *subes*, *sube*, *subem*, *acudes*, *acude*, *acudem*, *fuges*, *fuge*, *fugem*. No seculo XVI estes tres ultimos verbos conservavam a vogal *u* no imperativo, dizendo-se entretanto no indicativo *sobes*, *acodes*, *foges*, etc.

Cobrir

Indicativo Presente: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

Conjuntivo Presente: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.

Imperativo: cobre, cobri.

Participio do Preterito: coberto.

Do mesmo modo *descobrir*, *encobrir*, *recobrir*.

Cahir

Indicativo Presente: caio, caes, cae, cahimos, cahis, caem.

Imperfeito: cahia, cahias, cahia, etc.

Perfeito: cahi, cahiste, cahiu, cahimos, cahistes, cahiram.

Mais-que-perfeito: cahira, cahiras, etc.

Futuro do Presente: cahirei, cahirás, etc.

Futuro do Preterito: cahiria, cahiriam, etc.

Conjuntivo Presente: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.

Imperfeito: cahisse, cahisses, cahisse, etc.

Futuro: cahir, cahires, cahir, cahirmos, cahirdes, cahirem.

Imperativo: cae, cahi.

Gerundio: cahindo.

Participio do Preterito: cahido.

Por este verbo se conjugam *sahir*, *esvahir*, *trahir*, *subtrahir*, *attrahir*, *retrahir*, *contrahir*.

Dormir

Indicativo Presente: durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem.

Conjuntivo Presente: durma, durmas, durma, durmamos, durmais, durmam.

Imperativo: dorme, dormi.

Participio do Preterito: dormido.

O verbo *tossir* conjuga-se segundo *dormir*.

Frigir

Indicativo Presente: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Conjuntivo Presente: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.

Imperativo: frege, frigi.

Ir

Indicativo Presente: vou, vais, vai, vamos ou imos, ides, vão.

Imperfeito: ia, ias, ia, iamos, ieis, iam.

Perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.

Mais-que-perfeito: fora, foras, fora, fomos, foreis, foram.

Futuro do Presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.

Futuro do Preterito: iria, irias, iria, iríamos, irieis, iriam.

Conjuntivo Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.

Imperfeito: fosse, fosses, fosse, fossemos, fosseis, fossem.

Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem.

Imperativo: vai, ide.

Gerundio: indo.

Participio do Preterito: ido.

OBSERVAÇÃO. — O verbo *ir* é propriamente um verbo defectivo. As poucas formas que subsistem do latim *ire* são todas regulares. As que desapareceram foram substituídas por formas do latim *vadere* e por outras que a principio eram privativas do verbo *ser*. A irregularidade do verbo *ir*, segundo costumamos conjugar, consiste em constituirmos a conjugação com os restos de dous verbos differentes que nos ficaram do latim, accrescidos das formas de um verbo em geral usado com outra acceção. É pois uma conjugação mixta.

Medir

Indicativo Presente: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.

Conjuntivo Presente: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.

Imperativo: mede, medi.

Mentir

Indicativo Presente: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.

Conjuntivo Presente: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.

Conjugam-se por este verbo *desmentir*, *sentir*, *consentir*, *presentir*, *resentir*.

Ouvir

Indicativo Presente: ouço, ouvos, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.

Conjuntivo Presente: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.

Pedir

Indicativo Presente: peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem.

Conjuntivo Presente: peça, peças, peça, peçamos, peçais, peçam.

Imperativo: pede, pedi.

Pedir serve de modelo a *impedir*, *despedir*, *expedir*. Antigamente se diziam estes tres verbos na 1.^a pessoa do singular *impido*, *despido*, *expido*, e se tirava d'ahi o conjuntivo *impida*, *despida*, *expida*.

Progredir

Indicativo Presente: progrido, progrides, progride, progredimos, progredis, progridem.

Imperfeito: progredia, progredias, etc.

Perfeito: progredi, progrediste, etc.

Conjuntivo Presente: progrida, progridas, progrida, progredamos, progredais, progridam.

Imperativo: progride, progredi.

Conjugam-se por este verbo: *aggreddir*, *transgredir*, *prevenir*.

OBSERVAÇÃO. — *Remir* conjugado á antiga, isto é, com todas as pessoas do presente do indicativo e do conjuntivo, faz *rimo*, *rimes*, *rime*, *remimos*, *remis*, *rimem*; *rima*, *rimas*, etc. Veja a proposito deste verbo a pag. 120.

Rir

Indicativo Presente: rio, ris, ri, rimos, rídes, riem.

Imperfeito: ria, rias, ria, riamos, riais, riam.

Perfeito: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.

Conjuntivo Presente: ria, rias, ria, riamos, riais, riam.

Imperativo: ri, ride.

Participio do Preterito: rido.

Servir

Indicativo Presente: sirvo, serves, serve, servimos, servis, servem.

Conjuntivo Presente: sirva, sirvas, sirva, sirvamos, sirvais, sirvam.

Seguem este paradigma: *ferir*, *vestir*, *despir*, *adherir*, *advertir*, *seguir*, *repetir*, *reflectir*, *digerir*, *ingerir*, *suggerir*, *convergir*, *divergir*, *impellir*, *repellir*, *expellir*, *inserir*, *referir*, *conferir*, *preferir*, *desferir*, *inferir*, *afferir*, *submergir*.

Vir

Indicativo Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

Imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vinhamos, vinheis, vinham.

Perfeito: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

Mais-que-perfeito: viera, vieras, viera, etc.

Futuro do Presente: virei, virás, etc.

Conjuntivo Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.

Impérativo: vem, vinde.

Gerundio: vindo.

Participio do Preterito: vindo.

Semelhantemente se conjugam *avir*, *desavir*, *sobrevir*, *convir*, *intervir*, *provir*, *advir*.

Participios irregulares

Os seguintes verbos têm participio irregular:

| | | | |
|----------|----------|--------|---------|
| dizer | dito | pôr | posto |
| escrever | escripto | abrir | aberto |
| fazer | feito | cobrir | coberto |
| ver | visto | vir | vindo. |

Destes verbos e dos respectivos compostos nunca se usou participio em **-ido**, exceptuando *desabrir*, que faz *desabrido* em vez de *desaberto*.

Filiam-se estes participios irregulares directamente ao latim, menos *vindo* cujo som nasal se deve á pronuncia antiga do infinitivo que era *vîr*, e não *vir*.

Participios duplos

Alguns verbos produziram dous participios: um regular em **-ado** ou **-ido**, e outro irregular, sendo este proveniente ou de um nome (substantivo ou adjectivo) que adquiriu função participial, ou de um participio latino. Estão no primeiro caso:

| | | |
|--------------------------------|-----------|----------|
| entregar | entregado | entregue |
| pagar | pagado | pago |
| gastar | gastado | gasto |
| ganhar | ganhado | ganho |
| salvar (= livrar de perigo) | salvado | salvo |
| soltar | soltado | solto. |

Gasto e *ganho* occorrem na linguagem literaria como participios, aquelle desde o seculo XVIII, este do seculo XIX a esta parte. O uso actual prefere estas formas aos participios regulares.

Pagado se usava em portuguez antigo tanto como *pago*.

Hoje só se emprega esta ultima forma.

Entregue e *solto* combinam-se com os verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *andar*, *ir*, *vir* e usam-se, alem disso, como determinantes de substantivos (*obra entregue*, *animal solto*). As formas *entregado* e *soltado* têm applicação, no falar actual, quando combinadas com *ter* ou *haver*.

Salvo combina-se com *ter*, *haver*, *ser*, *estar*, *ficar*, *andar*, *ir*, *vir*, podendo-se com os tres primeiros auxiliares empregar tambem o participio *salvado*. Usa-se esta segunda forma na expressão *salvados de incendio*, falando de objectos.

Dos verbos com dous participios do preterito, filian-do-se a forma irregular a participio latino, usam-se na linguagem actual os seguintes:

| | | |
|----------------------------------|------------|-----------|
| aceitar | aceitado | aceito 1) |
| expressar | expressado | expresso |
| expulsar | expulsado | expulso |
| enxugar | enxugado | enxuto |
| matar | matado | morto 2) |
| acender | acendido | aceso |
| prender | prendido | preso |
| suspender | suspendido | suspenso |
| eleger (= escolher alguem) | elegido | eleito |
| frigir | frigido | frito |
| extinguir | extinguido | extinto |
| imprimir (= estampar, gravar) | imprimido | impresso. |

Só as formas irregulares se usam como adjectivos e só ellas se combinam com *estar*, *ficar*, *andar*, *ir* e *vir*.

Nas combinações com *ser* (voz passiva) e com *ter* ou *haver* (voz activa) varia o emprego dos participios duplos conforme o verbo.

1) Em linguagem antiga usava-se *aceito* sómente como adjectivo referido a pessoa e significava «agradavel a alguem».

2) *Morto* é participio tomado do v. *morrer*.

Expulso, expresso, preso e impresso pertencem á voz passiva; *expulsado, expressado, prendido e imprimido* se juntam aos auxiliares *ter* e *haver*. *Imprimir* significando «produzir movimento», «infundir», só se usa com o participio em **-ido**.

Do verbo *frigir* usamos tanto a linguagem *ter frigido* como *ter frito*. Na passiva dizemos *ser frito*.

Do verbo *matar* empregamos hoje *ter matado* a par de *ter morto*, preferindo-se na passiva a linguagem *ser morto*.

De *eleger*, significando «escolher alguém», diz-se na passiva *ser eleito*, e na activa *ter elegido* ou *ter eleito*. O mesmo verbo, tomado no sentido de «escolher alguma cousa», só admite o participio em **-ido**, quer na activa, quer na passiva.

Os demais verbos da lista acima requerem junto a *ter* ou *haver* o participio regular: *aceitado, enxugado, suspenso, acendido, extinguido*. Com o auxiliar *ser* usam-se ora estas mesmas formas, ora os participios *aceito, enxuto, suspenso, aceso, extinto*. *Suspender* em sentido translato pede comtudo sómente a forma *suspenso* na voz passiva: *os trabalhos foram suspensos*.

OBSERVAÇÃO. — O portuguez antigo possuía ainda certos participios irregulares de origem latina, como *cinto* de *cingir*, *comesto* de *comer*, *absolto* e *absoluto* de *absolver*, *resoluto* de *resolver*, *despeso* de *despender*, *defeso* de *defender* e outros. Em épocas diferentes algumas destas formas cahiram em desuso, e outras passaram a servir de adjectivos e substantivos. Este assunto vem desenvolvido em nossa Grammatica Historica.

Participios em -e

O participio *entregue*, proveniente de um adjectivo latino (*integre* — com metathese), é a unica forma participial em **-e** cujo emprego remonta á phase mais antiga da lingua portugueza. Por analogia creou-se modernamente a par de *assentado* o superfluo *assente*, termo de que se serviu Felinto Elysio, mas que foi refugado por outros escriptores coetaneos e posteriores.

Aceite, fixe e *encarregue* (usados em Portugal) são creações plebéas de todo inuteis, havendo já *aceito* e *aceitado*, *fixo* (adjectivo) e *fixado* (participio) e *encarregado*.

Formas finitas são aquellas que vêm sempre referidas a as
pessoas do discurso: eu) escrevo, (tu) escreves, (nos) escrevemos

São formas infinitas as que funcionam:

- como substantivo -

- adjectivo -

- advérbio -

Verbos nocionaes e relacionaes

Quanto á significação e papel que exercem na oração, dividem-se os verbos em **nocionaes** e **relacionaes**.

Verbo nocional é todo aquelle que se emprega com função predicativa. Exemplos:

A criança *chora*.

Os peixes *vivem* na agua.

A lua *gyra* em torno da terra.

Eu *bebo* agua e tu *bebes* vinho.

Os animaes *fugiram* para o mato.

Verbo relacional é aquelle que vem combinado ou com um adjectivo para constituir o predicado, ou com alguma forma infinita de verbo nocional. Exemplos:

As flores *são* cheirosas.

Todas as frutas *foram* colhidas.

A criança *está* chorando.

Tu não *tens* dormido.

Vou *abrir* esta gaveta.

A escuridão *ia* augmentando.

Tenho de sahir d'aqui a pouco.

O verbo relacional combinado com infinitivo, gerundio ou participio, tambem se chama verbo *auxiliar*, sendo a forma ^{finita} o verbo *principal*. (Vej. Gr. Elem. p. 91)

Estas combinações de dous verbos constituem as conjugações compostas, as quaes denotam diferentes aspectos da noção predicativa, como sejam: o aspecto perfectivo (*ter*+participio do preterito), o necessitativo (*ter de*+infinitivo), o passivo ou voz passiva (*ser*+participio do preterito), o aspecto do momento rigoroso (*estar*+gerundio), etc.

Verbos transitivos e intransitivos

Os verbos nocionaes dividem-se em **transitivos** e **intransitivos**.

Transitivo é o verbo cujo sentido se completa com um substantivo em lugar do qual se podem usar as formas pronominaes *o, a, os, as*:

Paulo *conhece a Pedro*. *Conhece-o* e *visita-o*.

A mãe *ama os filhos*. *Ama-os* e também *os educa*.

As meninas *ouviram a musica*. Não só *a ouviram*, mas também *a apreciaram*.

Benjamin Franklin *inventou o para-raios*.

Intransitivos são os verbos que não necessitam de outro termo, como *viver, morrer, andar*, e bem assim aquelles cujo sentido se completa com substantivo regido sempre de preposição. Se este substantivo tiver a particula *a*, usar-se-ão em seu lugar as formas pronominaes *lhe, lhes*:

O bom resultado *depende do esforço*.

O ensino *compete ao mestre*. Isto *lhe compete*.

O termo que se junta ao verbo transitivo denomina-se **objecto directo**, accusativo ou **complemento objectivo**. Nos exemplos acima mencionados servem de objecto directo: *a Pedro, os filhos, a musica, o para-raios* e os pronomes *o, a, os*.

O objecto directo em geral não tem preposição. Emprega-se todavia a particula *a* antes de nome de ente animado, ou mesmo antes de outro nome, quando o pede a clareza, e sempre antes das formas tonicadas dos pronomes pessoaes:

Elle nomeou-me *a mim*, e não *a ti*. (nom. em obliq.)

Conhecem-nos *a nós* e não *a elles*.

Alem do objecto directo ou complemento objectivo, pode, em certos casos, haver um termo secundario denotador do individuo a quem a acção se destina, ou a quem ella aproveita ou desaproveita. Exprime-se por um nome precedido de *a* ou, para evitar repetição, pelo pronome *lhe, lhes*. Chama-se **objecto indirecto**, dativo ou **complemento terminativo**.

Verbos transitivos ha de significação tal, que requerem necessariamente os dous objectos, directo e indirecto:

Carlos *pediu dinheiro ao irmão.*

Elle não *cedeu o lugar ao amigo.*

O carteiro *entregou-lhe a carta.*

O nome de *objecto indirecto* applica-se, por extensão, tambem ás expressões preposicionadas que completam o sentido de verbos intransitivos.

Quanto á significação, o objecto directo pode denotar a pessoa ou cousa que recebe a acção, o ponto para onde ella se dirige, ou o producto ou resultado da acção.

Alguns verbos, como *matar, ferir, quebrar*, caracterizam-se por exprimirem actos que dimanam de um ser agente e são recebidos por outro ser paciente. Este phenomeno deu lugar a serem denominados «transitivos», vocabulo derivado do latim «transire». Não é possível comtudo definir com tal criterio todos os verbos transitivos. Em *ouvir um ruido, pedir dinheiro, inventar o para-raios, escrever uma carta*, os objectos directos certamente não denotam os pacientes ou recipientes dos actos *ouvir, pedir, inventar, escrever.*

Vozes

O verbo transitivo na sua forma usual simples denota que a acção procede do sujeito. O verbo acha-se na **voz activa.**

Com uma forma adequada o verbo transitivo pode **inversamente** exprimir que a acção se dirige para o sujeito. O verbo então-está na **voz passiva.**

Forma-se a voz passiva, combinando o participio do preterito com o auxiliar *ser*.

O agente ou sujeito do verbo na activa passa a ser complemento de causa efficiente na voz passiva:

Pedro *é visitado por Paulo.*

A musica *foi ouvida e apreciada pelas meninas.*

O dinheiro *foi pedido por José.*

A carta *será entregue pelo carteiro.*

Serve de sujeito na construcção passiva o termo que na voz activa servia de objecto directo.

Alguns verbos intransitivos que têm por complemento um nome regido da preposição a podem tomar a forma activa, fazendo o dito nome as vezes de sujeito:

passiva (Ver *Gram. Elem.* p. 98) — Os meninos *obedecem ao mestre* — O mestre é *obedecido*.

Chama-se **voz media** ou **medial** ao verbo conjugado com o pronome reflexivo. Emprega-se com significações diferentes:

1.º acção rigorosamente reflexa, que o sujeito, em vez de dirigir para algum ente exterior, pratica sobre si mesmo:

Pedro *matou-se*.

2.º estado ou condição nova, equivalendo a forma reflexa á combinação de *ficar* com participio do preterito:

Renato *feriu-se* nos espinhos [= ficou ferido].

O menino *afogou-se* no rio [= ficou afogado].

O gelo *derreteu-se* [= ficou derretido].

Carlos *zangou-se* com o irmão [= ficou zangado].

3.º acto material ou movimento que o sujeito executa em sua propria pessoa, identico ao que executa em cousas ou outras pessoas, sem haver propriamente a idéa de direcção reflexa como no 1.º caso:

Afastei-me do fogo [á semelhança de: *Afastei a criança, o livro do fogo*].

Elle *arremessou-se* sobre o inimigo [á semelhança de: *arremessou uma pedra*].

A mãe *deitou-se* na cama [á semelhança de: *deitou a criança na cama*].

Sentamo-nos no sofá.

4.º acto em que o sujeito apparece vivamente affectado: (*Verbs pronominais*)

Ufano-me de ser brasileiro.

Todos *se queixaram* da grave injustiça.

Colombo *atreveu-se* a emprender viagem tão arriscada.

Não ha regra segundo a qual se possa determinar quaes os verbos que devem entrar nesta ultima categoria. Muitos verbos denotadores de actos em que o sujeito é vivamente affectado dizem-se sob a forma activa. É tudo questão de tradição e uso. Dizemos simplesmente *ousar*, ao passo que seu synonymo *atrever-se* não dispensa o pronome reflexivo.

A forma medial serve finalmente nos casos em que ha dous ou mais sujeitos, para denotar a acção reciproca. Diz-se então que o verbo é **reciproco**. Havendo necessidade de o distinguir do verbo reflexivo, ajuntam-se-lhe *um ao outro, uns aos outros*. O verbo reflexivo por sua vez se caracteriza, acrescentando-lhe *a nós mesmos, a vós mesmos, a si mesmos*.

Honramo-nos *um ao outro* ou reciprocamente.

Honramo-nos *a nós mesmos*.

Estimam-se *uns aos outros*.

Estimam-se *a si mesmos*.

OBSERVAÇÃO. — Verbos que sempre se usam na voz media, como *atrever-se, queixar-se*, denominam-se **verbos** essencialmente **pronominaes**.

ADVÉRBIOS

O **adverbio** denota uma circumstancia de lugar, tempo, modo, grau ou intensidade, negação, duvida, etc., e serve de determinante ao verbo, ao adjectivo ou a outro adverbio. É expresso por uma palavra invariavel ou por uma locução equivalente, como nestes exemplos:

- Lugar:** elle trabalha *aqui*, em S. Paulo.
Tempo: » » *hoje*, todos os dias.
Modo: » » *applicadamente*, com applicação.
Negação: » *não* trabalha.
Duvida: » *talvez* »
Grau ou intensidade: vejo-te *tão* alegre; fiquei *muito* triste; chegaste *mais* tarde.

Adverbios como os que acabamos de citar, são adverbios communs usados em qualquer frase expositiva. Destes se distinguem os adverbios interrogativos, que são palavras invariaveis proprias das perguntas directas ou indirectas, e denotam *tempo*, *lugar*, *modo* ou *causa*. Exemplos:

- Quando* chegaste a esta capital?
 Não me disseste *quando* chegaste.
Onde deixou elle a encomenda?
Porque não trouxeste as amostras?
 Dize-me *porque* não as trouxeste.
Como se pronuncia esta palavra?
 Quizera saber *como* se pronuncia o vocabulo.

OBSERVAÇÃO. — Não é louvavel o antigo processo de analysar nestas frases *quando*, *onde*, etc., por locuções de sentido equivalente (*em que tempo*, *em que lugar*, etc.). Não se deve tirar o que num idioma está e sempre esteve, sómente para salvar theorias discutiveis.

Adverbios communs de modo se derivam de adjectivos por meio do suffixo *-mente*. Se o adjectivo tiver formas dif-

ferentes para os dous generos, accrescenta-se a terminação á forma feminina. Exemplos:

Velozmente
Tristemente
Facilmente
Vaidosamente
Ameaçadoramente.

Exceptuam-se desta regra os adverbios tirados de adjectivos em *-ez*, como *burguezmente*, etc., por serem taes adjectivos na linguagem antiga invariaveis em genero.

Adverbios de modo correspondentes aos adjectivos *bom* e *mau* são *bem* e *mal*. As locuções *á boa mente*, *de boa mente* têm sentido restricto, equivalendo a «de boa vontade», «sem repugnancia».

• Significavam o contrario *malamente*, *de mala mente*, locuções do portuguez antigo, hoje desconhecidas.

Como adverbios de grau ou intensidade usam-se vocabulos na maior parte identicos a certos quantitativos indefinidos, taes como: *muito*, *pouco*, *mais*, *menos*, *bastante*, *tanto* e *quanto* a par de *tão* e *quão*. *Quasi* serve sómente de adverbio.

Tão e *quão* empregam-se como determinantes de adjectivos na forma positiva, do quantitativo indefinido *pouco* e de outros adverbios:

Tão bellos vestidos.
Olhos *tão* negros.
Tão poucas joias.
Quão preciosos.
Quão poucos.
Tão amavelmente.
Quão facilmente.
Tão cedo.

Tanto e *quanto* combinam-se com o grau comparativo:

Tanto melhores dias.
Leitura *tanto* mais difficil.
Tanto menos nobre.

Tanto maior.

Quanto mais longas.

Quanto peiores.

Exceptuam-se desta regra os comparativos eruditos *superior, inferior, interior, exterior, anterior, posterior*, que se empregam com o adverbio *tão*:

Data *tão* anterior.

Fazenda *tão* superior.

Producto *tão* inferior.

Usando-se como adverbio, em lugar de um simples vocabulo, um grupo de vocabulos, é costume dar-lhe o nome de **locução adverbial**, podendo-se-lhe todavia estender a denominação geral de adverbio.

As locuções adverbias constam geralmente de preposição combinada com substantivo, ou de preposição combinada com substantivo e mais um adjectivo ou termo determinante. Exemplos:

| | |
|-------------------|------------------|
| na verdade | de nenhum modo |
| com effeito | de qualquer modo |
| de caso pensado | sem duvida |
| de proposito | por um triz |
| em silencio | por acaso |
| de corrida | de dia |
| de passagem | de noite |
| de graça | á força |
| de vagar | por ventura |
| de voga arrancada | de caminho |
| às vezes | com geito |
| a giros | com violencia. |

Algumas locuções adverbias resultaram da anteposição de uma preposição a antigos adverbios: *de subito, de certo, por certo*.

Das locuções formadas de preposição, substantivo e adjectivo, muitas ha em que se suprime o substantivo. Diz-se indifferentemente *á direita, á esquerda* ou *á mão direita, á mão esquerda*; mas deixa-se de mencionar o

substantivo (*moda, modo, maneira, maneiras, etc.*) em expressões como as seguintes:

| | |
|--------------|-------------|
| à franceza | às cegas |
| à portugueza | às occultas |
| às boas | às claras |
| às direitas | ao natural. |

Omitte-se a preposição *em* nas locuções adverbias de tempo *esta noite, este mez, este anno, esta semana, um dia, outro dia, todo o dia, todos os dias, toda a noite, e outras semelhantes:*

A luz fica acesa *toda a noite.*

Esta semana não choveu.

Não tivemos trabalho *este anno.*

Diz-se *uma vez, duas vezes, etc.*, sem particula, e podemos omittil-a antes de *a primeira vez, a segunda vez, etc.:*

Fui *uma vez* ao Theatro Municipal.

Vi-o *a primeira vez* em casa de uma familia conhecida.

Chamei-te *duas vezes.*

Gradação dos adverbios

Adverbios como *aqui, ahi, ali, agora, hoje, hontem, amanhã,* e outros que denotam idéas precisas e alheias a qualquer intensidade maior ou menor, naturalmente não podem ser susceptiveis de gradação.

Outros adverbios existem todavia, e entre estes principalmente os de modo, os quaes se empregam tanto no positivo, como no comparativo e superlativo.

Applicam-se a taes adverbios regras de gradação analogas ás do adjectivo:

Pedro fugiu *rapidamente, tão rapidamente* como Antonio; *mais rapidamente* do que Julio; *menos rapidamente* do que Eusebio.

Do mesmo modo o superlativo de intensidade:

Ligado *estreitissimamente* ou muito estreitamente a seus deveres.

Para expressar esta noção superlativa soccorre-se o estilo familiar algumas vezes da forma diminutiva:

Partiu *cedinho* [— muito cedo] para a cidade.

Outras vezes a forma diminutiva accrescenta apenas a noção de *um tanto*:

O doente passa *melhorzinho*.

A formula *mais que* anteposta a adjectivo equivale a *excessivamente, em demasia*:

Um commettimento *mais que* ousado.

A divida está *mais que* paga.

O superlativo intensivo referido ao limite da possibilidade, diz-se antepondo o *mais* e combinando com o adverbio a palavra *possivel* ou uma frase de sentido equivalente:

Venha o *mais* depressa *possivel* (ou *que puder*).

A gradação das expressões participiaes *bem visto, mal visto, bem feito, mal feito, bem encarado, mal encarado*, etc., forma-se antepondo-lhes *mais* ou *menos*: *mais bem visto, mais mal visto*, etc.

Se os termos *bem* e *mal* não constituem um todo com o adjectivo-participio, fazem no comparativo *melhor* e *peior*; porém esta distincção theorica nem sempre se observa na pratica, empregando-se frequentemente *mais bem*, e sobretudo *mais mal*, onde deveria estar *melhor, peior*:

Eram *mais bem ouvidos* os louvores que as queixas (Vieira).

São fidalgos porque andam *mais bem vestidos* (Vieira).

Pode estar o affecto *menos bem ordenado*.

Tanto que foi dentro no lugar *melhor disposto* para se defender (Barros).

Melhor armados de artelharia e gente (Castanheda).

Nunca vi gente *mais mal preparada*.

Não ha infantaria no mundo nem *mais mal paga*, nem *mais mal assistida* (Vieira).

Nenhuma cousa anda *mais mal entendida* e *peior praticada* nas cortes que a distincção entre a justiça e a graça (Vieira).

PREPOSIÇÕES

Preposição é a palavra invariável que se antepõe a nome ou pronome para accrescentar-lhes uma noção de lugar, instrumento, meio, companhia, posse, etc., subordinando ao mesmo tempo o dito nome ou pronome a outro termo da mesma oração:

- Puz os papeis *em* uma gaveta.
 A estatueta está *sobre* a peanha.
 Coseu a fazenda *com* uma agulha fina.
 Vinhamos *de* casa.
 A caneta *de* Pedro não é esta.
 Os rios correm *para* o mar.

A preposição pode ser um simples vocabulo, como nos exemplos precedentes, ou uma combinação de vocabulos, podendo chamar-se neste caso **locução prepositiva** (ou **preposicional**).

As locuções prepositivas são geralmente formadas de adverbios ou **locuções adverbias** accrescidas da palavra *de* (em alguns casos *a* ou *com*):

- As aves pousaram *em cima de* uma arvore.
 Os moveis acham-se *dentro de* casa.
De frente do jardim passam muitos vehiculos.
De traz do predio ha um terreiro.
 A roupa ficou *fora do* armario.

Preposições denotadoras de conformidade são: *segundo* (do latim *secundum*, que se filia a *sequi*, «seguir»), *conforme* (outrora *conforme a*) e *consoante*, sendo estas duas adaptações de adjectivos á função preposicional.

Locuções de sentido analogo: *em conformidade de* (ou *com*), *de accordo com*, *em harmonia com*, etc.:

- Segundo* o costume daquelle gentio da India, os sobrinhos filhos das irmãs são os herdeiros (Barros).
Conforme o uso do Oriente, todos têm os seus reis (Vieira).
 Sacudindo o pó dos sapatos, *conforme* o conselho de Christo (Vieira).
Em conformidade do que V. S. foi servido avisar-me (Vieira).

Denotam exclusividade *sem*, antonymo de *com*, e, mais expressivamente, *excepto*, *salvo*, *salvante*, *tirante* (que são formas participiaes empregadas com o valor de preposições) e, alem destas, *fora*, *afora*:

Todos os lutadores, *excepto* o mais velho, se deram por vencidos.

Já ninguem ahi estava, *salvo* os dous cavalleiros (Herculano).
Sendo os da armada inimiga seis mil, *afora* a chusma (Vieira).
Escaparam todos da morte certa, *salvo* os feridos.

Durante, do verbo *durar*, usa-se modernamente como preposição em substituição da forma *durando* do portuguez antigo:

Durante as ferias ninguem trabalha.

Construidas com pronomes pessoaes, as preposições pedem geralmente as formas obliquas tonicas *min*, *ti*, *si*, etc., dando porém a preposição *com* as combinações *commigo*, *contigo*, etc.:

Passarás o dia *sem min*.

Elle afasta toda a responsabilidade *de si*.

Assentam-se *defronte de ti*.

Nunca mais falou *commigo*.

Voltou-se *para min*.

Contrariando esta regra, empregamos todavia *excepto*, *salvo*, e *fora*, *afora* com o pronome pessoal em forma recta:

Todos choraram, *excepto eu* ou *salvo eu*.

Segundo, *conforme*, *consoante* não se usam combinados directamente com pronomes de 1.^a e 2.^a pessoa, nem em forma obliqua, nem em forma recta. Dá-se outro torneio á linguagem, por ex.:

Segundo a minha opinião.

Conforme teu modo de ver.

Durante é inapplicavel tanto á 1.^a como á 2.^a pessoa; mas deve entender-se que nas locuções *durante ella*, *durante elle*, falando de tempo, o pronome está na forma recta.

Lista de preposições e locuções prepositivas de uso mais frequente:

| | | | |
|--------------|---------------|---------------|----------|
| a | a par de | contra | entre |
| abaixo de | apoz | de | excepto |
| debaixo de | a roda de | desde | fora de |
| por baixo de | em roda de | diante de | afora |
| embaixo de | ao redor de | por diante de | fora |
| acima de | até | defronte de | junto de |
| de cima de | atrás de | dentro de | para |
| em cima de | detrás de | de dentro de | por |
| por cima de | por detrás de | por dentro de | per |
| ante | acerca de | durante | segundo |
| perante | com | em | sem |
| antes de | para com | em vez de | sob |
| ao lado de | conforme | em lugar de | sobre. |
| ao longo de | | | |

CONJUNÇÕES

Conjunção é a palavra ou locução que se costuma pôr no principio de uma oração relacionada com outra, afim de mostrar a natureza da relação:

1. Pedro disse-me *que* te esperava.
2. Havia muita gente na estação *quando* o trem chegou.
3. O galho partiu *e* o menino cahiu da arvore.
4. Prometteu acabar a obra, *mas* até agora não appareceu.
5. Eu não poderia ir, *ainda que* quizesse.
6. Não vai trabalhar *porque* está doente.
7. Elle a estas horas estuda *ou* faz gymnastica.

No primeiro exemplo *que* mostra ser a respectiva oração um complemento integrador do sentido de *disse*, e chama-se por isso **conjunção integrante**. No segundo exemplo a oração de *quando* denota a epoca em que um acontecimento coincidiu com outro; a conjunção é **temporal**. A particula *e* do terceiro caso exprime um facto successivo a outro, é **copulativa** ou **additiva**. *Mas* do quarto caso contraria um acontecimento, *ou* do setimo exclue o facto anterior; uma se chama **conjunção adversativa**, a outra **alternativa** ou **disjuntiva**. *Ainda que* é **concessiva**; *porque* chama-se **causal**.

Importa saber differençar *se* conjunção condicional de *se* conjunção integrante dubitativa, como nos seguintes exemplos:

1. Conta com a minha protecção *se* cumprires o teu dever.
2. Perguntou-me *se* podia mandar a encommenda.

No primeirò exemplo a idéa de condição é evidente; no segundo vê-se que a particula começa uma oração que serve de complemento directo do verbo *perguntou*.

Ha outras conjunções, alem das especies mencionadas; taes como:

conclusivas (portanto, logo, etc.)

consecutivas (de modo que, de sorte que, etc.)

finaes (para que, afim de que)

comparativas (como, quanto, etc.).

As diversas especies fazem parte de uma das duas grandes classes em que se costumam dividir as conjunções: **coordenativas** e **subordinativas**. A primeira comprehende as *copulativas*, *adversativas*, *disjuntivas*, *conclusivas* e parte das *causaes*. A segunda abrange as conjunções restantes.

Algumas conjunções servem tambem para juntar uma palavra a outra:

Eu *e* elle almoçamos juntos.

Tres *e* dous são cinco.

„*Porém* emprega-se ora no começo, ora em segundo lugar apoz um termo proprio da oração:

Penetramos na casa; os ladrões *porém* (ou *porém* os ladrões) haviam fugido pela porta da cozinha.

Pois significando «portanto» é pospositivo:

Pediu-me tantas vezes esse favor; faço-lhe *pois* a vontade.

A maior parte das conjunções resultaram de adaptações e combinações de palavras de outras categorias.

Segundo e *conforme*, que já conhecemos como preposições, podem tambem fazer papel de conjunção subordinativa:

Conforme cada um tem no coração, assim profetisa (Vieira).

Deu-lhe o que verdadeiramente não devia e fez, *segundo* parece, o que não devera (Vieira).

O qual lugar, *segundo* atraz dissemos, parecia que em outro tempo fora a mais illustre povoação daquella costa (Barros).

A particula *que*, combinando-se com certos adverbios e alguns participios, perde seu valor primitivo para dar origem a conjunções de nova especie. Taes são as temporaes *antes que*, *depois que*, *sempre que*, as causaes *visto que*, *já que*, as concessivas *ainda que*, *posto que*, *dado que*, etc.

INTERJEIÇÕES

Interjeição é a palavra invariável que exprime os sentimentos ou sensações de dor, alegria, surpresa, temor, aversão, etc.

Proferem-se as interjeições em tom de voz diferente daquelle que se usa para o vocabulo da linguagem expositiva. São brados ou gritos de dor, alegria, etc.

A interjeição de emprego mais frequente é *oh!* (que tambem se escreve *ó!*). Occorre não sómente em portuguez, mas tambem em muitos outros idiomas. Tem sentido variavel, denotando ora alegria, ora espanto, ora aversão, ora desejo, ora chamamento.

Alegria ou espanto tambem se podem indicar por *ah!*

Ai! ui! exprimem dor.

Oxalá! (do arabe *en shá allah*, «se Deus quizer», «assim Deus queira») denota desejo e usa-se em orações optativas.

Olá! olé! exprimem, conforme o tom de voz, surpresa alegre ou chamamento.

Irra! fora! apre! significam indignação, aversão.

Bravo! bem! denotam applauso.

Eia! sus! (pouco usadas) e *coragem!* exprimem exhortação, animação.

Psio! serve ora para indicar chamado, ora para impôr silencio.

Caluda! (de uso raro) impõe silencio.

Possue a linguagem, a par das interjeições simples, tambem **locuções interjectivas** como: *ai de mim! aqui d'elrei! pobre de ti!* etc.

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

DERIVAÇÃO

Derivação suffixal

'**Derivação** é o processo pelo qual de umas palavras se formam outras, ajuntando-lhes certos elementos formativos que alteram a accepção primitiva, ou lhe accrescentam sentido novo.

As palavras assim formadas chamam-se **derivadas**; aquellas de onde estas procedem chamam-se **derivantes** ou **primitivas**.

Os elementos formativos que se põem no fim do vocabulo derivante (geralmente com a suppressão ou alteração previa da desinencia) chamam-se **suffixos**, e o processo de formação toma o nome particular de **derivação suffixal**.

Os elementos formativos que se collocam antes da palavra derivante, chamam-se **prefixos**; é o processo da **derivação prefixal**.

OBSERVAÇÃO. — Esta divisão em derivação suffixal e prefixal está de accordo com a maneira de ver de modernos linguistas, como Meyer-Lübke, Nyrop e outros. Não ha, com effeito, boa razão para suppor que os prefixos não possam fazer parte da derivação. Veja-se a este respeito nossa Grammatica Historica, onde mais desenvolvidamente tratamos do assunto.

Os prefixos são, na maior parte, preposições e adverbios, isto é, vocabulos de existencia independente, combinaveis com outras palavras. Alguns como *dis-*, *des-*, *re-*, *in-*, negativo, não estão neste caso. Tambem não têm existencia propria no seio de nossa lingua particulas latinas como *circum*, *supra*, *pre* e outras, que só nos servem como elementos formativos.

Dividiremos os suffixos em duas classes:

1.^a os que servem ou originariamente serviram para formar nomes augmentativos ou diminutivos;

2.^a os que formam vocabulos novos e denotam outros conceitos diferentes.

Os derivados da primeira classe são substantivos e adjectivos. A noção de augmento, como já vimos em outra parte da Grammatica, pode transformar-se em noção pejorativa. Em outros casos, o vocabulo com a terminação augmentativa pode adquirir sentido especializado, designando sómente certo objecto sem que este seja notavel pela sua grandeza.

Levadas em conta estas restricções, mencionaremos, como principaes, os seguintes

Suffixos augmentativos

- ão: Occorre frequentemente ampliado em *-eirão, -arrão, -alhão, -zarrão*, etc.: *casarão, grandalhão, chapeirão, vagalhão, homemzarrão, toleirão, santarrão*, etc.
- aço, -aça, -uça: *mestração, ricaço, barcaça, dentuça, doutoraço, mulheraça*.
- astro: Sentido pejorativo: *poetastro, medicastro*.
- arra: *naviarra*.
- alha: *fornalha*.
- az: *ladravaz, linguaraz, fatacaz*.
- anzil: *corpanzil*.
- asio: *copasio*.

Suffixos diminutivos

- inho, -zinho: *livrinho, pratinho, caixinha, florzinha, branquinho, novinho, bonitinho*. E' claro que nos adjectivos não ha diminuição do conceito. Associa-se-lhes a expressão de carinho.
- im: *espádim, lagostim, camarim*.
- ejo: *lugarejo, animalejo*.
- ela: *viela, magricela*.
- ola: *rapazola, bandeirola, pcrtinholá*.
- ote: *rapazote, caixote, velhote, fidalgote, saiote*.

- isco: *chuvisco*.
- ucho: *gorducho, papelucho*.
- eto, -eta, -ete: *chaveta, lingueta, ilheta, tyrannete, fradete, saleta, esboceto*.
- oto, -ota: *perdigoto, raparigota*.
- ito: *rapazito, casita*.
- ebre: *casebre*.
- eco: *livreco*.
- ulo, -ula, -culo, -cula: Suffixos de vocabulos eruditos tirados do latim: *corpúsculo, minúsculo, globulo, nódulo, radícula*.

Suffixos da segunda especie

FORMAM SUBSTANTIVOS de SUBSTANTIVOS:

-aria. Os nomes derivados denotam:

a) ramos de negocio e industria e lugares onde se acham estabelecidos: *chapelaria, livraria, alfaiataria, drogaria, tinturaria, confeitaria, luvaria*, etc.

b) noção de collectividade: *pedraria, saccaria, caixaria, berraria, fusilaria, gritaria*.

c) actos proprios de certos individuos, ou o resultado destes actos. Nestas derivações empregam-se muitas vezes adjectivos substantivados: *patifaria, velhacaria, pirataria, sovinnaria, galantaria*.

-ia: *baronia, cleresia, penedia*.

-io: *mulherio, rapazio, poderio*.

-ame, -ume: Noção collectiva: *velame, vasilhame, cordoame, chorume, cardume*. *Negrume* significa grande massa negra.

-agem. Acrescenta aos termos derivantes:

a) noção collectiva: *folhagem, ferragem, plumagem, ramagem, pastagem*.

b) noção de acto ou estado: *aprendizagem, ladroagem*.

-al. Acrescentado a nomes de vegetaes, denota o conjunto de plantas da mesma especie que cobrem certa extensão de terreno: *bananal, cafezal, feijoaal, arrozal, batatal, rosas, laranjaal, morangaal, pinhal, olival, faxial, jaboticabaal*.

Usa-se, além disso, com sentido colectivo em: *areal, sapal, lamaçal, lodaçal*, e outros.

-ada. Forma substantivos que podem significar:

a) ferimento ou golpe: *facada, punhalada, navalhada, chibatada, cajadada, machadada, martelada, pedrada, bicada, chifrada, dentada*, etc.

b) traço ou risco: *pennada, pincelada*.

c) medida ou quantidade que comporta o objecto representado pelo termo derivante: *garfada, batelada, fornada, tigelada, carrada, colherada*.

d) multidão: *boiada, carneirada, estacada, ramada, papelada, meninada*.

e) junto a nomes de frutas e outros alimentos, denota certas bebidas, doces e preparados culinarios: *cajuada, laranja, limonada, cocada, marmelada, goiabada, feijoada*.

f) movimentos ou actos rapidos ou energicos: *nortada, risada, cartada*.

h) actos de duração prolongada: *jornada, noitada, temporada*.

-ado. Os principaes derivados referem-se a titulos honorificos, territorios governados por certos titulares, cargos elevados, instituições e posições sociaes ou politicas: *viscondado, arcebispado, principado, pontificado, protectorado, condado, almirantado, eleito, apostolado, noviciado, bacharelado, reitorado, consulado*, etc.

-ato. Forma erudita de **-ado**. Occorre em *clericato, tribunato, syndicato, triumvirato, baronato, cardinalato* e outros. Usa-se tambem na nomenclatura chimica: *nittrato, sulfato, carbonato*, etc.

-eiro, -eira. Designam:

a) nomes de homens e mulheres pelos seus officios, negocios e outras occupações: *barbeiro, sapateiro, parteira, peixeiro, carteiro, bombeiro, sineiro, toureiro, corrieiro, marinheiro, livreiro, copeiro, pedreiro*, etc.

b) nomes de arvores e arbustos, tomando quasi todos o genero de accordo com o termo derivante: *cajueiro, laranja, roseira, amendoeira, coqueiro, cafeeiro, pecegueiro, abieiro, mangueira, jaqueira, goiabeira, craveiro*, etc. Excepcionalmente forma-se com genero differente, de *figo, figueira*, de *castanha, castanheiro* ou *castanheira*, de *espinho, espinheiro* ou *espinheira*.

c) objectos que servem para guardar aquillo que é expresso pelo termo derivante: *cigarreira, manteigueira, paliteiro, cinzeiro, tintetro, compoteira, assucareiro, agulheiro, saladeira*, etc.

d) lugar onde se guardam certos animaes: *gallinheiro, coelheira*.

e) objectos que têm qualquer serventia referente á cousa denotada pelo vocabulo primitivo: *pulseira, perneira, banheiro e banheira*.

f) grande massa ou accumululo intenso: *nevoeiro, poeira, lameiro, chuveiro*.

h) lugares de certo vulto de onde se fragmentam ou se tiram productos em quantidades menores: *pedreira, carvoeira, ostreira*.

i) ajuntamento e habitação de insectos: *vespeiro, formigueiro*.

j) sentido colectivo: *cabelleira*.

-ario. Filiado directamente ao lat. **-ariu**, do qual procede o sufixo **-eiro**, que acabamos de mencionar. Usa-se **-ario** em *boticario, campanario, lapidario, aquario, erario* e varios outros vocabulos.

-ugem: *ferrugem, lanugem, pennugem*.

-edo: sentido colectivo em: *arvoredado, vinhedo, olmedo*. Significa objecto isolado, de grande vulto, em *penedo* (de *pena* por *penha*), *rochedo*. Occorre com sentidos differentes em *folguedo, brinquedo* e outros.

FORMAM SUBSTANTIVOS de ADJECTIVOS:

Os derivados desta especie são geralmente nomes abstractos:

-ia: *valentia, ufania, cortezia, alegria, melhoria*, etc.

-eza, -ez: *pureza, firmeza, nobreza, fraqueza, honradez, escassez, altivez, nudez, surdez*.

-ice: *velhice, meninice, criancice, beatice, tolice, modernice*. A maior parte dos nomes em **-ice** têm sentido pejorativo.

-iça: *justiça*.

-icie: *calvicie, canicie*, etc. Taes vocabulos são em geral modelados sobre o latim.

-iao. Ha mudança previa da vogal terminal do adjectivo em *i*, d'ahi **-idão**: *mansidão, podridão, escuridão, gratidão*, etc. E' sufixo proveniente do latim **-tudine**: *multidão* < *multitudine*.

-tude: *amplitude, magnitude, latitude, longitude*.

- dade:** *crueldade, maldade, bondade, divindade, sociedade, humidade* (por *humididade*), etc. E' suffixo productivo sobretudo para adjectivos terminados em *l* (thema latino em *-li*): *liberalidade, fragilidade, facilidade, legalidade*, etc. Os adjectivos em *-avel, -ivel, -uvel* mudam estas terminações previamente em *-abil, -ibil, -ubil*: *amabilidade, possibilidade, solubilidade*.
- ura:** *brancura, amargura, loucura, frescura, verdura, doçura, largura*, etc.

FORMA SUBSTANTIVOS de SUBSTANTIVOS e ADJECTIVOS:

- ismo.** Suffixo de origem grega, de inexaurível productividade na linguagem hodierna, servindo principalmente para denotar:

a) doutrinas religiosas, philosophicas, politicas, artisticas: *mahometismo, calvinismo, brahmanismo, materialismo, espiritismo, espiritualismo, socialismo, republicanismo, capitalismo, federalismo, gongorismo, symbolismo, impressionismo*, etc.

b) a maneira de proceder ou de pensar de accordo com o procedimento ou a doutrina de certo genero de individuos: *heroismo, pedantismo, patriotismo, servilismo*, etc.

c) a maneira de falar ou propria de certas pessoas, ou imitante a lingua estrangeira ou discordante do falar usual: *vulgarismo, latinismo, gallicismo, archaismo, neologismo, solecismo, barbarismo*.

Usa-se tambem na terminologia scientifica: *magnetismo, galvanismo, tympanismo, rheumatismo, traumatismo*, etc.

FORMA SUBSTANTIVOS e ADJECTIVOS:

- ista.** Suffixo de origem grega que designa, relativamente aos nomes de doutrinas em *-ismo*, os seus sectarios bem como os actos de accordo com ellas: *brahmanista, gongorista, socialista*, etc. Ha, comtudo, varias excepções, como *lutherano, mahometano, republicano* e outros.

Tambem serve o suffixo *-ista* para designar individuos cuja occupação se relaciona com, o objecto a que se refere o termo derivante: *flautista, florista, telephonista, folhetinista, machinista, latinista, dentista, accionista*, etc.

FORMAM SUBSTANTIVOS de VERBOS:

- mento:** *ornamento, fardamento, pensamento, conhecimento, esquecimento, fingimento, impedimento*, etc.

-ção, -são: Procedem respectivamente do lat. **-tion-**, **-sion-**, em que as consoantes **t** e **s** pertencem a themas formativos do participio do preterito. Servem para derivar nomes abstractos. Alguns nomes, principalmente os terminados em **-são**, crearam-se segundo o modelo da formação latina: *coroação, nomeação, posição, fusão, consolação, obrigação, declaração, audição, solução, invocação*, etc.

-dor, -tor, -sor, -or: As consoantes **d**, **t** e **s** pertencem a themas do participio do preterito. Os derivados de verbos regulares da 2.^a conjugação mudam previamente **-id** em **-ed**. Com os suffixos formam-se nomes de agente: *armador, roedor, salvador, pescador, carregador, traductor, mordedor*, etc. Em alguns derivados transferiu-se o sentido de nome de pessoa agente para nome do objecto com que se pratica a acção: *regador, aquecedor, abotoador, ascensor, raspador*, etc.

-dura, -tura, -sura: Resultam estes suffixos do accrescimento de **-ura** a themas do participio do preterito, sendo **-tura, -sura** formas alatinadas: *atadura, armadura, escriptura, fechadura, clausura, genitura, brunidura, urdidura*, etc. Nos participios de verbos da 2.^a conjugação muda-se previamente **-id** em **-ed**: *benzedura, mordedura, torcedura*.

-douro: Do latim **-toriu**, denota geralmente lugar onde se pratica ou pode praticar a acção: *miradouro, ancoradouro, desaguardouro, matadouro, bebedouro*.

As vezes designa meio ou instrumento: *dobadoura, suadouro, cingidouro*.

-torio: *purgatorio, oratorio, dormitorio, laboratorio*, etc.

-ante, -ente, -inte: Correspondem ás tres conjugações e procedem do lat. **-nt** com que se formava o participio do presente. Designam o agente: *ajudante, emigrante, navegante, combatente, pretendente, ouvinte, pedinte*, etc. Muitos derivados se empregam com sentido alterado ou especializado: *poente, restaurante, estante, minguan-te*, etc. Outros vocabulos se usam em geral como adjectivos.

-ança (-ancia), -ença (-encia): Filiam-se tambem ao participio do presente latino, denotando porém, não o agente, mas a acção. As formas primitivas, postas entre parentheses, conservam-se em *constancia, obediencia, importancia, relevancia, regencia, conferencia*, etc., e são muito empregadas em palavras de criação moderna ou que se tiram do latim. Da formação popular em **-ança, -ença** são exemplos: *esperança, folgança, usança, crença, detença, defesa, differença*, etc.

FORMAM ADJECTIVOS de SUBSTANTIVOS :

- eiro, -ario** : Estes suffixos dão origem não só a substantivos, mas também a adjectivos : *verdadeiro, foreiro, galheiro, rasteiro, costeiro, originario, ordinario, diario, subsidiario, tributario*, etc.
- oso** : *orgulhoso, furioso, desejoso, rigoroso, noticioso, leitoso, sulfuroso, montanhoso, pedregoso*, etc. Em alguns casos toma a forma **-uoso** : *voluptuoso, montuoso*. Certos adjectivos adquirem duplo sentido, activo e passivo, como : *temeroso* «que é cheio de temor» ou «que provoca temor», *lamentoso, lastimoso, vergonhoso, angustioso*.
- udo** : Significa «provido de» em *sisudo*, e «provido de» ou «ter a forma de» em *pontudo, bicudo*. Em outros vocabulos denota grande massa ou também qualidade, tamanho ou feitiço desmesurado : *pelludo, cabelludo, narigudo, espadaudo, repolhudo, bochechudo, carnudo, polpudo*. Por metaphora diz-se *cabeçudo* para significar «muito teimoso».
- ano** : *mundano, humano, quotidiano*, etc. Com este suffixo formam-se muitos vocabulos que designam :
- seitas : *mahometano, lutherano, anglicano, gallicano*.
 - nomes patrios : *americano, bahiano, pernambucano, peruano, prussiano, açoriano, alemtejano*, etc.
 - qualidades proprias de certos homens ou sectarios de suas doutrinas. O termo derivante é nome de pessoa : *horaciano, ciceroniano, wagneriano, shakespeariano, camoniano*, etc.
 - denominações scientificas : *diluviano, siluriano, cambriano*, etc.
- ez, -ense** : Nomes patrios ; **-ez** em *francez, inglez, genovez, milanez, escossez, irlandez*, etc. ; **-ense** em *paraense, cearense, rio-grandense, maranhense, viennense, parisiense*, etc.
- esco** : *carnavalesco, dantesco, principesco, truanesco*, etc.
- isco** : *mourisco*.
- ento** : *sedento, rabujento, peçonhento, cinzento*, etc. Em alguns vocabulos tomados do latim a terminação é **-lento** : *corpulento, turbulento, opulento*, etc.
- atico** : *aromatico, problematico, asiatico*, etc.
- ino** : *argentino, florentino, platino, byzantino, crystallino, leonino, alabastrino, diamantino, londrino, caprino, bovino*, etc.
- eno** : *agareno, nazareno, terreno, tyrrheno, chileno, madrileno*.
- ico** : *biblico, melancolico, britannico, persico, celtico, iberico, symbolico*, etc.

- engo: *mulherengo, mostrengo, avoengo, bordalengo, realengo, solarengo, abbadengo, flamengo.*
- al, -ar: *dorsal, causal, substancial, annual, escolar, palmar, vulgar, familiar, solar, lunar, pessoal, consular, etc.*
- eu: *uropeu, judeu, chaldeu, hebreu.*
- aico: *prosaico, onomatopaico, judaico, chaldaico.*
- enho: *extremenho (de Extremadura), ferrenho, portenho.*
- estre: *alpestre, silvestre, terrestre, campestre.*
- este: *agreste, celeste.*

FORMAM ADJECTIVOS de VERBOS :

- avel, -ivel, -uvel: Esta ultima forma *-uvel* ocorre em *soluvel* (v. *solver*) e *voluvel* (do latim *volubili* — do verbo *volvere*). Com a forma *-avel* tiram-se adjectivos de verbos da 1.^a conjugação; com *-ivel* formam-se adjectivos de verbos da 2.^a e 3.^a conjugação. Denotam a possibilidade da acção, ora em sentido activo, ora, e mais frequentemente, em sentido passivo. Exemplos: *desejavel, vulneravel, remediavel, substituivel, supportavel, louvavel, admissivel, reduzivel, removivel, corrigivel, discutivel, etc.*
- douro: Do latim *-turu* (participio do futuro): *morredouro, vindouro.*
- torio: Do latim *-toriu*: *divinatorio, satisfactorio, transitorio, inhibitorio, expiatorio, derivatorio, etc.*
- iço: Adjectivos derivados do thema do participio do preterito. Em alguns vocabulos entende-se ter o verbo sentido activo; em outros attribue-se-lhe sentido passivo, reflexivo ou causativo. Exemplos: *abafadiço, movediço, quebradiço, assustadiço, alagadiço, sumidiço, perdidico, encontradiço, escorregadiço, achadiço, mettediço, etc.*
- icio: E' forma alatinada do sufixo precedente. Occorre em *accommodicio, translaticio, subrepticio* e outros.
- io: *lavradio, regadio, escorregadio, erradio, prestadio.*
- ivo: *pensativo, lucrativo, fugitivo, affirmativo, accumulativo, etc.*

FORMA ADVERBIOS de ADJECTIVOS :

- mente: *justamente, vaidosamente, livremente, burguezmente, perigosamente, firmemente, fracamente, etc.*

FORMAM VERBOS de SUBSTANTIVOS e ADJECTIVOS :

- ar: *murar, jardinar, telephonar, ancorar, ordenar, almoçar, etc.*

- ir:** *florir, colorir*. Estê suffixo não é usado para crear palavras novas.
- isar:** (ou **-izar**): Dá origem a innumerables verbos: *organisar, civilisar, harmonisar, fertilisar, esterilisar, tranquillisar, vulgarisar, sympathisar, economisar, arborisar*, etc.
- ficar:** Precedido sempre da vogal *i*: *falsificar, petrificar, exemplificar, fortificar, dignificar, purificar*, etc. Tem geralmente sentido de «fazer», «tornar em estado de».
- ear:** Dá verbos de sentido frequentativo ou simplesmente durativo e também outros de significação menos precisa: *sapatear, floretear, golpear, saborear, saquear, mastrear, folhear, sanear, clarear*, etc.
- ejar:** A maior parte dos verbos têm sentido frequentativo: *lacrimejar, gotejar, gaguejar, voejar*, etc.
- ecer:** *favorecer, bolorecer, loureecer, escurecer*.
- itar e -inhar:** Dão verbos frequentativos a que se junta a noção diminutiva: *saltitar, dormirar, cuspinhar*.

Derivação prefixal

Prefixos

Os prefixos mais importantes são os seguintes (Marcaremos com asterisco os de formação puramente erudita):

- a, ad*** (o sentido primitivo corresponde ao da preposição *a*): *aqueantar, abonar, abraçar, aproveitar, amadurecer, adiantar, avivar, administrar, adstringir, admirar, adduzir, adjurar*, etc.
- ab*, abs*** (separação): *abstrahir, abrogar, absolver, absorver, abuso, abusar*, etc.
- ante** (sentido ora local, ora temporal): *antebraço, antemuro, antesala, antevespera, antedata, antegosar, antepôr, ante-hontem*, etc.
- com** escreve-se antes de *b, p, m*, **cor** antes de *r*, **col** antes de *l*, **con** antes das outras consoantes, menos *h*; **co** escreve-se e pronuncia-se antes de vogal (e *h*): *combater, commover, comparecer, correligionario, collegio, consentir, conjurar, confundir, consoante, confluencia, conviver, co-irmão, co-herdeiro*, etc.
- contra:** *contrapôr, contra-prova*, etc.
- circum***: *circumdado, circumvallar*.
- des, dis*** (coisa ou acto contrario, cessação de um acto ou estado, negação de uma qualidade): *desamor, desventura, desintegrar, dissemelhante, disparidade, desigual, descortez, desconforme, des-*

temido, desconexo, desobedecer, desatar, desembainhar, desmamar, desenganar, desopprimir, desunião, desembaraçar, etc.

A certos verbos **des** acrescenta a noção de tirar ou separar uma coisa de outra: *descaroçar, desfolhar, desmascarar*. Às vezes **des** é mero reforçativo: *desinquietar, desinquietao*.

de: *decrecer, decompôr, decahir, depender, defumar, depennar, demover, demudar, deformar, etc.*

es, ex*, e: *esquentar, esforçar, espreguiçar, escoucear, espriar, esfriar, espernear, esburacar.*

Às vezes substitue-se **es** por **des**: *esfarelar* ou *desfarelar, estripar* ou *destripar, escampado* ou *descampado*.

Nos vocabulos em que occorre **ex** e **e** perdura o sentido da preposição latina «fora»; «para fora»: *emigrar, expatriar, expôr, exprimir, exposição, expressão, exportar, exportação*.

en, in* (sentido tomado da preposição **em**; antes de *b, p, m*, escreve-se **em, im**; antes de *l e r* escreve-se **il e ir** em lugar de **in**): *enraivar, enraizar, entroncar, embeber, importar, importação, emprehender, irromper, illuminar, inocular, inspirar, inovação, imprimir, enroscar, enrolar, envolver, envolvimento, induzir, incorrer, incursão, etc.*

in (sentido privativo, negação; transforma-se em **ine** nas palavras *inelutavel, inenarravel*, soffrendo nos mais casos as mesmas alterações graphicas que **in, en**, a que acabamos de nos referir): *incommodo, inutil, incapaz, impuro, improprio, immoderado, inalterado, illegal, illegitimo, irresoluto*.

entre, inter*: *entrelaçar, entrevista, entretela, entrever, intervir, interromper, intercallar, entreseio*.

intro*: *introduzir, intrometter, intromettido, etc.*

extra*: (fora de) *extraordinario, extranumerario, extravasar, extraviar*.

pos, post*: *pospôr, pdsposição, posponto, post-scripto, post-diluviano*.

per: *perpassar, percorrer, percurso, perfurar, perseguir, perdurar*.

pre* da preposição latina **prae**, que denota anterioridade, precedencia: *premeditar, preestabelecer, predominar, predizer, predomínio, predispôr, predisposição, prever, previsão, providente*.

pro* (a preposição latina significa «para diante», «em lugar de», «em proveito de», etc.): *promover, pronome, propor, proposição, propellir, proromper, prosequir*.

- re** (outra vez; de novo): *reassumir, reatar, reaver, reeditar, recommear, reedificar, reorganisar, reorganização, reviver, renascer, restabelecer, reanimar, etc.* Às vezes denota contra-movimento, esforço em sentido contrario: *refluir, reagir, repugnar.*
- cis*** (da parte d'aquem): *cisplatina, cisalpino.*
- tras, tres, trans*** (passar além de, para outra banda): *traspassar, trasbordar, trasmudar, transatlantico.* Também se usa **trans** como antonymo de **cis**: *transalpino.*
- ultra*** (passar além de, da parte d'alem): *ultrapassar, ultramar, ultravioleta, ultramicroscopico.*
- so, sub*** (valor da preposição **sob**): *sobraçar, soerguer, soterrar, sujeitar* (port. ant. *sojeitar*), *subjugar, submeter, subverter, subdelegado.*
- sobre, super*, supra***: *sobrepôr, superpôr, sobrescripto, sobrescrever, sobrevir, sobreviver, supranumerario, sobredito, supradito, supersensível.*
- soto, sota** (do latim *subtus*): *sotavento, sotapôr.* Em portuguez antigo havia *sotá-capitão* ou *soto-capitão, sota-piloto, etc.*
- vice**: *vice-presidente, vice director, vice-consul, vice-almirante, vice-rei* (antigamente *viso-rei*). O prefixo vem alterado em **vis** no vocabulo *visconde.*
- retro*** (para traz): *retrocesso, retroceder, retrogradar, retroactivo, retroactividade, retrogrado, retrospectivo, etc.*

Derivação parasynthetica

Consiste a formação parasynthetica em crear vocabulos com o auxilio simultaneo de suffixo e prefixo.

Serve em portuguez este processo principalmente para a formação de verbos.

Parasyntheticos verbaes com base substantiva: *ajoe-lhar, abençoar, avistar, anoitecer, apregoar, enraizar, ensaboar, enraivecer, encurralar, espreguiçar, embarcar, apavorar, etc.*

Parasyntheticos verbaes com base adjectiva: *empobrecer, enriquecer, avivar, entortar, endireitar, esfriar, enlouquecer, enfraquecer, amollecere, emmudecer, aqueantar, avermelhar, encrespar, etc.*

Derivação regressiva

Consiste a derivação regressiva em crear vocabulos, não accrescentando, mas subtrahindo algum suffixo; por exemplo, do verbo *pescar* o substantivo *pesca*, em que a vogal *a* é apenas a desinencia feminina. Derivados normaes ou progressivos seriam *pescador*, *pescaria*. Por este processo tiram-se muitos substantivos de verbos e dá-se-lhes o nome de **postverbaes** ou **deverbaes** ou simplesmente **substantivos verbaes**. Não adoptaremos esta ultima denominação.

Os derivados regressivos produzem a illusão de serem elles os vocabulos derivantes.

Os deverbaes podem ser masculinos ou femininos. Alguns têm ao mesmo tempo forma masculina e feminina.

1.º masculinos em **-o**: *atrazo*, *assento*, *emprego*, *vôo*, *esforço*, *choro*, *degelo*, *recuo*, *mergulho*, *suspiro*, *mando*, *confronto*, *rodeio*, *galanteio*, *festejo*, *gargarejo*, etc.

2.º masculinos em **-e**: *embarque*, *desembarque*, *combate*, *corte*, *toque*, etc.

3.º femininos em **-a**: *amarra*, *pesca*, *sobra*, *supplica*, *leva*, *engorda*, *desova*, *renuncia*, *rega*, *esfrega*, *entrega*, *escolha*, etc.

4.º masculinos e femininos: *pago*, *paga*, *custo*, *custa*, *troco*, *troca*, *acheço*, *acheça*, *grito*, *grita*, *ameaço*, *ameaça*.

COMPOSIÇÃO

Chama-se **palavra composta** a combinação de dous ou mais vocabulos com a qual se designa algum conceito novo, differenciado do sentido primitivo dos termos componentes.

Este processo de formar palavras tem o nome de **composição**. Em certos casos cada um dos termos conserva ainda a sua significação, sendo comtudo manifesta a tendencia de se especialisar o sentido para designar um conceito unico e differente. Costuma-se então dizer que

houve mera juxtaposição, que taes palavras se acham juxtapostas.

OBSERVAÇÃO. — Segundo a theoria de Darmesteter, dá-se a composição quando os termos se juntam, tendo havido ellipse ou suppressão de phonemas; a juxtaposição, pelo contrario, consistiria na soldadura mais ou menos intima de elementos reunidos sem ellipse. Na Grammatica Historica discutimos esta theoria.

Os vocabulos que constituem a palavra composta podem ser dous substantivos, combinados ou directamente ou por meio de preposição; dous adjectivos; adjectivo combinado com substantivo; um dos termos pode ser pronome adjunto, ou numeral, sendo o outro substantivo; pode-se unir um adverbio, e em certos casos uma preposição, com um nome ou um verbo; e pode finalmente resultar a palavra composta da junção de verbo com substantivo ou com outro verbo.

1. SUBSTANTIVO + SUBSTANTIVO: *couve-flor, café-concerto, algodão-polvora, carro-dormitorio, papel-moeda, astro-rei, mãe-patria, arco-iris, fidalgo-aprendiz, chave-mestra, parede-mestra, etc.*

Nas denominações de animaes e objectos, o segundo termo indica muitas vezes a semelhança ou alguma relação remota que o animal ou objecto, ou alguma de suas partes tem com outro ser: *peixe-agulha, peixe-espada, peixe-serra, peixe-boi, urubu-rei, tamanduá-bandeira, pombo-leque, manga-espada, porco-espinho, etc.*

As combinações *mestre-sala, mestre-escola* estão em lugar de *mestre de sala, mestre de escola*.

2. SUBSTANTIVO + PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO: *homem de estado, pai de familia, mestre de obras, mestre de cerimonias, estrada de ferro, arma de fogo, etc.*

Denominações dadas por metaphora: *orelha de pau, menina dos olhos, pé de gallinha, pé de cabra, unha de boi, beijo de frade, brinco de princeza, etc.*

3. SUBSTANTIVO + ADJECTIVO: O adjectivo em uns casos vem depois, em outros em primeiro lugar.

1) O adjectivo vem depois do substantivo: *agua-forte, amor proprio, aguardente, agua-regia, aguas-furtadas,*

arma branca, Idade-media, sangue-frio, mão-morta, cebra cega, fogo-fatuo, obra-prima, criado-mudo, mãos-rotas, etc.

2) O adjectivo vem em primeiro lugar: *gentil-homem, preia-mar, baixa-mar, bellas-artes, livre pensador, meia-cara, meia-idade, meia-noite, meio-dia, etc.*

Às vezes ha combinação mais intima, alterando-se a parte final do primeiro termo componente: *boqui-aberto, manirroto, etc.*

4. ADJECTIVO + ADJECTIVO: *surdo-mudo, claro-escuro, luso-brasileiro, anglo-saxonio, tragi-comico, heroi-comico* (nestes dous compostos *tragi-* e *heroi-* estão em lugar de *tragico-* e *heroico-*), *verde-escuro, azul-marinho, etc.*

5. PRONOME + SUBSTANTIVO: *Nosso Senhor, Nossa Senhora, Vossa Senhoria, Vossa Alteza, Vossa Paternidade, etc.*

6. NUMERAL + SUBSTANTIVO: *tres-folhas, mil-homens, etc.*

Nos dias de semana: *segunda-feira, terça-feira, etc.*

Emprego de numeraes latinos: *bisavó, bisneto, trigemeo, etc.*

7. Combinações de **bem** e **mal** com outros vocabulos: *bemdizer, maldizer, maldição, bemquerença, malquerença, bemquisto, malquisto, malfeitor, mallogro, mallograr, bemsoante, mal-soante, bem-aventurado, mal-aventurado, maltratar, bem-ferido, mal-ferido, etc.*

8. VERBO + SUBSTANTIVO: *quebra-nozes, lava-pratos, beija-flor, limpa-trilhos, saca-rolhas, quebra-cabeça, tira-teimas, quebra-mar, lança-perfumes, furta-fogo, guarda-roupa, guarda-pó, guarda-lama, fura-bolos, mata-piolhos, pica-pau, busca-pé, manda-chuva, tiradentes, louva-Deus, ganha-pão, guarda-chave, passatempo, porta-voz, porta-estandarte, etc.*

9. VERBO + VERBO: *vaivem, ganha-perde, corre-corre.*

Prefixos gregos

Usam-se principalmente em vocabulos tirados do grego.

- an, a** (corresponde ao prefixo privativo latino *in-*; **an** usa-se antes de vogal, **a** antes de consoante): *anarchia*, ausencia de governo; *anonymo*, sem nome; *acephalo*, privado de cabeça.
- amphi** (ao redor, dos dous lados, duplo): *amphitheatro*, teatro ou sala de forma arredondada; *amphibio*, de dupla vida, isto é, na agua e na terra.
- ana** (principal sentido «de baixo para cima», denota tambem afastamento, decomposição, duplicação, etc.): *anachronismo*, inversão de data; *anagramma*, palavra com as letras transpostas; *analyse*, decomposição; *anabaptista*, que se baptisa segunda vez.
- anti** (oposição): *antagonista*, que luta em sentido contrario; *ant-artico*, *antithese*, *antidoto*, *antipathia*, *anti-alcoolico*, *antipoda*, *Anti-Christo*, *anti-constitucional*, *anti-patriotico*.
- apo** (corresponde á preposição latina *ab*, denota portanto separação): *apostata*, *apogeu*, afastado da terra, o ponto mais alto; *apostolo*, enviado para longe.
- archi** (preeminencia; em varias palavras portuguezas apparece alterado em *arce*): *arcebispo*, *archanjo*, *archetypo*, *archi-duque*, *archi-milionario*.
- cata** (antonymo de *ana*, «de cima para baixo», exprime tambem conformidade e usa-se com outras accepções): *cataclysmo*, *catacumba*, *catarrho*, *catastrophe*.
- dia** (atravez, por meio de, e outras accepções muito diversas): *diálogo*, *diadema*, *dialecto*, *diametro*.
- dys** (difficuldade): *dysenteria*, *dyspepsia*, *dyspnéa*.
- ec** (antes de vogal *ex*) corresponde ao latim *ex*: *ecchymose*, *exanthema*.
- en** (corresponde á preposição latina *in*): *encephalo*, *embryão*.
- endo** (dentro): *endocarpo*.
- epi** (o principal sentido é «sobre», mas usa-se tambem com accepções secundarias): *epiderme*, *epigraphe*.
- eu** (bom): *evangelho* (por *eu-aggelion*, boa noticia), *euphonia*.
- hemi** (meio): *hemispherio*.
- hyper** (corresponde ao latim *super*, *supra*): *hypercritico*, *hyperbole*, *hypertrophia*.

- hypo** (latim *sub*): *hypothese, hypotheca*.
- meta** (com, apoz, denota tambem successão, mudança, fim): *metempsychose, metamorphose, metaphora, metaphysica, methodo, metonymia*.
- para** (perto, ao lado, tem ás vezes sentido intensivo): *paradoxo, paragrapho, paralelo*.
- peri** (em torno, acima): *perimetro, periodo, periphéria, perifrásé*.
- pro** (diante, para diante, antes, previo, para): *prodromo, programma, prologo, prognostico*.
- syn** (latim *cum*; toma as formas *syl* antes de *l*, *sym* antes de *m*, *p*, *b*; *sy* antes de *s*, *z*): *synchronismo, syntaxe, syllaba, synoptica, sympathia, synthese, synonymo, systema, systole, syzygia*.

Lista dos radicaes gregos mais usados

- aer, aer-os** (*ar*): *aero-nauta, aer-eo, aero-stato*.
- ago** (conduzir), **agōg-os** (conductor): *dem-agogo, ped-agogo*.
- agōn, on-os** (combate): *agon-ia, ant-agon-ista*.
- aíti-a** (causa): *eti-o-logia*.
- akr-os** (alto, elevado, que occupa a extremidade): *acro-pole, acrobata*.
- alg-os** (soffrimento, dor): *nevr-alg-ia*.
- anth-os** (flor): *antho-logia*.
- anthrop-os** (homem): *anthropo-logia, phil-anthrop-o, anthropo-phago*.
- arch-aíōs** (antigo): *arch-aico, archeo-logia*.
- arch-ê** (governo): *mon-arch-ia, an-arch-ia*.
- arithm-os** (numero): *arithm-etica*.
- arct-os** (urso): *arct-ico, ant-arct-ico*. (O nome *arctico* refere-se ás constellações Grande Ursa e Pequena Ursa, em uma das quaes se acha a Estrella Polar).
- aut-os** (si mesmo): *auto-grapho, auto-nomia, auto-crata, auto-matico*.
- bar-ys** (pesado, grave): *bary-tono, baro-metro*.
- bibli-ion** (livro): *bibliō-philo, bibliō-theca, biblio-graphia*.
- bi-os** (vida): *bio-graphia, bio-logia, ampli-bi-o*.
- cheir-, cheir-os** (mão): *cheiro-ptero, cir-ur-gia (chir-urgia)*.
- chol-e** (bilis): *melan-col-ia*.
- chron-os** (tempo): *chron-ica, chrono-logia, ana-chron-ismo*.
- chrom-a** (cor): *chromo-lithographia*.

- chrys-os** (ouro): *chryso-stomo*, *chryso-alida*, *chryso-anthemo*.
- daktyl-os** (dedo): *daktyl-o-graphia*.
- deka** (dez): *deca-logo*, *deca-syllabo*, *deca-gono*.
- dis, di** (duas vezes): *dis-syllabo*.
- dodeka** (doze): *dodeca-syllabo*, *dodeca-neso*.
- dem-os** (povo): *demo-cracia*, *epi-dem-ia*.
- derm-a** (pelle): *epi-derm-e*, *pachy-derm-e*.
- dox-a** (opinião): *ortho-dox-o*, *para-dox-o*.
- drom-os** (corrida, curso): *hippo-drom-o*, *pro-drom-o*.
- dynam-is** (força): *dynam-ica*, *dynamo-metro*.
- edr-a** (base, lado): *tetra-edr-o*, *poly-edr-o*.
- eid-os** (forma), de que procede *oide* (que se assemelha a): *ellips-oide*.
- eik-on, on-os** (imagem): *icono-clasta*.
- erg-on** (obra, trabalho), d'ahi os suffixos **urgo**, **urgia**: *metall-urgia*, *dramat-urgo*, *en-ergia*.
- enter-a** (entranhas): *enter-ite*, *dys-enter-ia*.
- ethn-os** (raça, nação): *ethn-ica*, *ethno-graphia*.
- gam-os** (casamento), d'ahi *gamo* (que se casa): *poly-gamo*, *bi-gamo*, *crypto-gamo*.
- gaster, gast(e)r-os** (ventre, estomago): *gastro-nomo*, *gastr-algia*.
- ge** (terra): *ge-o-graphia*, *ge-o-logia*.
- genes-is** (acção de gerar): *genes-e*, *hydro-genio*.
- gen-os** (genero, especie): *homo-geneo*, *hetero-geneo*.
- gloss-a** ou **glott-a** (lingua): *gloss-ario*, *glotto-logia*.
- gon-ia** (angulo): *poly-gono*.
- gon-os** (formação, geração): *cosmo-gon-ia*.
- graph-o** (escrever), e d'ahi *graph-ia* (descrição), *graph-o* (que escreve): *gramm-a* (o que está escripto): *geo-graphia*, *tele-grapho*, *tele-gramma*.
- haim-a, atos** (sangue): *hemo-ptyse*, *an-em-ia*.
- haire-o** (tomar, escolher): *heres-ia*, *heret-ico*.
- hekaton** (cem) de que se tirou *hecto*, *hect*: *hecatom-be*, *hecto-gramma*, *hecto-litro*.
- helios** (sol): *helio-scopio*, *helio-tropio*.
- hemer-a** (dia): *ep-hemer-o*, *ep-hemer-ide*.
- hendeka** (onze): (h) *endeca-syllabo*.
- hepta** (sete): *hept-archia*.
- heter-os** (outro): *hetero-doxo*, *hetero-geneo*.
- hex-a** (seis): *hex-a-metro*.
- hier-os** (sagrado): *hier-arch-ia*, *hieroglypho*.
- hipp-os** (cavallo): *hippo-dromo*.

- hom-os** (semelhante): *homo-geneo*, *hom-onymo*.
hyd-or, atos (agua), d'ahi *hydr*, *hydro*, como elemento de composição:
hydro-genio, *hydro-graphia*.
icht-ys, yos (peixe): *ichtyo-logia*.
idi-os (proprio, particular): *idi-oma*, *idiot-ismo*.
isos (semelhante): *iso-chrono*, *iso-thermico*.
kak-os (mau): *caco-ponia*, *caco-graphia*.
kal-os (bello), **kallos** (belleza): *calli-graphia*.
kard-ia (coração): *card-iaco*, *peri-card-io*.
karp-os (fruto): *peri-carp-o*.
kephal-e (cabeça): *cephal-algia*, *en-cephalo*.
kilo, de *chilioi* (mil): *kilo-metro*, *kilo-gramma*.
kosm-os (mundo): *cosmo-graphia*, *cosmo-polita*.
krat-os (poder): *demo-crat-ico*, *aristo-crat-ico*,
demo-cracia, *aristo-cracia*.
kykl-os (circulo): *hemi-cycl-o*, *bi-cycl-eta*.
leg-o (dizer, escolher): *eg-log-a*, *ec-lect-ismo*.
lamban-o (tomar), d'ahi *leps-is* (acção de tomar), *lemma* (coisa tomada): *epi-leps-ia*, *cata-leps-ia*, *lemma*, *di-lemma*.
lith-os (pedra): *litho-graphia*, *mono-lith-o*.
log-os (discurso, tratado, sciencia): *dia-log-o*, *archo-log-ia*, *bacterio-log-ia*.
mach-e (combate): *logo-mach-ia*.
makr-os (grande): *macro-bio*.
megas, megal-os (grande): *megal-o-mania*.
mel-as, an-os (negro): *melan-colia*, *Melan-esia*.
mel-os (musica, canto): *mel-odia*.
mes-os (meio): *Meso-potamia*.
meter, metr-os (mãe): *metro-pol-e*.
metr-on (medida): *baro-metro*, *thermo-metro*.
mikr-os (pequeno): *micro-bio*, *micro-scopio*.
mis-os (odio): *mis-anthrop-o*.
mnem-e (memoria): *mnemo-technica*.
mon-os (só): *mono-logo*, *mono-litho*.
morph-e (forma): *morph-o-logia*.
myth-os (fabula, mytho): *myth-o-logia*.
myri-a, em vez de *myri-o* (dez mil): *myria-podo*.
ne-os (novo): *neo-logismo*, *neo-phyto*.
nes-os (ilha): *Mela-nes-ia*, *Micro-nes-ia*.
neur-on (nervo): *neur-algia*, *neur-asthenia*.

- nom-os (lei, administração, porção): astrô-*nom*-ia, auto-*nom*-ia, eco-*nom*-ia, bi-*nom*-io, agro-*nom*-ia.
- od-e (canto): palin-*od*-ia, par-*od*-ia.
- od-os (caminho, via): ex-*od*-o, meth-*od*-o, peri-*od*-o.
- on, ont-os (ente): *ont*-o-logia.
- onom-a, atos (nome): pseud-*onym*-o, syn-*onym*-o.
- oph-is, oph-id-os (serpente): *ophid*-eo.
- ophthalm-os (olho): *ophthalm*-ia.
- ops, op-os (vista): *ops*-is (acção de ver): *opt*-ik-os (que se refere à visão): my-*op*-ia, aut-*ops*-ia, syn-*opt*-ico.
- oram-a (vista): cosm-*orama*, pan-*orama*.
- ornis, ornith-os (ave): *ornith*-o-logia.
- or-os (montanha): *oro*-graphia.
- orth-os (direito, recto): *ortho*-doxo, *ortho*-graphia.
- ost-eon (osso): *osteo*-logia.
- ox-ys (acido, agudo): *oxy*-genio, par-*ox*-ysmo.
- pais, paid-os (criança, menino): *ped*-agogia.
- palai-os (antigo): *pale*-ont-o-logia, *pale*-o-graphia.
- pan, pant-os (todo): *pan*-acéa, *pan*-orama, *pan*-the-ismo, *panto*-grapho.
- path-os (afecção, doença): *patho*-logia, sym-*path*-ia.
- pent-a (cinco): *pent*-a-gono.
- phag-o (comer): anthropo-*phago*.
- phain-o (fazer apparecer, brilhar): dia-*phano*, *pheno*-meno.
- phemi (eu digo, falo): eu-*phem*-ismo, pro-*pheta*.
- pher-o (levar, trazer), phor-os (que traz): sema-*phor*-o, phos-*phor*-o.
- phil-os (amigo): *phil*-harmonia, *phil*-anthropo.
- phobe-o (temer, fazer fugir), d'ahi phob-os: hydro-*phobo*, anglo-*phobo*, russo-*phobo*.
- phos, phot-os (luz): *phos*-phoro, *photo*-graphia.
- plout-os (riqueza): *pluto*-cracia.
- phon-e (voz): eu-*phon*-ia, tele-*phon*-e, *phono*-grapho.
- pol-is (cidade): metro-*pol*-e.
- pol-ys (muito): *poly*-gamia, *poly*-gono, *poly*-chromia, *Poly*-nesia.
- pous, pod-os (pé): anti-*pod*-a.
- prot-os (primario): *prot*-agon-ista, *proto*-colo, *proto*-typo, *proto*-plasma, *proto*-zo-ario.
- pseud-os (falsidade, mentira): *pseud*-onymo.
- psych-e (alma): *psycho*-logia, metem-*psych*-ose.
- pter-on (aza): coleo-*pter*-o.
- pyr, pyr-os (fogo, febre): *pyro*-technico, anti-*pyr*-ina.

- rhe-o** (correr, fluir): *cata-rrho*, *dia-rrhéa*.
- seism-os**, d'ahi **sism** (estremecimento): *sism-o-logia*, *sism-ico*.
- skope-o** (examinar), d'ahi **scopio** (que faz ver): *tele-scopio*, *micro-scopio*.
- soph-os** (sabio): *philo-sopho*.
- stat-os** (que se mantêm): *apo-stata*, *aero-stato*, *hydro-stat-ica*.
- stere-os** (solido): *stereo-typo*.
- strep-ho** (virar): *apo-strophe*, *cata-strophe*.
- taph-os** (tumulo): *epi-taphio*.
- tauto por to auto** (o mesmo): *tauto-logia*.
- techn-e** (arte): *poly-techn-ico*, *mnemo-techn-ica*.
- teras**, **terat-os** (prodigio, phenomeno, monstro): *terat-o-logia*.
- tele** (longe): *tele-grapho*, *tele-phone*, *tele-scopio*.
- the-os** (deus): *theo-logia*, *theo-cracia*.
- therm-os** (quente): *thermo-metro*.
- tetra** (quatro): *tetra-edro*.
- thes-is** (acção de pôr, these): *anti-thes-e*, *syn-thes-e*.
- top-os** (lugar): *top-ico*, *topo-graphia*, *u-top-ia*.
- traum-a**, **atos** (ferimento): *traumat-ico*.
- tris**, **tri** (tres vezes): *tri-logia*, *tri-nomio*.
- typ-os** (typo, caracter): *typo-graphia*, *arche-typo*.
- zo-on** (animal, ser vivo): *zoo-logia*, *zoo-phyto*.

FORMAÇÕES HYBRIDAS

Dá-se este nome á creação de vocabulos com elementos de idiomas differentes. O caso mais commum é o da combinação de radicaes gregos com radicaes romanicos ou latinos: *sociologia*, *oleographia*, *anti-constitucional*, *automovel*, etc.

Os vocabulos assim formados denominam-se **hybridismos**.

SYNTAXE E ESTILISTICA

A ORAÇÃO

Oração ou **proposição** é a combinação de palavras (e ás vezes uma só palavra) com que nos dirigimos a alguém :

a) para dar-lhe informação de um facto (oração **declarativa** ou **expositiva**). Exemplos :

Comprei um relógio.
Estremeceste.
As férias começaram.
O trem partiu.
Pedro está doente.

b) para pedir uma informação (oração **interrogativa**), ex. :

As férias começaram?
Sabes a lição?
Quem bate?
Trabalhas?

c) para exhortar-o a praticar ou deixar de praticar um acto (oração **imperativa**), ex. :

Afasta-te.
Não chores.

d) para manifestar-lhe uma aspiração, um desejo (oração **optativa**), ex. :

Queira Deus!
Deus permita!

A oração é **afirmativa** quando não contém negação, e **negativa** quando encerra alguma expressão como *não*, *nunca*, *ninguém*, *nada*, *jamais*, etc.

Termos primarios

Na proposição distinguimos geralmente dous termos: **sujeito e predicado**.

Sujeito denota o ser a proposito do qual se declara alguma cousa. É expresso por um nome ou um pronome.

Predicado é aquillo que se declara do sujeito. É expresso por um verbo nocional ou por um adjectivo combinado com algum dos verbos *ser, estar, parecer, ficar, tornar-se*.

Nestes exemplos:

As ferias começaram
 Elle cahirá
 Gastão não é estudioso
 Emilio parece doente
 O leão tem juba
 Trabalhai
 Deus queira
 Fugiremos
 Cahistes

são sujeitos as *férias, elle, Gastão, Emilio, o leão, vós, Deus, nós, vós* e predicados *começaram, cahirá, não é estudioso, parece doente, tem juba, trabalhai, queira, fugiremos, cahistes*.

OBSERVAÇÃO. — Junto a *ser, estar, etc.*, pode usar-se como predicativo, em lugar do adjectivo propriamente dito, um pronome, um quantitativo ou um substantivo adjectivado: *elle tornou-se mestre; o leão é o rei dos animaes*.

O sujeito pode ser **definido** como nas proposições que acabamos de citar, ou **indefinido**.

Sujeito indefinido é o que indica ente humano que não podemos ou não queremos especificar. Emprega-se

para este effeito o verbo ou na 3.^a pessoa do plural, ou na forma reflexiva, ou usa-se o verbo na forma activa dando-lhe por sujeito um pronome indefinido :

Assassinaram o ministro.

Estão batendo á porta.

Morre-se de frio.

Alugam-se cadeiras.

Desistiu-se da empresa.

Alguem está batendo.

OBSERVAÇÃO. — Os dizeres *chove*, *troveja*, e outros verbos impessoaes que denotam phenomenos da natureza exprimem factos em si, sem referencia a quaesquer seres. A estas proposições de sentido completo constituídas por um só termo dá-se o nome de orações sem sujeito.

Termos integrantes e accessorios

Termos integrantes são as expressões que completam o sentido dos verbos transitivos e de certos verbos intransitivos, a saber: o **objecto directo** ou **complemento objectivo**, o **complemento terminativo**, o **complemento indirecto** e o **complemento de causa efficiente**.

As definições já foram dadas na Lexeologia ao estudarmos as diversas especies de verbos.

Termos accessorios são os que individuum ou especificam o sujeito, predicado ou complemento, ou lhes acrescentam qualquer esclarecimento.

Dividem-se em **determinantes** ou **adjuntos**, **appostos** e **annexos**.

Os **determinantes** podem ser **attributivos** ou **adverbiaes**:

Determinante (ou adjunto) **attributivo** é o termo accessorio expresso por adjectivo, pronome-adjectivo, numeral, ou qualquer locução que especifica ou individua o sentido do sujeito ou complemento:

Fruta verde é nociva.

A directora *do collegio* tem cabellos *louros*.

Meu trabalho está terminado.

Tres dias não bastam.

Este quarto é humido.

Não gosto de discursos *compridos*.

Conheço o pai *deste menino*.

Determinante (ou adjunto) **adverbial** é o termo accessorio que accrescenta ao predicado o esclarecimento de lugar, tempo, modo, etc. Lexeologicamente falando, é um adverbio ou locução adverbial:

Almoçarei *ao meio dia*.

Chegaram *aqui* as embarcações.

Hontem choveu.

Aquelle homem caminha *com difficuldade*.

Tu te exprimes *muito bem*.

Apposto ou **apposição** é o termo accessorio que se pospõe ao sujeito ou objecto como explicação ou a titulo de equivalencia.

Pode ser um simples substantivo ou uma frase de certa extensão :

Carlos I, *rei de Inglaterra*, foi decapitado em 1699.

Renato, *amigo nosso*, não nos abandonará.

Matamos a onça, *terror das nossas matas*.

Annexo predicativo é o adjectivo ou substantivo que se accrescenta ao predicado verbal para indicar o estado ou condição, durante a acção expressa pelo verbo, ou do sujeito ou do objecto.

I Anexo predicativo referido ao sujeito :

Elle chegou *cançado*.

A criança nasceu *cega*.

Tu partiste *menino* e voltaste *homem*.

O soldado cahiu *morto*.

As flores amanhecem *frescas*.

II Anexo predicativo referido ao ^{objecto} ~~sujeito~~ :

Encontrei a porta *arrombada*.

As frutas comeu-as elle *verdes*.

Deixei-te *menino* e vejo-te *homem*.

Com alguns verbos o annexo predicativo referido ao objecto pode denotar a consequencia ou resultado do acto expresso pelo verbo :

O ministro nomeou-me *director*.

Elegeram-te *deputado*.

Fizeram-me *socio*.

A miseria tornou-o *invejoso*.

Funções attributiva e predicativa

É **attributivo** o adjectivo, pronome-adjunto ou quantitativo que vem junto a substantivo para lhe especificar ou delimitar o sentido :

Bellas casas existem na *grande* cidade.

A gritaria *infernal* impede-me de trabalhar.

Tres dias não bastam.

Muitas flores plantaste em *teu* jardim.

Muitas flores *admiraveis* adornam esse *esplendido* parque.

Aquelles operarios ganham *pouco* dinheiro.

Os *primeiros* premios couberam a Carlos e Henrique.

Moram aqui *vinte* pessoas.

Demos esmolos a *trinta* crianças *pobres*.

É **predicativo** o adjectivo, pronome-adjunto ou quantitativo que vem junto a *ser, estar, parecer, ficar, tornar-se*, completando o sentido destes verbos :

As ruas são *estreitas*.

O chapéu é *meu*.

A maçã parece *podre*.

Estavas *triste*, mas ficaste *contente*.

O prisioneiro tornou-se *pallido*.

Os problemas apresentados são *tres*.

As flores não eram *muitas*.

Termos singelos, multiplos e determinados

São termos **singelos** :

1.º o sujeito e qualquer complemento, representados respectivamente por um só nome ou pronome :

O *jardineiro* podou as roseiras.

Nós obedecemos-te.

Eu apertei-*lhe* a *mão*.

2.º o termo predicativo expresso por um só adjectivo ou quantitativo :

Os palacios são *esplendidos*.

A rua está *intransitavel*.

Estas joias são *tuas*.

3.º os determinantes attributivos e adverbias e demais accessorios que não vierem associados a outros termos da mesma especie :

Os dias *chuvosos* terminaram.

A arvore tem raizes *grossas*.

Neste instante partiu *daqui* um mensageiro *a toda pressa*.

As aves amanheceram *mortas*.

OBSERVAÇÃO. — No penultimo exemplo ha tres determinantes adverbias, porém singelos por pertencerem a especies diferentes.

São termos **multiplos** : o sujeito, o complemento, o predicativo e qualquer termo accessorio quando enunciados por mais de um vocabulo ou locução designando seres ou qualidades diferentes e coordenados por alguma das conjunções *e* (clara ou subentendida), *ou*, *nem*, *mas* ou *porém* :

Eu e tu ficaremos em casa.

Respondeu com voz *cavernosa e cansada*.

Uma ou duas horas bastarão para esta obra.

Pedro é rapaz bom, mas desconfiado.

Mestre e alumnos trabalham juntamente.

Nem meu irmão nem eu estamos ociosos.

Pertenciam a uma *raça vil e reprobada.*

Pedro e Antonio comeram *frutas e doces.*

Chegámos *cansados e sedentos.*

Visitou-nos a *mãe de Elsa e Laura.*

São termos **determinados** ou **desenvolvidos** :

1.º o sujeito, o complemento, o predicativo quando acompanhados de accessorios :

O jardineiro portuguez podou as *roseiras da chacara.*

Afonso é doente do coração.

2.º os termos accessorios quando vêm por sua vez seguidos de outros accessorios :

Almoçaremos *às dez horas da manhã.*

Chegámos *cansados da longa marcha.*

A directora do collegio americano fala a nossa lingua *com facilidade extraordinaria.*

Oração simples e oração composta

Oração simples é a proposição independente ou solta que faz sentido perfeito, podendo os seus termos ser singelos, multiplos ou desenvolvidos:

A criança dorme.

A criança e a mãe dormem.

O menino comeu a fruta.

O menino guloso comeu hontem a fruta verde.

Oração composta é a **combinação coordenativa** ou **subordinativa** de duas ou mais orações simples.

A **combinação coordenativa** é formada de uma oração inicial e uma ou mais orações seguintes ou coordenadas que se caracterizam por alguma das particulas *e*, *mas*, *ou*, *portanto*, *logo*, *porquanto*, etc.

Vindo expressa a particula coordenativa, diz-se que a construcção é **syndetica**. Estando subentendida, a construcção denomina-se **asyndetica**. Exemplos:

I

Quiz subjugal-o; *mas* não me foi possível.

Chove muito; *portanto* não sahiremos.

II

Quiz subjugal-o; não me foi possível.

Chove muito; não sahiremos.

A **combinação subordinativa** consta de uma oração principal e uma ou mais secundarias ou subordinadas.

Orações subordinadas ou secundarias são desdobramento do sujeito, do complemento ou dos determinantes attributivos ou adverbias em novas orações.

Quando a subordinada representa o sujeito, um complemento essencial ou um termo attributivo de função restrictiva, a oração principal sem a dita subordinada é uma proposição imperfeita e truncada.

Nestas combinações:

Quem porfia mata a caça

Rio *que tem cachoeira* não é navegavel

Pedro diz *que não me conhece*

as principaes *mata a caça, rio não é navegavel, Pedro diz,* são proposições truncadas que só fazem sentido quando unidas com as subordinadas respectivas.

Interrogação directa e indirecta

A interrogação pode-se fazer de duas maneiras. A interrogação **directa** é uma proposição independente, que differe da oração expositiva pelo tom de voz, podendo começar por uma palavra interrogativa :

- Vais todos os dias ao theatro?
- Leste as obras de Machado de Assis?
- Quem bate á porta?
- Onde está a felicidade?
- Porque não disseste toda a verdade?
- Quando se abrirá a exposição?
- Como se toma este remedio?
- Quaes são as causas da prosperidade do paiz?

A interrogação **indirecta** não pede resposta pronta, mas dá a entender que temos duvida sobre um factó e que estimariamos que esta se desfizesse com qualquer resposta. Soccorremo-nos de duas orações, uma principal, a outra subordinada, sendo esta proferida em tom commum, embora encerre a pergunta.

A oração subordinada começa ou pela conjunção interrogativa *se*, ou por algum dos vocabulos interrogativos *quem*, *qual*, *como*, *onde*, *porque*, *quando*, etc. Confrontem-se com os exemplos acima as perguntas indirectas:

- Não sei *se* vais todos os dias ao theatro.
- Dize-me (ou não sei) *se* leste as obras de Machado de Assis.
- Verifique *quem* bate á porta.
- Não sei *porque* não disseste toda a verdade.
- Mostra-me *onde* está a felicidade.
- Indaga *quando* se abrirá a exposição.
- Explica-me *como* se toma este remedio.
- Dir-me-ás *quaes* são as causas da prosperidade do paiz.

OBSERVAÇÃO. — Sendo as expressões *como*, *quanto*, *quão*, *que* applicadas tanto em frases interrogativas como em frases exclamativas, casos ha que se devem interpretar como exclamações indirectas: *Olha como ella chora! Bem sabes quanto me custa! Olha que infini-dade de moedas*, etc.

Proposições explicitas e implicitas

A proposição é **explicita** se contém verbo, principal ou auxiliar, expresso no indicativo (incluindo o chamado condicional), no conjuntivo ou no imperativo. Chama-se, pelo contrario, **implicita** a proposição cujo verbo se acha no infinitivo, no gerundio ou no participio.

Ha, portanto, quanto á forma, tres especies de orações implicitas: *infinitiva*, *gerundial* e *participial*. Qualquer dellas é sempre subordinada ou dependente de outra proposição subordinante e pode geralmente desdobrar-se em oração explicita.

Reciprocamente as explicitas, sendo secundarias, são muitas vezes susceptiveis de serem contrahidas em implicitas. Exemplos :

Para que trabalhassemos = Para trabalharmos.

Quando tomamos o trem = Tomando nós o trem.

Depois que terminou a obra = Terminada a obra.

Se quizeres vir = Querendo vir.

Affirma que está doente = Affirma estar doente.

Todas as proposições de character adverbial podem-se expressar pela forma explicita, exceptuando as de modo, meio ou instrumento, para cuja enunciação nos valemos sómente da oração gerundial:

Resolve-se o problema, *recorrendo* á formula adequada.

O ladrão conseguiu escapar *ferindo* o seu perseguidor.

As vezes procura-se desdobrar este typo de orações em explicitas temporaes iniciadas por *quando* ou *emquanto*. É mero expediente, pois a noção de tempo não é equivalente á de modo ou meio de fazer alguma cousa.

COORDENAÇÃO

Caracterisam-se as orações **copulativas** pelas particulas *e* e *nem* (= *e não*). Denotam facto ou simultaneo ou successivo a outro:

O marido trabalha no campo *e* a mulher cuida dos filhos.

Laura canta *e* Olga toca piano.

Eu li a carta *e* entreguei-a a Paulo.

Os jogadores haviam-se levantado pouco a pouco, *e* pareciam entregues a disputa desordenada e violenta.

Às vezes a particula *e* tem valor de «e todavia», «e entretanto», servindo a nova proposição para referir ou recordar um facto contrario á expectativa:

Já passa de meia-noite, *e* ainda os hospedes não chegaram.

És rico, *e* não pagas tuas dividas.

Se a primeira sentença for imperativa ou optativa, a oração de *e*, tendo o verbo no futuro, exprime a consequencia:

Segue o meu conselho *e* não te arrependerás.

Tivesse eu recursos, *e* não me sujeitaria a imposições.

Na enunciação de factos simultaneos ou successivos pode-se substituir *e* por *não só* (na 1.^a oração)... *mas tambem* ou *mas ainda* (na 2.^a oração)...

Não só se fundaram grandes povoações, *mas tambem* se edificaram sumptuosos edificios.

Não só perdi a minha fortuna, *mas ainda* tive o desgosto de ver a minha casa incendiada.

Para exprimir claramente a contradição ou a restricção a um facto, ou á sua consequencia, soccorremo-nos da oração

adversativa, caracterizando-a com a conjunção *mas* ou *porém*:

Os meninos são inteligentes, *mas* nem todos estudam.

Deitei-me, *mas* não pude adormecer.

Todos affirmam a mesma cousa; eu *porém* não o creio.

Quebrou a corda, *porém* logo a concertaram.

Para mostrar a opposição de pensamentos e indicar que, cumprindo-se um facto, não se cumprirá outro, emprega-se a coordenação **disjuntiva**, servindo *ou... ou...:*

Ou eu me engano muito, *ou* elle não será eleito.

Nesta terra, *ou* chove e faz frio, *ou* faz sol e o calor é insupportavel.

A segunda proposição ligada pela conjunção *ou* pode também denotar a consequencia do não cumprimento da proposição anterior:

Ou os meninos se decidem a estudar, *ou* o mestre os punirá.

OBSERVAÇÃO. — Ligando-se, não duas sentenças principaes, mas dous termos de uma sentença, ou duas orações subordinadas entre si, podemos, em lugar de *ou... ou...*, usar de outras expressões como: *quer... quer, já... já..., ora... ora...*, etc.

Chama-se proposição **causal** a coordenativa que dá a razão de uma asserção, pedido, exhortação ou desejo. Conjunção propria para indical-a é *porque*. Pode-se usar, ás vezes, em lugar desta particula, *porquanto, pois, por isso que* ou *que*:

Não tens de que te queixar, *pois* (*porque* ou *porquanto*) fiz o meu dever.

Todos estavam contentes; *porque* era um santo mas jovial frade o bom do arrabido (Herculano).

A proposição **conclusiva** exprime a sequencia logica da proposição que a precede. Indica-se por qualquer das conjunções *logo, portanto, por isso, por conseguinte, por consequencia*:

Queres grangear fortuna, *logo* deves trabalhar.

Teu amigo está doente e sem recursos; deves *portanto* auxiliá-lo e confortá-lo.

SUBORDINAÇÃO

Oração substantiva

A **oração substantiva**, assim chamada por fazer papel de substantivo, pode representar:

- a) o sujeito de uma oração principal:

Quem porfia mata a caça.

E' possível *que elle chegue amanhã.*

- b) o complemento directo de um verbo:

Pediram-lhe *que não se demorasse.*

Espero a todo o momento *que elle chegue.*

Dizem *que o caso é grave.*

- c) o complemento terminativo (dativo):

Conferir-se-á o premio *a quem o merecer.*

- d) um complemento preposicionado:

Esqueces-te *de que és um pobre empregado.*

Tenho a certeza *de que elle deixará escapar tão boa occasião.*

Cada vez mais me convenço *de que ainda temos bons amigos.*

Tenho a consciencia *de que cumpri o meu dever.*

Estava receoso *de que o perseguissem.*

São também orações substantivas as orações subordinadas das interrogações indirectas, das quaes nos occupamos a pag. 181.

Oração adjectiva

Orações que fazem o papel de attributo chamam-se **attributivas**, **adjectivas** ou **relativas**. Este ultimo nome provém do facto de começarem geralmente por um pronome relativo.

Estas orações são **restrictivas** se servem para completar ou delimitar o nome a que se referem :

As flores *que produz o meu jardim* são mais bellas que as do vizinho.

Este é o punhal *com que foi assassinado o porteiro*.

Elle mora em um predio *cujas paredes são pintadas de azul*.

As orações relativas são **explicativas** se representam apenas um esclarecimento, do qual se poderia prescindir sem prejudicar o sentido da oração principal :

Passou-se isto no tempo de Augusto, *que foi o primeiro imperador romano*.

A vida é mais bella na primavera, *em que os prados se cobrem de flores*.

Às vezes a oração explicativa encerra noção secundaria de causa :

Tu, *que és artista*, saberás o valor deste quadro.

Orações em que se faz uso da palavra *onde* com o valor de *em que, no qual*, são evidentemente relativas :

Casa *onde todos mandam* é casa mal governada.

Comprou um sitio em Jacarepaguá, *onde passa todos os domingos*.

Orações adverbias

Orações hypotheticas e condicionaes

A proposição **hypothetica** caracteriza-se pela conjunção *se* ou *caso*, *caso que*, *dado caso que*:

Se houver guerra ou *caso haja guerra*.

Se ninguém morresse ou *dado caso que ninguém morresse*.

Completa-se o sentido da proposição hypothetica com uma sentença principal, a qual vem expressar o facto decorrente ou dependente do facto supposto, dada a realisação deste :

Se dous angulos são iguaes a um terceiro, são tambem iguaes entre si.

Se cessar a causa, cessará o effeito.

Caso não o encontre no escriptorio, deixarei ficar meu cartão de visita.

Adiar-se-á a festa, caso chova.

A proposição hypothetica serve para exprimir, como nos exemplos precedentes, um facto eventual; mas pode tambem denotar um facto real, ou admittido como real, porém em contradicção com outro acontecimento. É linguagem usada sobretudo nas argumentações:

Pois *se* o reino já então *era chegado*, como pedimos nós ainda agora que venha? (Vieira).

Se tendes proposito de vos converter, porque não o fazeis?

Mas *se era* historia, como era parabola?

Como queres melhorar, *se não tomas* o remedio?

Se eu me contento com huma pobre pensão, razão é que me entristeça, não ouvindo o fruto do meu poupar (Sousa).

Um facto real e verdadeiro, devido a causa excepcional, enuncia-se muitas vezes sob a forma de proposição hypothetica seguida da proposição esclarecedora:

Se alcançaste o primeiro posto, deves esta felicidade ao bom empenho de teus amigos.

Se os sitiados se renderam, foi porque tinham acabado as munições.

A oração iniciada pela particula *se* pode denotar a condição de que depende certo acontecimento. Constitue-se assim o periodo condicional, sendo **condicionante** a oração de *se*, e **condicionada** a sentença principal. Distinguem-se os casos seguintes:

a) condicionante referida a facto inexistente ou improvavel:

Se eu tivesse dinheiro, compraria uma casa.

b) condicionante referida a facto realisavel:

Se eu tiver dinheiro, comprarei uma casa.

c) a condicionante exprime eventualidade:

Se queres a paz, prepara-te para a guerra.

Para significar que a condicionante representa uma clausula imprescindivel e taxativa, de que depende o cumprimento de outra acção, costuma-se empregar, em vez da particula *se*, a locução *contanto que* ou *com a condição que*:

Entrego-te a joia, *contanto que* me restituas o dinheiro.

A oração de *contanto que* significa, ás vezes, a condição unica que se exige ou se deseja, sendo, quanto ao mais, indifferente o cumprimento da outra acção:

Não faço questão do termo, *contanto que* se entenda a realidade da cousa.

Digam o que quizerem, *contanto que* não me offendam.

Equivalentes estilísticas das orações condicionaes

1.^a Acto condicionante que deve ser executado pela pessoa com quem falamos, pode ser expresso sob a forma de conselho. Neste caso o acto condicionado será enunciado em segundo lugar e denotará o effeito ou consequencia.

Converte-se nesta linguagem a oração subordinativa iniciada por *se* em oração principal, com o verbo no imperativo; a oração seguinte terá o valor de coordenada e começará por *e* ou *que*:

Toma este remedio e ficarás curado [--*Se tomares este remedio ficarás curado*].

Nestas construcções, o imperativo muitas vezes é mera ficção rhetorica. Não se espera que o ouvinte cumpra a acção, porém que se convença mais prontamente do que asseveramos na proposição sequente. Ex.:

Dai ás paixões todo o ardor que puderdes, aos prazeres mil vezes mais intensidade, aos sentidos a maxima energia e convertei o mundo em paraiso, mas tirai delle a mulher, e o mundo será um ermo melancolico (Herculano) [--*Se*

se der ás paixões todo o ardor... e *se converter* o mundo em paraíso, mas *se se tirar* d'elle a mulher, o mundo será um ermo melancólico].

2.^a A condicionante com verbo no tempo passado (as formas *-asse*, *-esse*, *-isse* ou *-ara*, *-era*, *-ira*), proferida antes da condicionada, pode prescindir da conjunção *se*, mas em tal caso emprega-se o verbo antes do sujeito. A condicionada seguinte poderá vir introduzida pela particula *e*:

Não *estivesse eu* doente, não me encontrariam tão depressa.
Visse-a Juno, talvez se abrandaria (Castilho).
Fizera-o eu, e arrependera-me (Ferreira).

3.^a A oração de *se* com verbo no imperf. ou futuro do conjuntivo pode-se converter em oração infinitiva precedida de *a*:

Houvera sido feliz, *a não ocorrer* a desgraça de seu neto (Castilho).

A ousares tanto [= *se ousares* tanto], parte já (Castilho).

Abraçaram successivamente o monge, que recebia aquellas demonstrações com affabilidade tão excessiva, que, *a serem* [= *se fossem*] mais cautelosos, teriam desconfiado d'elle (Herculano).

Manda que os taes ministros sejam idoneos para exercitar o officio que o bispo havia de fazer, *a não estar* legitimamente impedido (Bernardes).

A não ser assim, não fora possível o que vejo (Bernardes).

4.^a A oração condicionante explicita pode ser substituída por uma oração gerundial:

Ficarás curado *segundo* os conselhos do medico.

Orações concessivas

A oração **concessiva** exprime um facto que, podendo determinar ou contrariar a realisação de outro facto principal, deixa entretanto de produzir o esperado ou possível effeito.

Esta occurrencia secundaria pode ser *supposta* ou *real*, e em linguagem antiga distinguia-se pelo emprego ora do

conjuntivo, ora do indicativo. Hoje servimo-nos do conjuntivo para um e outro caso.

Ha dous typos de orações concessivas: **simples** e **intensivas**.

As concessivas **simples** ou **communis** caracterizam-se pelas conjunções *ainda que*, *ainda quando*, *embora*, *comquanto*, *posto que*, *mas que*, *bem que*, *se bem que*, *se bem*, *não obstante que*, *apesar de que*. A oração principal, se vier posposta, pode ser realçada com uma particula correlativa: *comtudo*, *todavia*, *entretanto*, *sempre*, *ainda*, *assim* e outras. Exemplos:

Comquanto o capitão *tivesse* muitos feridos no baluarte, determinou resistir até o fim.

A esses, *mas que feneçam*, não podemos ouvir nem emendar (F. M. de Mello).

Ainda que alguns *sejam* de obscura geração, *todavia* são venerados e acatados (H. Pinto).

Ainda que tomar este cargo *seja* contra minha vontade, *comtudo* faço-o por cumprir com a vossa (H. Pinto).

Fica outra vez confusa a mediania que se buscava, *não obstante que* está admittida sua latitude (Bernardes).

Posto que se apressasse, já não encontrou o medico em casa.

Embora protestasse energicamente, *sempre* acabou por submeter-se.

Mais sal tem o seguinte titulo de outro caso lastimoso que, *se bem* não aponto o autor que o refere, passou assim na verdade (Bernardes).

As concessivas **intensivas** referem-se a uma qualidade ou modalidade qualquer, consideradas em grau intensivo e sem limites.

Caracterizam-se pelas expressões *por mais... que*, *por muito... que*, ou simplesmente *por... que*, eliminando as palavras *mais* ou *muito*:

Por mais fortes que sejam os laços com que o amor nos prende, muitas vezes um discurso os rompe (Vieira).

Nunca chegará ao fim, *por mais depressa que ande*.

Engolfam-se em toda a sorte de vícios, *por abominaveis que sejam*.

Não acha um homem malayo, *por pobre que seja*, que queira levar às costas cousa propria nem alheia (Lucena).

Tratando-se dos adjectivos *grande, bom, mau*, empregam-se, em lugar de *por mais... que*, as formas *por maior que, por melhor que, por peor que*:

Por peor que seja a carreira que abraçaste, sempre é preferível a levar vida ociosa.

Navio algum governado por elle se perderia, *por maiores que fossem* as tempestades que contra elle se conjurassem (Vieira).

Nas expressões *por mais que, por muito que, por pouco que*, usadas sem interposição de adjectivos ou adverbios, as palavras *mais, muito, pouco* modificam o verbo que vem depois:

Por mais que o contentamento nos extasie, nunca nos deixa em estado de não sentir (M. Aires).

Por pouco que subisse o terrapleno, ficaria igual ao muro.

Por muito que procure semear o joio no meio do trigo, sempre montam mais os bens que o Senhor cria e conserva (Lucena).

Mostrou-se inflexível, *por mais que* eu o importunasse.

A conjunção da oração concessiva commum pode achar-se reduzida á simples particula *que* ou *quando*, comtanto que o verbo esteja no conjuntivo:

Filho, essas cousas são leves; e, *que fossem graves*, é certo que ainda tem remedio (Bernardes).

E *quando* desse cuidado e trabalho *colham* fruto, esse, quando menos, ficará onde nasceu (Vieira).

Ao servirmo-nos do simples vocabulo *que*, damos geralmente preferencia á construcção inversa, iniciando a oração por um termo predicativo, ou um complemento, e pondo em segundo lugar a particula:

Amava-o muito e dar-lhe-ia a filha por mulher, *pobre que fosse* ou de menos puro sangue.

Pedi-lhe que comesse, *pouco que fosse* (Herculano).

Carregada e feia que estivesse, achar-lhe-ia a mesma formosura (Herculano).

Acudiam as matronas a qualquer obra, *servil ou arriscada que fosse*, prontas e oportunas.

Cinco contos que fossem, era um arranjo menor, e antes menor que nada (M. de Assis).

A morte que fosse, a morte de miseria e de fome, ficava (J. Diniz).

Vinte libras que me offerecesse, ainda assim não lhe cederia a minha obra.

Para significar que o acontecimento principal segue a todo o transe o seu curso e resiste decisivamente á occurrencia secundaria, valemo-nos não raro da linguagem affectiva, sendo então a proposição concessiva enunciada sem conjunção e reforçada ás vezes com dizeres do genero de *custe o que custar, dê onde der, seja o que for, aconteça o que acontecer*, etc.:

Caiba a nossos corpos a sorte que lhes couber e façam seu fim no ventre das aves, não temos que temer.

Já não faço caso dos homens, *digam o que quizerem.*

Outras vezes assignalamos o pensamento concessivo pondo a palavra *embora* em seguida ao verbo inicial. Nesta linguagem, passa-se de subordinação a coordenação:

Eis o que é conforme a interpretação de Bartholo á lei do Codigo. *Digam embora* outra cousa os que seguem diverso rumo (Herculano).

O pensamento concessivo pode ser enunciado por uma oração infinitiva, sendo o verbo regido de *apesar de, não obstante, sem embargo de*:

Apesar de não ter sido culpa da vontade, mas do entendimento, o extravio politico do autor deste livro, a divina justiça condemnou-o a remir o bestial peccado (Herculano).

Não obstante escassearem os recursos, prosegue-se na obra.

El-rei, *sem embargo de* a paixão não ser pouca e a idade não ser muita, conheceu logo o enganoso toque da adulação (Bernardes).

Orações temporaes

A oração **temporal** faz, em relação a outra sentença, papel analogo ao do adverbio de tempo em relação a um

verbo. Serve geralmente a conjunção *quando* para exprimir a occasião ou tempo em que o acontecimento passa:

Assustei-me, *quando* abriste a porta.

Quando ouço tocar uma sonata de Beethoven, lembro-me da minha mocidade.

A aguia, *quando* se arroja sobre a preia, tem já construido o seu ninho nos penhascos da montanha (Herculano).

Occorrem as desgraças, *quando* menos se esperam.

Quando lhe escrevi a ultima carta, já elle tinha partido para outra cidade.

Muitas vezes, emprega-se a combinação de *ao* com infinitivo em lugar de *quando* seguido de verbo no indicativo ou conjuntivo:

Ao descer a escada, falseou o pé e cahiu.

*Ao entenebrece*r, alguns barqueiros sahiram ao largo (Herculano).

Os pastores que o encontravam diziam que, *ao passarem* por elle e *ao saudarem-no*, nem sequer os escutava.

Não derramarei mais lagrimas *ao vel-o* despénhar-se no precipicio.

Chegaríamos á fronteira *ao amanhecer*.

Rugindo de colera *ao contemplarem* este espectaculo, apertavam contra o peito a cruz das espadas (Herculano).

Ao arrojarse por um prado alcatifado de flores, todas convertia em carvões ou escamas (Bernardes).

Pode-se tambem usar como equivalente da oração temporal explicita uma oração implicita com o verbo no gerundio:

Descendo a escada [=quando descia a escada], falseou o pé. O operario, *ouvindo* pronunciar seu nome, ergueu-se.

Querendo-se affirmar (ou negar) em especial a duração de um acto ou a simultaneidade do acontecimento, inicia-se a oração temporal explicita com a conjunção *emquanto* ou *entretanto que*:

Olhava para a agua, *emquanto* passava a ponte.

Deve-se malhar o ferro *emquanto* está quente.

Emquanto viveu na opulencia, não soube onde era minha casa.

Derramava lagrimas amargas *entretanto que* olhava para o filho morto.

Mandou a D. Lourenço que, *entretanto que* se não tomava conclusão no que os Mouros diziam, sahisse em terra com alguma gente (D. de Goes).

Para indicar que a um acontecimento se segue immediatamente outro, empregam-se as locuções *logo que, assim que, mal, apenas*:

Darei o recado *logo que* meu irmão chegar.

Assim que ouviram a voz do chefe, todos se calaram.

Esgueira-te *apenas* eu te der signal.

Apenas raiar a aurora, eu serei contigo.

Apenas o das Galés sahio, el-rei poz-se a passear agitado (Herculano).

Mal elle abriu a boca, todos começaram a sorrir.

O homem, *mal* vem ao mundo, já começa a padecer.

Em lugar da expressão *quando subitamente* usa-se muitas vezes *senão quando* ou *senão quando subitamente* ou *eis que*:

Cuidavamos estar perdidos e que nunca mais encontraríamos o caminho da patria; *eis que* apparece o nosso salvador.

E' meia noite. Repousam todos os da casa; *senão quando* entram com grande algazarra os rapazes embriagados.

Poz-se o padre logo de joelhos, e depois de fazer oração por algum espaço, ergue-se e faz o signal da cruz sobre o corpo morto; *senão quando subitamente* á vista de todos cobra o menino a cor, e toma folego, abre os olhos (Lucena).

Para denotar a repetição periodica de um facto servem as conjunções *todas as vezes que, cada vez que, sempre que*:

Levava o guarda-chuva *todas as vezes que* sahia.

Cada vez que meu filho errar, procurarei corrigil-o.

Sempre que te vires em apuros, debes pedir conselho a teu mestre.

Se o acontecimento da oração subordinante é anterior

ou posterior ao da oração subordinada, usa-se nesta ultima respectivamente *antes que* (ou *primeiro que*) e *depois que*:

O incenso, *primeiro que* exhala o seu perfume, arde (M. Aires).
Depois que ouvi aquella seria argumentação, mudei as minhas idéas politicas.

Exigi o pagamento, *antes que* o devedor partisse para o estrangeiro.

O ponto em que começa um acto duradouro indica-se pela conjunção *desde que*, e o ponto em que elle termina por *até que*:

Desde que anoitece, não saio mais á rua.

Procurei por toda a parte, *até que* por fim o encontrei escondido num quinto andar.

Em certos casos, deixamos de usar as conjunções *antes que*, *depois que* e *até que* seguidas de verbo finito, sendo preferidas as combinações das preposições *antes de*, *depois de*, e *até* com infinitivo:

Depois de servirem o imperio como alliados, assolaram-no como inimigos.

Antes de passarmos avante, desejo saber acerca dos sacerdotes.
 Almoçarei *antes de sahir*.

Foram caminhando descuidados, *até chegarem* a uma encruzilhada.
Depois de lhe mostrarem as bellezas da cidade, acompanharam-no até a sua residencia.

Sentido identico a *depois de servir*, *depois de mostrar*, etc., têm as orações implicitas *tendo servido*, *tendo mostrado*. Querendo dar ao verbo significação passiva, diremos: *sendo feitas* (ou simplesmente: *feitas*) *estas obras, ditas estas palavras*, etc., por *depois que foram feitas*, *depois que foram ditas*, etc. A par de *tendo chegado*, diz-se *sendo chegado* (ou simplesmente *chegado*) *a este porto*, porque este verbo pode-se conjugar tambem com o auxiliar *ser*.

Ás vezes empregamos o participio do preterito seguido de *que* e o verbo *ser*:

Acabado que foi o prazo destinado pelo tyranno (Bernardes).
Assignaladas que sejam as parcelas constitutivas das dicções,

assignaladas ficarão as dicções, que são a somma destas parcellas (Castilho).

Eleito que foi Saul e achado, trouxe-o o profeta Samuel a publico e mostrou-o ao povo (Vieira).

A palavra *que* tem valor de conjunção temporal, sendo portanto temporal a respectiva oração, quando se segue ás expressões *hoje, agora, então, ha tempo, faz annos, a primeira vez, a ultima vez*, e outras do mesmo genero:

Agora, *que* tudo está quieto, podemos sahir.

Foi a primeira vez *que* o vi.

Ha mais de quinze dias *que* isto se passou.

Fazia dous annos *que* elle frequentava o collegio.

Foi então *que* me deram tal noticia.

OBSERVAÇÃO. — Ha tendencia, bem notoria hoje em dia, para confundir, nestes dizeres, *que* conjunção com *que* pronome relativo, e para affirmar este caracter pronominal em certos casos hoje se prefere *em que* ao simples *que* da linguagem antiga.

Orações finaes

A oração final representa o intento ou proposito a que se dirige acto expresso na oração subordinante. Caracterizam-na as locuções conjuncionaes *afim de que* e *para que*:

Faziam este serviço *para que* pudessem ganhar de comer.

Digo isto *afim de que* se saiba a verdade inteira.

Prefere-se geralmente empregar a linguagem concisa da oração implicita, combinando *afim de* ou *para* com o infinitivo:

Ganhava forças *para aturar* os rigores da Ordem.

Dissimularam a sua arrogancia *afim de serem* logo admittidos.

Para ser feliz não basta possuir riquezas.

A linguagem antiga podia empregar *porque* e *por* com significação equivalente a *para que* e *para*:

Por nos não magoarmos ou *mudarmos* do proposito firme começado, determinei de assi nos embarcarmos (Camões).

Orações consecutivas

A oração consecutiva denota o effeito do grau extraordinario a que se leva a quantidade, qualidade ou intensidade de alguma cousa mencionada em oração anterior. Começa pela conjunção *que*, sendo previamente usada alguma das expressões *tanto*, *tal*, *tão*:

Era *tão* espessa a nuvem de gafanhotos, *que* escurecia o sol.

Havia *tanta* abundancia de comida, *que* não me faltava quando appareciam dous ou tres hospedes.

Foram *taes* as ameaças, *que* por fim me submetti.

Foi Pompilio *tão* amado do povo, *que* lhe puzeram uma estatua no Capitolio (H. Pinto).

O golpe bateu no elmo brilhante do conde com *tal* furia, *que* este perdeu a luz dos olhos (Herculano).

Anda a vossa alma *tanto* de mão em mão, *tão* inquieta, *tão* mudavel, *tão* trasfegada, *que* já se nella não enxerga a imagem de Deus (Vieira).

Havendo intuito de pôr em relevo a maneira ou a especie, empregam-se as locuções *de tal maneira*, *de tal modo*, *de tal sorte*, *de tal forma*, *de tal genero*, e outras semelhantes :

Choveu *de tal maneira*, *que* ficámos presos em casa.

Procedeu-se ao ataque *de tal forma*, *que* o inimigo não poude resistir.

De tal sorte eram as armas, *que* ficaram inutilisadas logo apoz os primeiros tiros.

Cubriram *de tal sorte* a imagem, *que* ninguem soube o que ali estava.

São propostas *de tal genero*, *que* não faltará quem as aceite.

Algumas destas locuções se usam tambem sem a palavra *tal*, e neste caso podem constituir um todo com a palavra *que*: *de modo que*, *de maneira que*, *de sorte que*, *de forma que*. Passam estes dizeres a pertencer á segunda oração e valem por conjunções consecutivas em exemplos como os seguintes :

Hoje ninguem quer trabalhar, *de sorte que* é difficil encontrar criados bons.

Recebi o dinheiro, *de modo que* deixa de subsistir a minha reclamação.

Tu nunca paras em casa, *de maneira que* escuso de ir visitar-te.

Outros casos ha em que *de modo, de maneira* são meros adverbios modificadores do verbo precedente, sendo a palavra *que* conjunção consecutiva:

Creio falar com clareza e *de modo que* todos me entendem.

Construíram o caes *de maneira que* desabará com a primeira resaca.

A oração iniciada pela locução conjuncional *de modo que, de maneira que, de sorte que*, vem ás vezes completamente destacada da proposição precedente por uma pausa forte. Representa então uma oração principal significando «A consequencia disto é» (ou *era, ou será, etc.*), como se vê por este exemplo:

Costumavam os antigos, quando convidavam alguém, pôr logo sal na mesa. *De maneira que* o primeiro prato que vinha á mesa era de sal.

Orações comparativas

A oração **comparativa** serve para esclarecer um pensamento ou um conceito mostrando a semelhança, a igualdade (ou desigualdade), ou aquillo com que outra cousa está ou deixa de estar de accordo.

A particula *como*, usada na oração comparativa, designa a paridade:

Esmagaram e despedaçaram o coração de um homem, *como* os caçadores covardes assassinam o leão indomito e generoso (Herculano).

A sua alma parece despir-se da fantasia grosseira, *como* o corpo se despe da stringe aspera que lhe resguarda os membros.

Não é costume repetir, na oração comparativa, os dizeres da oração subordinante que a intelligencia facilmente suppre:

O sussurro do pinhal é *como* [é] um coro de finados.

Eu amo o sopro do vento *como* [amo] o rugido do mar.

Os hymnos tão suaves, tão cheios de unção, eram *como* [é] respirar tranquillo do somno da madrugada.
Eduardo pensa *como* eu [*penso*].

A oração comparativa pode vir em primeiro lugar com a particula *como*, simples ou reforçada, usando-se, no segundo caso, frequentemente uma particula correlativa na oração seguinte: *como... assim...; assim como* (ou *bem como*)... *assim* (ou *assim tambem*)... Exemplos:

Assim como o sexo feminino, para augmentar a sua formosura, pede emprestada a das flores e perolas e plumas, *assim* aquelle monarcha, para parecer terrivel, se emmascara com as apparencias de um dragão (Bernardes).

Como duas vagas encontradas, no meio de grande procella, que... se quebram em cachões que espadanam lençoes de escuma para ambos os lados..., *assim* aquellas nuvens tenebrosas se despedaçavam, derramando-se pela immensidão da aboboda afogueada (Herculano).

A *tal* na oração principal corresponde *como* ou *qual* na proposição comparativa:

A festa não foi *tal qual* (ou *como*) se dizia.

Praticou acções *taes, quaes* nunca foram praticadas (Garrett).

Em vez de *tal... qual...* usa-se em certos proverbios muito concisos *tal... tal...*

Tal pai, *tal* filho.

Tal amo, *tal* criado.

A *tão* corresponde *como*, a *tanto* se segue *como* ou *quanto*:

Não eram os subditos *tão* leaes *como* elle cuidava.

Um leão *tão* feroz na catadura, *como* soberbo nos bramidos (Vieira).

Sabe-o o leitor *tão* bem *como* eu (Herculano).

Era *tão* horrenda e temerosa uma, *como* admiravel e prodigiosa a outra.

Tanto podiam pelejar em sete, *como* em oito navios (Vieira).

Dava *tanta* claridade *como* uma vela.

Medina abominavel teme *tanto quanto* Meca e Gidá (Camões).

A particula *como* pode denotar accordo ou conformidade com um facto anterior, sendo neste caso substituível por *segundo, conforme*:

Esta questão, *como* mostramos, é uma das mais difficeis.

Farei *como* me ensinaste.

As cousas não se passaram exactamente *como* se havia annuciado.

A comparação referida a facto inexistente diz-se empregando *como se* e verbo no imperfecto do conjuntivo:

Queixou-se amargamente, *como se* lhe fora feito algum grande desserviço (Fr. Luis de Sousa).

Os meus olhos rompiam a escuridão do horizonte, *como se* a luz do sol os illuminasse (Herculano).

Fazem da razão uma sciencia immensa, *como se* fosse necessario arte para se conhecer o sol.

Como seguido de *que* e verbo no indicativo usa-se para significar semelhança, apparencia:

Os campos *como que* sorriam (= pareciam sorrir) (Herculano).

Como que já sentia rugir a pouca distancia as tempestades que iam agitar e devorar-me os annos mais bellos da vida (Herculano).

A expressão *um como* tem o valor de «uma coisa como, um ser como», «uma especie de», mas faz-se concordar a palavra *um* com o substantivo seguinte:

Chancellor, bradou o monarcha, em cujos olhos faiscou *um como relampago* (Herculano).

E' proprio de animos ativos tomar titulos e appellidos arrogantes, que são *uns como pennachos* (Bernardes).

De cada vez o saudava com mil e quarenta nomes de louvor, contando-os por *um como rosario* de pedras preciosas.

No meio do quarto via-se *uma como gaiola* cuberta de vidro.

OBSERVAÇÃO. — Taes *como se* apresentam, são os exemplos das duas regras precedentes rebeldes á analyse. Parecem entretanto ser a redução de pensamentos mais desenvolvidos: *os campos [eram] como [campos] que sorriam; via-se uma [cousa] como gaiola, etc.*

Indicando-se a desigualdade na oração subordinante por um vocabulo denotador de superioridade ou inferioridade, como *mais, menos, maior, melhor, peor, etc.*, usa-se na oração subordinada *que* ou *do que*:

Mais vale acautelar-se em tempo *do que* queixar-se por imprevidente.

Foram *menos* bellos os dias da sua mocidade *que* os da sua velhice.

O discipulo fala o inglez *melhor do que* escreve.

Ninguem ama a brandura *mais do que* eu (Herculano).

Orações proporcionaes

A oração **proporcional** denota augmento ou diminuição que se faz parallelamente no mesmo sentido ou em sentido contrario a outro augmento ou diminuição. Usam-se para este fim as expressões: *quanto mais...*, *tanto mais...*; *quanto menos...*, *tanto menos...*; *quanto mais...*, *tanto menos...*; *quanto menos...*, *tanto mais...* ou, tratando-se de comparativos syntheticos, *quanto maior... tanto maior...*; *quanto melhor... tanto peor...*; *quanto menor... tanto maior...*, etc. Exemplos:

Quanto mais leio esta obra, *tanto mais* a aprecio.

Quanto mais grosso é o vidro, *tanto menos* se enxerga atravez delle.

Sabia que o tiro feriria o alvo *tanto mais* fortemente, *quanto mais* se retesasse o arco (Herculano).

Quanto melhor é o estudante, *tanto menos* trabalho tem o professor.

Quanto menor é a vaidade de cada um, *tanto maior* é o esforço e applicação.

Na oração principal mencionada em segundo lugar, omittese ás vezes a palavra *tanto*:

Quanto mais estudo, *mais* vontade tenho de aprender.

Quanto mais o principe procurava encubrir a colera, *mais* o chanceller forcejava por irrital-o.

Tambem se pode indicar a proporcionalidade recor-

rendo a outras expressões como: *á medida que*, *á proporção que*:

Augmentam as difficuldades domesticas *á medida que* a vida encarece.

Vou perdendo as minhas esperanças *á proporção que* meus amigos me abandonam.

Orações causaes

A conjunção *porque* serve geralmente para caracterisar a proporção causal:

Eu era feliz *porque* tinha esperança.

As minhas paixões não podiam morrer, *porque* eram immensas.

Não aprendeu *porque* não quiz.

Ás vezes emprega-se, em lugar de *porque*, a simples particula *que*:

Tenha paciencia, *que* a sua petição não será despachada.

Lavre o parecer, *que* eu concordo desde já com o que resolver.

Tambem a voz do privado vibrava tremula. Era *que* as palavras, mansas e lentas, sahiam-lhe dos labios repassadas d'ironia. (Herculano).

Apressa-te, *que* não temos tempo a perder.

OBSERVAÇÃO. — Em certas linguas distingue-se a causal subordinativa da causal coordenativa pela diversidade de particula; em portuguez, empregando-se *porque* ou *que* para um e outro caso, conhece-se a differença pela pausa. A causal subordinativa separa-se da oração principal por uma pausa muito fraca (que se representa, quando muito, por uma virgula). A causal coordenativa separa-se da proposição anterior por uma pausa mais forte (que se figura por virgula, ponto e virgula e, até, por ponto final).

As orações de *porque* enunciam-se quasi sempre depois, e as de *que* sempre depois de outra proposição; umas e outras têm por fim esclarecer ou dar a razão daquillo que se acaba de communicar a outrem.

Havendo intuito de lembrar ou referir primeiro certa causa determinante, cuja consequencia é o facto principal, para o qual se chama a attenção, enuncia-se desde logo a oração causal, tendo esta a particula *como*:

Como estas cousas não se pedem, espero que me façam justiça.
Como não posso sahir de casa, irá meu filho em meu lugar.
Como estivessemos desprevenidos, não lhe pudemos acudir.
Como não havia phosphoro no aposento, tivemos de ficar ás escuras.

Querendo fundamentar uma acção e significar que a causa determinante é facto bem conhecido, servimo-nos de *já que* ou *visto que*, *visto como*:

Já que te callas, não insistirei.

Já que não queres receber dinheiro pelo teu trabalho, permite ao menos que te offereça esta pequena lembrança.

Visto que assim queres, faremos a tua vontade.

Já que buscamos o sol, deixamos a sombra.

Emprego analogo tem a locução *uma vez que*, usada como conjunção causal. Significa em especial que basta o realisar-se certo acontecimento para ser inevitavel aquillo que affirmamos na proposição principal:

Uma vez que somos filhos de Adão, todos igualmente estamos excluidos do reino do céu (Bernardes).

As conjunções *pois*, *pois que*, *porquanto*, servem para mostrar que a causa é um acontecimento evidente:

Os maus não têm juizo, *pois* deixam a Deus pelo mundo.

Mova-nos já sequer riqueza tanta, *pois* mover-vos não pode a casa santa (Camões).

As orações de *porque* e *visto que* podem-se reduzir a *por* e *visto* seguidos de infinitivo:

Não sahiremos *por ser* hoje dia feriado.

Devia fazer-nos abatimento, *visto sermos* bons pagadores.

A noção de causa tambem pode ser expressa pelo gerundio:

Sendo hoje dia feriado, não sahiremos.

CONCORDANCIA

Ao sujeito multiplo, formado de substantivos no singular que se achem ligados copulativamente (conjunção *e*, expressa ou omittida) e designem pessoas ou cousas differentes, segue-se o verbo no plural:

A mãe e a filha *entraram* no carro.

Noto, Austro, Boreas, Aquilo *queriam* arruinar a machina do mundo (Camões).

O anel, a pulseira e o broche *desappareceram*.

A vaidade e a cubiça *desgraçaram* aquelle homem.

A chuva e o vento *fizeram* muitos estragos no pomar.

Sendo o sujeito constituido por duas expressões no singular ligadas pela particula *e*, e servindo a segunda para completar, esclarecer ou reforçar o sentido da primeira, irá o verbo para o singular:

Alta fama e rumor delles se *estende* (Camões).

Todo seu proposito e vontade *era* deter ali os descubridores da India (Camões).

Triste ventura e negro fado os *chama* neste terreno meu (Camões).

OBSERVAÇÃO. — Se com duas ou mais expressões ligadas pela particula *e* se designar um ser unico, o verbo se conservará evidentemente no singular, como neste exemplo: *o ladrão e assassino foi condemnado á morte*.

Enunciando-se primeiro o verbo e depois os diversos sujeitos do mesmo numero singular, o verbo pode empregar-se tanto no plural como no singular, concordando neste caso com o mais proximo:

Sahiram (ou *sahiu*) Pedro e Paulo.

Morreram (ou *morreu*) o piloto e o machinista.

Cobrem ouro e aljofar ao velludo (Camões).

Ouviu-o o Douro e a terra trastagana (Camões).

Dessa fonte inexaurivel *mana* a resignação e a paz (Herculano).

Concorrendo como sujeitos substantivos de numeros differentes, o verbo que se lhes segue toma a forma do plural; enunciando-se porém o verbo antes dos sujeitos, poderá elle ficar no singular, comtanto que tambem esteja no singular o sujeito mais proximo:

O dinheiro e as joias *ficaram* na gaveta.

A directora e as alumnas *compareceram* á festa.

Desappareceu o explorador e todos os seus companheiros.

Qualificativo commum a dous substantivos no singular, associados pela conjunção *e*, pode usar-se no plural ou no singular se vier depois:

Depois de ter estabelecido leis politicas e civis e *a paz e ordem publicas* nos seus vastos dominios (Herculano).

As tradições da *cultura e policia romanas*.

O amago e substancia da *idealidade e poesia britannicas* (Herculano).

O *orgulho e o patriotismo britannico* andam aninhados em tudo (Herculano).

Se os dous nomes forem de genero differente, o adjectivo no plural toma o genero masculino:

Revestido d'*estola e pluvial pretos*.

Manou da ferida *sangue e agua verdadeiros* (Bernardes).

Ao cabo da estreita senda da cruz acharia elle, porventura, a *vida e o repouso intimos* (Herculano).

Se o qualificativo ou um adjunto qualquer commum a varios substantivos se achar antes delles, a concordancia faz-se sómente com o substantivo mais proximo:

A grande *amizade e admiração*.

Achando-se entre os sujeitos ligados pela conjunção *e* o pronome *eu* ou *nós*, o verbo se usa na 1.^a pessoa do plural. Occorrendo entre os ditos sujeitos o pronome *tu* ou

vós, e não havendo nenhum da 1.^a pessoa, o verbo irá por via de regra para a 2.^a pessoa do plural:

Eu e elle assim *pensamos*.

Eu, tu e os mais companheiros *estamos* perseguidos.

Queriamos nós e outros collegas estudar grego.

Falemos tu e eu desse negocio.

Vós e vossos irmãos não *jogais*.

Tu e elles *sabeis* a historia.

Algumas vezes, porém, desrespeitam os escriptores esta regra, fazendo a concordancia com o sujeito mais proximo por ser a idéa principal:

Desejo que tu e quantos me ouvem se *tornem* taes qual eu sou (Arrais).

Vós e todos aquelles de que eu então me servir, não só *hão* de fazer o que eu faria, senão maiores obras ainda (Vieira).

Tu e os outros velhacos da tua laia lhe *estorroaram* na cara lixo e terra (Herculano).

OBSERVAÇÃO. — Na linguagem corrente de hoje, sendo desusado o tratamento de *vós*, e desusada portanto a forma verbal respectiva, fala-se segundo os exemplos de Arrais e Herculano que acabamos de citar.

Ligando-se a um sujeito no singular outro no singular ou no plural, e empregando-se para este effeito a palavra *com* em substituição da particula *e*, o verbo, desde que venha depois, usa-se no plural:

Eu co'o grão Macedonio e o Romano *demos* lugar ao nome lusitano (Camões).

Elrei com a rainha Dona Isabel sua mulher *entraram* (D. de Goes).

Elle com o seu clero *catechisaram e baptisaram* por muitas semanas a copiosa multidão (Bernardes).

Servindo de sujeito multiplo differentes substantivos no singular, entre os quaes venha a particula *ou* com o valor de alternativa, e não devendo o predicado referir-se senão a um dos sujeitos, com exclusão dos restantes, a concordancia faz-se no singular:

Deus ou o demonio *torceu-te* os designios (Herculano).

A má vontade para tudo quanto o berço ou a fortuna *poz* acima della (Herculano).

Crendo que Fainamá ou alguma de suas irmãs *era* morta (Barros).

Se, empregada a alternativa *ou*, o verbo tanto pode referir-se a um dos sujeitos como a todos elles, a concordancia faz-se no plural:

As penas que S. Pedro ou seus successores *fulminam* contra os homens (Vieira).

O Nilo ou o Tejo não *devem* as suas correntes ás terras por onde passam.

Se o segundo termo, precedido de *ou*, se enuncia como que estendendo parentheticamente o caso a outro individuo, a concordancia do verbo faz-se com um sujeito só:

Se todos, *ou* algum delles, viram alguma hora dar semelhante á sua (Vieira).

Um cardeal, *ou* um papa, enquanto homem, não é mais do que uma pessoa (Bernardes).

Se o porteiro Fr. Julião, *ou* outro subdito seu, ainda mais somenos, *quizesse* alevantar-lhe a grimpá (Herculano).

Repetindo-se depois de *ou* a palavra precedente, porém na forma do plural, para denotar que se admite rectificação de numero, o verbo concordará com o termo mais proximo, isto é, no singular se vier antes dos dous sujeitos, e no plural se vier depois:

O poder ou poderes do homem *eram* sobre todos os peixes (Vieira).

A parte ou partes contrarias *virão* á presença do juiz.

Nenhum vestigio de sua presença *deixou* o autor ou autores do crime.

Concordancia analogá á precedente, isto é, com o nome mais proximo, se applica aos determinantes do nome:

Não se sabe *qual* ou *quaes individuos* serão accusados.

Encontrariam *um* ou *muitos amigos dedicados*.

A particula *ou* significa identidade ou equivalencia quando vem interposta entre nomes differentes com que

se designa ou define sempre a mesma pessoa ou cousa. A concordancia neste caso tem de ser feita com um termo só, que pode ser ou o nomeado em primeiro lugar antes de qualquer termo esclarecedor, ou o equivalente mais proximo do verbo ou adjectivo :

D'ahi para cima um *gibão* de mulher, ou *vasquinha*, preto e afogado na garganta, *escondia* debaixo das multiplicadas pregas as formas emmagrecidas daquelle corpo (Herculano).
Cadafalso ou *tablado erguido* no topo occidental da rua.

Nas definições e frases denotadoras de equivalencia, em que se emprega o verbo *ser* entre dous substantivos de numeros diferentes, o verbo concorda geralmente com o termo que estiver no plural :

Uma cousa *são as occupaões* do officio, e outra as da pessoa.
O geral vestido de todos *são pannos* de algodão.

Asia *são* aquelles muitissimos e poderosissimos imperios onde reinaram os Ninos, as Semiramis.

Em classicos portuguezes encontram-se todavia não raros exemplos de concordancia com o substantivo no singular: É linguagem menos usada hoje ; como neste exemplo :

As insignias de seu estado real *é uma* enxada (Barros).⁶

Nas orações constituidas por um dos pronomes *tudo*, *isto*, *isso*, *aquillo*, verbo *ser* e substantivo no plural, o verbo toma a forma do plural :

Tudo no mundo *são sombras* que *passam*.

Tudo eram armas de fogo.

Aquillo não *são vozes*, *são ecos* do coração.

Isso foram conselhos desta senhora.

Para os semeadores *isto são glorias*.

Nas interrogações, directas ou indirectas, começadas pelos interrogativos absolutos *quem*, *que*, *o que*, o verbo *ser* concorda sempre com o nome ou pronome que vier depois :

Quem eram aquelles *mancebos*?

Que são honras e glorias para vós?

Quem são elles?

Nas frases de identificação em que um dos termos é substantivo, e o outro um pronome pessoal, o verbo *ser* concorda em numero e pessoa com o pronome:

O dono da fazenda *serás tu*.

As victimas *fomos nós*.

O director *sou eu*.

Foste tu o melhor amigo.

Nas minhas terras, *o rei sou eu* (Herculano).

Usam-se com o verbo no singular as locuções *é muito*, *é pouco*, *é mais de*, *é menos de*, *é tanto*, junto a especificação de preço, peso, medida, quantidade, etc.:

Trinta mil réis é mais do que eu posso pagar.

Cinco kilometros é pouco.

Dous metros é menos do que precisamos.

Com o sujeito multiple formado de substantivos precedidos da conjunção *nem*, emprega-se o verbo geralmente no plural:

Nem o manipulo da contrição, nem o cingulo da castidade, nem a alva da graça justificante vestem a sua alma (Bernardes).

Nem Abrahão, nem Jacob os conheceram (Vieira).

Nem um movimento, nem uma palavra tinham interrompido a attenção geral (Herculano).

Archanjos malditos, expulsos do céu quando ainda não existiam *nem o espaço nem o tempo* (Herculano).

Querendo-se todavia pôr em relevo que a mesma acção se repete para cada um dos sujeitos, successivamente ou em epochas differentes, dá-se ao verbo a forma do singular, desde que no singular também estejam os diversos sujeitos:

Nem a lisonja, nem a razão, nem o exemplo, nem a esperança bastava a lhe moderar as ancias *nem as vozes* (Vieira).

Até ahi *nem o nome, nem a imagem* de Leonor *me tinha* passado pelo espirito (Herculano).

Sendo a serie de sujeitos cuja acção se nega constituida por substantivos referentes a seres animados e pronomes da 1.^a ou 2.^a pessoa, ou por estes pronomes só-

mente, e precedendo os sujeitos ao verbo, a presença de *eu* ou *nós* exigirá o verbo na 1.^a do plural, a de *tu* ou *vós* (faltando pronome de 1.^a pessoa) pedirá o verbo na 2.^a do plural:

Nem meu primo nem eu frequentamos tal sociedade.

Nem nós nem elle nos esqueceramos disso.

Nem vós nem elle perdereis em tal negocio.

Estando porém o verbo negativo antes dos sujeitos de pessoas diferentes, faz-se a concordancia com o sujeito mais proximo:

Não seriam nem elles nem eu quem puzesse esse remate (Herculano).

Terminando a serie negativa por um dos pronomes indefinidos *alguem*, *outrem*, *ninguem*, ou *algum*, *outro*, *nenhum*, referidos ao substantivo *homem*, segue-se-lhe o verbo na 3.^a pessoa do singular, embora na serie se ache algum sujeito de 1.^a ou 2.^a pessoa:

Nem eu nem ninguém tem annos nem dias (H. Pinto).

Nem elles nem outrem ha de possuir nada (Vieira).

E' cousa verdadeiramente admiravel que *nem Moysés nem algum outro se pudera* cuidar ou imaginar (Vieira).

Não era necessario que *elle nem outro o dissesse* (Vieira).

O termo final da serie negativa pode ser um nome cuja significação abranja todos ou algum dos sujeitos anteriores, vindo este nome combinado com um dos indefinidos *algum*, *outro*, *nenhum*. Ainda neste caso costuma-se pôr o verbo seguinte no singular:

Nem cão, nem gato, nem adibe, nem outro bicho do mato chegou a pôr-lhe boca (F. L. de Sousa).

Nem elle nem outro escritor sagrado escreveu as obras da conservação (Vieira).

Quando o ultimo termo da serie negativa é substantivo no plural precedido de *algum de...*, *nenhum dos...*, *algum dos outros...*, *nenhum dos outros...*, o verbo seguinte usa-se no plural ou no singular:

Nem Lucas, nem algum dos outros Evangelistas dizem expressamente quando o diabo tornasse a tentar a Christo (Vieira). E comtudo nem o mesmo Adão, nem algum de seus descendentes chamou nunca tal nome a Eva (Vieira).

As expressões *um e outro, um ou outro, nem um nem outro* servem de determinantes a substantivo que se usa no singular :

Procuramos alcançar *uma e outra cousa*.

Elle vai *uma ou outra vez* á cidade.

Nem um nem outro presente posso aceitar.

Em *um ou outro prisioneiro* notei signaes de soffrimento.

Quando a locução *um e outro* com substantivo no singular, claro ou subentendido, serve de sujeito, o respectivo verbo, enunciado em seguida, usa-se ora no singular, ora no plural. É preferivel o plural quando os seres a que se refere *um e outro* se nos representam no espirito como individuos ou entidades bem distintas :

Um e outro fizeram seus protestos e requerimentos (D. do Couto).

Uma e outra cousa lhe desagrada (Bernardes).

De repente, *um e outro desappareceram*, como se a terra os houvera engulido (Herculano).

Uma e outra cousa duraram apenas rapido instante (Herculano).

Uma e outra doutrina é de Salomão (Bernardes).

Uma e outra Magestade aceitaram e receberam o novo e sobrenatural parentesco (Vieira).

Sendo enunciado o sujeito pela negativa *nem um, nem outro*, usa-se o verbo no singular :

Nem um nem outro falou verdade (F. L. de Sousa).

Nem uma nem outra cousa é necessaria (Bernardes).

O sujeito multiplo deixa de influir sobre a forma do verbo desde que, depois de enumerados os varios nomes ou pronomes, se emprega recapitulativamente *tudo, nada, ninguém*. O verbo concorda sómente com o termo recapitulativo :

A rodeira e as cuvilheiras e as sergentes, tudo abalara para assistir ao grande drama (Herculano).

Remedios, dieta, mudança de ares, nada lhe aproveitou.

O rico e o pobre, o orgulhoso e o humilde, ninguém escapa á morte.

O falso e o verdadeiro, a verdade e a mentira, tudo passa (Vieira).

Desta ultima regra se exceptuam aquellas construcções em que, fazendo-se uso do verbo *ser*, o predicado é expresso por um substantiyo no plural:

Pontos, coros e os mesmos comparsas, tudo eram parentes ou amigos intimos (Garrett).

A palavra *gente* pede adjectivo e verbo no singular:

Notou-se a presença de *gente estranha*.

Esperam que a *guerreira gente saia* (Camões).

Admira-se a gente do que vê.

Nos *Lusiadas* e em outras obras quinhentistas occorrem entretanto exemplos de concordancia no plural, quando, pela interposição de outros dizeres, o verbo ou o termo determinante vem afastado do vocabulo *gente*:

O grande estrondo a maura *gente* espanta, como se *vissem* horrida batalha (Camões).

Vendo os nossos como a *gente* destas terradas *andavam* nadando por se acolher á terra (Barros).

A *gente* da cidade aquelle dia, *uns* por amigos, *outros* por parentes, *outros* por ver sómente, concorria, *saudosos* na vista e *descontentes* (Camões).

Quando a um nome ou pronome no plural antepomos, em lugar do quantitativo *muitos*, alguma das expressões *grande numero de*, *grande multidão de*, *grande quantidade de*, o verbo seguinte pode ir para o plural, concordando com a noção de pluralidade que temos em mente:

Uma grande multidão de crianças, de velhos, de mulheres *penetraram* na caverna (Herculano).

Um grande numero de velas *branquejavam* sobre as aguas do Estreito (Herculano).

Sendo o sujeito da oração constituido pela expressão *parte* ou *grande parte*, a *maior parte*, com um complemento

formado pela preposição *de* e um nome ou pronome no plural (podendo este complemento estar claro ou subentendido), o verbo se emprega tanto no singular como no plural :

A maior parte dos nossos usam de pão amassado (Barros).
Mandou soltar dez ou doze mouros, *parte dos quaes vieram* ter ao nosso arraial.

A maior parte de suas fazendas estava em navegação (Barros).
Uma parte dos cavalleiros offerecer-lhes-iam debil resistencia (Herculano).

Os amigos de Antonio *parte foram* destruidos, *parte* desbaratados (H. Pinto).

Se os dizeres *grande numero, grande multidão, grande quantidade, parte, grande parte, a maior parte*, se referirem a nome colectivo no singular, o verbo só se emprega na forma singular :

Parte do exercito conseguiu atravessar o rio.
A maior parte do povo é contraria á revolução.

As expressões *cerca de, obra de, perto de, passante de, mais de, menos de*, antepostas a numero plural para denotar quantidade aproximativa, não influem na concordancia do verbo, que será no plural :

Morreram cerca de quinhentos homens.
Mais de vinte volumes foram vendidos por preço exorbitante.
Seriam juntos passante de oitenta mil (Barros).
Restaram menos de quinze exemplares.

Em certos casos, a synese (isto é, concordancia com a idéa que temos em mente), permite o emprego do verbo no singular, como no seguinte exemplo, em que o verbo concorda com *distancia*, e não com as unidades de leguas :

Já lhe ficava atraz *mais de cincoenta leguas* (Vieira).

Verbo que se usa com a expressão *mais de um* diz-se geralmente no singular :

Mais de uma lagrima foi derramada.
Mais de um anno se passou.
Mais de um ricoço ficou reduzido á miseria.

Nas frases exceptivas expressas pela forma negativa, em que se interpõe o verbo entre *não* e *senão*, ou entre *não* e *mais que*, vindo em seguida um nome que sirva de sujeito, o verbo vai para o singular ou para o plural, de accordo com este termo:

Não escapou *senão uma criança*.

Não escaparam *senão tres meninos*.

Do antigo templo não *apparecem* mais que as *columnas*.

Se a excepção se refere a sujeito de 1.^a ou 2.^a pessoa, é necessario dar outro torneio á frase, como, por exemplo:

Ninguém votou contra o projecto *senão nós tres*.

Não appareceu *outra pessoa senão tu*.

Quando é sujeito de uma oração exclamativa *que de* (equivalente de *que multidão de*) seguido de substantivo, o verbo concorda com este substantivo:

Que de casas não ruíram!

Que de familias não vivem sem amparo!

Que de gente não concorreu á festa!

Empregando-se *é necessario*, *é preciso*, *é bom* com o sentido de *é necessario ter*, *é bom ter*, *é bom usar*, etc., ficam invariaveis estas expressões, sendo o substantivo que se lhes juntar considerado como objecto directo do verbo *ter*, *usar*, etc., que temos em mente:

E' necessario muita paciencia com os meninos.

E' necessario esforço e vigilância (Herculano).

E' bom toda a cautela (Castilho).

OBSERVAÇÃO. — Não ha duvida que os adjectivos *necessario*, *preciso* podem usar-se igualmente como predicção, e neste caso se parece-se entretanto na frase *é bom toda a cautela*, cujo sentido difere bastante de *é boa toda a cautela*.

Na determinação de horas, datas, distancias o verbo *ser* concorda com a expressão numerica:

São tres horas em ponto.

E' uma hora.

Hoje *são dez* do mez.

Da estação á fazenda *são tres leguas* a cavallo.

O verbo *dar* referindo-se ás horas que batem, usa-se no singular quando vem claro o sujeito *relogio*; em caso contrario concorda com a expressão numerica:

Neste momento *o relogio deu dez* pancadas (Herculano).

Deu uma e meia.

Deram as oito (Herculano).

No tratamento de *vossa mercê, você* (contracção de *vossa mercê*), *vossa senhoria, vossa excellencia, o senhor, a senhora, vossa reverencia*, etc., emprega-se o verbo na 3.^a pessoa por causa dos substantivos *mercê, senhoria*, etc., e pela mesma razão se fazem as referencias com os pronomes de 3.^a pessoa *seu* (e variações), *se, lhe, o, a*. Porém na distincção de genero, quer para *o, a*, quer para os qualificativos, applica-se a synese, fazendo a referencia ao sexo da pessoa, e não aos vocabulos *mercê, senhoria*, etc. Assim diremos:

a) dirigindo-nos a homem:

Vossa Excellencia anda muito occupado.

Permitta-me Vossa Senhoria que *lhe* diga.

Meu caro amigo, vi-o hontem na Avenida com *sua* esposa.

Você deve dar-se por *satisfeito*.

b) dirigindo-nos a mulher:

Vossa Excellencia canta divinamente e *será* muito *applaudida*.

Prometto-*lhe* que hei de visital-*a* no proximo domingo.

Queira dizer-me se *sua* filhinha vai passando melhor.

A palavra *meio*, servindo de qualificativo a um nome, concorda com elle em genero e numero:

O relogio dá as horas e as *meias-horas*.

O diadema tem a forma de *meia-lua*.

Com *meias palavras* não fazemos nada.

Empregada como determinante de adjectivo, com o sentido de «um tanto», «em parte», «ou quasi», e tendo

portanto valor adverbial, a palavra *meio* pode usar-se, segundo o precedente dos melhores escriptores da língua, tanto sob a forma invariavel, como em concordancia com o respectivo adjectivo :

Uns caem *meios mortos*, e outros vão a ajuda convocando do Alcorão (Camões).

As sete naus ficaram *meias alagadas* (Castanheda).

Para os nossos não ficarem magoados e *meio injuriados* (Barros).

Tendo os olhos *meios abertos* (Barros).

Os outros corpos estão *meios podres* (Bernardes).

Carnes *meias devoradas* pelos cães (Herculano).

Os olhos ainda *meio fechados* (Herculano).

Tratando-se porém de duas qualidades, attributos ou condições que se contradizem, a palavra *meio*, anteposta a cada um dos adjectivos, costuma conservar-se invariavel :

O sineiro da minha *meio-rural, meio-urbana* parochia (Herculano).

Palliativo temporario contra a loucura *meio natural, meio voluntaria* (Herculano).

O verbo *haver*, tomado na accepção de «existir», diz-se no singular, embora venha junto a um nome no plural.

É exemplo de uma forma crystalisada. Filia-se a certa linguagem do latim vulgar em que *habere* com a significação de «ter» servia de predicado a um sujeito que hoje não sabemos qual seria. Assim dizemos :

Ha homens neste mundo difficeis de contentar.

Havia no recinto quatrocentas *peessoas*.

Traidores houve entre os que conspiravam.

Ninguem sabe quantas *estrellas ha* no firmamento.

OBSERVAÇÃO. — O sentimento da linguagem leva o povo e raros escriptores a empregar, uma vez por outra, *houveram peessoas, haviam cores, se houvessem almas*, etc., por *houve peessoas, havia cores, se houvesse almas*, etc. Nunca, porém, se troca a forma monosyllabica *ha* por *hão*.

Nas orações que têm como sujeito o pronome relativo

que, o verbo concorda com o termo antecedente, sujeito ou objecto de outra oração :

Eu, que estive ausente, nada sei do caso.

Tambem me culpava a mim, que vos fiz companhia (Bernardes).

Nós que eramos ricos, empobrecemos depressa.

As mercadorias que não prestavam foram destruidas.

Mudou-se para um predio que tem commodos mais espaçosos.

Sendo o dito antecedente do sujeito *que* um pronome demonstrativo, o verbo da oração adjectiva usa-se geralmente na 3.^a pessoa:

Aquelle que não quizer ficar pode retirar-se.

Aquelles que desobedeceram foram punidos.

Os que mais falam são os que menos trabalham.

OBSERVAÇÃO. — Empregando como demonstrativo as formas *os, as*, os escriptores classicos contrariam por vezes a regra precedente, pondo o verbo na 1.^a ou 2.^a pessoa do plural para mostrar a inclusão da pessoa que fala ou da pessoa ou pessoas a quem se dirige a palavra: *Os que nascemos homens respondemos tão mal ás obrigações de nosso nascimento (Vieira); só resta fazer-vos huma advertencia muito necessaria para os que viveis nestes mares (Vicira).*

Esta concordancia tambem se pode interpretar como sendo o demonstrativo o apposto do pronome pessoal *nós* ou *vós* subentendido.

Funcionando o antecedente do pronome *que*, não já como sujeito ou objecto de outra oração, e sim como predicado do verbo *ser*, pode-se fazer a concordancia com o sujeito deste verbo, como nestes exemplos :

Fui tambem o primeiro que mostrei o engano (Castanheda).

Sou eu o primeiro que não sei classificar este livro (Herculano).

Esta concordancia com o sujeito da oração precedente é sobretudo usada quando em vez de *eu sou o que...*, *fui eu o que...*, *foste tu o que...*, etc., dizemos, com omissão do demonstrativo, *eu sou que...*, *fui eu que...*, *foste tu que*, etc.

Exemplos :

Fui eu que escrevi a carta.

Fomos nós que não quizemos.

Foste tu que denunciaste o plano da conspiração.

Não seremos nós que iremos mendigar taes empregos.

Não fui eu que o assassinei (Herculano).

Es tu que debes lembrar-te delle (Herculano).

Foste vós que me ensinastes o caminho.

Sou eu que exponho (Castilho).

OBSERVAÇÃO. — A omissão do demonstrativo nos exemplos precedentes é costume implantado na linguagem desde o seculo passado. Antes deste tempo todos os escriptores punham sempre claro o demonstrativo:

Quem te disse que era eu o que te digo? (Camões). Não fui eu o que preguei (Vieira). Eu fui o que fiz isso (Vieira).

Para mais exemplos veja-se a nossa Grammatica Historica.

Empregando-se *eu sou quem...*, *fui eu quem...*, *foste tu quem...*, etc., em vez de *eu sou que...*, *fui eu que...*, *foste tu que...*, é hoje costume, entre as pessoas cultas, pôr o verbo na 3.^a pessoa.

Fui eu quem escreveu a carta.

Foste tu quem disse tal cousa.

Logicamente, desde que se trata de substituição, dever-se-ia continuar a pôr a forma verbal em harmonia com o sujeito do verbo *ser*. Desta pratica, que persiste no falar do povo, occorrem exemplos em Manuel Bernardes, Filinto Elyσιο e Gonçalves Dias:

Não sou eu quem, influido em Ario, invadi a Alexandria e alcancei o triunfo (Bernardes).

Não fui eu quem o privei della (F. Elyσιο).

Arde o pau da resina fumosa; não fui eu quem o acendi (G. Dias).

O verbo que se segue ás locuções *uma das cousas que...*, *um dos homens que...* e outras semelhantes, usa-se por via de regra no plural:

Um dos homens que mais trabalharam foi Pedro.

Foi uma das cousas que mais me surprehenderam.

Paulo é um dos que mais estudam.

Ha, comtudo, exemplos de attracção em que se usa o verbo no singular concordando com *um*:

Uma das cousas que me mais espantou (D. de Goes).

Uma das cousas que sempre agradou a Deus (Vieira).

Uma das cousas que derrubou a Galba (Bernardes).

EMPREGO DO VERBO

Emprego dos tempos verbaes

1) PRESENTE :

• O presente do indicativo serve para denotar a acção que se passa durante o momento em que estamos falando ou dentro de um periodo que comprehende este momento.

• Se se refere a uma verdade observavel em qualquer epoca, ou a um facto real que data de muito tempo e deve assim perdurar por espaço longo ou indefinido, dizemos que o presente é durativo:

A terra *gira* em torno do sol.

O Amazonas *desagua* no Oceano Atlantico.

• Se exprime um costume ou uma acção intermittente cuja effectividade pode coincidir ou deixar de coincidir com o momento de agora, o presente é frequentativo:

Todas as manhãs *tomo* meu banho frio.

Os Arabes *escrevem* da direita para a esquerda.

Este negociante *vende* muito caro.

Tu só *bebes* agua pura.

• Muitas vezes emprega-se o tempo presente para designar o acto inexistente, mas de realisação proxima. O verbo, neste caso, tem o valor de presente-futuro:

Hoje á noite *vou* a tua casa [em vez de: *irei a tua casa*].

Amanhã não *saio*.

O trem *chega* d'aqui a uma hora.

• Em narrativas animadas pode, pelo contrario, referir-se o verbo no presente a facto inteiramente passado. É applicação do presente-preterito ou presente historico:

Recebe o capitão alegremente o Mouro e toda sua companhia (Camões).

Dá-lhe conserva doce, e dá-lhe o ardente não usado licor (id.).
 Correm os parentes ao Convento affligidos e desalentados; *pedem* alguma reliquia ao Santo, *levam* uma tunica que fora sua (Fr. L. de Sousa).

Quando se emprega o presente historico numa serie de orações coordenadas, pode a ultima proposição conter o verbo novamente no preterito. Fazendo-se uso de duas orações, uma principal outra subordinada, não se deve saltar do tempo preterito para o presente historico ou vice-versa. Não se tomam por modelo certos trechos dos Lusíadas, como os seguintes:

Vê logo por signaes e por acenos *que* com isto se *alegra*.
 Ao capitão *pedia que* lhe *dê* mostra das fortes armas de que usavam.

* Às vezes o presente do indicativo, usado em lugar do futuro ou do modo imperativo, exprime de modo delicado um péddido, um conselho, ou uma ordem:

Vais a minha casa e trazes a mala.
 Tu *me* fazes este favor.

2) PRETERITO IMPERFEITO E PERFEITO:

Com as diversas formas do preterito, imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito, enunciamos os successos occorridos e terminados antes do momento de os relatarmos.

O preterito imperfeito denota:

a) acção durativa:

Estavas, linda Ignez, posta em socego (Camões).

Iamos de vento em popa.

O sol *dardejava* seus raios ardentes sobre a planicie arenosa.

Todos *contavam* com a tua presença.

O moço *sabia* falar diversas linguas.

b) acção frequentativa, costume:

Repetia todos os dias a mesma lição.

Diziam que a navegação aerea seria impossivel.

Quando os Censores achavam Roma muito cheia de gente, *des-*

carregavam-na mandando alguma della a povoar outra provincia (Arrais).

Vinham as naus sempre carregadas de boa mercadoria.
Antigamente *vendiam-se* as frutas por preço infimo.

O preterito imperfeito não determina o momento em que começa ou em que acaba a acção duradoura ou repetida.

O preterito perfeito, pelo contrario, refere a acção como tendo occorrido em certo momento ou durante um periodo definido :

Ao descer do carro *escorreguei* e *cahi*.

Já em algum tempo aquella imagem *recebeu* ali adoração (Barros).

O alumno fez exame e *foi* *aprovado*.

Durante o jantar não *proferiste* palavra.

O capitão *morreu* em combate.

A differença entre imperfeito e perfeito podê-se ver tambem pelos seguintes exemplos :

Quando me *encontrava*, *abraçava-me* [isto é: todas as vezes que me encontrava, costumava abraçar-me].

Quando me *encontrou*, *abraçou-me* [quer dizer: na occasião em que me encontrou, deu-me um abraço].

Sabia que seria reprovado [isto é, era sabedor desde certo tempo indefinido].

Soube que seria reprovado [isto é, foi em certo momento informado que o reprovariam].

O pobre *pedia* esmola de porta em porta [isto é, costumava pedir].

Bati de porta em porta quando procurei emprego.

Na narração de actos que se succederam uns aos outros, é costume pôr no preterito perfeito não só o primeiro verbo, mas tambem os outros restantes. Para significar que algum dos actos é duradouro ou se repete com frequencia, empregamos, em lugar do imperfeito usado na linguagem antiga, as formas perifrasticas *pôr-se a fazer alguma cousa* ou *começar a fazer alguma cousa*:

Sentou-se á mesa e *poz-se a comer*.

Um lobo *furtou* a ovelha, *levou-a* a um silvado e ali *começou a comel-a* [antigamente: e ali a comia].

Depois que o linho *creceu*, fez delle redes e laços e *começou a apanhar* muitas aves [outrora: *e apanhava muitas aves*].

O emprego do imperfeito simples pode, ás vezes, dar lugar a equívoco. Para desfazel-o, empregam-se linguagens perifrasticas. Assim, em vez de *fomos á floresta onde caçavam*, diremos, com mais clareza, conforme o nosso pensamento, *fomos á floresta onde estavam caçando* ou *onde costumavam caçar*.

O verbo *ser*, com sentido existencial, usado no começo de contos infantis, lendas, fabulas, etc., diz-se no imperfeito:

Era uma vez um rei que possuia um palacio ornado de pedrarias.
Era uma vez um veado.

3) PRETERITO MAIS QUE PERFEITO :

O mais-que-perfeito serve para denotar a acção praticada ou o successo occorrido anteriormente a outro facto passado.

As formas *-aram*, *-eram*, *-iram*, da 3.^a pessoa do plural, são identicas ás do preterito perfeito.

Em lugar das formas simples *chegara*, *chegaras*, *chegara*, *vendera*, *pedira*, etc., pode-se usar, por ter o mesmo valor, o imperfeito da conjugação composta denotadora de acção consummada: *tinha chegado*, *tinhas chegado*, *tinha vendido*, *tinha pedido*, etc. Na 3.^a pessoa do plural esta substituição tem a vantagem de desfazer a duvida entre preterito perfeito e preterito mais-que-perfeito :

Leuwighild *acabara* com a especie de monarchia que os suevos *tinham instituido* na Gallecia e *expirara* em Toletum (Herculano).

A podridão *tinha chegado* ao amago da arvore, e ella devia seccar.

Ao chegarmos á estação o trem *tinha partido*.

4) FUTURO :

O futuro exprime factos inexistentes, mas realisaveis ou posteriormente ao momento actual em que se fala, ou posteriormente á epoca de que se fala. No primeiro caso

chama-se futuro do presente, no segundo futuro do preterito :

Juro que me *vingarei*.

Jurei que me *vingaria*.

Elle *diz* que regressará dentro de um mez.

Affirmou que *estaria* de volta cedo.

O futuro do presente pode usar-se com o valor de imperativo, ora categorico, ora simplesmente suggestivo. Exemplos do typo categorico :

Não *partireis* d'aqui.

Honrarás a teu pai e tua mãe.

Trabalharás seis dias e no setimo *descançarás*.

O futuro categorico é directo quando tem o verbo na 2.^a pessoa, como acabamos de ver ; mas pode ser tambem indirecto, isto é, ter o verbo na 3.^a pessoa. Neste segundo caso, embora se mencione com um nome ou pronome de 3.^a pessoa, entende-se todavia que a acção ha de ser cumprida pelo individuo a quem a proposição é dirigida.

Usa-se esta linguagem nas ordens emanadas de superiores, nas disposições de leis e nas clausulas contractuaes :

O dia setimo *será* para vós santo.

O batalhão *seguirá* pelo mato e *procurará* tomar de assalto a posição inimiga.

O contrato *durará* quatro annos.

Não *será* eleitor quem não souber ler e escrever.

O futuro imperativo tem character meramente suggestivo quando procura provocar em outrem apenas o sentimento da necessidade de effectuar a acção :

Dar-me-ás o dinheiro quando puderes.

Se eu morrer, não *deixarás* a minha familia na miseria.

Farás o possivel por auxiliar-me.

Tu me *perdoarás* esta liberdade.

Outra applicação do futuro é quando por meio d'elle exprimimos a incerteza sobre factos proprios do tempo

actual. Chamamos-lhe futuro *problematico* ou futuro da incerteza, como nestes exemplos:

O prisioneiro a estas horas *estará* morto.
 Neste quartelão *haverá* uns oito predios desalugados.
 A ilha *distará* da terra firme cinco leguas.

Nas referencias a acontecimentos passados, o verbo toma naturalmente a forma de futuro do preterito:

Haveria naquella noite duas mil pessoas na rua.
Seriam duas horas da noite quando fomos despertados.

Tambem se usa o futuro *problematico* em frases interrogativas. É linguagem polida que não obriga o interlocutor a responder, como quando se emprega o verbo no presente ou no preterito.

Comparem-se os exemplos seguintes:

Que casa *será* esta? — Que casa *é* esta?
 Alvaro *estará* em casa? — Alvaro *está* em casa?
 Que presente *seria* aquelle? — Que presente *foi* aquelle?
 Quem *estará* batendo? — Quem *está* batendo?
 Quem *levaria* a bengala? — Quem *levou* a bengala?

Servem as duas formas do futuro tambem para caracterisar as asserções condicionadas, dependendo o emprego de uma ou outra forma do sentido da proposição condicionante. Se esta se refere a um facto cuja realisação esperamos ou, pelo menos, não julgamos impossivel, empregamos o futuro do presente; se allude a facto que não se realisou e provavelmente não se realisará, servimo-nos do futuro do preterito:

Se me offerecerem o lugar, *aceitarei*.
 Se me offerecessem o lugar, *aceitaria*.
 Se fosses ajuizado, não *serias* arrogante.
Irei visital-o se me der o endereço.
Chamaria o medico se estivesse doente.

OBSERVAÇÃO. — Por causa de seu emprego em orações condicionadas, tem-se dado impropriamente ás formas verbaes em *-aria*, *-eria*, *-iria* o nome de modo condicional. Não se applica emtanto esta

terminologia ás formas verbaes do latim ou grego que, embora diferentes e não especializadas, se usam todavia com a mesmissima função.

Nas orações condicionadas, pode o futuro do preterito ser substituído pela forma do imperfeito ou do mais-que-perfeito. O imperfeito é geralmente preferido na linguagem familiar. A forma do mais-que-perfeito, também empregada na oração condicionante, encontra-se com frequência na linguagem antiga. Comparem-se estes exemplos:

Se chovesse, eu *tomava* um carro.

Se mais mundo *houvera*, lá *chegara* (Camões).

Se fosse feriado, não *havia* aula.

Emprego dos modos

Imperativo

O verbo no imperativo designa ordem, convite, conselho, pedido, supplica.

Formas proprias tem o imperativo da lingua portugueza sómente para os sujeitos *tu* e *vós* nos dizeres affirmativos.

Nas frases negativas suppre-se a falta com o presente do conjuntivo.

Recorre-se também ao presente do conjuntivo, porém na 3.^a pessoa, nos dizeres quer affirmativos, quer negativos, quando aquelle a quem se dirige a ordem, pedido, conselho, etc., é tratado por *ocê*, *o senhor*, *vossa senhoria*, etc.

O imperativo categorico, isto é, aquelle que indica uma ordem cujo cumprimento se exige, é o que menos se usa nas relações sociaes modernas.

O imperativo denotador de pedido, conselho, etc., é enunciado em tom de voz amena.

Comparem-se os seguintes exemplos:

Não *saiam* antes de dar a hora (Ordem).

Vinde ouvir a ultima noticia (Convite).

Vai já para casa (Ordem).

Perdoai-nos as nossas dividas (Supplica).
Dize-me se posso contar contigo (Pedido).
Não te fies nas suas promessas (Conselho).
Mostre-me o retrato (Pedido).
Não faças o que elle faz (Conselho).

Se a pessoa que fala se associa ao acto que deseja ver cumprido por outrem, o imperativo (forma do presente do conjuntivo) é usado na 1.^a pessoa do plural:

Mostremos que somos valentes.

Não façamos aos outros o que não desejamos que façam a nós.

Cessemos o trabalho e *vamos* para casa.

Andemos mais depressa.

Às vezes, para tornar o pedido ou convite mais insinuante, substitue-se ao imperativo a forma do presente do indicativo:

Tu *jantas* hoje commigo.

Vais-me fazer um favor.

Não te *demoras*.

Indicativo e conjuntivo

O modo indicativo é usado nas orações principaes expositivas e interrogativas e nas subordinadas em que se considera como real a existencia ou não existencia de um facto:

Sei que as crianças não *dormem*.

Eram estes os homens que *defendiam* o solo patrio.

O calor *diminuiu* quando *começou* a chover.

Quem *conhece* os segredos da natureza?

Onde *encontraram* este thesouro?

O modo conjuntivo é proprio das orações principaes óptativas e das subordinadas em que se considera o facto como incerto e duvidoso:

Queira Deus que elle *venha* em meu auxilio!

Fossem todos como elle!

Deus lhe *dê* muita saude.

Se elle te *agredir*, defender-te-ás.

Farei o possível para que *sejas* feliz.

O conjuntivo substitue o imperativo nas frases negativas e supprime o imperativo affirmativo nos tratamentos de *você*, o *Sr.* etc. e na 1.^a pessoa do plural:

Não te *aproximes* do fogo.

Traga os culpados á minha presença.

Leve a carta ao correio.

Não *sejas* preguiçoso.

Obedeçam-me todos.

Separemo-nos da companhia de tal homem.

CASOS PARTICULARES:

Nas interrogações indirectas usa-se, em geral, a oração subordinada com o verbo no indicativo; mas pode empregar-se o conjuntivo quando importa tornar evidente a perplexidade, o esforço da indagação:

Não sabiam quem *eram* os do partido contrario.

Não sabemos quem *elle é*.

Qual a materia *seja* não se enxerga (Camões).

Quem assim discorre não sabe que cousa *seja* religião, nem que religião *seja* esta (Vieira).

Quando desdobramos proposições com sujeito indefinido como *certas pessoas dizem, certas cousas se perdem em pessoas ha que dizem, ha cousas que se perdem*, empregamos o modo indicativo. Se, porém, negarmos a existencia ou a puzermos em duvida (forma negativa ou interrogativa), o verbo da oração subordinada vai para o conjuntivo:

Não ha flor que *tenha* mais perfume.

Não ha vento que *encrespe* as aguas.

Não havia cousa que mais me *affligisse*.

Nenhum christão ha que tal cousa *affirme*.

Se a proposição existencial tiver por sujeito o pronome *quem* ou o verbo *haver* vier seguido deste pronome como sujeito da oração subordinada, o verbo nesta segunda oração irá para o conjuntivo, ainda quando todo o enunciado tenha character affirmativo:

Quem ha que não *faça* o mesmo?

Havendo *quem queira* expôr as suas ideias, será ouvido com toda a attenção.

Ha *quem diga* que elle se prevaleceu da situação.
 Naquelle tempo havia *quem respeitasse* as leis.
 Houve *quem recusasse* o offercimento.

Empregamos tambem o conjuntivo quando substituímos *não faltar e faltar a haver e não haver*:

Falta *quem saiba* governar.

Não falta *quem queira* ser nomeado.

Não faltou *quem inventasse* novo genero de reliquias (Fr. L. de Sousa).

Oração substantiva que completa o sentido de *crer, cuidar, pensar, suppor, imaginar, entender, presumir, achar* (significando « pensar », « crer »), *parecer* (a alguém), tem o verbo geralmente no indicativo se denota factó considerado como real, algumas vezes, porém, no conjuntivo :

Quando imagina crê que *é* a latina (Camões).

Não presumo que a vista me *enganava* (Camões).

Eu imaginei que *podia* ser a antiga Moro (Arrais).

Cuidamos que *foi* a cruz que o matou (Vieira).

E pensavas que eu *pretendia* salvar-te (Herculano).

Pensei então que *corria* grande perigo (Herculano).

Todos estes autores não conheceram nem suppunham que o anjo do Apocalypse *representava* a S. Francisco Xavier (Vieira).

O conjuntivo na oração complementar dos ditos verbos pode denotar opinião ou expectativa contrariada pela realidade dos successos, como neste caso :

Cuidei que *fossem* cavalleiros, fidalgos e escudeiros, não cheios de desvarios; e em suas casas macios, e na guerra lastimeiros (G. Vicente).

Outras vezes refere-se o conjuntivo da oração complementar dos mencionados verbos a actos de realisação futura. Este uso é sobretudo notavel com o imperfeito do conjuntivo, o qual apparece nas narrações alternando com o futuro do preterito e como seu equivalente :

As forçosas raizes não cuidaram que nunca para o ceu *fossem* viradas (Camões).

Nunca me pareceu quando vos tinha que vossa *visse* mudadas tão asinha em tão compridos annos de tormento (Camões). Cuidava eu que correndo *desceria* do monte ao valle, onde tinha deixado os dous criados com o jumento, e que contando-lhes o que passava, *subissem* todos tres ao monte (Vieira).

Oração que completa o sentido de *é possível* tem o verbo no modo conjuntivo :

E' possível que elle tenha sahido.

E' possível que nos dê noticias.

Em frases exclamativas costuma-se hoje construir *é possível que* igualmente com verbo no conjuntivo. Antonio Vieira empregava nas exclamações não só o conjuntivo, mas tambem o indicativo, principalmente se queria exprimir com mais emphase a realidade de algum facto.

Comparem-se estes exemplos dos sermões :

E' possível que me tenha o mundo por profeta e não *antevisse* eu que de uma vista se havia de seguir um pensamento!

E' possível que eu sou o celebrado de benigno e piadoso e *mando* tirar a vida a um homem!

Este emprego do indicativo é desusado na linguagem de hoje, mas é admissivel quando se quer evitar sentido ambiguo. *É possível que veja a meu filho!* pode referir-se á possibilidade de chegar a ver; ao passo que *é possível que vejo a meu filho!* denota o pasmo ante o facto de ver presentemente.

A oração substantiva que completa a exclamação de surpresa *quem diria*, diz-se com o verbo no modo indicativo:

Quem diria que elle não se *havia* de manter no posto!

Quem diria que tu *eras* capaz de tamanha empresa!

Exclamações iniciadas pela conjunção *que*, e proferidas como orações independentes, isto é, sem virem expressos outros dizeres a que se subordinem, têm o verbo no conjuntivo :

Que se apressem os que querem fazer a obra!

Que já o mundo e a vida não saibam enganar! (Vieira).

Orações que completam o sentido de *admirar*, *admirar-se*, *espantar-se*, *é maravilha*, *é admiração*, *é de pasmar*, *é incrível* e outros dizeres analogos, usam-se com o verbo no conjuntivo :

Não me *espanto* que a mesma rainha se *quizesse* fazer fundadora (Vieira).

E' de admirar que não *sejam* mais numerosos os candidatos.

Seria de pasmar que *fossem* elles os vencedores.

Admira-me que tu não me *visses*.

Os verbos *permitter*, *consentir*, *admittir*, *obstar*, *impedir*, *proibir*, *recommendar*, *aconselhar*, *ordenar*, *fazer* (significando « occasionar », « causar ») e outros de sentido analogo a qualquer destes pedem o modo conjuntivo na oração complementar. O conjuntivo ahi denota, não um facto real, mas aquillo que ulteriormente se hade executar, ou continuar a fazer ou deixar de fazer :

Consentiu que o *acompanhassemos* na jornada.

Aconselhou que não *manifestassem* o descontentamento.

Não *podes impedir* que as cousas *pareçam* o que são.

Mandou que *lhe trouxessem* um escapulario.

O ar puro e immovel *faz* que as fontes *corram* e não *murmurem* (M. Aires).

Fazem que *se atreva* Fernão Velloso a ir ver da terra o trato (Camões).

As expressões impessoaes *é necessario*, *é justo*, *é bom*, *importa*, *cumpre*, *basta* e outros dizeres de significação analoga requerem o conjuntivo na oração que lhes completa o sentido :

E' justo que todos *sejam* contemplados.

Seria bom que os meninos *fossem* á presença do director.

E' necessario que *embarques* o mais cedo possivel.

Importa que daqui por diante *sejais* mais zeloso.

Não *bastava* que essa mesma fortuna *tivesse* poder nas cousas que nos *rodciam* (M. Aires).

Bastar pode, ás vezes, combinar-se com oração que tenha verbo no indicativo. Allude-se então particularmente a um facto certo e actual :

Basta que vosso inimigo *faz* e nós não *fazemos?* (Vieira).
Basta que é fidalgo? (A. José).

Querer, pedir (e synonymos *rogar, supplicar, implorar, etc.*) requerem, na oração complementar iniciada pela particula *que*, o verbo no conjuntivo como forma propria para denotar factos a cuja realisação se aspira :

Queria que todos o *servissem*.

Peço a Deus que te *proteja*.

Supplico-te que me *escutes* um momento.

Com as expressões *quiz Deus que, permittiu Deus que, prouve a Deus que*, empregavam os escriptores antigos não só o conjuntivo, mas tambem, e não raro, o modo indicativo :

Quiz Deus e meus peccados *que falleceu* e *se perdeu* todo meu bem (D. do Couto).

No fim dos quaes dias *prouve a Deus que vimos* terra (F. M. Pinto).

Oração explicita que sirva de complemento a verbos, substantivos e adjectivos denotadores de desejo, esperanza, temor, prazer, desgosto, pesar, e outros sentimentos, tem em geral o verbo no conjuntivo :

Receio que todos os esforços *sejam* inuteis.

Desejavas que eu *fosse* teu socio.

Receoso de que *morresse* afogado.

Lamento que teus padecimentos não *tenham* minorado.

Folgo que *estejas* restabelecido.

Estimarei que as suas obras *correspondam* ás suas palavras.

Espero que me *concedas* um favor.

Com *esperar* e *temer* vem ás vezes o futuro do indicativo em lugar do modo conjuntivo. Significa-se então que ha certeza ou quasi certeza da realisação do facto :

Espero que não *hei de enfastiar* (Vieira).

Muito *temo que* nos não *ha de succeder* bem nesta viagem (Vieira).

Em oração concessiva a linguagem de hoje põe o verbo sempre no modo conjuntivo. Segundo a pratica antiga,

observada ainda em tempo de Vieira e Bernardes, tanto podia servir este modo como o indicativo :

Ainda que ameacem punil-o.

Dá muita esmola, *embora não seja* rico.

Ainda que tirasse pela espada contra seu inimigo (Vieira).

Ainda que tirou tres vezes pela espada da oração (Vieira).

Posto que os christãos da pescaria lhe *queriam* metter grandes temores (Lucena).

Nas sentenças causaes que têm a conjunção *como*, o falar de hoje costuma pôr o verbo no indicativo; para os actos passados emprega-se ás vezes o imperfeito do conjuntivo á imitação da linguagem antiga :

Como todos *se acham* presentes, começaremos nossos trabalhos.

Como não *achasse* [ou *achou*] mais que as folhas, amaldiçoou a figueira.

Como não *podiam* supportar tão pesado fardo, desfizeram-se delle.

Nas orações consecutivas, designa-se pelo indicativo o facto realmente consummado ou que se consummará com certeza, e pelo conjuntivo o facto que se visa conseguir :

Cahi de tal modo *que quebrou* o braço.

Os argumentos do discurso são tão esmagadores, *que* todos *ficarão* pasmados de ouvil-o.

Procede de tal modo, *que* não *dês* lugar á censura.

Queria apparecer com figura tão sombria, *que causasse* medo a todos.

A alternativa indicada pela conjunção *ou*, tratando-se de orações principaes expositivas, diz-se com o verbo no indicativo :

Ou venceremos ou cahiremos com honra.

Os habitantes da ilha *ou são* mouros *ou são* gentios.

Na coordenação de duas proposições secundarias, a segunda tem o indicativo ou o conjuntivo de accordo com a primeira :

Eram visitados todos os navios *que entravam ou saham*.

Entregou-lhe a mercadoria para *que a vendesse ou trocasse* por outra.

Indicando-se, em orações secundarias, por *quer...*, *quer...*, *ou...*, *ou...*, a duvida sobre a causa, sobre a condição ou outra circumstancia que por ventura influir ou possa influir num factio mais importante e que constitue a oração principal, o verbo vai para o conjuntivo :

Quer chova, quer não, hei de sahir.

Quer ganhemos, quer percamos, tudo nos fica na mão.

Os dias da minha vida, *ou eu queira ou não queira*, hão-se de acabar (Vieira).

Todos elles, *ou fossem ricos ou fossem pobres*, eram tratados igualmente.

Os quinhentistas tambem empregavam o indicativo na alternativa de orações causaes, e ás vezes o indicativo a par do conjuntivo :

Ou que a natureza alli os produziu, ou que fossem trazidos (Barros).

Ou que elle a ouvisse, ou que alguém lhe foi dizer (Barros).

Com o verbo no conjuntivo se dizem as proposições secundarias referentes a factos proprios para contrariar ou prejudicar, que não exercem entretanto tal acção sobre outro factio principal cuja realisação affirmamos ser verdadeira :

Já não faço caso dos homens nem dos seus juizos: *digam o que quizerem* (Vieira).

Caiba a nossos corpos a sorte que lhes couber e façam seu fim no ventre das aves... não temos que temer (Arrais).

Nos enunciados de character condicional, em que a hypothese é um factio inexistente cuja realisação não se espera ou não parece provavel, emprega-se o imperfeito do conjuntivo para esta hypothese condicionante, e o futuro do preterito para a oração principal :

Se alguém o visse, não o reconheceria.

Se eu pudesse, prestar-te-ia meu auxilio.

Na linguagem antiga, empregavam-se frequentemente numa como noutra oração as formas verbaes em *-ara*, *-era*, *-ira*.

Na linguagem familiar costuma-se substituir o futuro do preterito pela forma do imperfeito do indicativo. É substituição permittida em linguagem literaria:

Se me aborrecessem, *mandava-os* embora.

Se Deus nos deixara tentar mais do que podem as nossas forças, então *tinhamos* justa causa de recusar as tentações (Vieira).

Referindo-se a hypothese a um factu vindouro, cujo cumprimento se espera ou se admite como provavel, o verbo da oração condicionante vai para o futuro do conjuntivo, ao passo que o verbo da oração condicionada no futuro do indicativo denotará a acção decorrente da hypothese:

Se *andarem* mais depressa, *chegarão* a tempo.

Voltarás a ter saude, *se te tratares*.

Se a fortuna me ajudar, *serei* feliz.

Proposições com a particula *se* denotadoras de actos que imaginamos existirem no momento presente ou terem-se effectuado em epoca anterior, têm o verbo no modo indicativo e no tempo presente ou preterito, conforme o caso:

Se queremos remissão de peccado, façamos penitencia.

Pois *se* o reino já então *era* chegado, como pedimos nós ainda agora que venha? (Vieira).

Se havia dinheiro, porque não pagaram as dividas?

Em lugar do futuro do conjuntivo usa-se muitas vezes, na oração condicionante, o presente do indicativo. Tem todo o cabimento esta pratica quando o factu é realisavel tanto no futuro mais ou menos remoto, como no dominio illimitado da epoca presente:

Se dais a Deus o que Deus vos dá, dareis muito; mas *se dais* a Deus o que o mundo vos promette, dais muito mais (Vieira).

Emprego do infinitivo

O infinitivo designa a acção ou estado, de modo geral. É a forma verbal de que nos utilizamos quando fazemos abstracção do sujeito e do tempo da realisação dos successos:

Escrever com a mão esquerda é difficil.

E' prohibido *fumar* neste recinto.

Faz bem á saude *comer* moderadamente.

Remedio efficaz para *evitar* a queda dos cabellos.

Tambem serve para pôr em relevo o facto, designando-se secundariamente o agente e a epoca em que o facto occorre:

Não me surprehende o *apresentar-se* elle hoje aqui [isto é: o facto de que elle se apresente].

Tudo depende de *chegar* o navio á hora esperada.

Este emprego do infinitivo permite o construirem-se com elle orações implicitas desdobraveis em orações precedidas da conjunção *que*:

Retirou-se *sem dizer* palavra [:-sem que dissesse palavra].

Affirmou *estar* doente [=que estava doente].

Eu estudo *para ser* approvado [=para que seja approvado].

O infinitivo é a forma do verbo principal nas combinações com os auxiliares e modificativos *ter de*, *haver de*, *dever*, *poder*, *costumar*, *ousar*, *querer* e outros:

Os homens *querem enriquecer* depressa.

Nada *posso fazer* sem teu consentimento.

Ousas voltar de novo á casa.

Tenho de empregar todos os esforços.

Has de fazer o que tè digo.

O rouxinol não *costuma cantar* de dia.

O infinitivo é a única forma do verbo que pode ser regida pelas preposições em geral:

Para restabelecer a ordem no paiz.
 O melhor meio *de fugir* á obrigação.
 Durou a festa *até clarear* o dia.
 Não tens razão *em resistir*.
 Despedi-me *antes de partir*.

A combinação *vir a* + infinitivo denota o resultado a que se chega, e não o mover-se de um lugar com algum intento:

Afinal *vim a saber* [isto é, soube finalmente] o que acontecera.
 Por ser perdulario, *veio a empobrecer*.

Para denotar a locomoção e o intento, costuma-se empregar *vir* + infinitivo sem a preposição *a*:

Vim saber se me acompanhavas.
Veio trazer a agradável noticia.

A combinação de *ir* + infinitivo pode designar locomoção ou também simples intento de pôr alguma cousa em effeito, ou ainda, um facto que não tardará a realisar-se:

Vou tomar o trem.*
Vou escrever a carta aqui mesmo.
Foste ver se elle estava em casa.
Vai chover d'aqui a pouco.

O infinitivo simples tem geralmente sentido activo. Usam-se emtanto com valor passivo os verbos transitivos nos casos seguintes:

a) depois dos dizeres *facil de*, *difficil de*, *bom de*, *mau de*, *impossivel de*, *digno de*, *duro de* e alguns outros adjectivos seguidos da preposição *de*:

Este trecho latino é *difficil de entender* e *peior de traduzir*.
 Individuos *maus de contentar*.
 Deu-lhe um osso *duro de roer*.
 Emmudeçam arbitrios e discursos *faceis de escrever* e *impossiveis de executar* (Vieira).

Disse cousas *dignas de notar*, que nenhum dos infieis alcançou (H. Pinto).

Era cousa *medonha de ouvir* (F. M. Pinto).

b) depois das expressões *estar por*, *ficar por*, para designar acção ainda não effectuada :

O predio *está por acabar*.

Muitas terras *estavam ainda por descobrir*.

Ficariam desobrigados de todo o mais tempo que lhes *ficasse por cumprir*. (F. M. Pinto).

Ainda nos *resta por vencer* a maior difficuldade (Vieira).

c) depois das expressões *é de*, *é para*, significando aquella « é cousa merecedora de », ou « digna de », e esta « é cousa propria para » :

Não *é de espantar* lerem os catholicos pelos livros dos gentios (Vieira).

E' de crer que lhe viessem rebates dos antigos pensamentos.

Era de ver o santo velho como outro patriarcha Jacob entre seus filhos (F. L. de Sousa).

Cousa *é para sentir* e digna de muitas lagrimas (H. Pinto).

Um engenho agudo muito *é para lastimar*.

Trazem alguns autores causas que aqui não *são para dizer* (H. Pinto).

Seria muito para desejar (Vieira).

Note-se comtudo que, empregando *é para*, o infinitivo ás vezes pode ter sentido activo :

E quando se foi assentar á mesa, estava já tudo tal, que nem *era para ver* [sentido passivo], quanto mais *para ter sabor* [sentido activo] (Fr. L. de Sousa).

Quanto ao emprego do infinitivo com *digno de*, referido no caso a), é de saber que se pode pôr o verbo não só na forma activa, mas tambem na passiva ou reflexiva :

Uma circumstancia *digna de saber* (Vieira).

Daqui se inferem duas consequencias muito *dignas de ser notadas* (Vieira).

Tambem nas locuções *ir a enterrar*, *ir a enforçar* occorre o infinitivo com accepção passiva:

Dizemos que morreu, que *vai a enterrar* (Vieira).

Emprego do infinitivo pessoal

A lingua portugueza usa de duas formas de infinitivo: o infinitivo **impessoal** ou **sem flexão**, e o infinitivo **pessoal** ou **flexionado**.

Este ultimo refere a acção em especial a alguma das tres pessoas do discurso, tomando as desinencias *-es* para a 2.^a do singular, e *-mos*, *-des*, *-em* para as tres do plural. Faltam á 1.^a e á 3.^a do singular desinencias que as distingam do infinitivo impessoal.

Usam-se as duas formas segundo as seguintes regras geraes:

INFINITIVO IMPESSOAL:

1.º sempre que o verbo indicar a acção em geral, como se fora um nome abstracto, ou quando não se cogita da pessoa, ex.: *estudar* (= o estudo) *é util*.

2.º nas linguagens compostas e perifrasticas, sendo apenas licita a flexão no caso de vir o infinitivo afastado de seu auxiliar a ponto de tornar-se obscuro o sentido se esse auxiliar não for lembrado novamente.

INFINITIVO PESSOAL:

1.º sempre que o infinitivo estiver acompanhado de um nominativo sujeito, nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer differente).

2.º sempre que se tornar necessario destacar o agente e referir a acção especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente.

3.º quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere.

Estas regras geraes podem ser desdobradas nas seguintes:

Regras especiaes

Considerada a acção com referencia especial a sujeito determinado, emprega-se o infinitivo pessoal. Confrontem-se estes exemplos:

Convem *estudar* geographia.

Convem *estudares* mais.

É de regra o emprego da forma sem flexão quando o infinitivo, denotador da noção predicativa principal, vem combinado com algum verbo que, além dos conceitos de pessoa, numero e modo, designe começo do acto, duração, repetição, continuidade, terminação (*começar a, estar a, pôr-se a, continuar a, tornar a, costumar, cessar de, acabar de, deixar de*), ou possibilidade, capacidade, necessidade, vontade, desejo, esforço, tentativa (*poder, saber* significando «ser capaz de», *querer, haver de, precisar de, dever, ter de, tentar, pretender, ousar, atrever-se a, etc.*), ou movimento para realisar um intento (*ir, vir*), ou resultado (*vir a, chegar a*):

Começas a ser preguiçoso, *devias ser* mais applicado.

Tornamos a mostrar-lhe o perigo.

Queres agradecer-me, mas não *costumas aceitar* meus conselhos.

Vieram dizer-nos que não nos esperaríamos.

Era tão má a alimentação que todos *chegaram a ficar* doentes.

Atrevemo-nos a fazer tal pedido.

Foram procural-o porque *tentavam tirar-lhe* a vida.

Não *sabem dar* um passo sem palanquins.

Se o infinitivo dependente de algum dos verbos *poder, querer, dever, costumar, começar, deixar de*, ou respectivos synonymos, vier tão afastado do verbo modificativo que fique obscuro o sentido, pode-se dar ao infinitivo a forma pessoal:

Parece que não *podiam* tirar nada delles, nem elles *levarem* mais
(R. Lobo).

Bem lhe *pode* o principe negar o que elles *pedirem* e elles *prezarem-se* muito dessas negações (Vieira).

Deviam-no trazer todos vocês nas palmas, dar mil graças aos
ceus, e *acabarem* de crer (Castilho).

Possas tu, descendente maldito de uma tribu de nobres guerreiros, implorando crueis forasteiros, seres presa de vis Aymorés (G. Dias).

Certos verbos synonymos de *buscar, tentar, pretender, usar*, occorrem, em escriptores classicos, por vezes usados com infinitivo flexionado, embora venham junto a elle. Esta pratica tem cahido em desuso:

Trataram de se recolherem por terra (Couto).

Não toma flexão o infinitivo dependente de *mandar, deixar* ou *fazer* quando, alem destes verbos, se empregue um nome ou pronome que seja ao mesmo tempo objecto do verbo regente e sujeito do verbo regido:

O fumo faz fugir as abelhas.

Não *nos deixeis cahir* em tentação.

Isto dizendo, *manda os deligentes ministros amostrar* as armaduras (Camões).

Deixa andar os homens nesta vida semelhantes aos brutos (Arrais).

Aquelle attractivo divertimento *fizera voar as horas* (Herculano).

Os preceitos positivos *nos mandam seguir* o bem, os negativos *nos mandam fugir* o mal.

Faz ir docemente murmurando *as aguas* (Camões).

A regra precedente é applicavel ás combinações de *ver* e *ouvir* com infinitivo quando os verbos, regente e regido, vêm proximos um do outro.

Achando-se afastado pela interposição de dizeres um tanto extensos, pode o infinitivo tomar flexão em concordancia com o sujeito. Ás vezes o infinitivo flexionado occorre sómente por haver a intenção de realçar o sujeito:

Verão morrer com fome *os filhos* caros.

Verá braços e pernas ir nadando (Camões).

Viram desaparecer os godos numa garganta estreita (Herculano).

Viu de antigos, longinquos e altos montes *nascерem duas claras e altas fontes* (Camões).

Todos se calaram quando *te ouviram cantar*.

Ouve mugir os bois (Castilho).

Nada mais delicioso para o coração do que *ouvir estes dous irmãos falarem* della (Castilho).

Não *ouve falar as pedras* (Garrett).

Junto a verbos que significam *declarar, mostrar, pensar*, o infinitivo, tendo sujeito diverso do do verbo regente, concordará necessariamente com este sujeito tomando a forma flexionada:

Disse serem falsas as assignaturas.

Isto mostra serem bons os conselhos.

Affirma não existirem taes plantas no paiz.

Sendo o sujeito do infinitivo o mesmo que o dos verbos *declarar, mostrar, pensar*, serve a forma pessoal para pôl-o novamente em relevo:

Mostravam terem recebido damno (Barros).

Ainda na borda do rochedo aprumado sobre a agua se enxergavam alguns orificios profundos, que *mostravam terem* servido para embeber as traves da ponte (Herculano).

Confessam deverem-vos a vida que vivem (Fr. L. de Sousa).

Affirmam estarem impossibilitados de proseguir viagem.

Estando elle e os outros, *cuidando terem* bom posto (Barros).

Com o verbo *parecer* usado impessoalmente emprega-se o infinitivo flexionado em concordancia com o respectivo sujeito:

Parecia serem ali degolados alguns bois (Barros).

Parecia quererem saltar no regaço do Santo (F. L. de Sousa).

O caminho que seguia a multidão dos infieis, os quaes lhes *pareceu dirigirem-se* para o lado do celebre mosteiro (Herculano).

Empregando-se *parecer* como verbo pessoal, costuma-se, na linguagem corrente de hoje, juntar-lhe o infinitivo sem flexão. Pode comtudo usar-se a forma flexionada se, pela interposição de dizeres extensos, o infinitivo vier muito afastado do verbo *parecer*:

Mordiam os freios brilhantes e *pareciam adivinhar* que estava proximo um dia de combate (Herculano).

As aves aquaticas *pareciam* nos seus vôos incertos, ora vagarosos, ora rapidos, *folgarem* com os primeiros dias da estimação dos amores (Herculano).

A linguagem quinhentista fornece exemplos do verbo pessoal *parecer* construído com infinitivo flexionado, achando-se os verbos juntos um ao outro:

Com aquelles impetos muitas vezes *pareciam cortar* pelo ar, e não pela agua (Barros).

Pareciam virem na ordem das procissões da invocação (Barros).

Usa-se a forma pessoal na combinação *ao*+infinitivo, como equivalente de oração temporal explicita iniciada pela conjunção *quando*:

Rugindo de colera *ao contemplarem* este espectáculo, apertavam contra o peito a cruz das espadas (Herculano).

Ficaram todos pasmados *ao verem-no* caminhar.

Nas exclamações e interrogações o uso do infinitivo flexionado mostra que se quer referir a acção em especial a certo sujeito:

Tu, Hermengarda, *recordares-te*?! (Eurico). *Morreres*?! Oh, não! *Assassinares* uma fraca mulher, assassinar-te a ti proprio e *renegares* da vida eterna! (Herculano).

Ha contudo casos de frases exclamativas, em que o infinitivo, com sujeito expresso, deixa de concordar com elle; conservando-se sem flexão. Com esta linguagem se accentua o contraste entre o agente e a acção que determinam a surpresa, parecendo cousas incompatíveis:

Vós arriscar vossa Pessoa, e a vossa vida!

Vós ir padecer e morrer a mãos de vossos inimigos! (Vieira).

Precedido da preposição *de* e dependente de verbo, adjectivo ou substantivo que designem sentimento (alegria, espanto, admiração, orgulho, vergonha, temor, esperança, desesperança, tristeza, etc.), o infinitivo denotador da causa determinante tomará a forma não-flexionada se o sentido é bastante claro e não houver intuito de fazer valer a *emphasis*:

Ha muitas cousas que não queremos dizer e *folgamos* em extremo *de* as *ouvir* (R. Lobo).

Os verdadeiros religiosos *gloriam-se de ser* bem obedientes (H. Pinto).

Ficaram *contentes de ver* o resultado.

Aos que *se envergonham de poupar* a vida, para a perder com gloria quando o dia do sacrificio chegar, darei eu o exemplo (Herculano).

Os quaes *se prezavam de guardar* juntamente a lei de Christo e a de Moysés (Arrais).

Desde porém que possa haver qualquer equívoco ou se queira mostrar que a pessoa a quem o verbo no infinitivo se refere é ou deve ser vivamente affectada pelo sentimento, toma o infinitivo a forma pessoal. Dos innumerables exemplos encontraveis em escriptores portuguezes mencionaremos aqui apenas os seguintes:

Ficando contentes e *alegres de verem* entre aquelles dous fidalgos tamanhas discordias (D. do Couto).

Pasmas-te de me veres a mim, ou *de te veres* a ti em tamanha honra? (F. M. Pinto).

Não *te espantes de* Baccho nos teus reinos *receberes* (Camões).

Aquelles que *folgam de* os *adularem* (H. Pinto).

Folgarás de veres a policia portugueza na arte e na milicia (Camões).

Estes *pasmados de verem* o sol, que se não movia; aquelles, tambem *pasmados de esperarem* pelo sol, que não chegava (Vieira).

Vergonha havias tu de ter *de me allegares* com o Santo (Bernardes).

Os que tem alguma indole e *se prezam de serem* verdadeiros filhos de seus pais (Arrais).

Têm logo *esperança certa de serem* livres. (F. M. Pinto).

OBSERVAÇÃO. — Para mais exemplos e esclarecimentos contrarios á deficientissima regra de Soares Barbosa, consulte-se nossa Syntaxe do Portuguez Historico.

O infinitivo regido da preposição *de*, quando usado como complemento especificador ou delimitador de uma noção expressa por substantivo ou adjectivo, tem a forma impessoal se se considera a acção em abstracto. Havendo porém conveniencia ou necessidade de referir a acção em especial ao sujeito, recorre-se ao infinitivo flexionado:

Tão *amigos de conservarem* a Fé em sua pureza, e *de a dilatarem* foram sempre seus pais e avós (Fr. L. de Sousa).
Os godos, porém, tinham a *vantagem de caminharem* ordenados (Herculano).

Incapazes de conhecerem a vantagem da ordem e da disciplina (Herculano).

Com *obrigar a, constranger a, forçar a* usa-se na linguagem commum o infinitivo impessoal. Querendo porém dirigir particularmente a attenção para a victima do constrangimento, emprega-se o infinitivo pessoal:

Aquelles em cujos peitos Deus encerrara ouro e prata, eram *obrigados a desprezar* os metaes da terra (Arrais).

Isto *obrigou* os religiosos *a cortar* por todas as contrariedades (Fr. L. de Sousa).

Mas por derradeiro os *constrangeu a lhe pedirem* paz (Arrais).
Obrigar os donos do achado *a darem* premio a quem achou (Bernardes).

Queixavam-se de que os *obrigava a trabalharem* gratuitamente nos reparos dos seus castellos (Herculano).

Serão *forçados a se accommodarem* com a paz (Vieira).

Ensinar a vem de ordinario com infinitivo sem flexão quando se menciona simplesmente o acto que se ensina a praticar:

Ensinarão-te na escola *a ler e a escrever*.

Ensinao-nos elle *a jogar* esgrima.

Se o infinitivo construido com *ensinar a* vem acompanhado de termos explicativos de certa extensão, convem ás vezes reavivar por meio do infinitivo flexionado a noção da pessoa a quem se ensina:

Pois ella nos *ensina a amarmos* nossos amigos (Fr. L. de Sousa).

Ginetes *ensinados a voltarem* sós ao campo christão do deserto (Herculano).

Regido de qualquer das preposições *até, para, por, com, em, sem, sobre, antes de, depois de, em vez de, alem de*, usa-se tanto o infinitivo impessoal como o infinitivo

flexionado. Nenhuma importancia tem o ser o sujeito diferente ou o mesmo que o da oração subordinante.

A escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos sómente da acção ou do intuito ou necessidade de pôrmos em evidencia o agente do verbo. É este o criterio adoptado na pratica por todos os escriptores portuguezes desde os mais remotos tempos até a data de hoje.

Dos innumerados exemplos de infinitivo pessoal mencionados em nossa Syntaxe Historica reproduziremos aqui sómente os seguintes:

Todos morreram *sem se quererem* entregar (Barros).

Em vez de aborrecerem o mal, aborrecem a luz (Vieira).

Como estais *sem irdes* prégar a santa fé? (Camões).

Então é que protestam *com dizerem*: Aqui estamos (Vieira).

Já sabemos que és nascido *para nos alegrares e espojares* com o riso (Bernardes).

Lançaram-se despeadamente apoz elle *para o alcançarem* antes que chegasse ao bosque (Herculano).

Os dous dias que me pediste *para chorares* o teu captiveiro passaram (Herculano).

Vai e deixa-te lá estar *até veres* chegar o bergantim (Garrett).

Por ultimo queríamos, *sem nos desviarmos* do nosso guia, retocar um ou outro descuido (Castilho).

Conserva-se impessoal o infinitivo com sentido passivo e forma activa, bem como todo o infinitivo dependente das locuções *facil de, difficil de, bom de, mau de, impossivel de, duro de, estar para, estar a, estar por*:

Homens *difficeis de contentar*.

Notas *impossiveis de reproduzir*.

Os doentes *estão para morrer*.

Rios *faceis de atravessar*.

As frutas *estão a cahir* de maduras.

Os hospedes *estão a chegar*.

As cartas *ficaram por escrever*.

Emprego do gerundio

Usa-se do gerundio ou como verbo absoluto ou em combinação com certos verbos auxiliares.

Com o gerundio absoluto constituem-se orações implícitas de varias especies.

Uma das applicações mais frequentes é aquella em que o gerundio denota acção simultanea, podendo desdobrar-se em oração explicita iniciada pela conjunção *emquanto* ou *ao mesmo tempo que*, como nestes exemplos:

Gritando mareiam velas (Camões).

Comendo alegremente perguntavam, pela arabica lingua, donde vinham (Camões).

Às vezes, o facto designado pelo gerundio não é rigorosamente simultaneo a outro, e sim anterior, realizado immediatamente antes ou pouco antes. Corresponde neste caso o gerundio a uma oração temporal iniciada por *depois que*:

Isto *dizendo*, manda os deligentes ministros amostrar as armaduras (Camões).

Sopesando a lança quatro vezes, com força tira, e deste unico tiro muitos lançaram o ultimo suspiro (Camões).

Chegando ao collegio, procurámos ver o mestre.

Inversamente, se o acontecimento occorrido em primeiro lugar for enunciado por uma oração explicita, o gerundio, denotando facto immediato, equivalerá a uma oração coordenativa iniciada pela conjunção *e*:

Recebeu a joia, *entregando-a* [= *e entregou-a*] depois á esposa.

Achámos ter de todo já passado do Semicapro peixe a grande meta, *estando* [= *e que estavamos*] entre elle e o circulo austral (Camões).

Seguiu-se-lhe o infante D. Pedro, e a este seu irmão D. Henrique; *acabando* a cerimonia com o conde de Barcellos (F. J. Freire).

O gerundio vem ás vezes precedido da particula *em*; neste caso diz o mesmo que as orações temporaes de *logo que*, *no momento em que*. Outrora, podia-se applicar esta linguagem a factos vindouros ou passados. Hoje, costuma-se empregar o gerundio com *em* principalmente falando de successos futuros:

Em amanhecendo, montaremos a cavallo.

Em chegando a casa, telephonarei.

Por meio do gerundio pode-se tambem exprimir a causa determinante de um facto. Equivale a oração implicita, neste caso, a uma oração subordinativa causal caracterisada por *já que*, *visto que*, *visto como*, *porque*, etc., como nestes exemplos:

Confiando na justiça do ministro, espero um despacho favoravel.

Vendo que nenhum remedio produzia effeito, deu-se por incuravel.

Sendo já tarde, trataram de se recolher aos seus aposentos.

Muitas vezes o gerundio denota o modo, meio ou instrumento:

A disciplina militar prestante não se aprende, senhor, na fantasia, *sonhando*, *imaginando*, ou *estudando*; senão *vendo*, *tratando* e *pelejando* (Camões).

Muitos dos naturaes de Cochim se passavam do reino a outras partes, *fugindo* de noite em barcos (J. de Barros).

Escreveu a dissertação *empregando* tinta encarnada.

O ladrão abriu a porta *servindo-se* de gazua.

Os Mouros se afastaram do navio *remando* a toda a pressa.

Enuncia abreviadamente a oração condicional em exemplos como os seguintes:

Chovendo [=se chover] não sahirei de casa.

Ainda lhe ficou esperanza que *tornando* [=se tornasse] outra vez, alcançaria victoria (J. de Barros).

Chegarás facilmente lá, *querendo*.

Disseram que o negocio era duvidoso. *Sendo assim*, não arriscarei meus tabedaes.

Tambem se pode empregar com sentido concessivo,

isto é, em lugar de uma oração explicita caracterisada por *ainda que, posto que, embora, apesar de que*, etc. Ex.:

Chamam-lhe fado mau, fortuna escura, *sendo* só providencia de Deus pura (Camões).

Viu Alexandre Apelles namorado da sua Campaspe e deu-lh'a alegremente, não *sendo* seu soldado experimentado, nem *ven-do-se* num cerco duro e urgente (Camões).

O gerundio pode equivaler não sómente a oração adverbial, mas ainda a oração adjectiva:

Foi banhado em azeite e pez *fervendo* (Bernardes).

Foi atezado com faxas *ardendo* (Bernardes).

Ginete Rabicano, gerado só de fogo e do vento, e *pastando* ar como camelião (Bernardes).

A sua solida base terminada em duas gargulas, uma *imitando* o corpo de um leão rapante, outra o de homem estirado sobre o ventre (Herculano).

Acudiam cartas do nosso arcebispo a miude, escriptas com muito calor, e *pedindo* a Sua Santidade declarasse a preminencia (Fr. L. de Sousa).

Algumas comedias havia com este nome *contendo* argumentos mais solidos (Fr. J. Freire).

OBSERVAÇÃO. — Para mais esclarecimentos e exemplos relativos ao gerundio com valor de oração adjectiva, emprego este que a alguns puristas parece gallicismo, consulte-se nossa Syntaxe do Portuguez Historico.

Juntando-se o gerundio, como verbo principal, a *estar*, como verbo auxiliar, obtem-se a conjugação composta denotadora do momento rigoroso, a qual muito se emprega no falar quotidiano em lugar das formas simples:

A criança *está dormindo*.

Antonio *estava escrevendo* quando entrámos.

Estão batendo á porta.

O relógio *está dando* tres horas.

Em lugar do verbo *estar*, combinam-se muitas vezes com o gerundio *andar, ir, ou vir* para significar melhor a duração ou repetição do facto:

Andam espalhando esta noticia.

Em que *andas pensando?*

As formigas *vão destruindo* as plantações.

Iamos perdendo a esperança de salvá-lo.

O vento *vinha refrescando*.

A combinação do gerundio, quer com *estar*, quer com *andar*, *ir*, *vir*, encontra-se também na linguagem literaria, principalmente nos escriptores da era camoneana:

Não soffre muito a gente generosa *andar-lhe* os cães os dentes *amostrando* (Camões).

As ancoras tenaces *vão levando* com a nautica grita costumada (Camões).

Nos perigos passados *vão fallando* (Camões).

As mãos lhe estava *atando* um dos duros ministros rigorosos (Camões).

EMPREGO DO ARTIGO

Não leva artigo a palavra *casa* precedida de preposição nas locuções *em casa, de casa, a casa, para casa*, denotando o substantivo residencia ou familia:

Não sahi *de casa* por causa da chuva.

Passo os domingos *em casa* de um sobrinho.

Tomou um auto e dirigiu-se *para casa*.

Desde que entrara *para casa* do tio Bartholomeu, nunca mais puzera pés no campanario (Herculano).

Como se fora um dos mais conhecidos *de casa* (Fr. Luis de Sousa).

Nos alforges acharam o provimento que tinham trazido *de casa* do santo (Bernardes).

Vai-se *a casa* e sem detença se arma de ponto em branco (Bernardes).

Tomada a palavra *casa* no sentido proprio de predio, edificio, ou significando negocio, estabelecimento, instituição, assembléa, dynastia, dizemos com artigo *na casa, da casa, á casa, para casa*:

Entrámos *na casa mais proxima*.

Procuram-no por todos os recantos *da casa*.

Era um principe francez *da casa de Anjou*.

Haviam de encontral-o *na casa dos Expostos*.

Vinha a senhora *da casa das Fazendas Pretas*.

Passou a noite *na casa do jogo*.

OBSERVAÇÃO. — Diz-se *o medico de casa* para denotar o medico que costuma tratar a familia e *o dono* (ou *a dona*) *da casa* tanto para significar o proprietario do predio como para indicar a pessoa que governa os negocios domesticos. Dizemos entretanto *uma boa* (*má*, etc.) *dona de casa*.

Falando das partes do corpo, empregamos o artigo definido, em vez do possessivo, para dar a entender

que as ditas partes do corpo são proprias do individuo a que nos referimos :

Pedro rolou da escada e quebrou *o braço*.
 Levantei-me cedo, lavei *o rosto*, escovei *os dentes*.
 Abre *a boca* e fecha *os olhos*.
 Antonio, ouvindo tal noticia, sacudiu *a cabeça*.

Omitte-se todavia o artigo nas locuções adverbias em que estes nomes vêm precedidos da particula *de* ou *a*:

Ficamos aqui *de braços cruzados*.
 Atravessou a baixada *a pé enxuto*.
 Encontrei-o na cama *de perna estendida*.
 O doente vai definhando *a olhos vistos*.
 Aceito a proposta *a olhos fechados*.
 Ouvindo a decisão, todos ficaram *de boca aberta*.
 Puzemo-nos *de joelhos*.

Servindo de complemento ao verbo *ter*, e não vindo acompanhados de qualificativos, os nomes das partes do corpo se dizem sem artigo :

O cavallo *tem cauda*.
 A ave *tem bico, pennas e asas*.

Se os ditos nomes, complementos de *ter*, vêm seguidos de qualificativo, usam-se ora sem artigo ora com elles. applica-se a primeira maneira de dizer (omissão do artigo) sobretudo quando se trata de qualidades congenitas ou permanentes :

O homem de quem falo *tem nariz grosso, boca pequena, olhos azues, cabellos castanhos*.
 Elle *tem pés grandes, ella tem mãos pequenas*.

É de regra o emprego do artigo quando *ter* se toma na accepção de «manter», «conservar» e o qualificativo se refere a um estado accidental ou é expresso por um participio :

O desgraçado *tinha os olhos fechados e a boca aberta*.
Tens hoje as mãos limpas e a cara suja.
 O menino *tinha os pés descalços*.

Certas datas do calendario se dizem com artigo: o *Natal*, o *Anno-Bom*, o *Carnaval*, o *Entrudo*, a *Paschoa*. Omitté-se comtudo o artigo se estes nomes vierem precedidos das expressões *dia de*, *presente de*:

Passei o *dia de Natal* em Theresopolis.

Os prestítos sahirão no terceiro *dia de Carnaval*.

Mandei-lhe o *presente de Anno-Bom*.

Diz-se com artigo a *Quaresma*, e sem elle *primeira*, *segunda*, etc. *semana de Quaresma*. Usa-se o artigo depois da preposição *de* em *semana da Paixão*, mas omitté-se em *sexta-feira de Paixão* como em *quinta-feira de Endoenças*, *quarta-feira de Cinza*, *sabbado de Alleluia*.

Nomes de mezes não levam artigo:

Completo quinze annos de idade *em dezembro* proximo.

Em março passado fez muito calor.

Sucedeu isto no dia 20 *de abril*.

Junho é o mez das noites compridas.

O emprego de artigo exigido pela anteposição de um qualificativo acarreta geralmente a substituição dos nomes *janeiro*, *fevereiro*, etc. pelas expressões *mez de janeiro*, *mez de fevereiro*, etc.:

O insupportavel *mez de janeiro* (em vez de: o insupportavel *janeiro*).

O frio *mez de junho* (em vez de: o frio *junho*).

Os nomes das quatro estações do anno levam artigo, salvo se vierem precedidos da particula *de*, significando « proprio de ».

No Rio de Janeiro o *inverno* é mais agradavel que o *verão*.

Supporto melhor os dias *de inverno* que as noites *de verão*.

Era uma bella manhã *de primavera*.

Mandei fazer uma roupa *de inverno*.

As frutas *de inverno* são menos doces que as frutas *de verão*.

OBSERVAÇÃO. — Certas frases em que o nome da estação vem precedido da preposição *de* exigem o emprego do artigo: *na força do verão*, *o rigor do inverno*, etc.

Os nomes dos dias da semana tomam artigo. Usados adverbialmente, podem dispensar-o juntamente com a preposição *em*:

Conto estar de volta *quinta-feira* (ou *na quinta-feira*).

Domingo haverá grande festa.

Sabbado almocei com teu irmão.

O artigo definido pode fazer as vezes do vocabulo *cada* nas frases em que se estipula por unidade o custo ou valor das cousas :

A seda vende-se a quarenta mil réis *o metro*.

O passeio de automovel sahiu a dez mil réis *a hora*.

Nomes proprios de pessoas não levam artigo no falar culto, salvo se estiverem no plural, como *os Scipiões, os Cesares, os Pereiras*, etc.

Devemos dizer e escrever *Shakespeare, Camões, Dante, Tasso, Gonçalves Dias*, etc. e não *o Tasso, o Dante*, etc., linguagem esta que é imitação servil do italiano.

A linguagem antiga permittia antepôr artigo a nome proprio que fosse mencionado anteriormente; mas esta pratica é desusada na linguagem litteraria de hoje:

Dos dous primeiros seus filhos Caim e Abel, *o Caim* foi reprovado, e *o Abel* escolhido (Heitor Pinto).

No trato familiar e no falar do povo contraria-se a linguagem culta, antepondo de ordinario o artigo a nomes de pessoas conhecidas daquelles com quem conversamos.

Nomes de rios, de montes e de certos mares usam-se com o artigo, referindo-o não ao nome proprio, mas sim ao appellativo (rio, monte, mar) que se tem em mente:

O S. Francisco é maior que *o Parahyba*.

O Chimborazo é bem mais alto que *o Vesuvio*.

A companhia de navegação retirou seus navios da carreira *do Adriatico*.

Por estar subentendido o termo «ilhas» dizemos: *as Hebridas, as Orcadas, as Canarias, as Berlengas, as Antilhas, as Bermudas*, etc. Conserva-se todavia o genero

masculino em os *Abrolhos*, os *Açores* por influencia dos ditos nomes considerados como appellativos.

Diz-se a *Trindade* ou a *ilha de Trindade*; porém em geral não levam artigo os nomes de ilha no singular: *Sardenha*, *Corsega*, *Malta*, *Cuba*, *Jamaica*, *Itamaracá*, *Madagascar*, etc.

Não levam artigo os nomes de cidades, exceptuando a *Bahia*, o *Porto*, o *Rio de Janeiro*, o *Rio Grande* por effeito da sua origem appellativa, e o *Cairo* por influencia do arabe *El-Kahira*. Em Vieira documenta-se a *Haya*; hoje dizemos simplesmente *Haya* sem artigo.

Os nomes de terras e regiões de maior extensão, paizes, provincias, estados, continentes, etc., variam quanto ao emprego do artigo: uns o exigem, outros não o admittem, outros finalmente tomam em geral o artigo, mas podem ás vezes dispensal-o.

Estão neste ultimo caso certos nomes geographicos antigos e bem assim alguns modernos: *Europa*, *Asia*, *Africa*, *America*, *Hespanha*, *França*, *Italia*, *Allemanha*, *Ethiopia*, *Inglaterra*, *Irlanda*, etc.

Exigem artigo: o *Egypto*, o *Japão*, a *China*, a *Indo-China*, a *India*, a *Siberia*, a *Mongolia*, a *Mandchuria*, o *Industão*, o *Tibet*, o *Pamir*, e alguns outros do velho mundo.

Os nomes dos paizes americanos, com algumas excepções, levam geralmente artigo: o *Brasil*, o *Perú*, o *Chile*, a *Bolivia*, o *Uruguay*, o *Canadá*, etc.

Os nomes dos estados do Brasil dizem-se com artigo: o *Amazonas*, o *Piauí*, o *Ceará*, o *Maranhão*, etc. Exceptuam-se comtudo: *Minas-Geraes*, *Pernambuco*, *Sergipe*, *Alagoas*, *Mato-Grosso*, *Goyaz*, bem como *S. Paulo*, *Santa-Catharina*. Estes dous ultimos nomes prescindem do artigo, porque prevalece esta regra para quaesquer designações de lugares tiradas de nomes de santos.

Diz-se: a *Beira*, o *Minho*, o *Alemtejo*, a *Galliza*, o *Algarve*, as *Asturias*.

O numero de nomes de terras usados com artigo é diminuto em comparação da immensidade de nomes de paizes, provincias, departamentos, estados, condados, etc. que povoam os mappas, e que sempre se mencionam sem

artigo. Exemplos de alguns mais conhecidos: *Portugal, Castella, Aragão, Leão, Granada, Marrocos, Navarra, Borgonha, Angola, Moçambique, Venezuela, Honduras, Guatemala, Nicaragua, Virginia, Nevada*, etc.

OBSERVAÇÃO. — Supprime-se de ordinario o artigo dos nomes geographicos nas enumerações: *Os estados do Brasil são: Amazonas, Pará, Maranhão*, etc.

EMPREGO DOS NUMERAES

As expressões pleonasticas *ambos de dous, ambos os dous, ambos estes dous*, de que occorrem varios exemplos em escriptores quinhestistas e que se podem documentar tambem em escriptores posteriores, são desusadas na linguagem actual. O pleonasma apparece ás vezes disfarçado com a posposição de *ambos* ao substantivo. Nesta construcção não choca tanto ao ouvido moderno:

Estes dous desprimores nascidos *ambos* do mesmo vicio (Vieira).
Estas duas utilidades... *ambas* estão sujeitas a dous perigos (Vieira).

O numero ordinal latino *primus, prima, primum*, foi substituido em portuguez por *primeiro, primeira*, (de *primarius, primaria, primum*). A antiga forma latina apparece nos compostos *primavera, primogenito* e usa-se nas locuções *obra-prima, materia-prima, numeros primos*. Deu, alem disso, o nome de parentesco *primo*, abreviação de *primo coirmão* (isto é, «primeiro coirmão»).

O numero ordinal é substituido pelo cardinal, a partir do undecimo, na distincção dos seculos, e na dos monarchas e dos papas do mesmo nome:

Milton viveu no seculo XVII.

A radiographia é descuberta do seculo XX.

Luiz XVI morreu guilhotinado.

O papa Leão XIII succedeu a Pio IX.

O numero ordinal é substituido pelo cardinal na designação das horas e em certas expressões referentes á idade de alguem, usando-se com o numero no plural o substantivo igualmente no plural:

E' uma hora [por: é a primeira hora].

São *quatro horas* [por: é a quarta hora].

Falleceu *aos 20 annos* [por: no vigesimo anno de vida].

Uso analogo do cardinal em vez do ordinal se faz na designação dos dias do mez, porém o vocabulo *dia* anteposto ao algarismo, conserva-se no singular. Mencionado depois, como é costume em certos documentos officiaes, o vocabulo *dia* toma a forma do plural junto a *dous, tres*, etc.

No dia 24 de maio [por: no vigesimo quarto dia de maio].

Aos 21 dias de junho, achando-se presentes taes e taes pessoas, foi lançada a pedra fundamental.

Com referencia ao primeiro dia do mez, diz-se indifferentemente *em um de março* ou *no dia primeiro de março*.

A determinação das paginas de um livro faz-se com a preposição *em* ou *a*. No primeiro caso diz-se a palavra *pagina* no singular seguida de numero cardinal: *na pagina 24, na pagina 3, na pagina 15*, etc. Pode-se emtanto designar as do principio do livro com o numero ordinal: *na primeira pagina, na segunda pagina, na terceira pagina, na quarta pagina*, etc.

Empregando a preposição *a* diz-se com o substantivo no plural: *a paginas 48, 16*, etc.

Para a especificação dos capitulos serve a preposição *em*, juntando-se ao vocabulo *capitulo* o cardinal ou o ordinal do mesmo modo que com a palavra *pagina*.

O processo de empregar o cardinal em lugar do ordinal, sobretudo para os numeros superiores, tem muita applicação na vida pratica por ser mais simples.

EMPREGO DOS PRONOMES

Pronomes possessivos

O pronome possessivo admite artigo antes de si: o *meu*, o *teu*, o *seu*, etc.

Como pronome absoluto, usado predicativamente junto de *ser*, *tornar-se* ou de algum verbo que signifique «considerar como pertencente», o possessivo sem artigo denota que o objecto é ou deve ser de propriedade de certa pessoa, e não de outrem. Com artigo anteposto, mostra o confronto feito com objecto similar pertencente a outra pessoa:

Esta casa é *minha* [isto é, ella me pertence].

Esta casa é *a minha*; *a tua* fica mais adiante.

Tudo isto *tornar-se-á vosso* no dia em que subirdes ao poder.

Já *contava como seu* o que apenas lhe haviam promettido.

Em outro qualquer caso, o possessivo absoluto não pode prescindir do artigo ou de um determinativo que o substitua.

Este anel não é de mais preço que *o teu*.

Com os meus esforços e *os vossos* a obra andar-á mais depressa.

O capitão acompanhado *dos seus* chegou por terra.

Trocas a tua fortuna com *a minha*.

Não sympathisamos com *esse seu* [ou *o seu*] companheiro.

O possessivo adjunto usa-se mais frequentemente com artigo, mas tambem pode usar-se sem elle:

Apascenta *minhas* [ou *as minhas*] ovelhas.

Quero-o vivo em *minhas* [ou *nas minhas*] mãos.

Resplandeceu *o seu* rosto.

Tal era *o meu* desejo.

A *minha mão* desfallecida abandonou-te (Herculano).

Nomes que indicam parentesco requerem o possessivo sem artigo, salvo se se quizer reforçar o possessivo emphaticamente:

Salvou *seu pai* da desgraça.

Um esquadrão mais lustroso que o de *seus* sobrinhos (Herculano).

A *tua* filha nunca te accusará ante o supremo juiz (Herculano).

E' o cemiterio em que jazem os ossos *dos nossos* avós.

Teus irmãos abandonaram-te.

Sendo os nomes de parentesco tomados no sentido translato, como por exemplo *filho*, significando «natural de um lugar», *irmão* applicado a pessoa pertencente a uma determinada classe, communitade, nação ou raça, costuma-se antepor o artigo ao adjunto possessivo:

Junto ao Chryssus a Hespanha pedia *aos seus filhos* que morressem sem recuar (Herculano).

Considerava-o como o mais veneravel entre *os seus irmãos* no sacerdocio (Herculano).

Com artigo se diz o possessivo junto a um nome para indicar a pessoa a quem em especial interessa o individuo de que se fala:

E como *o nosso* menino cessava do choro e tomava o peito com Christo diante dos olhos (Vieira).

Cumpria melhor que todos *o nosso* peregrino o que Deus prometteu (Vieira).

Os doze de Inglaterra com *o seu* Magriço.

Frases que costumam dizer-se sem artigo, como *em poder de*, *em nome de*, *por vontade de*, *a respeito de*, *a gosto de*, *a favor de*, e outras, prescindem igualmente do artigo quando substituem por um possessivo adjunto o complemento formado com a particula *de*:

Falámos *em teu nome*.

Estão *em nosso poder* todos os documentos.

Escreveram *a nosso respeito*.

Por *minha vontade* tal não aconteceria.

Eu *em vossa presença* pequei contra o céu (Vieira).

Nada alcancei *a teu favor*.

Vieram *em meu soccorro* todos os meus amigos.

Não é verdadeira a reciproca da precedente regra. Diz-se com artigo *aos olhos de alguém, aos pés de alguém, ao lado de*, e, entretanto, sem artigo *a meus olhos, a seu lado, a seus pés*.

Fixaram-se na linguagem sem a palavra *o* ou *a* as expressões *Nosso Senhor, Nossa Senhora*, e bem assim os tratamentos *vossa mercê, vossa senhoria, sua senhoria, sua excellencia, sua majestade*, etc.

> O pronome *seu*, com as variações *sua, seus, suas* é applicavel a pessoas differentes. Nas frases em que o seu emprego possa dar lugar à confusão, substitue-se pelas expressões *delle, della, delles, dellas, de você, do Senhor, da Senhora, dos Senhores, das Senhoras*, etc. Às vezes mantém-se pleonasticamente a par destas expressões o pronome *seu, sua*: *a sua casa delle* por *a casa delle*, etc.

Tratando-se de um nome que na oração sirva de complemento directo, compensa-se frequentemente com a introduccção dos pronomes *me, te, lhe, nos, vos, lhes* o possessivo adjunto que fica eliminado:

Cobria-*lhe* a cabeça um chapéu de abas largas [em vez de: *cobria a sua* cabeça].

Enfeita-*nos* a casa [em vez de: enfeita *a nossa* casa].

A pratica desta regra é propria do estilo elegante, sendo porém de notar que nem sempre é possível a substituição. Diz-se *recebi a sua carta* e não *recebi-lhe a carta*.

Pronomes demonstrativos

O demonstrativo *este, isto* applica-se geralmente às cousas que dizem respeito á 1.^a pessoa: *esse, isso* refere-se ao que tem relação mais intima com a 2.^a pessoa:

Sinto forte dor *nesta* mão.

Essa [tua] perna está ferida.

Remetterei a encommenda para *essa* cidade [em que resides].

Nesta casa [em que nos achamos] parece que todos mandam.

Este serve para mostrar que as cousas se acham proximas de nós; para exprimir que se acham um tanto afas-

tadas, serve-nos o pronome *esse*, ainda quando não tenham relação alguma com a pessoa a quem falamos:

Não posso escrever com *esta* penna.

Quando olho para *este* retrato, vêm-me as lagrimas aos olhos.

Gastar palavras em contar extremos de golpes feros, cruas estocadas, é *desses* gastadores que sabemos (Camões).

Esses, que andam espalhando taes noticias, são mentirosos.

Fulgurava uma luz de alegria como *esses* astros que brilham a espaços nos abismos do firmamento (Herculano).

Distinguimos *isto* (que *eu* penso ou faço) de *isso* (que *tu* pensas ou fazes):

Digo-te *isto* para teu bem.

Isso que propões não parece aceitavel.

Eu podia ser deputado; tenho pensado maduramente *nisto*.

Não te mostres acrimonioso; *isso* não é de pessoa bem educada.

Este, isto serve á pessoa que fala, quer para chamar a atenção para aquillo que vai nomear ou expôr, quer para relembrar o que acabou de expôr ou referir pouco antes. Ao demonstrativo assim empregado dá-se o nome de demonstrativo *anaphorico*:

Ha ali perto uma gruta. *Esta* gruta offerece uma serie de curiosidades.

Entrava com toda *esta* companhia o Mir-almumini em Portugal (Camões).

As difficuldades que encontro são *estas* [que vou discriminar] *Isto* dizendo [equivale a: dizendo as palavras que *eu* acabo de repetir], os barcos vão remando para a frota (Camões).

Estas e outras razões [isto é, as razões que eu acabo de referir e outras] me impedem de servir-o.

Este brado foi repetido por Oppas (Herculano).

Nas referencias a duas pessoas ou cousas differentes, mencionadas antes, emprega-se o demonstrativo *aquelle* para o que se nomeou em primeiro lugar, e *este* para o que se mencionou por ultimo.

Alludindo ao que acaba de referir o individuo ou in-

dividuos com quem falamos, servimo-nos do pronome anaphorico de 2.^a pessoa *esse, isso*:

Essas e outras razões [isto é, as razões que tu acabas de expor e outras] não serão aceitas.

Essa terra [de que falas] é inhabitavel.

Escreveste-me que não virias. *Isso* já eu sabia.

Applicado o demonstrativo á noção de tempo, serve-nos *este* para as determinações de periodo mais ou menos longo que abrange o momento em que se fala:

Esta semana tem chovido muito.

A encommenda deve chegar *este mez*.

Este anno não iremos veraneiar.

Em linguagem familiar usa-se frequentemente *isto* em lugar de *agora*:

Isto são duas horas.

Isto é noite fechada.

Este denota um periodo, passado ou futuro, muito proximo do momento actual, em algumas poucas locuções: *esta noite* (a noite passada ou a noite vindoura), *esta manhã* (a manhã de hoje), *estes dias* (passados, ou que vêm), *estes primeiros dias*.

Com referencia a tempo passado, usa-se muitas vezes, para avivar a imaginação, o demonstrativo anaphorico *este* em vez do demonstrativo commum *esse*, denotador de tempo remoto:

Neste momento aquellas vozes harmoniosas cessaram (Herculano).

A *esta hora* duvidosa entre a claridade e as trevas, uma numerosa cavalgada atravessou o ribeiro (Herculano).

Segundo a tradição literaria portugueza, é de rigor o emprego de *nisto* (em vez de *nisso*), expressão tomada no sentido de «então», «em tal momento», com a qual se interrompe, durante uma narrativa, o curso das idéas afim de chamar a attenção para uma occurrencia nova:

Mas mouroa enfim nas mãos das brutas gentes, que pois eu

fui... E *nisto*, de mimosa, o rosto banha em lagrimas ardentes (Camões).

Alevanta-se *nisto* o movimento dos marinheiros.

O vivo interesse que toma a 1.^a pessoa pelas cousas alheias ou remotas pode-se revelar pela aproximação mental, a qual se traduz pelo pronome *este*:

Tens as mãos tão quentes! E *esta* [tua] testa, *esta* testa escalda (Garrett).

Já que *nesta* gostosa vaidade tanto enlevas a leve fantasia (Camões).

Partimo-nos assi do santo templo... Certifico-te, oh rei, que se contemplo como fui *destas* praias apartado, cheio dentro de duvidas e receio, que a penas nos meus olhos ponho o freio (Camões).

Com o pronome *esse* pode ás vezes a 1.^a pessoa dar a entender que afasta mentalmente de si, ou tenta afastar cousas porventura proximas de que se desinteressa ou que lhe desagradam, bem como idéas e sentimentos afflictivos:

Olha *essa* terra toda, que se habita *dessa* gente sem lei, quasi infinita (Camões).

Que mal te fiz eu para que *esse* desejo, *essa* idéa [a do anniquilamento] seja o que unicamente resta ao precito? (Herculano).

Contrariando em parte as regras precedentes, existem na linguagem os seguintes casos de expressões consagradas:

1.º Diz-se *isto é* (e nunca *isso é*) como equivalente de «quer dizer» ou «significa», quando se vai esclarecer um pensamento, uma idéa.

2.º Como locução conclusiva usa-se commummente *por isso*, e ás vezes *por isto*. Negativamente diz-se *nem por isso*.

3.º *Isto de* (e não *isso de*) equivale a «o que diz respeito a», «no tocante a»: *isto de politicos*; *isto de metter scismas ás crianças*, etc.

Pronomes indefinidos

Cada é pronome adjunto invariavel. Designa os seres ou grupos de seres considerados um por um.

Usa-se nas expressões *cada um*, *cada qual* e bem assim junto a substantivo no singular, junto a numeral colectivo e junto ás designações de agrupamento constituídas por um numeral seguido de substantivo no plural:

Cada homem no seu posto.

Cada qual terá sua recompensa.

Vendem-se as frutas a tostão *cada uma*.

Cada terra tem seu uso.

Perdeu dous tostões em *cada duzia* de ovos.

Uma garrafa de vinho para *cada cinco homens*.

Qualquer, com o plural *quaesquer*, refere-se a individuo ou individuos tomados indistintamente de entre outros da mesma especie. Precede o substantivo, mas se este se usar com algum dos indefinidos *um*, *uns*, *outro*, *outros*, pode tambem vir posposto:

Qualquer casa me serve.

Quaesquer ondas do mar, *quaesquer ouleiros* estranhos, assim mesmo como aos nossos, receberão de todo o illustre os ossos (Camões).

Um dia qualquer lá iremos.

Lerei este romance ou *outro livro qualquer*.

Em lugar de *qualquer pessoa que*, *qualquer coisa que*, pode-se dizer *quem quer que*, *o que quer que*:

Quem quer que isto faça.

O que quer que eu diga.

Algum antepõe-se ao nome em frase affirmativa e pospõe-se a elle em frase negativa, podendo então ser substituido pela palavra *nenhum*:

Alguma pessoa ha de estar na casa.

Não vejo *pessoa alguma* [ou *nenhuma*].

O dinheiro está em *alguma parte*.

Não apparece em *parte alguma* [ou *nenhuma*].

Nenhum vem de ordinario antes do nome; collocado depois, torna mais expressiva a negação:

Nenhuma coisa ou *coisa nenhuma*.

Nenhum paiz ou *paiz nenhum*.

Certo (ou emphaticamente *um certo*) é pronome adjunto indefinido quando precede ao substantivo. Collocado depois do nome, tem valor de adjectivo com a significação de « exacto », « acertado », « ajustado », « não-duvidoso », « verdadeiro », etc.:

Trabalham *certas horas* [differente de: ter *horas certas* de trabalho].

Certos amigos [differente de *amigos certos*] não compareceram.

Certo dia os exploradores encontraram uma tribu de indios bravos.

Todo toma o genero e numero do nome a que serve de adjunto. Tem varias applicações.

Designando o conjunto ou inteireza, usa-se no singular anteposto ou posposto a nome previamente determinado por outro pronome adjunto e, na falta deste, pelo artigo, salvo se o substantivo não comportar artigo:

Todo este paiz [ou *este paiz todo*] está em festas.

Todo o polo [ou *o polo todo*] está coberto de gelo.

O Brasil todo [ou *todo o Brasil*] gosa de clima ameno.

Portugal todo [ou *todo Portugal*] se gloria de haver produzido o immortal cantor dos «Lusiadas».

Segundo esta regra, diz-se com o artigo *todo o mundo*, quer no sentido proprio, quer no sentido translato, applicada a expressão á collectividade humana, com a differença porém que no segundo caso não é possível a posição de *todo*:

A santa providencia governa *o mundo todo*.

Em *todo o mundo* não se encontra um homem sem defeitos.

Aos primeiros tiros *todo o mundo* poz-se a correr.

Com os fracos *todo o mundo* quer ser forle.

A novidade anda na boca de *todo o mundo*.

Segundo a mesma regra, pode-se dizer *todo um dia* a par de *um dia todo*, *toda uma republica* a par de *uma republica toda*. Alguns puristas repudiam a primeira forma por haver cousa semelhante em francez. É preciosismo injustificavel. Autorisam a linguagem os escriptores classicos :

Esperarão *todo um dia* (Castanheda).

Com *toda uma coxa* fora (Camões).

Vem a queimar *toda uma casa* (Heitor Pinto).

Ver a Deus por *toda uma eternidade* (Bernardes).

A titulo de reforço se junta *todo* ás expressões *o resto*, *o restante*, *o mais*, *o outro*, que denotam a parte complementar, considerada em conjunto, de pessoas ou cousas mencionadas anteriormente. Se *o mais* vier desacompanhado de substantivo e equivaler a « as mais cousas », usamos *tudo* em lugar de *todo*:

Toda a mais povoação era cuberta (Barros).

Animaes que elles têm em mais estima que *todo o outro* das manadas (Camões).

Logo *todo o restante* se partiu de Lusitania (Camões).

Tudo o mais contrastava com ellas (Herculano).

As palavras de tua lingua e *tudo o mais* que tu sabes (Vieira).

Tudo diz-se de cousas consideradas na totalidade ou em conjunto. Usa-se com as expressões *isto*, *isso*, *aquillo*, *o que* (significando « aquillo que »), *quanto*, *o mais* (equivalente a « as mais cousas »), e alem disso, como pronome absoluto desacompanhado de qualquer explicação:

Põe *tudo isso* sobre a mesa.

Tudo isto que aqui vês está a tua disposição.

Nem *tudo quanto* se diz é verdade.

Aquelle homem sabe *tudo*.

Elle consegue *tudo o que* quer.

Tudo o que nasce na terra, o sol e a chuva o cria (Vieira).

Cesse *tudo o que* a musa antiga canta (Camões).

Tudo se fez para lhe agradar.

A tua extrema bondade foi causa de *tudo aquillo*.

OBSERVAÇÃO. — Em tempo de Vieira e Bernardes, e em epoca mais antiga, podia-se juntar *tudo* em vez de *todo* a um adjectivo

substantivado. Esta linguagem cahiu em desuso. Hoje dizemos *todo o necessario*, *todo o superfluo*, e não *tudo o necessario*, *tudo o superfluo*.

O plural *todos*, *todas* denota a totalidade numerica. O respectivo substantivo usa-se com artigo definido, caso não tenha outra palavra determinante que exclua o artigo:

Todos os eleitores se abstiveram de votar.

Os homens são *todos* assim.

Todas estas rosas murcharam.

Definindo-se a totalidade numerica por meio de um numero cardinal, a anteposição reforçativa de *todos*, *todas* requer a supressão do artigo quando subentendido esteja o substantivo. Achando-se o substantivo expresso, o artigo não se omite:

Eu tinha tres filhos. *Todos tres* morreram.

Todos os quatro meninos são estudiosos.

São pobres *todas as cinco crianças*.

Deram a escolher cinco livros. Fiquei com *todos cinco*.

Nomeando-se o individuo pela especie inteira, o singular pelo plural, persiste o emprego do artigo, e é logico que continue a usar-se o artigo quando se diga *todo o eleitor* por *todos os eleitores*, *toda a offensa* por *todas as offensas*. Mas designando-se o individuo pela especie, confunde-se o conceito do numero singular com o de qualquer individuo. *Todo* parece então synonymo de *qualquer*, que exclue o emprego do artigo e d'ahi a linguagem *todo eleitor*, *toda offensa*.

O portuguez antigo recorria frequentemente a este segundo processo; mas os escriptores modernos, principalmente dos seiscentistas para cá, revelam a tendencia de manter o artigo:

Todo o homem neste mundo deseja melhorar de lugar (Vieira).
Todo o lugar mais alto que outros está sempre ameaçando ruina (Vieira).

Todo o ministro enquanto não cae é grande (Herculano).

Todo o Regras tem um Bugalho (Herculano).

As locuções adverbias *em toda a parte*, *por toda a parte*, *de toda a parte*, *a toda a parte* occorrem nos Lusíadas ora com artigo, ora sem elles; mas nos classicos posteriores, Vieira, Bernardes, Herculano, etc., apparece invariavelmente o emprego do artigo:

Carregavam *de toda a parte* sobre o coração de Paulo (Vieira).
Christo presente *em toda a parte* (Vieira).

O ceu cerrado *por toda a parte* (Bernardes).

Por toda a parte se verteu sangue (Herculano).

Em toda a parte deixara agentes (Herculano).

Não pode privar-se do artigo o adjectivo substantivado quando se lhe antepõe a palavra *todo*, embora este vocabulo tenha o valor de «qualquer»:

Todo o pobre receberá esmola.

Todo o cativo que levava punha comsigo á mesa (Fr. L. de Sousa).

Todo o preguiçoso gosta de levantar-se tarde.

Nas locuções *a toda a brida*, *a toda a pressa*, *à todo o galope* e outras de valor superlativo, conserva-se o artigo:

Acudiu *a toda a pressa* Arão com um turibulo (Vieira).

Fugiu um bom pedaço pela campanha *a todo o galope* (Herculano).

Corredores transfetanos, que *a toda a brida* se acercavam delle (Herculano).

COLLOCAÇÃO

Collocação ou **ordem** é a maneira de dispôr os termos da oração e os grupos de palavras que formam esses termos.

A collocação habitual não se explica satisfatoriamente pela sequencia logica das idéas, porque, sendo esta a mesma por toda a parte, varia entretanto a collocação de um idioma para outro.

Parece antes vir fundada na intonação oracional propria de uma lingua ou de um grupo de linguas. O portuguez pertence ao numero daquellas que se caracterizam pelo rythmo ascendente, em que se enuncia primeiro o termo menos importante e depois, com accentuação mais forte, a informação nova e de relevancia para o ouvinte.

Segundo este principio, construímos de ordinario a proposição declarativa começando pelo sujeito, expondo em seguida a acção que se passa com o sujeito, isto é, o verbo, e ajuntando em terceiro lugar o termo ou termos que completam o sentido verbal.

A esta collocação de sujeito, verbo e complemento, ou sujeito, verbo e predicado, dá-se o nome de ordem *directa*, *usual* ou *habitual*. Alterando-se a disposição dos termos, diz-se que a oração está na ordem *inversa* ou *occasional*.

Na construcção dos grupos de palavras requer o rythmo ascendente que os vocabulos de accentuação fraca e menos significativos venham antes dos mais significativos. Assim, observam-se as seguintes regras principaes:

1.^a Antepõem-se aos substantivos os artigos definido e indefinido, as preposições e em geral os determinativos pronominaes, quantitativos e indefinidos:

Este homem | perdeu | *a* vista | *em* um combate.

Nosso visinho | possui | *muitos* predios.

Cada criança | trazia | *duas* cestinhas | *com* flores.

2.^a Os determinativos possessivos e os numeræes ordinaes (ou cardinaes com função ordinal) pospõem-se ao substantivo quando para elles se quer chamar a attenção. A posposição dos numeræes fixou-se para a designação das datas, das paginas, da successão dos monarchas e papas :

Filho *meu* | não seguirá tal carreira.
 Não farão revolta com dinheiro *nosso*.
 Pagina *25*.
 Dia *quinze*.
 Luiz *XIV*.
 Carlos *I*.
 Pio *XI*.

3.^a Pospõe-se ao nome a palavra *nenhum* ou *algum* (com sentido de *nenhum*) quando se quer accentuar bem a idéa negativa. Confrontem-se :

Em *caso nenhum* } deixarei meu posto.
 Em *caso algum* }
 Em *nenhum caso* deixarei meu posto.

4.^a A negativa *não*, vocabulo quasi atono, precede sempre o verbo :

Não partirás tão cedo.
Não deixes passar o dia.

5.^a Pospõe-se de ordinario ao verbo auxiliar o verbo principal como termo mais significativo e de intonação mais forte :

Tenho visto muita miseria.
 O soldado *ficou ferido*.
Deves dizer a verdade.

6.^a Os adjectivos qualificativos collocam-se em portuguez ora antes, ora depois do substantivo a que pertencem, cabendo, em linguagem descriptiva usual, geralmente o segundo lugar ao vocabulo que pela sua novidade ou maior importancia se accentua com mais força.

Assim, por exemplo, ninguem diz *servir-se de assucar doce*, que seria pleonasma, e entretanto não ha inconve-

niente em dizer *servir-se do doce assucar*, construcção esta em que o adjectivo decorativo vem apenas recordar ao ouvinte a qualidade essencial do assucar.

Usa-se o adjectivo posposto ao substantivo ou como informação nova para o ouvinte, ou como delimitação do sentido vago do substantivo:

Vestia *calça branca e borzequins amarellos*.

Trazia uma argola no *braço esquerdo*.

Tinha os *cabellos compridos*.

Os habitantes daquela terra eram de *cor preta*.

Depois da moda das *saias compridas* veio a moda das *saias curtas*.

7.^a De certos adjectivos que se empregam com dous sentidos, o proprio e o translato, põe-se em evidencia a accepção propria collocando o qualificativo depois. Em caso contrario, virá o qualificativo em primeiro lugar. Esta pratica se observa com os adjectivos *rico, pobre, grande* e alguns mais:

Moram na mesma casa dous *homens pobres* e dous *homens ricos*.

O *pobre ministro* foi insultado em plena camara.

Este homem é o *verdadeiro causador* da minha desgraça.

Tenho-te em conta de *homem verdadeiro*.

O capitão mór lhe mandou seus *grandes agradecimentos* (Gaspar Corrêa).

Trouxe-lhe vinte *pannos grandes*.

NOTA. — *Rico homem* na linguagem medieval significava «homem nobre», «fidalgo». Não tem applicação no falar moderno.

Rico anteposto a substantivo usa-se hoje como equivalente de «valioso», «precioso», e tambem (em Portugal) com a accepção de «querido», «estimado»:

Rica pedraria, ricas joias, meu rico amigo, etc.

8.^a Costuma-se antepôr ao substantivo o qualificativo que serve de ornato ou que exprime qualidade inherente ao ser, mas a emphase pode ás vezes leval-o para o segundo lugar:

Repousa na *fria terra* ou na *terra fria*.

9.^a Para alguns qualificativos requer o uso a collocação sempre em segundo lugar, embora tal não succeda com outros analogos e empregados nas mesmas condições. Assim dizemos *o céu azul* (e não *azul céu*), *a safira azul*, *o topazio amarello*, a par de *a verde esmeraldá*, *a branca neve*, etc.

10.^a Qualificativos cuja maior ou menor intensidade se assignala com os adverbios *muito*, *pouco*, *mais*, *menos*, *bem*, *mal*, *tão*, *bastante*, *assaz*, enunciam-se apoz os ditos adverbios. *Bastante* precede geralmente ao adjectivo; se retoma o sentido do verbo *bastar*, e tem complemento, pode empregar-se em segundo lugar:

| | | | | |
|---------|---|--|---|---------|
| Terreno | { | pouco muito mais menos tão bem assaz | } | extenso |
| Carne | { | bem mal | } | assada |

Ter *bastante felicidade*.

Receber *bastante dinheiro* ou *dinheiro bastante* para pagar as dividas.

Collocação dos termos da oração

Quando se quer chamar a atenção especialmente para o sujeito da frase, desloca-se o mesmo para depois do verbo por adquirir assim intonação mais forte :

Se nenhum de vós quizer ir, irei *eu*.

Aqui quem perde, és *tu*.

Por essa fico *eu*.

Atraz do rei vinham *os fidalgos* da corte.

Nem sempre ha necessidade de fazer a inversão. Em muitos casos basta recorrer á expressão *é que*, a qual pelo contraste da accentuação fraca faz sobresahir o vocabulo anterior :

Tu *é que* podias explicar o caso.

Nós *é que* não podemos ficar aqui.

Eu *é que* não espero.

A inversão em que se começa a frase pelo complemento do verbo ou pelo predicado não se faz, como nos casos precedentes, em attenção ao ouvinte. Determina-a uma causa subjectiva. É a necessidade de externar desde logo o sentimento ou a idéa que mais nos preoccupa. O termo assim collocado no principio adquire accento emphatico :

Cançado estou eu das tuas queixas.

Tolo serias tu se o procurasses.

Pão para os filhos pedem estas mulheres.

Desta agua não beberei.

Livros não tenho melhores que os teus.

Theatro tão grande como este nunca vi em minha vida.

OBSERVAÇÃO. — A deslocação do sujeito para o fim, ou do objecto para o principio, não se entende com o pronome relativo, cujo lugar é sempre no principio, qualquer que seja a sua função.

Muitas vezes, dispomos as palavras de certa maneira de preferencia a outra ordem, unicamente para tornar a frase mais agradavel ao ouvido. Tem, por exemplo, boa sonoridade a alternancia de monosyllabos de accentuação fraca com os de accentuação forte, ao passo que desagrada ao ouvido a collisão de dous monosyllabos igualmente tonicos.

Assim construiremos :

O *ar* me faz *bem*
O *sol* talvez lhe faça *mal* } de preferencia a { Faz-me o *ar* bem
Talvez lhe faça o *sol* *mal*

* Verbo em primeiro lugar, tratando-se de linguagem expositiva, é construcção typica para os casos seguintes :

1.º Quando se combina o verbo com o pronome *se* para denotar que fica indeterminada a pessoa que pratica a acção :

Luta-se pela existencia.

Ganha-se o pão com difficuldade.

Punem-se os soldados rebeldes.

2.º Quando a oração tem sentido existencial, quer se empregue os verbos *ser* ou *existir*, quer o verbo *haver* :

Era uma vez um rei. (*Existiu* uma vez um rei.)

Existem naquella terra povos de costumes differentes.

Ha muitos predios elegantes na cidade.

OBSERVAÇÃO. — *Existir* e *haver* occorrem tambem pospostos, podendo-se dizer *povos existem*, *homens ha*, etc., mas esta construcção é justamente a occasional. Succede o mesmo com algumas frases de agente indeterminado.

3.º Em certas frases em que se determina tempo, distancia, peso, medida ou numero :

São duas horas e meia.

Faltam tres laranjas para completar a duzia.

Era dia claro quando me levantei.

São tres leguas a cavallo.

4.º Nas orações condicionaes empregadas sem conjunção :

Visse-a Juno, talvez se abrandaria (Castilho).

Fosse filho meu que tão cruelmente te houvesse offendido, obterias pleno desagravo (Herculano).

• É de uso mencionar-se o verbo em primeiro lugar naquellas proposições que têm por fim assignalar uma epoca em que se enquadram outros acontecimentos. A começarmos pelo sujeito, poderíamos enunciar pensamento diverso. Exemplos:

O Brasil foi descoberto em 1500. *Reinava* então em Portugal D. Manuel.

Quando fui eleito deputado, *era* presidente da Republica um paulista.

A batalha de Waterloo foi em 1815. *Commandava* as forças inglezas o duque de Wellington.

• Levadas em conta as construcções fundamentaes de que a linguagem natural e espontanea não costuma afastar-se, é certo que para a estructura oracional temos em portuguez bastante liberdade. Esta, porém, é maior no verso, em que occorrem certas transposições completamente estranhas não só ao falar commum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escriptores abusaram da liberdade poetica, a ponto de tornarem a linguagem obscura e quasi intelligivel:

Ama a vivenda dos contrarios ao fogo undosos rios (Castilho).

A do rei potente mimosa filha.

Dos sem conto que ha passado maléficos portentos (Castilho).

• O pronome relativo colloca-se no principio da oração, quer sirva de sujeito, quer de complemento:

Examinei a joia *que* elle comprou.

Aqui está a casa *em que* morei.

O homem *que* nos recebeu era surdo.

• Interrogações em que se faz uso de alguma das palavras interrogativas *quem, que* (ou *o que*), *quanto, como, porque, onde, quando*, construem-se de ordinario começando pela expressão interrogativa e enunciando depois o verbo seguido do sujeito, quando este não é pronome interrogativo:

A quem procura elle enganar?
Com quem vives tu?
Quanto custa o metro desta fazenda?
Porque não deixas tu isso para mais tarde?
Como soube elle de tal cousa?
Onde acharemos nós a tranquillidade?
Quando poderei eu encontrar-te?
O que disseram elles a isso?

Pode-se, comtudo, fazer ás vezes a transposição, quer pondo o sujeito no começo da pergunta, quer collocando a expressão interrogativa no fim:

E tu *que* dizes a isto?
 Receias *o que*?
 Teu primo *porque* não appareceu?

* Orações exclamativas têm construcção como a das orações interrogativas e admittem analoga transposição de termos:

Quantas lagrimas amargas não verteu ella por causa do filho!
 Como é triste a vida neste ermo!
 Aquelles areaes como são saudosos e contemplativos!

* Certas expressões optativas (e tambem simplesmente exclamativas) têm construcção fixa, usando-se sempre com o verbo no começo; outras se dizem indifferentemente com o verbo em primeiro ou em segundo lugar:

Viva o soldado cumpridor do seu dever!
Morram os traidores!
Benza-vos Deus! Deus vos *ajude*!

* Nas orações compostas em que a subordinada é substantiva ou adverbial, pode-se começar tanto pela principal como pela outra oração, excepto se forem empregadas certas expressões impessoaes como *é necessario*, *é preciso*, *importa*, *cumpre*, etc., as quaes se dizem em primeiro lugar.

* Na linguagem optativa tambem precedem aos demais dizeres as expressões *prouvera a Deus*, *tomara*, *quem me dera* e outras semelhantes.

Collocação dos pronomes atonos

As formas pronominaes atonas *me, te, se, lhe, o, a, nos, vos, lhes, os, as* collocam-se em portuguez normalmente apoz o verbo a que servem de complemento e a elle se encostam, sendo pronunciadas como se com o verbo constituíssem um vocabulo só. Chamam-se por isso pronomes **enclíticos**.

Certas causas de ordem phonetica podem entretanto determinar o deslocamento das referidas formas pronominaes para antes do verbo.

Tomando o verbo como termo aferidor, costuma-se então dizer que *me, te, se*, etc. passaram a pronomes **proclíticos**.

Este modo de considerar o facto não é rigoroso; porquanto na maioria dos casos o que succede é deixar o pronome de ser enclítico do verbo para ser enclítico de outra palavra precedente.

Com o verbo no futuro do presente ou do preterito não se usa o pronome atono como enclítico; a posposição aqui é substituída pela interposição, collocando-se *me, te, se*, etc. entre a parte verbal correspondente ao infinitivo e as terminações *-ei, -ás, -á, -ia, -ias, -ia*, etc. Neste caso, é costume considerar os ditos pronomes como **mesoclíticos**.

OBSERVAÇÃO. — Isto que hoje nos parece uma forma verbal talhada pelo meio para se encaixar na brecha o pronome complemento, tem explicação historica muito diversa. O pronome serviu a principio como enclítico do infinitivo, dizendo-se em seguida a esta combinação e como vocabulo independente o auxiliar *hei, has*, etc. *Amar-te-hei* procede de *amar-te, hei*; *mandar-me-has* de *mandar-me, has*, etc.

O deslocamento, isto é, a passagem de enclítico verbal a enclítico de vocabulo anterior, effectua-se, no falar lusitano, geralmente para valorisar o termo deslocante, cuja pronuncia é ou extremamente fraca (palavra atona) ou mais forte que a habitual (palavras interrogativas, exclamativas e emphaticas).

Termo deslocante e verbo constituem um todo phonetico. Pronunciam-se ligados.

Inversamente, não é deslocante a palavra que requer pausa, ainda que fraca, antes de se proferir o verbo acompanhado de regimen atono.

Esta ultima regra não se applica todavia aos casos em que entre um termo deslocante e o verbo se intercallam outros dizeres. Persiste então o deslocamento; porém o pronome atono, que na linguagem antiga podia ser arrastado para junto do primeiro termo, limita-se em portuguez moderno a ficar anteposto ao verbo.

A pronuncia brasileira diversifica da lusitana; d'ahi resulta que a collocação pronominal em nosso falar espontaneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portuguezes.

Quanto ao uso observado em escriptores lusitanos, formularemos algumas regras praticas, applicaveis em parte tambem ao idioma do Brasil. É preciso, porém, considerar separadamente a pratica com o infinitivo, com o gerundio, com as formas finitas e com as conjugações compostas e perifrasticas.

Collocação do pronome complemento de infinitivo

O artigo, palavra atona cuja pronuncia nunca se valorisa, não pode deslocar o pronome atono de sua posição normal:

O fazer-se a obra é que importa.

Ainda que *o salvar-se* dependa da graça e boa vontade de Deus (Bernardes).

A mesma inefficacia persiste ainda quando o artigo venha precedido de preposição:

Ao verem-no partir começaram a chorar.

Deu-lhe um abraço *ao despedir-se*.

Ao saudarem-no.

Ao aproximarem-se as ferias.

Usando-se o infinitivo sem artigo e regido directamente de qualquer preposição, excepto *a* e *por*, pode

a particula deslocar o pronome. Este deslocamento é obrigatorio se o infinitivo tiver a forma flexionada, e facultativo se o infinitivo não tiver flexão:

Para se sustentarem tantos exercitos.

O direito *de me dizeres* isso.

Exactas diligencias *para descobri-l-o*.

Para lhes causar menos embaraço.

O regalo e allivio que tem o homem *em lavar-se* (Bernardes).

Para defendel-o contra seus inimigos.

Sem as poder descobrir.

Até sepultal-a por impossivel (Bernardes).

Sem mover-se, nem mostrar covardia (Bernardes).

De lhe entregar a metade de suas naus.

Depois de cançar-se muito.

Depois de nos escreverem muitas cartas.

Discorrendo com o entendimento *até mover-se* a vontade (Bernardes).

Sendo o infinitivo regido directamente da particula *por*, a linguagem hoje usada afasta-se da regra precedente quanto á collocação das formas pronominaes *o, a, os, as*, conservando-as sempre pospostas ao infinitivo, quer este seja pessoal, quer impessoal:

Por vel-as desamparadas.

Por andarem-no provocando.

Por merecerem-no muito.

OBSERVAÇÃO. — Do deslocamento, neste caso, resultaria contralir-se a preposição com o pronome. Isto se podia fazer na linguagem antiga; mas as formas *pelas ver* (ou *polas ver*) *desamparadas, pelo andarem provocando, pelo merecerem* cahiram em completo desuso.

Outras formas pronominaes juntam-se entretanto a *por* sem o menor inconveniente: *por te dizer* ou *por dizer-te*, *por lhes agradecerem, por se desfazerem*, etc.

A particula *a*, regendo o infinitivo e precedendo-o immediatamente, não desloca, no falar hodierno, nem os pronomes *o, a, os, as*, nem os demais pronomes atonos:

A amal-a [e não: *a a amar*].

A possui-o [e não: *a o possuir*].

A fazer-se tal negocio.

A mostrarem-nos.

Quando uma preposição commum a dous ou mais infinitivos, acompanhados de pronomes atonos, vem expressa sómente com o primeiro verbo, o pronome complemento deste verbo pode vir posposto ou anteposto, mas conservam-se pospostos os pronomes atonos regimens dos demais infinitivos:

Apto para *mandal-os* e *regel-os* (Camões).

Tudo o que pode parecer sombra *de reprehendel-os*, *emendal-os* ou *levar-lhes* vantagem (Bernardes).

Para de novo *se revirar*, *desbarretar-se* e *curvar-se* (Herculano).

Para te pôr um pé sobre os peitos e *calcar-te* e *cuspir-te* nas faces (Herculano).

Seria a transição para *vel-a* e *amal-a* (Camillo).

Para as accenderem de novo e *precederem-no* (Herculano).

Quando um infinitivo impessoal regido de preposição tem, além de um pronome atono, outro complemento em relação copulativa ou disjuntiva, usa-se o pronome posposto ao verbo. Costuma-se então ou repetir pleonasticamente o primeiro pronome atono sob a forma tónica precedido de *a*, ou repetir o verbo infinitivo:

Para livral-o a elle e a terra da patria (Herculano).

Expediente unico *de salvar-me* e *salval-a* de maiores dores (Camillo).

Para censurar-te a ti ou aos outros.

Se dous infinitivos, cada qual com sua preposição clara, se usam em frases differentes denotando contraposição de idéas, contraste de pensamentos, os pronomes regimens vêm apoz os verbos:

Para servir-vos, braço ás armas feito; *para cantar-vos*, mente ás musas dada (Camões).

Não tinha o desejo *de contentar-te*, mas *de servir-te* quando fosse preciso.

Não tanto *para prendel-a* como *para subtrahil-a* á mãe (Camillo).

Não se tratando de contraste, nem de complemento multiplo, podem as preposições (excepto *a* e *por*) ex-

pressas antes de infinitivo impessoal, segundo acima vimos, deslocar ou deixar de deslocar o pronome regimen. Os bons escriptores costumam antepol-o quando, pela intonação crescente, querem dar mais realce ao verbo ou a outro termo final da oração:

Tendes razão *de me odiar mortalmente* (Herculano).

Para os guiar á morte (Camões).

Esquecendo *de vos restituir a chave* (Herculano).

Outras vezes, o lugar do pronome atono pode ser determinado pelo intuito de dar á oração estructura mais agradável ao ouvido:

Não tardou *em espalhar-se* na povoação e nos lugares circunvizinhos que Eurico era o autor (Herculano).

OBSERVAÇÃO. — Sendo facultativa, em certos casos, a anteposição do pronome ao infinitivo impessoal, torna-se naturalmente systematica esta collocação desde que, nos mesmos casos, se tenha de empregar o infinitivo flexionado. Evita-se, assim, a formação de grupos phoneticos exdruxulos. Podendo escolher entre *de nos falarem* e *de falarem-nos*, *para nos recommendarem* e *para recommendarem-nos*, nenhum escriptor classico hesita em decidir-se pela primeira forma.

O adverbio de negação, modificando directamente o infinitivo, desloca o pronome atono sempre que o infinitivo é flexionado, mas pode deixar de o deslocar quando o infinitivo não tem flexão:

O melhor será *não nos aproximarmos* do perigo.

Bem é *não te habituares*.

Então sentirás *não te despedires* de mim (Bernardes).

Amar o amor é a maior de todas as ditas, como *não amal-o* a maior de todas as miserias (Bernardes).

O merecel-as é a principal parte para *não alcançal-as* (H. Pinto).

A noção que a natureza humana tem para desapertar-se de preceitos e *não submetter-se* a obrigações, é a mesma que tem um novillo para não entrar no arado (Bernardes).

O outro e maior [modo] é *não atravessal-o* pelo diametro (Vieira).

Mil vezes quiz morrer só por *não vel-a* (Castilho).

OBSERVAÇÃO. — A precedente regra é applicavel ao infinitivo precedido de *nem*, equivalente de *não*: *bom será não se queixarem nem se affligirem*.

Preposição e adverbio de negação, ainda que venham juntos referindo-se ao mesmo infinitivo impessoal, *nem* por isso forçam o pronome a vir antes do verbo:

Dizei-me quanto perderemos *em não amar-vos* (Bernardes).

Por não deixal-o ao mundo, da janella o atira (Castilho).

Navegaram [o mar] *sem nunca achar-lhe* termo (Bernardes).

Para perdoar-me estais despertos e, *por não devassar-me*, estais fechados (Bernardes).

Suppunha estranhez da desatenção do magistrado *em não premial-os* (Bernardes).

Por não arrojar-nos a discorrer em cousas mais odiosas (Bernardes).

Quando o infinitivo vem precedido de *querer*, *dever*, *poder*, *mandar*, *ir* e outros verbos, o pronome atono complemento do infinitivo deixa muitas vezes seu lugar proprio para ligar-se ao verbo auxiliar:

• *Podem dizer-me* ou *podem-me dizer*.

Quizeram perdoar-te ou *quizeram-te perdoar*.

Devia mostrar-me ou *devia-me mostrar*.

Nenhuma outra palavra, alem das preposições, adverbio de negação, a palavra *nem* e os verbos auxiliares, tira de seu lugar apoz o infinitivo o complemento expresso por pronome pessoal atono.

Em certas orações adjectivas, em que se omitta o auxiliar, é responsavel pela anteposição do pronome, *não* o infinitivo, mas o auxiliar subentendido:

Tenho muito *que te contar* [isto é: *que te devo contar*].

Não sei com *que o tranquillisar* [isto é: *com que o possa tranquillisar*].

Não tens de *que te queixar* [isto é: *de que te devas ou possas queixar*].

Teremos com *que os contentar* [isto é: *com que os poderemos contentar*].

Collocação do pronome complemento de gerundio

Colloca-se o pronome atono sempre apoz o gerundio, excepto se este vem regido de *em* ou se acha precedido de adverbio negativo ou modal que o modifique directamente:

Em o vendo logo foge.

Não se sabendo de que terra vinha.

Assim o querendo o céu.

Nenhuma influencia têm sobre o pronome atono as negativas e adverbios que precedem o gerundio, mas se referem a outros verbos:

Não se conquista a amizade do inimigo *senão* [isto é, *se não* se conquista] *tratando-o* como amigo.

Ser-lhe-ás util amparando-o e *não* [lhe serás util] *perseguinto-o*.

OBSERVAÇÃO. — Contrariamente ao que alguns supõem, é nulla a força «attractiva» da conjunção *ou* sobre o pronome atono empregado como complemento quer do gerundio, quer do infinitivo: *ou privando-os delle* (Vieira); *condemnal-o ou absolvel-o*.

Collocação do pronome complemento de verbo finito

As conjunções coordenativas em geral não influem na collocação do pronome. Ha comtudo algumas restricções.

As particulas *e* e *mas*, embora atonas, não requerem pronuncia reforçada:

Chegou e *disse-me*.

Tomou a faca, *mas feriu-se*.

Entrei e *sentei-me*.

Dei-lhe a ordem, *mas desobedeceu-me*.

A conjunção *ou*, servindo para denotar equivalencia ou para rectificar um conceito, deixa o pronome atono em seu lugar proprio apoz o verbo:

Pedro era sabedor *ou mostrava-se*, pelo menos, sabedor do caso.
Não fazia caso delle *ou odiava-o* talvez.

Aqui criaram-se, *ou fizeram-se* as moedas de nada (Vieira).

Ouvi eu, *ou enganei-me*, que a história dos varões illustres era também vossa (F. M. Mello).

Guarda-se para os enfermos, *ou manda-se* de mimo aos vizinhos (Bernardes).

Leu-o algures, *ou ouviu-o* contar, que é o mesmo (Herculano).

Empregando-se a conjunção disjuntiva para significar claramente que os factos são oppostos e que a realisação de um exclue a realisação de outro, pode-se, em asserções expositivas, reforçar a pronuncia de *ou* deslocando o pronome atono. O deslocamento porém não é obrigatorio:

O povo *ou se rege* com a espada do cavalleiro, *ou* elle vem collocar a azeuma do peão sobre o throno real (Herculano).

Estas *ou* morriam com os maridos amados, *ou vingavam-os* (Camillo).

Morde-nos surgindo debaixo dos pés como a vibora, *ou despedaça-nos* como o leão pulando d'entre os juncaes (Herculano).

Se Rossini ali chegasse, *ou* não a conhecia, *ou enganava-se* (Herculano).

Se a arvore se vê separada, *ou se levanta, ou se secca* (F. M. Mello).

Ou volta-se de lá victorioso, *ou morre-se* combatendo (J. Diniz).

A acção da conjunção *ou* sobre o pronome atono não se estende, em linguagem moderna, nem ás frases interrogativas nem ás imperativas:

Trabalham *ou divertem-se?*

Veis de boa mente, *ou torna-se* necessario empregarmos força? Amais-nos, *ou desconheceis-vos?* (Vieira).

Parte immediatamente, *ou sujeita-te* ás consequencias.

Escuta-me calado, *ou retira-te.*

OBSERVAÇÃO. — A collocação dos pronomes atonos em orações começadas por *e*, *mas*, *ou* é hoje um tanto differente da linguagem antiga. Com *e* e *mas* usava-se outrora o pronome ora post-verbal, ora pre-verbal. Com *ou* podia vir o pronome deslocado, quando a oração era imperativa. Exemplos do falar antigo encontram-se ainda em escriptores quincentistas e seiscentistas:

Ou livrai a este homem ou me separai de vós (Bernardes).

Com a conjunção causal *porque* usam os escriptores portuguezes o pronome atono ora posposto, ora anteposto ao verbo. Se a sentença causal tem character de coordenativa, persiste de ordinario o pronome na sua posição normal apoz o verbo; se equivale a uma subordinativa, pode a particula deslocar o pronome. A distincção entre as duas especies, causal coordenativa e causal subordinativa, evidentemente nem sempre é nitida.

a) Exemplos de *porque* sem deslocamento:

Recommendou-me, porém, segredo; *porque* as almas *assanham-se* (Herculano).

Errou no movimento; *porque* os homens *movem-se* progressivamente (Vieira).

Toda a consequencia das tres proposições do Apostolo corre formalmente; *porque* a terceira *segue-se* com certeza da segunda (Vieira).

E' cousa bem clara; *porque* Deus *satisfaz-se* muito dos nossos cuidados (Vieira).

A luz brilhante devia apagar-se então, como a lampada do templo ao amanhecer; *porque* eu *voltava-me* para o céu (Herculano).

b) Exemplos de *porque* com pronome anteposto ao verbo:

Cá não se espera por frutos maduros, nem ainda verdes, *porque se cortam* as flores ainda antes de estarem abertas (Vieira).

Se te affligi foi *porque te amava* muito (Herculano).

Deus amaldiçoou-me, *porque lhe voltei* as costas, correndo atraz da vingança (Herculano).

Foi *porque elle te entregou* a ti só as riquezas (Herculano).

A conjunção *que* em oração causal, assim como em oração integrante e consecutiva *que* tenham o verbo no modo indicativo, pode deslocar ou deixar de deslocar o pronome atono.

a) Exemplos de pronome anteposto:

Se assi procedo é *que te julgo* meu amigo.

Creio *que me disse*.

Trabalhou tanto *que se cançou*.

Correu com velocidade tal *que se esbarrou* contra uma arvore.

b) Exemplos de pronome posposto :

O certo é *que* em Lisboa *ouvem-se* os repiques (Vieira).

De maneira que os dous primeiros *escusaram-se* com a fazenda (Vieira).

Accrescento *que mandou-me* S. A. falar com o mesmo D. Francisco (Vieira).

Em terra tambem ha naufragios e piratas, e estes tanto peores, *que* no mar *pode-se* fugir delles, e na terra não (Vieira).

Só com esta differença *que* aqui *mandam-se-lhe* crer por junto os milagres (Vieira).

O cavalleiro sabia *que* taes affrontas *escrevem-se* para sempre na frente de quem as recebe (Herculano).

Olhe *que* elle *soube-me* muito bem dizer (J. Diniz).

Fiquem-se com o Senhor, *que* eu *vou-me* (Castilho).

Era *que* o ceu *ia-se* afogando já com os primeiros fulgores de uma bella madrugada (Herculano).

Só para guardar estas camisas (*que* o preço dellas *guarda-se* em Flandres e Inglaterra) se fazem cofres (Bernardes).

Haveis de assentar *que* a nossa vontade *dirige-se* pelo nosso sentimento (Bernardes).

Achando-se porém o verbo no conjuntivo, usa-se, quer na oração consecutiva quer na integrante, o pronome anteposto :

De maneira que as duvidas *se dissipassem*.

Não é provavel *que se tanjam* os sinos.

Espero *que elles nos acompanhem*.

De sorte que tal cousa *se diga*.

Quando a particula *que* constitue com um vocabulo anterior uma locução conjuncional subordinativa que não seja consecutiva, dá-se usualmente o deslocamento do pronome atono:

Visto que o queres.

Ainda que elles o neguem.

Logo que o amigo *lhe* escrever.

Comtante que não *se atrevessem*.

Para que tu *me digas*.

Afim de que o criado *lhe obedeça*.

Uma vez que isto *se exige*.

Já que elles me affligem.
Depois que o inimigo se rendeu.
Até que o galho se desprendeu.
Por mais que tu te esforces.
Sem que elle se opponha.

Quaesquer outras conjunções subordinativas (feitas as restricções acima expostas quanto a *que* causal, integrante e consecutiva), determinam igualmente a anteposição do pronome atono :

Se o discipulo se esquecer.
Quando o mestre lhe disse.
Embora elle me affirme.
Como elle te mostrou.
Apenas a casa se desoccupou.
Emquanto eu me vestia.

OBSERVAÇÃO. — Encontram-se em escriptores portuguezes alguns exemplos que contradizem a regra. Exemplo: *Emquanto os seculos de Hespanha revelam-nos a segunda com mais individuação e verdade* (Herculano).

A palavra *não* servindo de adverbio a um verbo finito, e pronunciada portanto juntamente com este verbo sem pausa intermediaria, desloca o pronome atono :

Pedro não me escreve.
Não o vejo ha oito dias.
Executarei teu pedido, se não me esquecer.

Esta pratica torna-se extensiva a outros vocabulos que contenham negação, taes como *nem*, *nunca*, *ninguem*, *nenhum*, *nada*:

Não responde *nem se mostra* satisfeito [= e não se mostra satisfeito].

Ninguém me disse para onde elle foi.

Nada se sabe da sua vida.

Nunca me pareceu que tal succederia.

Nenhum se salvou do naufragio.

Se a palavra *não* (quer venha só, quer se ache juxtaposta em *senão*), ou outra palavra negativa (*ninguem*,

nada, etc.), se referirem a verbo anterior, requerendo portanto pausa, nenhuma influencia podem exercer sobre a collocação do pronome complemento de outro verbo que se enunciar em seguida:

Viste-o hontem? *Não*; *vi-o* hoje.

Tomo nota do pedido; *senão*, *esqueço-me*.

Sujeitar-me? *Nunca*; *despeço-me*.

Ficou alguma cousa? *Nada*; perdeu-se tudo.

Com os demais adverbios, além do de negação, também se emprega o pronome anteposto ao verbo finito quando a pronuncia é ligada, e posposto quando ha pausa, como se vê por estes exemplos:

Bem me dizias que lá não fosse.

Bem; *pedes-me* que não vá, não irei.

Hoje contam-se noventa e cinco annos que recebi o baptismo (Herculano).

Então Theodomiro *voltou-se* contra o renegado (Herculano).

Ora metta-se com a sua vida (J. Diniz).

Agora resta-me unicamente morrer como godo (Herculano).

Agora me lembro daquella historia.

Cá diz-se que é melhor sermos nós vassallos da coroa...; *lá faz-se* valer o perigo, o sacrificio a que nos expomos (R. da Silva).

Cá me tens de novo.

Já se diz que não haverá eleição.

Entre o substantivo, sujeito da oração, e o verbo, que se enuncia como facto novo para o ouvinte, faz-se de ordinario ligeira pausa. Conserva-se, pois, o pronome atono apoz o verbo.

Nestas condições, é indifferente ser a oração affirmativa ou interrogativa:

As lagrimas correram-lhe então mais abundantes (Herculano).

A ventura embargava-lhe a voz (Herculano).

Sancion encaminhou-se para a escadaria subterranea.

Esta palavra encontra-se nos escriptores do VI seculo (Herculano).

Esta cidade chamava-se Yatrib (Herculano).

Deus chamou-o para si.

Mas reis que edificam desertos! *Os desertos edificam-se?* (Vieira).
O mundo diminue-se? (Vieira).
A menina ri-se? (J. Diniz).

Prevalece a regra precedente ainda quando se substitue o nome sujeito por um pronome pessoal ou demonstrativo:

E elle passou-se á ilha da Madeira (Barros)
Elles fazem-se reis (Vieira).
Elle chamou-se pão de cada dia (Vieira).
Elles conheciam-se como homens (Vieira).
Eu encostei-me ao pé do lar (Herculano).
Tu chamaste-te o homem mais feliz da terra (Garrett).
E elle assentava-se outra vez a olhar para o poente (Herculano).
Elle sorria-se e meneava a cabeça (Herculano).
Eu encaminhei-me sósinho para o Calpe (Herculano).
Isso pergunta-se? (Herculano).
Então isto faz-se? (J. Diniz).
Estes aproximaram-se, emfim (Herculano).
Isso tudo sumiu-se (Herculano).
Isto obrigou-o a apressar o passo (J. Diniz).
Isto escrevia-se em 1843 (Herculano).

Quando porém o substantivo, pronome pessoal ou pronome demonstrativo representam um sujeito emphatico, deixa de subsistir a pausa, e a pronuncia de taes vocabulos é valorizada passando o pronome atono a preverbal:

Uma scena horrenda se passava entretanto, além das atalaias,
 no extenso sarçal (Herculano).
Sorriso doloroso lhe pousava nos labios (Herculano).
 Ha entre nós um abysmo: *tu o abriste*, e eu precipitei-me
 nelle (Herculano).
Uma faisca de lume me centelhou diante dos olhos (Herculano).

OBSERVAÇÃO. — Não ha linha de demarcação rigorosa entre o termo commum e termo emphatico. A noção dominante pode attribuir-se ás vezes tanto ao sujeito como ao predicado ou algum complemento verbal. A collocação do pronome atono depende, em taes casos, tão sómente da intenção e maneira de sentir da pessoa que fala. A mesma frase pode, conforme a intenção, ser enunciada já com o pronome posposto, já com elle anteposto, como o fez Vieira: *Tu, Demonio, offereces-me de um lanço todo o mundo... Tu, Demonio, me offereces todos os reinos do mundo...*

Nas orações imperativas em que para maior clareza se enuncia o sujeito *tu* ou *vós*, usa-se o pronome atono geralmente apoz o verbo. Em linguagem portugueza de outr'ora podia-se tambem usar o pronome atono anteposto :

Agora *tu*, Calliope, *me ensina* (Camões).

Vós gloriai-vos de ser companheiro de jejum (Vieira).

Vós offerecei-lhe o não chegar (Vieira).

Vós o encaminhai, *vós o disponde* (Vieira).

Assim *tu mede-te* por ti mesmo (Bernardes).

E *tu lembra-te* dos perigos publicos e manifestos (Bernardes).

E *tu vai-te* com Allah (Herculano).

Os numeraes e os indefinidos *um*, *algum*, *outro*, requerem o pronome pre-verbal quando são expressões emphaticas. Seguidos de pausa, isto é, recahindo a emphase no verbo ou num complemento verbal, não podem deslocar o pronome :

Outros faziam-se mui de casa (Fr. I. de Sousa).

Outros lhe dão varios sentidos (Vieira).

Os outros elementos servem-nos de graça (Vieira).

Um descreveu-se pelo passado; *o outro definiu-se* pelo presente (Vieira).

Uns despedem-nos em doses moderadas; *outros expluem-nos* d'um jacto até dous (Camillo).

Duas frechas lhes sibillaram então por cima das cabeças.

Os outros oito imitaram-no (Herculano).

Os outros dous escutaram-no.

Uma fritada de tres ovos: *um botou-se* fora (Herculano).

Os dous amavam-se como loucos (Herculano).

Pronomes e quantitativos indefinidos usualmente enunciados sem pausa, como *alguem*, *outrem*, *qualquer*, *muito*, *pouco*, *tanto*, *quanto*, etc., deslocam naturalmente o pronome atono :

Ninguém te viu sahir.

Qualquer o podia avaliar.

Muitos lhe aconselhavam outra cousa.

Tanto se consumiu nessa obra.

Poucos se resolveram a acompanhá-lo.

O pronome relativo, o pronome interrogativo e o adverbio interrogativo, por isso que se pronunciam ligadamente ao verbo, requerem a posição pre-verbal para os atonos *me, te, se, lhe, o, etc.* :

O documento *que nos mostraram.*

A gaveta *cuja chave te entreguei.*

Quem te disse tal cousa ?

O alumno *a quem se conferiu* o premio de viagem.

Que se faz nesta casa ?

Que projecto te mostraram?

Como se chama teu filho ?

Quando se decide elle a mudar de vida ? :

Porque te mostras offendido ?

Onde te demoraste tanto ?

OBSERVAÇÃO. — Contrariamente á precedente regra, lê-se em Herculano: *as gerações nascidas durante a reacção contra o islamismo, que surgem e agitam-se e vivem.*

Nas orações exclamativas e optativas é emphatico o sujeito, objecto ou adverbio posto no começo :

Deus lhe pague a esmola que me fez !

Bom proveito lhe faça o almoço !

Bons olhos o vejam.

Deus lhe dê muita saude !

A outros o mostre !

Na linguagem meramente expositiva pode enunciar-se em primeiro lugar o complemento, passando o sujeito para depois do verbo. Esta transposição pode tornar o pronome atono pre-verbal; porém desejando-se pôr em destaque os dizeres finaes, far-se-á pausa e o regimen atono conservar-se-á apoz o verbo, como se vê nestes exemplos :

Muitas vezes *a bons principios seguem-se* bons fins (Vieira).
Contenta-te com o que é teu, *e do meu deixa-me* fazer o que quero (Vieira).

Dos godos restam-nos codigos (Herculano).

Dessas rosnaduras e pragas ria-se elle (Herculano).

Quando o pronome atono representa pleonasticamente um objecto mencionado no começo, e este objecto não é

pronome pessoal, usa-se o regimen atono como post-verbal:

O milagre viam-no nos olhos do cego (Vieira).

Aos outros poz-lhes estatua o senado (Vieira).

Sendo porém expresso por um pronome pessoal tonico o complemento com que se inicia a frase, pode-se-lhe appor o enclitico ou deixal-o para depois do verbo:

A mim me desconsola infinito (Vieira).

A mim parece-me demasiado dizer (Vieira).

A mim criou-me para o servir (Vieira).

Concorrendo a negativa *não* com outro vocabulo deslocante, usa-se, no falar de Portugal, o pronome atono ou immediatamente antes do verbo, ou tambem antes da negativa:

Que o não recebessem com festa... e tambem *que não lhe* falassem por senhoria (Barros).

Que não no empregue em *quem o não* mereça (Camões).

Já *que não me* é dado buscar-te (Herculano).

Não passara um dia em *que não se* fortalecesse (Herculano).

Ha dez annos *que não me* alumia (Herculano).

E' cousa *que me não* entra cá (Herculano).

Regra de *que se não* afastava (Herculano).

Se não o suspeita, em breve discurso lh'o exporemos aqui (Herculano).

Como *se não o* visse nem sentisse (Herculano).

Daquelles *que se não* pagam (Herculano).

Collocação do pronome atono nas conjugações compostas e perifrasticas

Sendo o verbo principal um participio passado, o uso, embora lhe accrescente outros complementos, transfere entretanto o pronome atono ao verbo auxiliar:

Tinha-lhe mostrado as joias.

Foi-nos revelado o segredo pelo inimigo.

Eu *não o tenho* visto.

Quando o verbo principal é um gerundio, costuma-se transferir o pronome atono ao verbo subsidiario se este vier antes; conserva-se entretanto o pronome ligado ao gerundio se o verbo subsidiario vier depois:

Estava-se com as ondas *ondeando* (Camões).

Outros em derredor *levando-a* estavam (Camões).

Bradando-vos estão (Camões).

Estamos-nos indo ao inferno (Vieira).

Andais-vos matando por achar a boa vida (Vieira).

Nas combinações em que o verbo principal é um infinitivo, o pronome atono que não sirva de regimen a este infinitivo, só pode juntar-se ao verbo subsidiario:

Fez-nos mudar de opinião.

Mandou-me copiar a carta.

Deixou-o correr até cançar-se.

Infinitivos com regimen atono, dependentes de algum dos verbos *poder*, *querer*, *dever*, *ir*, *vir*, *mandar*, *tornar a*, *começar a*, *saber* e outros, usam-se ora com o pronome posposto, ora com o pronome transferido ao verbo subsidiario.

Para que a transferencia se possa effectuar, é necessario estarem os verbos enunciados na ordem directa, quer dizer, o infinitivo ha de vir por ultimo:

Devia *sentir-se* perplexo (Camillo).

Veio *receber-me*.

Queriam-me enganar (R. da Silva).

Sabia-o fazer com tal modestia (Herculano).

Eu quiz *experimentar-te* (Herculano).

Para ir *reunir-se*.

Posso *dizer-vos*.

Não buscasse *tornal-o* a ver (Herculano).

Mandei-vos chamar (Herculano).

Ella devia *dar-se* por completamente feliz.

Na conjugação composta de *haver de* com infinitivo, os pronomes *me*, *te*, *se*, *lhe*, etc., usam-se, quer na sua posição normal depois do infinitivo, quer antes d'elle deslocado pela preposição *de*. A linguagem antiga, quando

deslocava o pronome, costumava unil-o directamente a *haver*:

Has de mandar-me o teu retrato.

Has de me dizer o que houve.

Lá *ha-se* de esperar o tempo (Vieira).

Então *hão-se* de examinar as obras (Vieira).

O recuo do pronome atono para antes de *haver de*, em virtude de outro termo ou expressão deslocante, ainda é usado na linguagem moderna:

D'aquí a poucas horas *me has de* conhecer (Herculano).

FIGURAS DE SYNTAXE

a) Ellipse

Ellipse é a omissão de um vocabulo ou termo da oração, estando o mesmo presente ao espirito da pessoa que fala e podendo ser supprido sem esforço pela intelligencia do ouvinte.

A ellipse tem por fim simplificar a frase, libertando-a de dizeres desnecessarios á comprehensão. Faz parte da linguagem quotidiana, sendo o caso mais commum aquelle em que se evita a repetição de termos mencionados pouco antes.

ELLIPSE DO SUJEITO :

Os seres vivos *nascem, crescem, reproduzem-se e morrem.*
 Os corpos *contraem-se* com o frio e *dilatam-se* com o calor.
 Fomos á casa do amigo porque nos *tinha* convidado.
 O criado sahio e *cumpriu* as ordens.

ELLIPSE DO VERBO :

A fortuna *dá* a uns a riqueza, [*dá*] a outros a pobreza.
 O ladrão *feriu* primeiro o dono da casa, depois [*feriu*] o criado.
 Não só *escrevi* sonetos, mas tambem [*escrevi*] comedias.
São estas as tradições das nossas linhagens; [*são*] estes os exemplos de nossos avós (Herculano).

ELLIPSE DE OUTROS TERMOS :

O mesmo lustre dos illustres lhes tira o temor, e os enche ou [*os*] incha de immundade (Vieira).
 Estrangeiros *na* terra, [*na*] lei e [*na*] nação (Camões).
 Será a mais cruel e a mais terrivel perseguição que nunca *se* viu nem [*se*] ouviu (Vieira).

O termo subentendido pode ter forma flexional differente da do termo mencionado pouco antes.

A este caso de ellipse damos o nome de **zeugma** *).

Diversos ceus e [*diversas*] terras temos visto (Camões).

Doudos *eramos* nós, e elles [*eram*] os sisudos (Vieira).

Nem elle nos *entende*, nem nós [*entendemos*] a elle.

Nem nós o *conheceríamos*, nem elle [*conheceria*] a nós (H. Pinto).

Tanto *recebe* esse só, como [*recebem*] todos aquelles mil (Vieira).

Agora *acaba* o mundo para nós ou nós [*acabamos*] para elle (Vieira).

Fez em meio dia pelo ar o que um diligente caminheiro não pudera [*fazer*] em meio anno (Vieira).

Considera-se geralmente como elliptico o pronome pessoal que se deixa de enunciar juntamente com o verbo; mas é de notar que a noção de sujeito de 1.^a, 2.^a ou 3.^a pessoa já vem indicada na propria desinencia verbal. A presença do pronome só é necessaria quando o exige a clareza ou quando queremos chamar a attenção para o sujeito. Fora disso, é vocabulo dispensavel:

Assistiremos hoje ao espectaculo.

Escreveste-me que não chegarias este mez.

Fui ás corridas e *notei* a tua falta.

A ellipse pode abranger um conjunto de palavras ou dous ou mais termos da oração:

Nem as lagrimas me são estranhas, nem [*me é estranho*] o longo e afflicto orar (Herculano).

E' preciso que te alevantes d'ahi; [*é preciso que*] que me adornes esses cabellos (Herculano).

Omittem-se ás vezes as palavras por antecipação, sendo ellas expressas em frase que se vai proferir logo em seguida:

Não queria [*escutal-as*], não podia escutal-as (Herculano).

Não quero, não posso, não devo contar.

Outro typo de ellipse é a suppressão de palavras que a intelligencia do leitor ou ouvinte facilmente restabelece

(*) Outros grammaticos estendem o nome de zeugma a qualquer ellipse de termo mencionado em frase precedente, ainda que tenha a mesma flexão.

por virem habitualmente expressas em frases congeneres. Dá-se esta ellipse em certos casos com a conjunção *que*, com *ser*, *poder*, *dever*, etc.

Ordenara aos homens livres [*que*] lhe carreassem as madeiras cortadas (Herculano).

Pedia [*que*] fosse ouvir de confissão uma pobre mulher (Herculano).

Para terem sempre vivos que [*possam*] sepultar e mortos que [*possam*] desenterrar (Arraes).

Eu por mim não tenho nada que [*deva*] dizer.

Teremos com que os [*possamos*] contentar.

Vingar-te de teu proprio sangue, de tua irman, porque, [*sendo*] innocente, foi enganada, porque, [*sendo*] fraca, foi vencida (Herculano).

No mesmo dia chegou nova [*de*] que a fortaleza pacificamente se tinha rendido (Vieira).

Terceiro typo de ellipse é aquelle em que as palavras a completar o sentido se adivinham sem custo pela situação. É mais frequente nas frases imperativas e exclamativas do que nas expositivas:

Marechal, [*sentai-vos*] á cabeceira (Herculano).

Repetia as palavras fataes: Ao mar, ao mar.

Ha finalmente a assignalar as ellipses usadas em muitos proverbios e rifões, em que se enunciam sómente as idéas principaes:

Casa de ferreiro, espeto de pau.

Tal amo, tal criado.

Olho por olho, dente por dente.

De tal arvore tal fruto.

Cada terra com seu uso.

b) Pleonasmos

Pleonasmos consiste em repetir um termo de uma frase empregando outra expressão de sentido equivalente, como *homem cego e sem vista*, em ajuntar ou empregar superfluamente um termo determinante cuja idéa está com-

prehendida na definição do termo determinado, como: *circulo redondo, agua molhada, ver com os olhos.*

Empregado por descuido e sem necessidade alguma, o pleonasma é um vicio de linguagem, conhecido mais particularmente pelos nomes de *tautologia* e *redundancia*.

Mas o pleonasma tambem se usa como figura de syntaxe, servindo para reforçar a idéa e expressal-a com mais clareza. Assim, posto que *vi com os olhos* seja censuravel como linguagem habitual, ha entretanto occasiões em que tem todo cabimento *vi com meus proprios olhos.*

Um novo termo explicativo ou delimitativo do termo pleonastico torna perfeitamente admissiveis dizeres como os seguintes:

Dormir o somno da innocencia.

Viver uma vida feliz.

Morrerás morte vil da mão de um forte (G. Dias).

Quando se quer exprimir de modo emphatico o complemento de um verbo, e este complemento é um dos pronomes *me, te, se, lhe, o, a, os, as, nos, vos, lhes,* torna-se necessario recorrer aos pleonasmos *a mim, a ti, a si, a elle, a nós,* etc., que ainda podem vir acompanhados da palavra *mesmo* ou *proprio*, tratando-se de acção reflexiva:

Defendeu o amigo e defendeu-se *a si mesmo.*

Vi os teus companheiros, mas não *te vi a ti.*

Hei de servir-o *a elle* de preferencia a outrem.

Elle perseguia as aves e alimarias innocentes: eu perseguia-o *a elle* (Herculano).

Um homem que *se mata a si proprio* ou é um louco ou tem coração tão damnado que desconhece os remorsos (Herculano).

Collocando-se no principio da oração um complemento expresso por substantivo ou palavra substantivada, e pronunciando-se este complemento com emphase seguida de pequena pausa, é costume repetil-o sob a forma de pronome junto ao verbo da oração:

O sangue levava-o derramado pelo vestido (Vieira).

As feridas levava-as abertas nas mesmas mãos (Vieira).

Estas celestiaes delicias elle mereceu gozal-*as*, nós apenas consideral-*as* (Lucena).

Um cavalleiro d'extranho aspecto era o que assim corria... Lança não *a* trazia (Herculano).

Tambem o sujeito posto no começo da oração, depois do qual se faça pausa, pode vir repetido sob a forma do pronome *esse*:

Comer a baleia a Jonas, *essa* é a sepultura que o mar costuma dar aos homens (Vieira).

A podenga negra, *essa* corria pelo aposento (Herculano).

Proprio da lingua portugueza é repetir a negação. No falar hodierno emprega-se esta linguagem pleonastica quando a palavra *não* vem mencionada antes das outras negativas:

Não digas *nada* a *ninguém*.

Não tinham cousa *nenhuma* para comerem (F. M. Pinto).

Não appareceu *ninguem*.

O vulto *não* respondeu *nada* e ergueu-se (Herculano).

Fechara as portas e *não* deixara entrar *ninguem* (Herculano).

Podem-se tambem empregar em lugar da segunda negação as expressões *cousa alguma*, *pessoa alguma*.

Ao pronome pessoal accrescenta-se ás vezes o mesmo substantivo a que elle se refere, sendo causa desta explicação pleonastica a necessidade de dissipar qualquer duvida da parte do ouvinte:

A substancia da qual carta era denunciar-lhe *elle almirante* como ficava naquelle porto (Barros).

Melhor era aceitar *elle capitão* mor vassallos leaes aos serviços delrei (Barros).

c) Anacolutho

Anacolutho é a maneira de exprimir pensamentos segundo a qual se interrompe uma parte da oração e, em lugar do seguimento pedido pela syntaxe, se passa a uma construcção nova:

Eu que cair não pude neste engano... *encheram-me* com grandes abundanças o peito de desejos e esperanças (Camões).

Eu que falo aos olhos dos presentes, *não me é necessario* de-ter-me em tão sabido assumpto (Vieira).

O piloto que fez naufragio em um baixo, *o seu primeiro cuidado* he fugir muito longe d'elle (Vieira).

O furacão que devasta, *o raio* que fulmina, *não ha pinceis* nem cores que possam estampal-os na tela (Herculano).

A expressão vulgar *eu parece-me* que seguida de verbo na 2.^a ou 3.^a pessoa é um emprego de anacolutho.

TROPOS

Simile ou comparação é o conceito que por meio da palavra *como* se acrescenta a outro conceito afim de melhor caracterisal-o ou esclarecel-o:

O sacerdote tinha os cabellos brancos *como a neve*.

Veleiro brigue corre á flor dos mares *como roçam na vaga as andorinhas* (Castro Alves).

Deixando-se de empregar a palavra *como* e dizendo-se por exemplo *coroava-lhe a cabeça a neve da idade, o brigue era andorinha que roça a vaga*, virão as mesmas idéas expressas figuradamente, isto é, pela metaphora.

A **metaphora** consiste em pôr, em lugar da expressão habitual, ou do termo a crear para exprimir conceito novo, uma expressão tirada de outra esphera de idéas e que vem suggerida pela comparação.

Não têm valor para a estilística, embora lancem muita luz sobre o estudo da formação da linguagem, metaphoras já incorporadas nos usos do idioma e que serviram para dar nome a objectos, como *pés da mesa, braços da cadeira, cabeça de alfinete, dentes da serra, cauda da procissão, bico da penna, asas do moinho, folhas de papel, boca do estomago, etc.*

Importam, pelo contrario, ao estilo aquellas metaphoras que se usam, como imagens mais impressionantes, em vez das expressões habituaes. Dão mais viva idéa dos seres, dos attributos e das acções.

Ha metaphoras faltas de originalidade e muito antigas, mas nem por isso menos estimadas; taes são as que se tiram do dominio das sensações do paladar, tacto, vista, para exprimir os conceitos *agradavel, desagradavel, intenso, forte, fraco, etc.* Exemplos:

| | |
|------------------|-------------------------|
| doce sonho | coração duro (de pedra) |
| doce imagem | coração frio (de gelo) |
| doce nome | lagrimas ardentes |
| palavras asperas | sede ardente |
| palavras amargas | negra morte. |

O conceito « grande quantidade », « abundancia » pode-se enunciar pelas metaphoras *mar*, *monte*, *rio*, *chuva*, etc. Exemplos :

| | |
|-------------------------|-------------------|
| gastar rios de dinheiro | mar de esperanças |
| derramar rios de sangue | monte de livros |
| chuva de empenhos | mar de affectos. |

As cores dos labios e olhos de mulher formosa comparam-se a pedras preciosas, a cor branca iguala-se á neve :

| | |
|--------------------|----------------|
| olhos de safira | labios de rubi |
| olhos de esmeralda | pelle de neve. |

Sol pode significar « brilho semelhante ao do sol », e *estrella* a boa ou má fortuna. Exemplos :

| | |
|--------------------|-------------------|
| o sol da liberdade | estrella funesta. |
| ter boa estrella | |

Aos seres inanimados emprestam-se muitas vezes sensações e sentimentos humanos e acções proprias de entes animados :

| | |
|-----------------|-----------------|
| o vento geme | o tempo voa |
| a fonte murmura | os dias correm. |

Attribuindo-se a noções abstractas e a seres inanimados qualidades, acções e linguagem proprias da individualidade humana, a metaphora toma o nome particular de *personificação*:

Nem cora o livro de hombrear co'o sabre
Nem cora o sabre de chamal-o irmão.

(C. Alves).

Não é de bom gosto o falar ou escrever continuadamente por metaphoras ; e, se são antigas e muito sovadas,

só mostrarão a penuria de talento. Agradam antes as imagens quando com alguma avareza vem esparsas pela linguagem chã e natural.

Têm mais cabimento em poesia do que em prosa; mais nas obras de ficção do que nas de sciencia. A mathematica, a physica, a chimica e outras sciencias requerem, alem da terminologia convencional, exposição simples e desataviada.

Nem todos possuem o dom de crear imagens novas e felizes. A metaphora boa impõe-se á imaginação do ouvinte, poupa-lhe esforço intellectual; a metaphora má produz effeito contrario.

Como se trata da semelhança achada entre duas cousas, é necessario que o termo de comparação não pareça vir forçado, ou tomado de muito longe, mas que seja bem sensível e que a metaphora, como «uma idéa feliz», surprehenda pela naturalidade e facilidade com que foi concebida.

A **metonymia** troca os nomes das cousas, substituindo os conceitos proprios por outros correlatos.

Nomeia o tempo ou o lugar em vez dos seres comprehendidos nesse lugar ou tempo (*o paiz em vez de os habitantes do paiz, a posteridade por os homens da posteridade*), a causa pelo effeito, ou o productor pelo objecto produzido (*um Murillo por um quadro de Murillo*), a materia em lugar do objecto feito dessa materia (*o ferro em vez de a espada*), o signal em vez daquillo que tem o signal (*a coroa em vez de o monarcha*), o abstracto pelo concreto (*a virtude vence em lugar de os virtuosos vencem*), a parte pelo todo (*tecto hospitaleiro em vez de casa, quilha por navio*), etc.

OBSERVAÇÃO. — Alguns casos de metonymia são tambem conhecidos pelo nome especial de **synecdoche**. Tal distincção não tem importancia.

Hyperbole é o mesmo que exagero. Escolhe uma expressão mais forte afim de dar ao que é grande ou intenso um aspecto muito maior ou mais intenso, e ao que é pequeno um aspecto muito menor. Tem pontos de con-

tacto com a metonymia e combina-se bem com a metaphora.
Exemplos:

Vês o argueiro no olho de teu irmão, e não vês a trave no teu olho (Evang. de S. Matheus).

➤ Colo que a neve escurecia (Camões).

Euphemismo é o emprego de expressões adequadas a attenuar ou evitar a impressão desagradavel que se produziria dizendo as cousas pelos seus verdadeiros nomes.

A **ironia** diz o contrario daquillo que se pensa, como quando se chama genio ao individuo estupido, e heroe ao covarde.

Paradoxo consiste em terminar um pensamento com o contrario daquillo que fazia esperar o começo.

Antithese ou **contraste** expõe conceitos ou pensamentos oppositos, quer associando-os quer fazendo o confronto:

Buscas a vida, eu a morte.

Buscas a terra, cu os ceus (G. Dias).

Depois é que surgiu o homem e a podridão, a arvore e o verme, a bonina e o emmurchecer (Herculano).

VICIOS DE LINGUAGEM

Barbarismo é o emprego erroneo de palavras, podendo o erro consistir na pronuncia, na forma ou na significação.

Commette barbarismo quem pronuncia *póssamos*, *façamos* por *possâmos*, *façâmos*; *sastisfeito* por *satisfeito*; *tu hades* por *tu has de*; quem diz *irmões*, *allemões*, por *irmãos*, *allemães*; *tu vistas*, *tu fizesteis* por *tu viste*, *tu fizeste*; quem emprega *escrevido*, *fazido*, *cubrido* por *escripto*, *feito*, *cuberto*; *dêsapercebido* por *despercebido*, etc.

Solecismo é o erro de syntaxe.

Ha solecismos em frases como as seguintes: *eu lhe vi hontem* por *eu o* [ou *a*] *vi hontem*; *recebi uma carta cuja trazia dinheiro* por *que trazia dinheiro*; *não fizeti mal aos animaes* por *não façais mal*, etc.

Vulgarismo é a expressão usada pelo povo, mas cuja legitimidade os doutos discutem, sendo repellida geralmente na boa linguagem escripta.

São vulgarismos os dizeres *houveram dias de calor* por *houve dias de calor*, *aluga-se moveis* por *alugam-se moveis*, etc.

Provincialismo é a expressão cujo emprego se circumscreve a certa provincia ou região d'um mesmo paiz.

Cacophonia ou **cacophaton** é o encontro de syllabas em que a malicia descobre um novo termo com sentido torpe ou ridiculo.

Repara-se hoje, com certo exagero, na cacophonia resultante da junção da syllaba terminal de um vocabulo com a palavra ou parte da palavra immediata.

Não se liga entretanto a menor importancia á cacophonia quando esta se acha dentro de um mesmo vocabulo,

sendo formada por algumas das suas syllabas componentes. O mal aqui é irremediavel, pois que taes expressões não se dispensam, nem se substituem.

Muitas vezes parece a cacophonia menos ridicula do que a vontade de perceber-a.

Um dos exemplos de cacophonia mais conhecidos e citados é o seguinte começo de um soneto camoneano:

Alma minha gentil que te partiste (Camões).

O estudante evite, sempre que puder, semelhantes combinações de palavras, assim como quaesquer outras de onde possam nascer uns longes de cacophonia, e não se preocupe com descobri-los nos outros.

Echo consiste em repetir-se frequentemente, e com pequenos intervallos, o mesmo vocabulo, ou a respectiva vogal tónica em vocabulos diferentes:

Pedro ficou quedo com medo do arvoredo.
O xará foi a Sabará e trouxe de lá o alvará.

É de notar que nem sempre é possível deixar de repetir uma ou duas vezes a syllaba formadora do echo; nem devemos considerar viciosas quaesquer proposições como: *tenho o maior empenho em vel-o formado; doe-me o pé quando ando.*

Preciosismo consiste em contrariar o uso geral e a tradição, quer substituindo expressões correntes por outras novas ou desusadas, quer reduzindo a variedade de expressões a typos unicos, tudo por obedecer a canones imaginarios e a suppostos principios inflexiveis de logica.

Está neste caso a substituição de *proposital*, *propositalmente*, termos vulgares mas não documentados em escriptor classico, por *propositado*, *propositadamente*, que nem occorrem nos classicos nem são conhecidos do povo. É duplo preciosismo, porque a emenda esquece *de proposito*, dicção antiga, correcta e corrente ainda hoje.

Outro preciosismo é a condemnação de *cumprir com* e o consequente emprego systematico do verbo sem preposição por imaginar-se que *cumprir com* (a obrigação, o dever, etc.) não teria a chancellia de autor de nota,

quando, pelo contrario, é difficil descobrir na literatura, desde João de Barros até Herculano, quem não se utilisasse desta linguagem a par do simples *cumprir*, offerecendo a maior parte dos escriptores exemplos em abundancia.

Ao contrario do barbarismo e do solecismo, que brotam espontaneos na classe dos indoutos, nasce o emprego do preciosismo do estudo meditado, porém falso, de individuos de melhor preparo.

São preciosismos as expressões antigas, que se buscam revalidar, e que hoje são esquecidas, inintelligiveis e de todo superfluas, como *defendo que não se faça por prohibo que se faça, mudou-se asinha o tempo por mudou-se depressa o tempo; o réu foi absolto pelo jury em lugar de o réu foi absolvido; leixai-me ver por deixai-me ver, etc.*

Tambem não passam de meros preciosismos certos vocabulos compostos, semelhantes á formação em grego, mas contrarios á indole das linguas romanicas, que alguns escriptores tentaram crear. Taes são os qualificativos nestes exemplos: *tambor echo-batente* (Filinto); *lingua oco-ribomba* (Filinto); *trovão flammi-spirante* (Filinto); *velocipede Achilles* (Odorico Mendes); *rubi-plumea corda* (A. Castilho); *vacca albistellada* (A. Castilho), etc.

Archaismo é o emprego de expressões antigas que cahiram em desuso. Se o escriptor se utiliza da linguagem antiquada de proposito e com insistencia, o archaismo toma o caracter de preciosismo, como ha pouco mostrámos.

Neologismo é o contrario do archaismo, é a expressão ou palavra nova, quer formada com os recursos proprios do idioma, quer tirada de idioma estrangeiro.

O neologismo indigena produz-se em geral por analogia de outros vocabulos segundo os processos de derivação e composição.

É extremamente difficil crear palavra sem fundal-a em elementos ou processos preexistentes.

Ao neologismo tomado de outra lingua dá-se o nome de **estrangeirismo**, o qual, segundo a procedencia, tem

a denominação particular de hispanismo, italianismo, anglicismo, germanismo, gallicismo, latinismo, grecismo, hebraismo, etc.

O emprego de termos novos, completamente desconhecidos do passado, é de necessidade absoluta para dar nome ás invenções e descobertas modernas, aos usos e costumes proprios do nosso tempo, bem como para expressar os conceitos novos que se crearam nos diversos campos dos conhecimentos humanos e nas instituições politicas, sociaes e economicas.

Muitos dos neologismos importados são expressões internacionaes empregadas com o mesmo sentido em outros idiomas e tendo apenas as modificações de pronuncia e terminação reclamadas pela indole da respectiva lingua: *telegrapho, photographia, radiogramma, telephone, sociologia, biologia, linguistica, legitimismo, morphinismo, tungsteno, wolfram, aeroplano, revolver, torpedeira, jury, club, altruismo*, etc.

A adopção de estrangeirismos fez-se em todas as epocas, sempre que no vocabulario da lingua não se encontrava termo perfeitamente adequado ao conceito novo. Assim o portuguez antigo adoptou grande numero de vocabulos arabes, e os escriptores quinhentistas se utilisaram de muitas denominações asiaticas e brasilicas. Incorporaram-se no idioma tambem estrangeirismos de outra procedencia.

De dous seculos a esta parte é a lingua franceza a principal fonte de onde recebemos vocabulos estranhos. O contacto mais intimo com a literatura e cultura francezas faz com que venham gallicismos penetrando na lingua em que nos exprimimos. Os puristas reagem contra essa corrente.

Conseguiram implantar-se em portuguez, por influencia do francez, *jornal* (diario), *população*, *progredir*, *rotina*, *bello sexo*, *reacção*, *reaccionario* e bem assim *reagir* e *agir*, posto que a alguns escriptores repugne empregar este ultimo verbo. Deve-se ao francez o enriquecimento do vocabulario com innumerados termos em *-ismo*, *-ista*, *-isar*, desconhecidos do nosso idioma de outrora.

A par das expressões uteis occorrem todavia termos

cujo emprego é decididamente condemnável. Dá-se este caso quando existem e estão em voga expressões portuguezas que dizem exactamente a mesma cousa. Taes são *affiche* por *annunciação*, *adresse* por *endereço*, *chefe de obra* por *obra prima*, *distingué* por *distinto*, *rendez-vous* por *entrevista*, *ponto de reunião*.

Injustamente se taxam de gallicismos certas expressões portuguezas simplesmente por coincidirem com locuções similares da lingua franceza. *Toda uma perna*, *todo um dia* é linguagem quinhentista. *Todo o mundo*, falando de pessoas, é hyperbole antiquissima empregada tanto pelos lusitanos como por outras nações.

Anomalias de linguagem

Idiotismo ou expressão idiomática é toda a dicção que não se analysa, ou está em conflicto com os principios geraes da grammatica, sendo porém geralmente adoptada na boa linguagem.

Exemplo de idiotismo temos na locução *é que* usada em *nós é que iremos*; *eu é que fico*, etc., no emprego da preposição *de* em *o pobre do menino*, *a boa da velha*, etc.

Tambem é idiotismo o infinitivo pessoal, pois que, segundo os principios geraes da grammatica, nenhuma das formas infinitas deveria tomar desinencia pessoal.

Não devemos definir o idiotismo, segundo alguns grammaticos, como construcção particular de *uma* lingua, estranha portanto ás outras linguas, porque ninguem conhece todos os outros idiomas em todos os seus segredos e modos especiaes de falar.

PONTUAÇÃO

Pontuação é o emprego de certos signaes graphicos que se collocam entre orações e partes de oração para indicar pausas de diversas especies, ou para denotar mudança de tonalidade, ou simplesmente para chamar a attenção.

OBSERVAÇÃO. — Entendem alguns grammaticos que o conceito de pontuação deve abranger tambem o emprego das notações orthographicas, accento, til, traço d'união, apostrophos, de que tratamos em outra parte deste compendio.

São os seguintes os signaes de pontuação: a virgula (,), o ponto e virgula (;), os dous pontos (:), o ponto final (.), o ponto de interrogação (?), o ponto de exclamação ou admiração (!), os parentheses (arqueados ()), ou em forma de colchetes []), as reticencias (...), as aspas (« »), o asterisco (*) o travessão (—) e o paragrapho (§).

Virgula

A **virgula** indica a pausa mais fraca, devendo-se, comtudo, observar que nem todas as pausas fracas se marcam na escripta. Casos em que se emprega a virgula:

1.º Para separar os termos coordenados que se mencionam seguidamente sem auxilio de conjunção:

O cajú, a manga, a fruta de conde, a laranja e o abio são frutas apreciadas.

Nós estudaremos portuguez, francez, inglez, arithmetica, geographia e historia.

Pede clarão ao sol, perfume ás flores, ás brisas suspirar, murmurio aos ventos.

Um grito agudo, estridente, de suprema agonia restrugiu debaixo das patas do bruto irritado.

Ouve-se o rir alegre, o altercar, o tinir argentino das taças.

2.º Para mostrar que é preciso descançar a voz, põe-se a virgula antes da conjunção e

a) quando expressamente se repete a particula ^(e) em frases enumerativas:

Ouvireis o ramram da guitarra, e o cantar ao desafio, e o bradar dos leilões de cargos (Herculano).

O seu culto é ruidoso, e risonho, e brilhante, e attractivo, e sociavel.

b) quando qualquer das orações coordenada ou coordenante é um tanto longa:

Elle fazia retirar todos, e ficava encerrado horas e horas com este homem.

O fakir não se moveu, e poz-se a olhar tambem fito para elle. Então reconhecereis a vaidade das vossas doutrinas, e morder-vos-eis, e damnar-vos-eis.

A triste mãe volve para lá os olhos embaciados da idade e das lagrimas, e sente que não se acha inteiramente abandonada.

c) quando a oração coordenada tem sujeito diverso do da coordenante:

As offertas dos doentes escasseavam nos templos pagãos, e os sacerdotes do Esculapio começavam a morrer literalmente de fome.

A tempestade da sua alma asserena-se, e a dor mitiga-se.

OBSERVAÇÃO. — Não se emprega a virgula antes de e quando, em uma serie de termos coordenados, se enuncia esta particula apenas antes do ultimo vocabulo: *A mesa, o banco e a cadeira — Homem pobre, miseravel e desprezado.*

3.º Para indicar a pausa fraca antes de conjunção adversativa:

A guarda morre, mas não se rende.

As suas doutrinas eram prégadas com a palavra, mas ainda mais com o exemplo.

Quiz falar, mas não pode.

4.º Antes da particula ou, denotando alternativa ou rectificação do pensamento, desde que haja notavel des-

canço de voz. Marca-se a pausa igualmente no fim da expressão rectificadora :

Cahirei do throno, ou tu subirás a elle.

O que o tornava geralmente respeitado, ou antes temido, era o dom de profecia.

OBSERVAÇÃO. — Quando se usa entre dous termos a particula *ou* para significar equivalencia, prescinde-se geralmente da pontuação: *Chegaram os cavalleiros do Moghreb ou Mauretania — A sua algarrabia ou tunica era de lã grosseiramente tecida.*

5.º Para separar a oração adjectiva que tem função meramente explicativa :

A peroba, que é madeira resistente, foi empregada na construcção deste predio.

Conferiu-se o premio a Laurindo, cuja applicação foi sempre maior que a dos outros alumnos.

6.º Para marcar a pausa no fim da oração adjectiva restrictiva, quando esta é constituida por dizeres muito longos :

As familias que se estabeleceram naquellas encostas meridionaes das longas serranias chamadas pelos antigos Montes Marianos, conservaram por mais tempo os habitos erradios dos povos pastores.

7.º Para separar a subordinada adverbial, explicita ou implicita, que vier intercalada na oração subordinante :

Teu irmão é, como todos sabem, o melhor alumno do collegio. Servirei, sempre que puder, a meus amigos.

Elle, sem dizer palavra, retirou-se da casa.

Eu, para não o magoar, deixei de referir-lhe a tremenda desgraça.

Os infieis, attribuindo ao temor a fuga simulada dos christãos, precipitaram-se apoz elles.

O cavalleiro do escabello, firmados os cotovellos sobre os joelhos e com a cabeça entre os punhos, escutara todo o dialogo.

8.º Para mostrar que se interrompe o seguimento na-

tural das idéas e se intercala uma expressão adverbial ou uma reflexão secundaria:

Vê-se ainda, atravez das telas mal unidas de uma tenda mais vasta, reverberar vivo clarão.

E' esta, a meu ver, a verdadeira doutrina.

Vinde, ao menos hoje, ouvir o eloquente orador.

Já ficava sabendo ou, para melhor dizer, ignorando as razões do poderoso prelado.

Eram composições de illusíres cavalleiros e, até, de monarchas.

OBSERVAÇÃO. — Segundo a pontuação observada nas obras de A. Herculano e outros, separam-se por virgulas as palavras *porém, contudo, todavia, pois, talvez, enfim*, quando se acham pospostas: *Havia, porém, uma circumstancia que precedera isso tudo. — Não eram, todavia, estes os melhores servidores d'el-rei. — Estavam, pois, rotos todos os laços de amizade. — Iriam, talvez, soccorrel-o.*

9.º Para separar a oração subordinada adverbial, quer explicita, quer implicita, quando vem enunciada antes da principal:

Se não me engano, achas a petição fundada.

Logo que chegaram, procuraram-me.

Terminado o espectaculo, dirigi-me para casa.

Ditas estas palavras, o cavalleiro negro cravou as esporas no ventre do ginete.

Depois de melhorar, entregou-se a novos excessos.

Chegando ao porto, não pudemos desembarcar.

OBSERVAÇÃO. — Se se enunciar a oração principal em primeiro lugar, e esta tiver certa extensão, faz-se a separação por meio da virgula. Emprega-se tambem a virgula se a principal vier seguida de oração implicita gerundial ou participial. Fora destes casos, é em geral dispensavel a pontuação.

10.º Para separar ou intercalar vocativo:

Vem, meu amigo, vem auxiliar-me nesta empresa.

Ide por esse caminho, miseraveis.

Cavalleiros, permitti que vos acompanhe.

11.º Para separar ou intercalar termos appostos:

Carlos Gomes, autor da opera Guarany, é uma das nossas glorias nacionaes.

Morreu no combate o valente marinheiro, salvador de tantas vidas.

12.º Para separar, ao dâtar-se um escripto, o nome do lugar:

S. Paulo, 2 de agosto de 1922.

Ponto e virgula

O **ponto e virgula** representa uma pausa mais forte que aquella que se marca por simples virgula.

Esta pausa mais forte occorre:

1.º entre oração principal e coordenada, quando constam ambas, ou sómente uma, de dizeres um tanto longos:

Dizem que nós os escriptores somos todos assim; e é verdade. Buscavam desfazer-me o encanto; mas ficava-me a saudade. Duro de crer me parece; mas por outro lado trata-se da fortuna de um honrado mercador.

Morrerá; que antes de ser pai fui califa.

Morrerá; mas hão de acompanhal-o todos os que o precipitaram no abismo.

Venho annunciar-te o mal; porque só mal ha na terra para o homem que vive como tu.

2.º entre oração principal e coordenada, quando qualquer destas proposições abrange termos separados por pausa mais fraca marcada por virgula:

O papel de uma grande parte das mais nobres familias na questão d'independencia não fora por certo, como o leitor sabe, nem o do patriotismo, nem o da lealdade; e os calculos interesseiros, as ligações da linhagem tinham tomado o passo, entre essas familias, a todas as outras considerações.

3.º entre os termos que se costumam separar por virgula, mas que reclamam pausa mais forte por encerrarem outros termos secundarios longos ou separados por virgula:

Doloroso espectaculo era o dessa mulher desfallecida e desse erecto e alto vulto monastico, cujo rosto, firmado entre o

pollegar e o indice da mão esquerda, se inclinava para a terra; cujos olhos cavos e scintillantes se cravavam naquellas faces pallidas; cujos dedos emfim, inquiriam, com mentida placidez, nas pulsações do coração da desgraçada os vestigios da vida.

E' preciso que te alevantes d'ahi, que me adornes esses cabellos com aquellas rosas que alli puz sobre o bufete; que esses olhos tão lindos se enxuguem e sorriam; que vistas aquelles trajos modestos.

Imagem que absorveste esta existencia inteira; anjo que me fazes surgir do meu inferno para o teu céu, tu foste que me salvaste a mim.

Dous pontos

Os dous pontos usam-se:

1.º depois de verbo que signifique «dizer», «responder», «perguntar», ou de expressão de sentido analogo, para mostrar que vamos referir palavras textuaes ou exactamente conformes á enunciação do declarante:

A Escriptura Sagrada diz: Honrarás a teu pai e a tua mãe.
O camarada me perguntou: Posso contar com teu auxilio?
Foi esta a minha resposta (ou eu respondi): Como sempre.

2.º para mostrar que em seguida a uma asserção e a titulo de esclarecimento, vem a enumeração, a definição, a exemplificação, etc.:

Duas cousas te perturbam a vida: o jogo e a bebida.

Meu compendio define as parallelas: duas linhas que nunca se encontram, por mais que se prolonguem num ou noutro sentido.

Ha varias especies de instrumentos cortantes: faca, machado, fouce, canivete, espada, etc.

OBSERVAÇÃO. — Antigamente dava-se aos dous pontos applicação mais lata. Ainda nas obras de Herculano vemos os empregados frequentemente; mas na maioria desses casos preferimos hoje collocar ou ponto e virgula ou ponto final.

Ponto final

O **ponto final** serve para terminar as proposições declarativas, simples ou compostas, de sentido completo. E' signal muito usado no estilo moderno, em que se dá preferencia ás frases curtas, collocando por vezes o ponto final onde escriptores de outrora empregariam ponto e virgula.

O ponto final pode tambem achar-se antes de conjunção copulativa ou adversativa, desde que a respectiva oração exprima algum pensamento novo apoz uma pausa forte determinada pelo sentido da oração ou orações precedentes:

E' então que elle collige as suas recordações; une, parte, transmuda as imagens das existencias que viu passar ante si e estampa nas sombras que o rodeiam um universo, transitório, mas para elle real. E é bello esse mundo de phantasmas aereos, por entre cujos labios descorados não transpiram nem perjurio nem dobrez... (Herculano).

O pobre velho entretinha-se a ouvir aquelle medonho chover; porque a noite era comprida, e elle não tinha que fazer mais nada. Mas como o terreiro ante a sua gaiola de feras era rodeado de muros, a chuva não podia escoar-se toda (ib.).

Ponto de interrogação

O **ponto de interrogação** é o signal que se colloca no fim de toda a oração enunciada em tom de pergunta:

A que horas chega o trem?

Choverá hoje?

Quem se serviu da minha caneta?

Ponto de exclamação

O **ponto de exclamação** é o signal que se colloca no fim de oração proferida em tom de espanto, exclamação, surpresa, etc.:

Como é lindo este quadro!
 Prouvera a Deus que assim fosse!
 Que noite medonha!
 Quanta miseria não vai por este mundo!

OBSERVAÇÃO. — Empregam-se ás vezes combinados os dous signaes, exclamativo e interrogativo, para denotar ao mesmo tempo a surpresa e a pergunta. Ex.: *Eu entregar-me?! Nunca!* — *Tu, Her-mengarda, recordares-te?!* (Herculano).

Aspas

As **aspas** usam-se no principio e no fim das citações, para distinguil-as da parte restante do discurso:

Ao brado «Christo e avante!» todos obedeceram.

Com o emprego de aspas tambem podemos fazer sobresahir, em meio do discurso, dizeres para os quaes queremos chamar a attenção do leitor. Ex.:

A palavra «mandar» nem sempre significa o mesmo que «enviar».

OBSERVAÇÃO. — Frequentemente sublinhamos, na escripta, as citações e os dizeres para os quaes queremos chamar a attenção. Neste caso dispensamos as aspas. Nas obras impressas corresponde ao sublinhado o typo differente, como o grypho, o cicero, etc.

Pontos de reticencia

Pontos de reticencia denotam interrupção do pensamento ou hesitação em exprimil-o:

Servem tambem, nas citações de textos, para indicar que se omittiram certos dizeres sem importancia para o intuito da citação. Ex.:

Elle auxiliar-te?... Não esperes tal cousa.

As armas e os barões assinalados... cantando espalharei por toda parte.

Parentheses

Parentheses são dous signaes arqueados, ou angulares, de abertura opposta, entre os quaes se collocam dizeres meramente explicativos com que ás vezes se interrompe o discurso. Tambem se costuma pôr entre parentheses, no fim de uma citação, a indicação da obra ou autor de onde o trecho foi extrahido.

Os parentheses usuaes são os arqueados. Os de forma angular, ou colchetes reservam-se para casos especiaes, por exemplo em obras scientificas quando o autor quer intercalar uma observação propria em meio da transcrição de opinião alheia.

Exemplos de emprego de parentheses arqueados:

Quando eu era capellão de S. Francisco de Paula (contava um padre velho) aconteceu-me uma aventura extraordinaria (Machado de Assis, Varias Historias).

Não tendo partido, nem opiniões, nem parentes proximos, nem interesses (todos os seus haveres estavam na Europa), mal se explica a resolução subita de Evaristo pela simples curiosidade, e comtudo, não houve outro motivo (ib.).

Asterisco

O **asterisco** representa-se pelo signal * collocado no alto e adiante de um vocabulo. Usa-se entre parentheses ou — o que é mais commum — acompanhado sómente da segunda curva de parentheses. Tem por fim chamar a attenção para uma nota precedida igualmente de asterisco posta no fundo da pagina.

Para segunda, terceira nota da mesma pagina usa-se asterisco duplo, triplo.

Os asteriscos podem ser substituidos por algarismos ou letras do alphabeto.

Travessão

Travessão é um traço de certa extensão com que se indica desvio de pensamento ou, em paragrapho differente, a mudança de interlocutor.

Paragrapho

Dá-se o nome de **paragrapho** á continuação do discurso, depois de ponto ou dous pontos, na linha seguinte.

Ha um signal especial denotador de paragrapho, que é §. É de uso raro, salvo nos artigos de lei onde serve para discriminar casos particulares.

INDICE

| | Pag. |
|---|------|
| <i>Prologo</i> | 3 |
| Grammatica e sua divisão | 5 |

PHONETICA

| | |
|---------------------------------|----|
| Phonemas em geral | 8 |
| Vogaes oraes | 9 |
| Vogaes nasaes | 10 |
| Consoantes | 10 |
| Semivogaes | 12 |
| Pontos de articulação | 12 |
| Quadro das consoantes | 14 |
| Quantidade | 15 |
| Syllaba | 15 |
| Ditongos | 16 |
| Ditongos decrescentes | 17 |
| Ditongos crescentes | 17 |
| Tritongos | 18 |
| Accentuação | 19 |
| Alterações phoneticas | 21 |

ORTHOGRAPHIA

| | |
|---|----|
| As vogaes | 25 |
| Vogaes simples (puras) | 25 |
| Vogaes nasaes | 25 |
| Os ditongos <i>ai, ãi, ei</i> | 26 |
| Os ditongos <i>au, eu, éu, iu</i> | 26 |
| Os ditongos <i>oi, oe, õe</i> | 27 |
| Os ditongos <i>ou</i> e <i>oi</i> | 27 |
| As terminações <i>-éa</i> e <i>-eia</i> (<i>-eio</i>) | 28 |
| O ditongo <i>ão</i> e sua graphia | 29 |
| A letra <i>h</i> | 29 |
| Os accents | 30 |

| | Pag. |
|---|------|
| As consoantes | 32 |
| As consoantes em geral | 32 |
| As letras <i>s</i> e <i>z</i> no principio, no meio (junto a consoante) e no fim das palavras | 33 |
| A sibilante surda (<i>s</i>) inicial | 34 |
| A sibilante surda (<i>s</i>) medial | 36 |
| Uso de <i>s</i> e <i>ss</i> | 37 |
| A sibilante sonora (<i>z</i>) entre vogaes | 38 |
| Casos especiaes em que se escreve <i>z</i> (e não <i>s</i>) | 38 |
| A chiante surda (seguida de vogal) | 40 |
| Condições especiaes em que se escreve <i>x</i> em vez de <i>ch</i> | 41 |
| Grupos consonantaes simplificaveis | 42 |
| Consoantes dobradas | 43 |
| Partição das palayras no fim das linhas | 45 |
| O hyphen ou traço d'união | 47 |
| O apostropho | 48 |
| Emprego das maiusculas | 48 |
| Abreviaturas | 50 |

LEXEOLOGIA

| | |
|--|----|
| Substantivo | 52 |
| Substantivos augmentativos e diminutivos | 53 |
| Genero | 55 |
| Formação do feminino | 56 |
| Genero pela significação | 59 |
| Genero pela terminação | 61 |
| Nomes de duplo genero | 66 |
| Nomes proprios | 67 |
| Numero | 69 |
| Formação do plural | 70 |
| Plural com alteração da vogal tonica | 72 |
| Nomes usados no plural | 72 |
| Plural dos nomes compostos | 73 |
| Artigo | 76 |
| Adjectivo | 77 |
| Genero dos adjectivos | 79 |
| Plural dos adjectivos | 81 |
| Graus de comparação | 82 |
| Superlativo intensivo | 84 |
| Numeraes (quantitativos) | 87 |
| Quantitativos indefinidos | 90 |
| Pronomes | 91 |
| Pronomes pessoaes | 91 |

| | Pag. |
|---|------|
| Pronomes possessivos | 94 |
| Pronomes demonstrativos | 94 |
| Pronomes relativos | 95 |
| Pronomes interrogativos | 96 |
| Pronomes indefinidos | 97 |
| Verbo | 99 |
| Conjugações | 100 |
| Conjugação simples | 101 |
| Conjugação dos verbos auxiliares | 104 |
| Conjugação de <i>ter</i> e <i>haver</i> com participio do preterito | 108 |
| Derivados do preterito perfeito | 110 |
| Formação do futuro do indicativo | 111 |
| Formação do presente do conjuntivo | 111 |
| Imperativo | 112 |
| Gerundio | 112 |
| Participio do presente | 112 |
| Alternancia vocalica | 113 |
| Verbos em <i>-ear</i> e <i>-iar</i> | 115 |
| Verbos em <i>-uzir</i> | 118 |
| Minguar, enxaguar, desaguar, maguar | 118 |
| Verbos defectivos | 119 |
| Verbos impessoaes | 120 |
| Conjugação dos verbos irregulares | 121 |
| Participios irregulares | 132 |
| Verbos nocionaes e relacionaes | 135 |
| Verbos transitivos e intransitivos | 136 |
| Vozes | 137 |
| Adverbios | 140 |
| Gradação dos adverbios | 143 |
| Preposições | 145 |
| Conjunções | 148 |
| Interjeições | 150 |

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

| | |
|---------------------------------------|-----|
| Derivação | 151 |
| Derivação suffixal | 151 |
| Suffixos augmentativos | 152 |
| Suffixos diminutivos | 152 |
| Suffixos da segunda especie | 153 |
| Derivação prefixal | 160 |
| Prefixos | 160 |
| Derivação parasynthetica | 162 |
| Derivação regressiva | 163 |
| Composição | 163 |

| | Pag. |
|---|------|
| Prefixos gregos | 166 |
| Lista dos radicaes gregos mais usados | 167 |
| Formações hybridas | 171 |

SYNTAXE E ESTILÍSTICA

| | |
|---|-----|
| A oração | 172 |
| Termos primarios | 173 |
| Termos integrantes e accessorios | 175 |
| Funções attributiva e predicativa | 177 |
| Termos singelos, multiplos e determinados | 178 |
| Oração simples e oração composta | 180 |
| Interrogação directa e indirecta | 182 |
| Proposições explicitas e implicitas | 183 |
| Coordenação | 184 |
| Subordinação | 186 |
| Oração substantiva | 186 |
| Oração adjectiva | 186 |
| Orações adverbias | 187 |
| Orações hypotheticas e condicionaes | 187 |
| Orações concessivas | 190 |
| Orações temporaes | 193 |
| Orações finaes | 197 |
| Orações consecutivas | 198 |
| Orações comparativas | 199 |
| Orações proporcionaes | 202 |
| Orações causaes | 203 |
| Concordancia | 205 |
| Emprego do verbo | 220 |
| Emprego dos tempos verbaes | 220 |
| Emprego dos modos | 226 |
| Imperativo | 226 |
| Indicativo e conjuntivo | 227 |
| Emprego do infinitivo | 236 |
| Emprego do infinitivo pessoal | 239 |
| Emprego do gerundio | 247 |
| Emprego do artigo | 251 |
| Emprego dos numeraes | 257 |
| Emprego dos pronomes | 259 |
| Pronomes possessivos | 259 |
| Pronomes demonstrativos | 261 |
| Pronomes indefinidos | 265 |

| | Pag. |
|--|------|
| Collocação | 270 |
| Collocação dos termos da oração | 274 |
| Collocação dos pronomes atonos | 278 |
| Collocação do pronome complemento de infinitivo | 279 |
| Collocação do pronome complemento de gerundio | 284 |
| Collocação do pronome complemento de verbo finito | 284 |
| Collocação do pronome atono nas conjugações compostas e perifrásticas | 293 |
| Figuras de syntaxe | 296 |
| a) Ellipse | 296 |
| b) Pleonasmio | 298 |
| c) Anacolutho | 300 |
| Tropos | 302 |
| Vícios de linguagem | 306 |
| Anomalias de linguagem | 310 |
| Pontuação | 311 |
| Virgula | 311 |
| Ponto e virgula | 315 |
| Dous pontos | 316 |
| Ponto final | 317 |
| Ponto de interrogação | 317 |
| Ponto de exclamação | 317 |
| Aspas | 318 |
| Pontos de reticencia | 318 |
| Parentheses | 319 |
| Asterisco | 319 |
| Travessão | 320 |
| Parapho | 320 |
